Português

Redação - Redação – Dissertação - [Fácil]

01 - (UFCG PB)

Os enunciados da coluna da direita constituem um excerto de texto retirado de Veja, 25/06/08, p.11. Numere uma coluna de acordo com a outra, observando a organização desse texto.

(1) Introdução.

(2) Argumentos que iniciam a sustentação da defesa da tese apresentada.

(3) Informações que funcionam como argumentos finais em defesa da tese.

(4) Causas responsáveis pelo fato que fundamenta a tese.

(5) Conclusão.

( ) Essas pessoas, naturalmente, se tornaram mais exigentes. Não é mais aquela classe C a quem podíamos oferecer o produto mais ordinário que ela comprava.

( ) Uma diferença fundamental diz respeito à primeira pergunta feita pelo cliente ao entrar na loja. No passado, ela era sempre a mesma: “Moço, o que vocês têm de mais barato aí?”.

( ) A nova classe C é muito diferente daquela que freqüentava as lojas cinqüenta anos atrás? Sem dúvida.

( ) O preço era o que, de longe, mais definia a compra, ainda que o produto em questão fosse de baixa qualidade.

( ) Isso tem evidente relação com a expansão do crédito, que lhes permite gastar mais, mas também se deve a uma mudança fundamental na classe C.

( ) Hoje, as pessoas não só ambicionam comprar uma TV maior ou uma geladeira nova como querem uma boa marca – e já conhecem todas.

( ) Ela está muito mais informada e instruída. Na década de 60, havia 40% de analfabetos no Brasil. O número caiu para 10%.

A seqüência correta é:

a) 5, 2, 1, 2, 4, 3, 4.

b) 2, 3, 1, 4, 4, 2, 5.

c) 1, 5, 3, 2, 2, 4, 4.

d) 5, 4, 1, 4, 3, 2, 2.

e) 5, 3, 1, 2, 4, 2, 4.

02 - (UNIFOR CE)

Sobre a formação de técnicos

Interessado em se fazer profissional, o cidadão, atualmente, busca cursos oferecidos pelas escolas técnicas, ora premido pelas circunstâncias imediatas da vida, ora movido pelos sonhos do mercado: uma vez profissional, torna-se mais leve a luta pela sobrevivência em face da "competência técnica" que um curso de formação proporcionaria. Afinal, diz-se, a mão-de-obra não-especializada sofre não só os baixos salários, mas também as primeiras dispensas quando os "movimentos na economia" provocam cíclicas retrações do sistema de produção. Profissional especializado, sonha o estudante de agora com um futuro se não promissor, no mínimo menos perigoso.

E, entrando para a escola, ei-lo às voltas com estudos que o distanciam de seus interesses imediatos: são as chamadas disciplinas técnicas, de preferência ministradas diretamente nas oficinas, que mais lhe interessam. O resto... bom, o resto é apenas um obstáculo a mais na maratona sempre perigosa do viver: passa-se pelas chamadas disciplinas de "humanidades" para satisfazer exigências formais de uma formação que se quer técnica.

Formação técnica x Formação humanística. Tecnologia x Humanismo. Seriam efetivamente formações distintas?

(João W. Geraldi. Linguagem e ensino. Campinas: Mercado de Letras, 1996. p. 117-8)

Quanto à estrutura, o texto organiza-se como:

a) simples narração de fatos.

b) exposição argumentativa de idéias.

c) exposição descritiva de idéias.

d) integração descritivo-narrativa.

e) descrição argumentativa.

03 - (FAAP SP)

Os gatos

Deus fez o homem à sua imagem e semelhança, e fez o crítico à semelhança do gato. Ao crítico deu ele, como ao gato, a graça ondulosa e o assopro, o ronrom e a garra, a língua espinhosa. Fê-lo nervoso e ágil, refletido e preguiçoso; artista até ao requinte, sarcasta até a tortura, e para os amigos bom rapaz, desconfiado para os indiferentes, e terrível com agressores e adversários... .

Desde que o nosso tempo englobou os homens em três categorias de brutos, o burro, o cão e o gato - isto é, o animal de trabalho, o animal de ataque, e o animal de humor e fantasia - por que não escolheremos nós o travesti do último? É o que se quadra mais ao nosso tipo, e aquele que melhor nos livrará da escravidão do asno, e das dentadas famintas do cachorro.

Razão por que nos acharás aqui, leitor, miando um pouco, arranhando sempre e não temendo nunca.

Fialho de Almeida

Predomina neste texto a:

a) narração

b) descrição

c) dissertação

d) forma epistolar

e) poesia

04 - (UFGD MS)

Leia o texto e responda.

O racionalismo pode ser definido como doutrina que, por oposição ao cetismo, atribui à Razão humana a capacidade exclusiva de conhecer e de estabelecer a Verdade; por oposição ao empirismo considera a Razão como independente da experiência sensível, posto ser ela inata, imutável e igual em todos os homens; contrariamente ao misticismo, rejeita toda e qualquer intervenção dos sentimentos e das emoções, pois, no domínio do conhecimento, a única autoridade é a Razão.

Milton Japiassu

No texto, a definição de racionalismo é feita pelo processo de

a) enumeração de suas características principais;

b) generalização das características comuns a várias doutrinas filosóficas;

c) contraste com outras doutrinas filosóficas;

d) levantamento das causas de suas diferenças;

e) exposição das consequências de suas diferenças.

05 - (UFGD MS)

Leia o texto e responda

Acho que não pode haver discriminação racial e religiosa de espécie alguma. O direito de um termina quando começa o do outro. Em todas as raças, todas as categorias, existe sempre gente boa e gente má. No caso particular dessa música, não posso julgar, porque nem conheço o Tiririca. Como posso saber se o que passou na cabeça dele era mesmo ofender os negros? Eu, Carmem Mayrink Veiga, não tenho idéia. Mas o que posso dizer é que, se os negros acharam que a música é uma ofensa, eles devem estar com toda a razão.

(Revista Veja)

Pode–se afirmar, de acordo com o texto, que

a) a argumentação revela um sentido crítico e reflexivo, uma mente que sofre com os preconceitos e, principalmente, com a própria impotência diante de tais preconceitos;

b) a argumentação desenvolvida por meio de clichês, subentende um distanciamento entre o eu/enunciados e o ele/negros;

c) a argumentação, partindo de visões inusitadas, mas avalizadas na realidade cotidiana, aponta para total solidariedade com os negros e oprimidos;

d) o discurso, altamente assumido pelo enunciador, a ponto de autocitar–se sem pejo, ataca rebeldemente a hipocrisia social, que mascara o preconceito;

e) é impossível conceber, como desse mesmo enunciador, esta frase: “Sempre trabalhei como uma negra”, publicada semanas antes pela mesma revista.

06 - (ENEM)

Cientistas da Grã-Bretanha anunciaram ter identificado o primeiro gene humano relacionado com o desenvolvimento da linguagem, o FOXP2. A descoberta pode ajudar os pesquisadores a compreender os misteriosos mecanismos do discurso — que é uma característica exclusiva dos seres humanos. O gene pode indicar porque e como as pessoas aprendem a se comunicar e a se expressar e porque algumas crianças têm disfunções nessa área. Segundo o professor Anthony Monaco, do Centro Wellcome Trust de Genética Humana, de Oxford, além de ajudar a diagnosticar desordens de discurso, o estudo do gene vai possibilitar a descoberta de outros genes com imperfeições. Dessa forma, o prosseguimento das investigações pode levar a descobrir também esses genes associados e, assim, abrir uma possibilidade de curar todos os males relacionados à linguagem.

Disponível em: http://www.bbc.co.uk. Acesso em: 4 maio 2009 (adaptado).

Para convencer o leitor da veracidade das informações contidas no texto, o autor recorre à estratégia de

a) citar autoridade especialista no assunto em questão.

b) destacar os cientistas da Grã-Bretanha.

c) apresentar citações de diferentes fontes de divulgação científica.

d) detalhar os procedimentos efetuados durante o processo da pesquisa.

e) elencar as possíveis consequências positivas que a descoberta vai trazer.

07 - (ENEM)

DIGA NÃO AO NÃO

Quem disse que alguma coisa é impossível?

Olhe ao redor. O mundo está cheio de coisas que, segundo os pessimistas, nunca teriam acontecido.

“Impossível.”

“Impraticável.”

“Não”.

E ainda assim, sim.

Sim, Santos Dumont foi o primeiro homem a decolar a bordo de um avião, impulsionado por um motor aeronáutico.

Sim, Visconde de Mauá, um dos maiores empreendedores do Brasil, inaugurou a primeira rodovia pavimentada do país.

Sim, uma empresa brasileira também inovou no país.

Abasteceu o primeiro voo comercial brasileiro.

Foi a primeira empresa privada a produzir petróleo na Bacia de Campos.

Desenvolveu um óleo combustível mais limpo, o OC Plus.

O que é necessário para transformar o não em sim?

Curiosidade. Mente aberta. Vontade de arriscar.

E quando o problema parece insolúvel, quando o desafio é muito duro, dizer: vamos lá.

Soluções de energia para um mundo real.

Jornal da ABI. nº- 336, dez. de 2008 (adaptado).

O texto publicitário apresenta a oposição entre “impossível”, “impraticável”, “não” e “sim”, “sim”, “sim”. Essa oposição, usada como um recurso argumentativo, tem a função de

a) minimizar a importância da invenção do avião por Santos Dumont.

b) mencionar os feitos de grandes empreendedores da história do Brasil.

c) ressaltar a importância do pessimismo para promover transformações.

d) associar os empreendimentos da empresa petrolífera a feitos históricos.

e) ironizar os empreendimentos rodoviários de Visconde de Mauá no Brasil.

08 - (UNEB BA)

A população com 12 anos ou mais de estudo, entre 1995 e 2005, praticamente dobrou e a frequência ao ensino superior neste período quase triplicou. Esse aumento ocorreu particularmente na população feminina, que atualmente é maioria nas universidades e corresponde a 56,1% da população com 12 anos ou mais de estudo. No entanto, é nesse grupo de maior escolaridade que a desigualdade de rendimento entre homens e mulheres é elevada.

A população masculina ocupada, com 12 anos ou mais de estudo, está distribuída entre os seguintes grupamentos de atividades: indústria (15,8%), comércio e reparação (15,6%), educação, saúde e serviços sociais (16,8%) e outras atividades (22,3%). No caso das mulheres com esse nível de escolaridade, 44,9% estão no grupamento de educação, saúde e serviços sociais. Em resumo, as mulheres estão predominantemente no setor de serviços, em atividades relacionadas ao cuidado, em áreas que poderiam ser consideradas extensões das atribuições familiares e domésticas.

Independentemente da maior escolaridade das mulheres, a inserção delas em “nichos” ocupacionais tipicamente femininos faz com que ganhem menos que os homens, o que explica, em parte, a desigualdade de rendimento por sexo.

FIGUEIRA, Mara. Retrato de um mundo desigual. Sociologia: ciência da vida, São Paulo: Escala, ano 1, n. 6, p. 14, 2007.

Ao mencionar os índices da pesquisa do IBGE no texto, a articulista evidencia que

01. as mudanças culturais no âmbito familiar são ainda insignificantes.

02. o preconceito contra as mulheres persiste, mesmo no ensino superior.

03. homens e mulheres se encontram em condições de igualdade no mercado de trabalho voltado para a prestação de serviços.

04. o fato de as mulheres não brancas terem salários mais baixos que as mulheres brancas é devido à diferença de nível cultural.

05. o espaço feminino, no ensino superior, traduz uma mudança do papel tradicional do gênero na sociedade.

09 - (UFU MG)

Um canguru cinzento surpreendeu os usuários e os seguranças do estacionamento do aeroporto de Melbourne, na Austrália. O animal, de 3 anos de idade, circulou pelo local e escapou do cerco feito pelos guardas. Acabou sendo capturado depois de receber sedativos do serviço de proteção aos animais.

Um dos responsáveis pelo resgate disse que as unhas do canguru estavam desgastadas de tanto que ele saltou sobre o asfalto e que o animal provavelmente estava sentindo fortes dores. Segundo a imprensa australiana, o animal vai ser mantido em cativeiro e observado por um veterinário, até ser devolvido à natureza selvagem.

Disponível em: <http://www.estadao.com.br>.
Acesso: 10 fev. 2014. (fragmento)

O produtor do texto nos apresenta um quadro bem definido a respeito de um acontecimento. A configuração do texto evidencia a predominância do tipo textual

a) descritivo.

b) argumentativo.

c) injuntivo.

d) narrativo.

10 - (UNIVAG MT)

Incomunicabilidade

Querer que qualquer um seja sensível ao nosso mundo íntimo é o mesmo que estar sentindo um zumbido no ouvido e pensar que o nosso vizinho de ônibus o possa escutar.

(Mario Quintana. *A vaca e o hipogrifo*, 2008.)

É correto afirmar que o texto tem natureza

a) narrativa, e o enunciador relata uma situação, tão cômica quanto absurda, em que imaginou que a pessoa sentada ao seu lado no ônibus era capaz de escutar o zumbido do ouvido dele.

b) narrativa, e o enunciador conta o episódio em que descobriu que os zumbidos que escutava não vinham de fora, nem de uma inflamação de ouvido, porque eram fruto de sua imaginação.

c) descritiva, e o enunciador apresenta, com clareza e objetividade, as características de um indivíduo insensível às pessoas que estão à sua volta.

d) dissertativa, e o enunciador usa o recurso da comparação para defender a ideia de que nosso mundo interior é naturalmente inacessível aos outros indivíduos.

e) dissertativa, e o enunciador expressa a opinião de que não se deve esperar que os outros sejam sensíveis ao nosso mundo interior, pois as pessoas são mesquinhas e interesseiras.

11 - (UFAM)

Desenvolva sua dissertação sobre o seguinte tema:

O VOTO DEVE SER OBRIGATÓRIO?

Tenha por base o texto que se reproduz a seguir, que foi extraído da revista CartaCapital, edição de 25 de agosto de 2014:

Nas eleições do próximo dia 5 de outubro, 142,8 milhões de brasileiros deverão comparecer às urnas, segundo o Tribunal Superior Eleitoral (TSE). Pesquisas de opinião, no entanto, mostram um elevado índice de rejeição ao voto obrigatório. Um levantamento do Instituto Datafolha divulgado em maio deste ano aponta que 61% dos eleitores são contra a imposição.

Para analistas, permitir que o eleitor decida se quer ou não votar é um risco para o sistema eleitoral brasileiro. A obrigatoriedade, argumentam, ainda é necessária devido ao cenário crítico de compra e venda de votos e à formação política deficiente de boa parte da população.

"Nossa democracia é extremamente jovem e foi pouco testada. O voto facultativo seria o ideal, porque o eleitor poderia expressar sua real vontade, mas ainda não é hora de ele ser implantado", diz Danilo Barboza, membro do Movimento Voto Consciente.

O voto compulsório é previsto na Constituição Federal – a participação é facultativa para analfabetos, idosos com mais de 70 anos de idade e jovens com 16 e 17 anos.

O sociólogo Eurico Cursino, da UnB, avalia que o dever de participar das eleições é uma prática pedagógica. Ele argumenta que essa é uma forma de canalizar conflitos graves ligados às desigualdades sociais no país.

"A democracia só se aprende na prática. Tornar o voto facultativo é como permitir à criança decidir se quer ir ou não à escola", afirma. "Não é estranho que sejam tomadas decisões erradas e que o voto seja ruim. Mas se as pessoas não sabem votar, elas têm de aprender."

Já para os defensores do voto não obrigatório, participar das eleições é um direito e não um dever. O voto facultativo, dizem, melhora a qualidade do pleito, que passa a contar majoritariamente com eleitores conscientes. E incentiva os partidos a promover programas eleitorais educativos sobre a importância do voto.

O sistema voluntário é adotado em quase todo mundo. O voto é compulsório em apenas 31 países, incluindo o Brasil. O levantamento é do Instituto Internacional para Democracia e Assistência Eleitoral (Idea), que tem sede na Suécia.

De acordo com o órgão, a quantidade de votos brancos e nulos em países que obrigam o eleitor a ir às urnas é muito maior. Em Quênia, Dinamarca e Tunísia, onde o voto é facultativo, os índices de abstenção são inferiores a 1%, enquanto que no Peru e no Equador, onde os cidadãos são obrigados a votar, a taxa de abstenção é de cerca de 20%. No Brasil, o índice foi de 8% nas últimas eleições.

"Isso indica que as pessoas só vão às urnas porque são obrigadas. Muitas não gostariam de expressar um voto. O cenário com altos índices de abstenção é comum aos sistemas eleitorais que adotam o voto compulsório", diz à *DW* Abdurashid Solijonov, do setor de processos eleitorais do Idea.

Na América do Sul, apenas Colômbia, Paraguai, Suriname e Guiana adotam o voto facultativo. Ao contrário dos países da América Central, a tradição sul-americana é a do voto obrigatório. Um estudo da Consultoria Legislativa do Senado Federal mostra que países que obrigam o eleitor a votar, sob pena de sanções, têm um histórico de intervenções militares e golpes de Estado, com exceção da Costa Rica.

"Há outras medidas mais eficazes para incentivar a participação dos cidadãos, como aumentar a satisfação dos eleitores com os governos, adotar um sistema eleitoral proporcional e promover debates públicos", argumenta o especialista.

Apesar de estar entre uma minoria no cenário mundial, o Brasil deve manter a política de obrigatoriedade do voto, segundo o presidente da Comissão Eleitoral da OAB do Rio Grande do Sul, Augusto Mayer. Para o advogado, os elevados índices de corrupção e cassação de mandatos evidenciam que o país ainda não está preparado para adotar o voto facultativo.

INSTRUÇÃO:

- Seu texto deve ter caráter **dissertativo-argumentativo** e não se afastar do tema proposto.

12 - (ENEM)

LAERTE. Disponível em: http://blog.educacional.com.br.
Acesso em: 8 set. 2011.

Que estratégia argumentativa leva o personagem do terceiro quadrinho a persuadir sua interlocutora?

a) Prova concreta, ao expor o produto ao consumidor.

b) Consenso, ao sugerir que todo vendedor tem técnica.

c) Raciocínio lógico, ao relacionar uma fruta com um produto eletrônico.

d) Comparação, ao enfatizar que os produtos apresentados anteriormente são inferiores.

e) Indução, ao elaborar o discurso de acordo com os anseios do consumidor.

13 - (ENEM)

Nós, brasileiros, estamos acostumados a ver juras de amor, feitas diante de Deus, serem quebradas por traição, interesses financeiros e sexuais. Casais se separam como inimigos, quando poderiam ser bons amigos, sem traumas. Bastante interessante a reportagem sobre separação. Mas acho que os advogados consultados, por sua competência, estão acostumados a tratar de grandes separações. Será que a maioria dos leitores da revista tem obras de arte que precisam ser fotografadas antes da separação? Não seria mais útil dar conselhos mais básicos? Não seria interessante mostrar que a separação amigável não interfere no modo de partilha dos bens? Que, seja qual for o tipo de separação, ela não vai prejudicar o direito a pensão dos filhos? Que acordo amigável deve ser assinado com atenção, pois é bastante complicado mudar suas cláusulas? Acho que essas são dicas que podem interessar ao leitor médio.

Disponível em: http://revistaepoca.globo.com. Acesso em: 26 fev. 2012 (adaptado).

O texto foi publicado em uma revista de grande circulação na seção de carta do leitor. Nele, um dos leitores manifesta-se acerca de uma reportagem publicada na edição anterior. Ao fazer sua argumentação, o autor do texto

a) faz uma síntese do que foi abordado na reportagem.

b) discute problemas conjugais que conduzem à separação.

c) aborda a importância dos advogados em processos de separação.

d) oferece dicas para orientar as pessoas em processos de separação.

e) rebate o enfoque dado ao tema pela reportagem, lançando novas ideias.

14 - (ENEM)

E-mail com hora programada

Redacao INFO, 28 de agosto de 2007.

Agende o envio de e-mails no *Thunderbird* com a extensao *SendLater*

Nem sempre é interessante mandar um e-mail na hora. Há situações em que agendar o envio de uma mensagem é útil, como em datas comemorativas ou quando o e-mail serve para lembrar o destinatário de algum evento futuro. O *Thunderbird*, o ótimo cliente de e-mail do grupo Mozilla, conta com uma extensão para esse fim. Trata-se do *SendLater*. Depois de instalado, ele cria um item no menu de criação de mensagens que permite marcar o dia e a hora exatos para o envio do e-mail. Só há um ponto negativo: para garantir que a mensagem seja enviada na hora, o *Thunderbird* deverá estar em execução. Senão, ele mandará o e-mail somente na próxima vez que for rodado.

Disponível em: http://info.abril.com.br. Acesso em: 18 fev. 2012 (adaptado).

Considerando-se a função do *SendLater*, o objetivo do autor do texto *E-mail com hora programada* é

a) eliminar os entraves no envio de mensagens via e-mail.

b) viabilizar a aquisição de conhecimento especializado pelo usuário.

c) permitir a seleção dos destinatários dos textos enviados.

d) controlar a quantidade de informações constantes do corpo do texto.

e) divulgar um produto ampliador da funcionalidade de um recurso comunicativo.

15 - (UNEMAT MT)

NÚMEROS

711 genes são afetados quando se dorme menos de seis horas por noite durante vários dias, segundo um estudo de cientistas ingleses da Universidade de Surrey, publicado na revista científica PNAS. Já se sabia que a falta de sono estava relacionada a problemas de saúde, como a obesidade. Mas é a primeira vez que se descreve o impacto da privação de sono sobre os genes.

444 desses genes tiveram a atividade reduzida, enquanto 267 ficaram mais ativos do que o normal. Todos estão relacionados à regulação do metabolismo, das funções cardíacas e do sistema imunológico.

3,5 vezes maior é o risco de sofrer um AVC para pessoas que dormem menos de seis horas por noite, comparado àquelas que dormem oito. Já a probabilidade de desenvolver doenças cardíacas aumenta 45% quando se dorme cinco horas ou menos frequentemente.

Conversa com Fabiana Nogueira. *Revista Veja*, Seção Panorama, edição 2311, ano 46, n. 10, 06/03/13.

Considerando a estrutura composicional do texto, infere-se que os números são recursos verbais utilizados com a finalidade de:

a) Quantificar os genes que são afetados quando se dorme menos de seis horas por dia e os que tiveram a atividade reduzida.

b) Informar resultados de um estudo publicado em uma revista científica, descrevendo o impacto que o fato de não se dormir pelo menos seis horas por noite causa sobre os nossos genes e a consequência sobre a nossa saúde.

c) Além dos 711 genes que são afetados quando se dorme menos de seis horas por noite, há um montante de 444 que reduziram a atividade e 267 que ficaram mais ativos.

d) “Menos” é um advérbio de intensidade utilizado no texto para acentuar a oposição de sentido entre os que dormem menos de seis e os que dormem mais de oito horas.

e) Alertar sobre a necessidade de se ter regularidade para dormir.

16 - (UNEMAT MT)

INTRODUÇÃO

Há muito tempo, o Brasil pertencia a Portugal. Naquela época, os países europeus mais ricos conquistavam colônias para plantar, criar gado e procurar ouro.

Quem fazia todo esse trabalho eram os escravos. Por isso, o Brasil recebeu muitos homens e mulheres que foram capturados em diversos lugares da África e escravizados. Eles eram bantos, iorubás, jejês, minas, malês, entre outros.

Todos esses povos tinham sociedades bem organizadas, culturas ricas, tradições bonitas. No entanto, muitos não tinham escrita. Por isso, a história de seus povos, os segredos da sua religião, os modos de fazer as coisas eram contados pelos mais velhos para os mais novos.

Os africanos que vieram para o Brasil lembravam-se de muitas dessas histórias. Então eles contaram para os filhos como o seu povo tinha surgido: falaram de seus deuses, de seus mistérios, de sua sabedoria. Voltaram a cultuar seus orixás, inquices, voduns. E as velhas lendas continuaram a ser narradas.

As seis histórias deste livro são uma amostra da sabedoria que o Brasil recebeu da África. Elas falam da criação do mundo e de alguns deuses afrobrasileiros.

LODY, Raul. *Seis pequenos contos africanos sobre a criação do mundo e do homem*. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2011. p. 5.

Levando em conta o texto acima, podemos dizer que esse texto:

a) Constitui a parte inicial de uma obra e a leitura da introdução não é essencial para o entendimento da temática desenvolvida.

b) Apresenta de forma breve o princípio da coerência de sentido da obra, relacionando a estrutura composicional e a temática desenvolvida por ela.

c) Registra o significado global da obra como resultado de uma combinação de estrutura e tema geradores de sentido.

d) Define o sentido de cada parte da obra como constituinte de um todo significativo.

e) Constitui o sentido de quebra de expectativa de leitura da obra.

17 - (UNIFOR CE)

DEFORMAÇÃO CULTURAL

O novo Secretário de Cultura do Rio de Janeiro está preocupado em valorizar as manifestações mais populares daquilo que, grosso modo, pode-se chamar de cultura. Fiel às suas origens, substituiu o maestro Edino Krieger da presidência do Museu da Imagem e do Som por uma neta de Cartola. E nomeou a bisneta de Donga para outro cargo de sua secretaria.

Sem entrar no julgamento de valor da neta e da bisneta de dois grandes compositores populares, a atitude do novo secretário tem alguma coisa de nepotismo, não de nepotismo de sangue, mas um tipo de nepotismo cultural inédito até agora na administração pública. O mesmo secretário promete procurar as emissoras de rádio para darem espaço ao "som" de Monarco, Dona Ivone Lara "e tantos outros".

Novamente sem entrar no mérito dos escolhidos (pessoalmente, sou fã incondicional de Monarco), creio que a função do Estado está mais acima da concorrência comercial dos diversos gêneros da nossa música. As emissoras programam-se de acordo com o mercado. Ao Estado competiria complementar as manifestações musicais e culturais que não se enquadram na grade de uma programação destinada à onda ditada pelo momento.

[...]

Cultura é um conceito abrangente que deixa de ser cultura quando se limita a manifestações setorizadas, por melhores e mais dignas que sejam.

Carlos Heitor Cony Disponível: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/pensata/ult505u245.shtml>. Acesso em 10/05/2015.

O artigo de opinião, como o próprio nome já diz, é um texto em que o autor expõe seu posicionamento diante de algum tema atual e de interesse de muitos. As escolhas feitas pelo autor conferem ao texto:

a) Leitura breve e simples, pois são textos pequenos com linguagem objetiva.

b) Argumentos consistentes, vocabulário rebuscado, pois visa a um público específico.

c) Ponto de vista com característica peculiar para descrição, com os verbos no imperativo.

d) Texto dissertativo com informações coerentes e inadmissíveis.

e) Linguagem objetiva e aparecem repletas de sinais de exclamação, os quais incitam à posição de reflexão favorável ao enfoque do autor.

19 - (IBMEC SP)

O Rock in Rio é uma mistura de parque de diversões com shopping a céu aberto. Para muitos, a música importa menos que a balada – com exceção dos fãs de metal e rock mais pesado, sempre obsessivos.

O festival já entrou para o calendário turístico da cidade e atrai dezenas de milhares de turistas de todo o mundo, que não se importam se estão vendo o Metallica ou o Elton John e esgotam os ingressos antes de anunciada a escalação completa de bandas. É o tal "evento manada", em que ninguém sabe se todo mundo vai porque é bom ou se é bom porque todo mundo vai.

Folha de S. Paulo, 28/09/2015

Ao analisar o sucesso do festival carioca, o autor emprega a expressão “evento manada”. Para explicá-la, ele adota uma estratégia discursiva que apresenta a estrutura do

a) paradoxo.

b) dilema.

c) círculo vicioso.

d) pleonasmo vicioso.

e) trocadilho.

20 - (UNCISAL)

Patricia é o furacão “mais poderoso” da história, diz governo mexicano

Com ventos constantes de 325 km/h e máximos de 400 km/h, o furacão Patricia tornou-se o “mais poderoso que já surgiu no planeta em toda a história”, disse nesta sexta-feira (23) o diretor da Conagua (Comissão Nacional de Água do México), Roberto Ramírez. “Não há um furacão em todo o planeta, em toda a história, que tenha chegado à velocidade de 325 km/h em seus ventos”,

disse Ramírez ao destacar que analistas já consideram este como o "mais poderoso" jamais registrado.

Este furacão é "extremamente violento" e "pode ser muito catastrófico", afirmou em entrevista coletiva para dar detalhes sobre a evolução do fenômeno meteorológico.

Ramírez explicou que nas últimas horas aconteceu uma mudança de rota, e atualmente ele se dirige em direção a Playa Perula, no sul do Estado de Jalisco, por isso está em uma "região de muito maior influência do Estado de Colima".

Por isso, a cidade de Manzanillo, que fica a 90 km de Playa Perula, é a área de maior risco, embora isso não signifique que "esta seja a região de impacto", ressaltou.

Segundo o boletim das 10 h 15 (hora local, 12 h 15 de Brasília) do SMN (Serviço Meteorológico Nacional), Patricia avança provocando ventos de 400 km/h em direção ao litoral dos Estados do Pacífico mexicano de Michoacán, Colima e Jalisco, e já causa ventos fortes e ressacas. [...]

Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/ciencia/ultimas-noticias/efe/2015/10/23/>. Acesso em: 23 out. 2015.

Considerando os operadores argumentativos presentes no texto, dadas as afirmativas,

I. Os modalizadores valorativos em **Este furacão é "extremamente violento"** são representados pelo pronome **este** e pela expressão adverbial.

II. Os verbos no modo indicativo exprimem, enquanto modalizadores valorativos, a posição de convicção do enunciador em relação às ideias apresentadas no texto.

III. Os operadores **por isso** e **embora**, presentes no 4º parágrafo, contêm noções semânticas de consequência e concessão, respectivamente.

IV. O vocábulo **segundo** (último parágrafo) confere a consistência da informação, recurso textual próprio de abordagem impessoal. verifica-se que estão corretas

a) I e II, apenas.

b) I e III, apenas.

c) II e IV, apenas.

d) III e IV, apenas.

e) I, II, III e IV.

TEXTO: 1 - Comum à questão: 21

Experimente ver pela primeira vez o que você vê todo dia, sem ver. Parece fácil, mas não é. O que nos cerca, o que nos é familiar, já não desperta curiosidade. O campo visual da nossa rotina é como um vazio. (...) O hábito suja os olhos e lhes baixa a voltagem. Mas há sempre o que ver. Gente, coisas, bichos. E vemos? Não, não vemos.

REZENDE, Otto Lara, *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 23.02.92

Otto Lara Rezende (1922 – 1992)

21 - (UNAERP SP)

Sobre o texto, é correto afirmar:

a) O narrador, em terceira pessoa, não participa subjetivamente, apenas sugere que o leitor veja as coisas de outra maneira.

b) Há um apelo para que o leitor observe mais atentamente a realidade ao seu redor, assim possibilitando uma compreensão mais apurada das coisas e a construção de um mundo melhor.

c) O enunciador aconselha que se preste mais atenção ao que se vê rotineiramente, com isso posicionando-se objetivamente, dispensando floreios e adjetivações desnecessárias.

d) Trata-se de um texto dissertativo, pois o enunciador emite juízos e opiniões.

e) Quando sugere que se veja mais atentamente a realidade, o enunciador exagera na argumentação, daí porque o texto apresenta momentos de obscuridade, fazendo-se quase incompreensível à expectativa do leitor.

TEXTO: 2 - Comum à questão: 22

As questões da prova de Língua Portuguesa deverão ser respondidas com base no texto Educação baseada em palpites, de Claudio de Moura Castro, publicado na edição da revista Veja de 31 de agosto de 2005.

[1]Imaginemos que tenho uma teoria sobre nutrição e que esta desemboca na minha dieta [2]para emagrecer. Se, pisando na balança, descubro que meu peso aumentou, posso até [3]continuar insistindo na excelência da minha teoria e afirmando que a balança não interessa. [4]Mas, na lógica da ciência, minha teoria está errada – salvo enguiço da balança.

[5]Em um ensaio anterior, defendi a idéia de que as decisões em educação deveriam ser [6]respaldadas pela evidência científica que possa existir na área. As palavras encantadas dos [7]gurus e as impressões pessoais devem ser confrontadas com o mundo real. É como no [8]exemplo acima, em que as minhas teorias nutricionais são checadas pela balança. Precisamos [9]de teorias e de interpretações, mas, se elas não têm correspondência com a observação da [10]realidade, não sobrevivem.

[11]Recebi muitos e-mails louvando a idéia de que é saudável olhar a evidência. Contudo, [12]um número alarmante de professores, como sugerem seus e-mails, pensa de modo diferente. [13]Para eles: 1) Não é olhando a evidência que se decide entre o certo e o errado. Esta pode ser [14]olimpicamente ignorada, sendo um desaforo questionar as verdades reveladas. 2) O que está [15]escrito no texto não é considerado. Portanto, tiram conclusões, assestam ataques e dirigem [16]vitupérios ao que acham haver sido dito, mas que na realidade não está escrito. O alvo [17]principal das indignações é o que consideram ser as minhas "opiniões" contra os professores.

[18]Várias mensagens rejeitam, mais ou menos assim, uma afirmativa que eu teria feito: "O [19]Claudio acha que os professores sem diploma de professor são melhores do que os com [20]diploma". Argumentam que a sua opinião é certa; e a minha, errada.

[21]Vejamos um e-mail representativo: "[...] fiquei indignada ao saber que alguém pode [22]pensar que professores formados em pedagogia possam atuar menos em sala de aula em [23]relação a outros formados em outras disciplinas. Quem conhece o processo ensino–aprendizagem [24]das séries

iniciais [...] jamais poderia fazer tal afirmação. A avaliação citada (do [25]Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica, Saeb) não pode servir de parâmetro para [26]qualquer julgamento sobre a qualidade da Educação".

[27]Contudo, rejeita-se o que eu não disse! Eu escrevi o seguinte: nas tabulações do Saeb, [28]"os alunos de professores que cursam magistério ou pedagogia têm notas piores do que os de [29]professores que têm diploma superior em outra carreira". O trecho é mera leitura de uma [30]tabela. Portanto, não é minha "opinião". Digo em seguida: "Aprende mais quem aprende com [31]quem não é professor? Não sabemos ao certo". Veja-se que a interpretação é apresentada na [32]forma de uma pergunta, convidando a um esforço a entender o porquê de um resultado tão [33]antiintuitivo (o presente ensaio não é propriamente sobre educação, mas sobre como entender [34]o mundo; portanto, não entro aqui nas explicações cabíveis).

[35]Nega-se a idéia de que encontramos tais respostas mediante a observação do mundo [36]real. Implicitamente, afirma-se o inverso, isto é, desvendamos o mundo real filosofando, [37]"achando" ou nos referindo a uma observação pessoal. É como se o Saeb fosse uma teoria [38]alternativa que pudéssemos escolher – quando, na verdade, é o teste da teoria. É como a [39]balança que verifica o resultado das minhas teorias nutricionais – mas não as substitui. Será [40]que essas mesmas pessoas gostariam de consultar-se com um médico que receita por palpite?

[41]As mensagens conduzem a outra interpretação paralela, mas que tampouco é otimista: [42]os missivistas não leram com atenção o ensaio. Responderam emocionalmente ao que [43]pensam que o autor quis dizer. Só que o autor quis dizer exatamente o que escreveu, e não o [44]que imaginam ter dito. Ou seja, nossos alunos estão aprendendo a ler com alguns professores [45]que não são capazes, eles próprios, de decifrar com rigor um texto.

[46]Isso nos remete tristemente a outro resultado do Saeb não mencionado no ensaio [47]anterior: os níveis de compreensão de leitura dos nossos alunos são baixíssimos. De fato, são [48]calamitosos. Haverá alguma conexão?

22 - (UCS RS)

Considerando a relação entre as idéias constantes na introdução do texto e aquelas desenvolvidas nos parágrafos subseqüentes, é correto afirmar que o primeiro parágrafo

a) expõe a tese, justificada nos parágrafos subseqüentes, de que a teoria nutricional do autor, apresentada neste ensaio, está equivocada, ao contrário da sua teoria sobre educação, apresentada em um ensaio anteriormente escrito.

b) lança a idéia, fundamentada nos parágrafos seguintes, de que é preciso ponderar, ou seja, colocar na balança os prós e os contras antes de tomar qualquer decisão.

c) apresenta uma situação análoga à que é discutida nos parágrafos subseqüentes.

d) propõe-se a discutir, no desenvolvimento do texto, os equívocos cometidos no processo de testagem das teorias.

e) direciona-se para um foco temático posteriormente abandonado no texto.

TEXTO: 3 - Comum à questão: 23

A Morte do Livro, de Ferreira Gullar, publicado na seção Ilustrada da Folha de São Paulo, em março de 2006*[1].

[1]A morte do livro como veículo da literatura já foi profetizada várias vezes na chamada [2]época moderna. E não por inimigos da literatura, mas pelos próprios escritores. Até onde me [3]lembro, o primeiro a fazer essa profecia foi nada menos que o poeta Guillaume Apollinaire, no [4]começo do século 20.

[5]Entusiasmado com a invenção do gramofone (ou vitrola), acreditou que os poetas em [6]breve deixariam de imprimir seus poemas em livros para gravá-los em discos, com a vantagem [7]– segundo ele, indiscutível – de o antigo leitor, tornado ouvinte, ouvi-los na voz do próprio [8]poeta. A profecia estava equivocada, mas o erro do poeta é compreensível, já que, com o [9]gramofone, os poetas modernos estariam mais próximos dos antigos aedos[2]. De qualquer [10]modo, Apollinaire, que foi um bom poeta, revelara-se um mau profeta, já que os poetas [11]continuaram a se valer do livro para difundir seus poemas, enquanto o disco veio servir mesmo [12]foi aos cantores e compositores de canções populares, que são de fato os aedos*[2] modernos. E [13]a tal ponto que houve quem afirmasse a substituição do poema pela canção popular: a poesia [14]teria, assim, por morte do poema, se transferido do livro para o disco.

[15]Mas ainda desta vez os propagadores de maus presságios pisaram na bola, uma vez [16]que, décadas depois dessa profecia, os livros de poemas continuaram a ser editados, com a [17]ajuda, hoje – vejam vocês! – da revolucionária tecnologia da informática. (Mas já há quem [18]garanta que o livro – e não só o de literatura – vai morrer agora, substituído pelo computador. [19]Mal sabe essa gente que há 40 anos inventei o livro-poema, que o computador não pode [20]substituir.)

[21]O mais recente profeta do fim do livro é o romancista norte-americano Philip Roth, que [22]numa entrevista fez o prenúncio. Na verdade, ele anunciou o fim da própria literatura, e não por [23]falta de escritores, mas de leitores. Certamente referia-se a certo tipo de literatura, pois obras [24]de

ficção como “O Código Da Vinci” e “Harry Potter” atingem tiragens de milhões de [25]exemplares em todos os idiomas.

[26]Outro fenômeno que contradiz a tese de que as pessoas lêem cada vez menos é o [27]crescente tamanho dos best-sellers: ultimamente, os volumes ultrapassam as 400 ou 500 [28]páginas, havendo os que atingem mais de 800. Tais dados invalidam, mais uma vez, as [29]previsões da morte do livro e da literatura.

[30]Não concordo com elas, quando mais não seja porque me parece que essa visão [31]simplificadora não leva em conta alguns fatores que estão ocultos, mas atuantes na sociedade [32]de massa: fatores qualitativos que a avaliação meramente quantitativa ignora.

[33]É indiscutível que as obras literárias de qualidade – não as que constituem mero [34]passatempo –, que influem na construção do universo imaginário de uma época, atingem [35]inicialmente um número reduzido de leitores, mas é verdade também que através deles, com o [36]passar do tempo, influem sobre um número cada vez maior de indivíduos – e especialmente [37]sobre aqueles que constituem o núcleo social irradiador das idéias.

[38]Costumo, a propósito dessa discussão, citar o exemplo de um livro de poemas que [39]nasceu maldito: “As Flores do Mal”, de Charles Baudelaire, cuja primeira edição, em reduzida [40]tiragem, data de 1857. Naquela mesma época, havia autores cujos livros alcançavam tiragens [41]consideráveis, que às vezes chegavam a mais de 30 mil exemplares. Esses livros cumpriram [42]sua missão, divertiram os leitores e foram esquecidos, como muitos best-sellers de nossa [43]época. Enquanto isso, o livro de poemas de Baudelaire – cuja venda quase foi proibida pela [44]Justiça –, que vem sendo reeditado e traduzido em todas as línguas, já deve ter atingido, no [45]total das tiragens, muitos milhões de exemplares. O verdadeiro best-seller é ele ou não é?

*1 Texto adaptado.

*2 Na Grécia antiga, cantor que apresentava suas composições religiosas ou épicas, acompanhando-se ao som da cítara.

23 - (ESPM SP)

Em seu texto, Ferreira Gullar utiliza vários argumentos para refutar a possível morte do livro. Tendo isso em vista, assinale o item cujo argumento **não** reforce seu ponto-de-vista:

a) O número de páginas dos best-sellers está cada vez maior.

b) Os best-sellers, como “O Código da Vinci” e “Harry Potter”, vendem cada vez mais.

c) A profecia do poeta Guillaume Apollinaire que afirmava que o livro deixaria de ser veículo de literatura.

d) Os best-sellers alcançam grandes tiragens em vários idiomas.

e) Alguns dos livros mais vendidos chegam a ter 800 páginas.

TEXTO: 4 - Comum à questão: 24

CELULARES EXPLOSIVOS, IDÉIAS NEM TANTO

Sou uma nulidade no uso do celular. Mal conheço a senha para tirar as mensagens lá de dentro e, pelo que vejo, meu aparelho é forte candidato a uma dessas explosões que têm acontecido ultimamente.

Pinóquio não primava pela responsabilidade nos compromissos assumidos, mas seu Grilo Falante, de cartola e guarda-chuva, conhecia as virtudes da polidez e da adequação. Não tomava a palavra antes de um minúsculo pigarro de advertência.

Inseto mutante, o celular está para o grilo de Pinóquio um pouco como a guitarra elétrica para o antigo violão. Adota os tons mais estridentes, descabelados e imperativos, a que as pessoas obedecem numa coreografia alucinada. A pose mais estudada da grã-fina se estilhaça em aflição e pânico enquanto ela remexe na bolsa à procura do aparelho; o taxista mais inerte e distraído pula ao menor toque, como se tivesse uma aranha dentro do carro. E nem se sabia que aquilo era carregado de dinamite.

COELHO, M. Folha de S. Paulo, São Paulo, 10 maio 2006, p. E 10. Ilustrada. [Adaptado].

24 - (UEG GO)

O trecho “Inseto mutante, o celular está para o grilo de Pinóquio um pouco como a guitarra elétrica para o antigo violão” estrutura-se em uma relação lógica de

a) antagonismo.

b) causalidade.

c) gradação.

d) analogia.

TEXTO: 5 - Comum à questão: 25

Sobre a polêmica das charges que acirrou os ânimos dos muçulmanos contra órgãos de imprensa ocidentais, um artigo apresentou mais uma faceta.

"A Anatomia de Uma Crise

[1]Tudo começou em tom frugal e inócuo. Um jornal dinamarquês decidiu testar a susceptibilidade muçulmana e [2]marcar pontos banais no quesito 'liberdade de expressão'.

[3]Consciente de que a fé islamita proíbe a representação icônica do profeta Maomé, um editor do "Jullands-Posten" [4][sic] convocou os cartunistas do país a submeterem charges ironizando a inflexibilidade canônica dos maometanos e [5]satirizando seu profeta. Uma dúzia de desenhistas prontificou-se a cumprir a tarefa. Uma vez publicadas, as caricaturas [6]deflagraram a mais do que prevista ira dos ofendidos, e a tentativa por parte de clérigos islamitas residentes na Dinamarca [7]de censurarem a crítica jocosa. Jornais da Noruega, e mais tarde de outros países europeus, reeditaram os desenhos, num [8]ato de solidariedade à sacrossanta liberdade de imprensa, uma fortaleza inexpugnável da democracia ocidental.

[9]O incidente, até esse ponto, limitava-se à altercação de natureza verbal. Líderes de comunidades muçulmanas [10]estabelecidas na Europa argumentavam que a liberdade de expressão não deveria servir de pretexto para a ridicularização [11]da fé alheia; apologistas das caricaturas justificavam que ofender era uma prerrogativa das sociedades abertas.

[12]Indiferente à tempestade que aos poucos ia ganhando consistência ao seu redor, o Primeiro Ministro dinamarquês [13]esnobou a petição de um grupo de embaixadores árabes para um encontro formal, onde a questão seria abordada de forma [14]diplomática."

http://www.duplipensar.net/dossies/crise-das-charges-de-maome/algo-de-podre-no-reino-da-dinamarca-ou-no-senso-de-humor-islamico.html (acessado em 1º de março de 2006)

25 - (UFPel RS)

O estabelecimento de um jogo semântico confere ao texto uma riqueza não despercebida ao leitor competente.

Assim, supondo um texto que critique o aumento do preço das passagens aéreas, fica evidente que o título “Aumenta o preço da passagem aérea” é menos rico lingüisticamente que “Decola o preço da passagem aérea”.

Dentre as seguintes palavras do texto, assinale a que estabelece jogo semântico com o assunto tratado.

a) sacrossanta (linha 08)

b) pontos (linha 02)

c) fortaleza (linha 08)

d) tempestade (linha 12)

e) frugal (linha 01)

TEXTO: 6 - Comum às questões: 26, 27

NO RASTRO DA FALA

Se fizéssemos uma lista dos dez maiores mistérios

da humanidade, certamente o surgimento da linguagem se destacaria.

A linguagem verbal é marca forte, constitutiva, distintiva da nossa espécie. Por isso, a discussão de suas origens está intrinsecamente ligada às discussões da origem da própria espécie humana. Dispomos hoje de boa quantidade de fósseis, fornecedores de evidência material interessante para hipóteses sobre os longos e complexos caminhos da evolução até [05]o surgimento do Homo sapiens.

Temos, por exemplo, indícios convincentes de que nossa espécie se originou nas savanas do leste da África e se espalhou pelo planeta seguindo rotas que levaram à Europa e à Ásia e desta à América e à Oceania. Essas rotas têm sido estabelecidas em parte pelo estudo do DNA das populações.

Com base nestes dados, os paleontólogos têm sugerido que o Homo sapiens surgiu na terra há aproximadamente 100 mil anos, embora se calcule que o ramo hominídeo dos primatas tenha se separado há 6 milhões de anos ou mais.

Igualmente, dispomos hoje de precioso acervo de objetos criados pelos humanos (ferramentas e utensílios domésticos, por exemplo) e de registros pictóricos que nos permitem sustentar hipóteses plausíveis sobre os caminhos percorridos pela humanidade na construção de sua cultura material e simbólica.

Seguindo essas pistas, os antropólogos costumam registrar um florescimento cultural bastante significativo por volta de 50 mil anos atrás. Para alguns, este florescimento cultural, inimaginável sem a linguagem, é indício de que ela já estava plenamente estruturada naquela época.

Ao confrontar a data do surgimento da espécie com a do florescimento da cultura, há lingüistas que defendem a hipótese de que a linguagem teve desenvolvimento vagaroso, crescendo em complexidade ao longo dos milênios.

Outros, porém, consideram intrínseca a relação entre a espécie e a linguagem e prodigioso o processo pelo qual um bebê se torna um falante. Afinal, uma criança não começa a falar por simples imitação ou por puro aprendizado a partir de um estágio zero, como se o cérebro fosse uma caixa vazia. Por isso, defendem que a linguagem como a conhecemos surgiu junto com a espécie e está relacionada a uma mutação radical no conglomerado de genes dos hominídeos mais antigos.

No momento, a Lingüística não tem nenhuma base para optar entre essas hipóteses. A linguagem falada é um bem imaterial. Assim, de seu passado nada sobrou. Não temos, por exemplo, o menor indício de como teria sido o estágio semiótico imediatamente anterior à linguagem propriamente humana, isto é, aquela anterior à nossa linguagem. (...)

[FARACO, Carlos Alberto. No rastro da fala. Revista Discutindo Língua Portuguesa, ano 1, n. 3, p. 18-21. (fragmento adaptado)]

26 - (UFPI)

Com relação à argumentação, no texto lido, é CORRETO afirmar que:

a) O autor não observou o procedimento da unidade temática, ao recorrer, simultaneamente, à Paleontologia, à Antropologia, à Genética e à Lingüística para tratar do surgimento da linguagem no homem;

b) O autor não recorreu ao argumento de autoridade, pois mencionou resultados de pesquisas em diferentes áreas, sem, entretanto, proceder ao discurso direto de seus pesquisadores;

c) O autor propositadamente deixou de argumentar em favor de qualquer das hipóteses apresentadas para o surgimento da linguagem humana, dado que fugiria ao propósito do texto;

d) Ao comparar o desenvolvimento da linguagem no homem à aquisição da fala pelo bebê, o autor valeu-se do procedimento de exemplificação para ratificar a tese por ele defendida;

e) Ao caracterizar a linguagem humana como imaterial e sem registro, o autor pretendeu refutar um argumento contrário à tese por ele defendida.

27 - (UFPI)

Com relação à estrutura do texto lido, classifique as assertivas abaixo como verdadeiras ou falsas e, em seguida, identifique a seqüência CORRETA:

( ) O título e o subtítulo do texto são insuficientemente precisos para indicar o seu conteúdo e, assim, desempenhar adequadamente a função factual, sendo que o título desempenha, ainda, a função poética;

( ) O primeiro parágrafo constitui o parágrafo-chave, no qual se apresentam o tema e o "problema" de que o texto trata;

( ) O parágrafo conclusivo do texto é o terceiro, no qual apresenta-se a conclusão à qual os paleontólogos chegaram sobre a época provável do surgimento dos hominídeos e do Homo sapiens;

( ) O sexto e o sétimo parágrafos não guardam relação temática entre si, por apresentarem hipóteses divergentes para o surgimento da linguagem nos seres humanos;

( ) O tópico frasal do sétimo parágrafo é a última oração que o compõe.

a) VVFFV

b) VFFFV

c) FVFVV

d) FVVVF

e) FFVFF

TEXTO: 7 - Comum à questão: 28

Ele, Ela

Num dia cinzento de janeiro, Lawrence Summers – o presidente da Universidade Harvard – sugeriu que diferenças inatas na estrutura do cérebro masculino e do feminino poderiam ser um fator determinante para a relativa escassez de mulheres na ciência. As declarações reacenderam um debate que se desenrola há um século, desde que os cientistas que mediam a dimensão do cérebro de ambos os sexos começaram a sustentar a idéia, baseados em sua principal conclusão – a de que o cérebro feminino tende a ser menor –, de que as mulheres são intelectualmente inferiores aos homens.

Até hoje ninguém conseguiu nenhuma evidência de que as diferenças anatômicas tornem as mulheres incapazes de obter distinção acadêmica em matemática, física ou engenharia. E o cérebro de homens e mulheres comprovou ser muito semelhante em vários aspectos. Por outro lado, ao longo da última década, pesquisadores que estudam questões diversas, do processamento da linguagem à navegação, passando pela gravação de memórias emocionais, também revelaram uma série impressionante de variações estruturais, químicas e funcionais entre cérebro de homem e de mulher.

Até não muito tempo atrás, os neurocientistas acreditavam que as diferenças no cérebro de sexos diferentes se limitavam às regiões responsáveis pelo comportamento de acasalamento. Essa visão foi posta de lado por uma onda de descobertas que ressaltam a influência do gênero em várias áreas da cognição e do comportamento, incluindo memória, emoção, visão, audição, processamento de rostos e resposta do cérebro aos hormônios do stress. Esse avanço se acelerou nos últimos dez anos com o uso de técnicas de imageamento sofisticadas e não-invasivas, como a tomografia por emissão de pósitrons (PET) e a ressonância magnética funcional (RMf), com as quais é possível observar o cérebro em ação.

As divergências não são apenas idiossincrasias curiosas para explicar por que os homens gostam mais dos Três Patetas do que as mulheres. Elas suscitam a possibilidade de precisarmos desenvolver tratamentos específicos de acordo com o sexo para problemas como depressão, vício, esquizofrenia e transtorno do stress pós-traumático. Estudiosos da estrutura e do funcionamento do cérebro

devem levar em consideração o sexo de seus objetos de pesquisa ao analisar dados – e incluir tanto homens quanto mulheres em estudos futuros, para evitar resultados enganosos.

(Adaptado de Scientific American Brasil, Edição 37, jun. 2005.)

28 - (UFPR)

O texto acima se organiza em quatro parágrafos que apresentam, respectivamente, como temas centrais:

a) a hipótese da inferioridade intelectual feminina – semelhanças e diferenças entre os cérebros do homem e da mulher – novas tecnologias e novas descobertas – possíveis aplicações das novas descobertas.

b) o cientista machista – as semelhanças entre os cérebros masculino e feminino – novas descobertas – idiossincrasias curiosas.

c) diferenças no tamanho dos cérebros e suas implicações – a não inferioridade intelectual da mulheres – descobertas surpreendentes – doenças mentais do homem e da mulher.

d) por que há poucas mulheres pesquisadoras – diferenças comprovadas entre os cérebros masculino e feminino – progressos recentes – diferenças culturais entre os sexos.

e) a opinião de Summers – as mulheres pesquisadoras – novas técnicas e suas revelações – novos estudos sobre o comportamento feminino.

TEXTO: 8 - Comum à questão: 29

Passo no Rumo Certo

Na semana passada, a claque convocada para a inauguração de um aeroporto na cidade mineira de Uberlândia ouviu de Lula a seguinte frase: “Quero dizer que a crise é extremamente grave. Em horas de crise é preciso ter muita paciência para não tomar decisão precipitada, não se deixar levar pelo estado emocional, mas, sim, pela razão”. Embora o presidente já tenha se manifestado a respeito da difícil situação política em diversas ocasiões (não raro para negar a sua realidade, como se tudo não passasse de uma alucinação coletiva promovida por prestidigitadores da elite, mas

deixemos isso de lado), foi a primeira vez que ele uniu à palavra “crise” um advérbio de intensidade, “extremamente”, e um adjetivo grandiloqüente, “grave”. O encadeamento de tais termos permite supor que Lula finalmente (no que pode ser considerado um advérbio de alívio) reconheceu a existência da fissura ética, política e criminosa que há mais de 100 dias se aprofunda mais e mais, levando o governo de cambulhada.

Nessa hipótese, e não se quer aqui evocar o doutor Pangloss, aquele personagem de Voltaire para quem todos vivíamos no melhor dos mundos, é uma ótima notícia o presidente ter admitido que o horizonte anda carregado. Pelo simples motivo de que, para sanar um problema, qualquer que seja ele, é preciso antes de mais nada reconhecer sua existência. Caberia agora a Lula contribuir para que a resolução da crise seja efetiva, não deixando margem à impressão olfativa de que tudo terminará em pizza. O presidente volta e meia afirma que não tem como interferir no andamento das investigações e das punições. Não é verdade. Pelo peso de seu cargo, e sem extrapolar suas atribuições constitucionais, Lula pode, sim, proceder a que corrompidos e corrompedores, no Legislativo e no Executivo, sintam na carne e na biografia que não sairão impunes dos crimes de desvio de dinheiro público, formação de quadrilha e tráfico de influência. Ao empenhar-se com afinco nesse objetivo, movido pela razão e sem emocionalismos, o presidente prestaria ao mesmo tempo um grande serviço ao Brasil e a si próprio.

(Veja, Editorial, 07 jul. 2005.)

29 - (UFPR)

“Na análise do relatório, constatou-se um desvio de recursos que se supõe ter sido feito pelo diretor afastado. Para que os fatos sejam apurados, decidiu-se encaminhar o caso para as instâncias superiores.”

No trecho acima, são utilizados recursos gramaticais para tornar o texto impessoal. Analise as ocorrências abaixo e aponte aquelas em que esses recursos foram usados para impessoalizar o que aparece em 1, de acordo com as normas da língua padrão.

I. 1 – No relatório final, nós omitimos as informações que comprometeriam o andamento das investigações.

Decidimos também relatar os últimos acontecimentos que não constavam do processo.

2 – No relatório final, omitiram-se as informações que comprometeriam o andamento das investigações.

Decidiu–se também relatar os últimos acontecimentos que não constavam do processo.

II. 1 – Após instalarmos a comissão, abrimos os documentos que apontavam os pontos falhos do processo.

Observamos que medidas mais enérgicas eram urgentes para conter as despesas.

2 – Após a comissão ser instalada, abrimos os documentos nos quais se apontava os pontos falhos do processo.

Foram observadas que medidas mais enérgicas eram urgentes para as despesas serem contidas.

III. 1 – Em situações como essas, sempre constato que é necessário ter atitudes firmes na hora certa. Se deixar as decisões urgentes para outras pessoas, corro o risco de perder o controle sobre os acontecimentos.

2 – Em situações como essas, sempre se constata que é necessário ter atitudes firmes na hora certa. Se se deixam as decisões urgentes para outras pessoas, corre-se o risco de se perder o controle sobre os acontecimentos.

IV. 1 – Eu constatei, após fazer uma análise cuidadosa, que os dados que recolhi não eram suficientes para justificar a conclusão. Assim, resolvi buscar mais evidências a fim de apresentar uma análise que tivesse mais respaldo.

2 – Constatei, após fazer cuidadosa análise, que são insuficientes os dados recolhidos para que se justifique a conclusão. Resolveram-se, assim, buscar mais evidências a fim de uma análise ser apresentada com mais respaldo.

Assinale a alternativa correta.

a) Somente as afirmativas I e III são verdadeiras.

b) Somente as afirmativas I e IV são verdadeiras.

c) Somente as afirmativas II e III são verdadeiras.

d) Somente as afirmativas III e IV são verdadeiras.

e) Somente as afirmativas I e II são verdadeiras.

TEXTO: 9 - Comum à questão: 30

Texto I

Ética dos advogados e ensino jurídico

Diante da crescente evidência de envolvimento de advogados com traficantes, é razoável e até necessário que a OAB reveja seus mecanismos de controle do exercício da profissão. Que acione com mais vigor sua Comissão de Ética, como quer seu presidente, Roberto Busato. Mas serão essas comissões suficientes? Ou estão elas também aprisionadas pela armadilha tradicional – a dificuldade estrutural de qualquer corporação em controlar a si mesma? Dificuldade não exclusiva dos advogados, mas de qualquer corporação: médicos, juízes e políticos, por exemplo.

Aliás, foi justamente a evidência de que as corregedorias judiciais eram insuficientes para controlar o comportamento ético-disciplinar dos magistrados que levou o ministro Cézar Peluso, ao defender a constitucionalidade do Conselho Nacional de Justiça, a ressaltar: "(...) os atuais instrumentos orgânicos de controle ético-disciplinar dos juízes, porque praticamente circunscritos às corregedorias, não são de todo eficientes, sobretudo nos graus superiores de jurisdição (...)". A tarefa é difícil. Exige mais do que controles internos corporativos.

Nessa perspectiva, surgiu proposta de tornar obrigatória a disciplina Ética Profissional nas faculdades de Direito. A proposta, aparentemente adequada, deve ser vista com cuidado. Mais importante do que ensinar ética é praticar um comportamento ético. Isso quer dizer que uma escola de Direito só tem legitimidade para ensinar ética se tiver antes implantado a prática cotidiana da ética entre professores, alunos e funcionários. Tiver antes implantado a educação como prática da ética, parafraseando o grande educador Paulo Freyre, quando pregava a educação como prática da liberdade.

Infelizmente, em grande número de faculdades de Direito existem práticas antiéticas de muitos alunos e até de alguns professores. Práticas que, nesta crise de perda de indignação do brasileiro, de tão corriqueiras, parecem até normais. Dou exemplo de duas: a cola na prova e o plágio no trabalho de curso.

Qual a política efetiva que as escolas têm para controlar a cola? Que punições ou reeducação as escolas têm para o aluno que é pego colando? No nível institucional, provavelmente nenhuma. Tudo fica ao arbítrio do professor cansado, sem formação didática renovada, mal pago, a dar aula a um número excessivo de alunos empacotados numa sala, em situação que a boa didática jamais recomendaria. A ele cabe decidir se o aluno vai perder a questão, perder a prova, ou apenas laisser passer.

Isso é suficiente? Difícil dizer. As estratégias para violação se sofisticaram. A cola tradicional, olhar e copiar a prova do aluno ao lado, insinuante, quase provocativa, que se autoconvida, dá lugar a "métodos" mais sofisticados, celulares e outros meios eletrônicos. Tudo facilitado pelo fato de que a prova pede mais a memorização da doutrina alheia do que o raciocínio original do aluno.

O plágio em trabalhos escritos está em ascensão. Culpa do Google, da familiaridade das novas gerações de alunos com a tecnologia de busca na internet, e da facilidade de se atribuir a autoria de um texto. Essa situação é agravada pelo fato de que os trabalhos de disciplinas e de conclusão de curso são, sobretudo, pesquisas bibliográficas, estruturadas pelo que o professor Luciano de Oliveira chama de ideologia da "manualização". Assim como a maioria dos manuais de Direito são apenas uma colagem de autores, textos, doutrinas e jurisprudência sem necessariamente maior arte, assim também são os trabalhos de classe e de conclusão de curso. A pesquisa dos alunos começa e termina nos manuais de sempre.

Incluir, pois, um curso de ética profissional no currículo pode nos levar a um paradoxo. O currículo ensinando ética, e o aluno praticando a antiética, ao usar a tecnologia para plagiar autores e colar nas provas e trabalhos do curso. Em outras palavras: não vamos resolver o grave problema do comportamento antiético de alguns advogados tornando obrigatório o ensino de uma nova disciplina – Ética Profissional – num ambiente marcado pela cola e plágio.

Temos o mesmo problema nas disciplinas de ética profissional nos cursos de formação dos juízes. Não raramente, essas disciplinas se transformam em discussões filosóficas ou dogmáticas europeizadas. Raramente se estruturam a partir da análise crítica dos problemas éticos disciplinares que existem em seus próprios tribunais.

Soluções existem. Há escolas privadas, no Brasil e no exterior, onde os alunos assinam, além do contrato de prestação de serviços educacionais com a faculdade, um código de ética que se obriga a respeitar. Algumas escolas já têm Conselhos de Ética, nos quais a cola e o plágio são discutidos e julgados por alunos, professores e funcionários: as sanções vão desde a advertência até a expulsão, passando pela perda da bolsa.

Razões pragmáticas favorecem uma postura mais rigorosa. O aluno que cola pode apresentar um currículo igual ou melhor do que aquele que se esforçou sozinho. Isso é concorrência desleal num mundo em que é cada vez mais difícil obter emprego. Em algumas escolas, os alunos estão se conscientizando e contribuindo para o controle ético de seus colegas. Sem falar que está em jogo o próprio nome e reputação da escola – o que também começa a ser percebido pelos alunos. De uma maneira ou de outra, o mercado empregador acaba descobrindo quais as escolas que facilitam a aprovação do aluno e quais as que exigem um comportamento mais ético profissionalmente.

(Joaquim Falcão. Correio Braziliense, 20/7/06)

30 - (FGV)

O texto I deve ser classificado como:

a) narrativo.

b) descritivo.

c) dissertativo expositivo.

d) dissertativo-argumentativo.

e) epistolar.

TEXTO: 10 - Comum à questão: 31

TEXTO 1

O RESPEITO AOS VELHOS

Na semana passada, li uma notícia que me chamou a atenção: os atropelamentos são a terceira principal causa de morte entre brasileiros de 5 a 14 anos de idade; e o risco de morrer atropelado sobe (para homens e mulheres) a partir dos 50 anos. Segundo a nota, envelhecer provoca patologias, como perda da visão e da capacidade auditiva, que diminuem a atenção aos alertas dados pelos motoristas, e perda da força muscular, que afeta a agilidade e dificulta a travessia de vias movimentadas.

Já comentei aqui que a cultura atual simplesmente eliminou as duas pontas da vida: a infância e a velhice. O que vale hoje é a juventude. Queiramos ou não, é preciso ser jovem de qualquer maneira.

Essa notícia, portanto, não faz mais do que confirmar o fato. O trânsito, as vias públicas, o tempo dos semáforos, a faixa de pedestres, o comportamento dos motoristas e a configuração de ruas e calçadas não são próprios para crianças e velhos.

Mas o que mais me impressionou foram as explicações para o risco de morte por atropelamento entre as pessoas com mais de 50 anos: é a própria velhice a responsável. Talvez o esperado seja que os cidadãos com mais de 50 anos respeitosamente se retirem do espaço público para que não

provoquem o constrangimento de serem atropelados, não? Ou, então, que mantenham a agilidade e as funções como se fossem jovens.

Adequar as condições das vias públicas para respeitar os velhos – e faço questão de dizer "velho" e não "pessoas da terceira idade", justamente para marcar a dignidade que se deve a essa etapa da vida – não é algo levado em consideração.

SAYÃO, R. Folha de S. Paulo, São Paulo, 31 de agosto de 2006, p. 12. Equilíbrio. [Adaptado].

31 - (UEG GO)

O modo predominante de organização discursiva do texto é

a) narrar para emocionar.

b) expor para informar.

c) argumentar para convencer.

d) descrever para definir.

TEXTO: 11 - Comum à questão: 32

"Se não comparecerdes...

Considerações sobre a relação entre o pronome "vós" e as diabruras do Estado brasileiro"

Roberto Pompeu de Toledo

Uma pessoa humilde, ora pleiteando sua aposentadoria junto ao INSS, em São Paulo, recebeu a seguinte "carta de exigências" da instituição. Os nomes, tanto da pessoa que pleiteia a aposentadoria quanto de [05]quem assina a carta, serão omitidos. O texto vai em sua conturbada e sofrida literalidade:

"Para dar andamento ao processo do Benefício em referência, solicito-vos comparecer, no endereço: Av. Santa Marina 1217, no horário de 07:00 às 15:00, [10]para que as seguintes exigências sejam cumpridas:

- retirar a carteira profissional que se encontra em seu processo para que empregador atualiza as alterações de salarios em vista da ultima anotação foi 1990 e o salario de contribuição está divergente da ultima alteração

- recolher o 13 referente ao período de 1995 a 2004 que não foram recolhidos e 1 de férias conforme consta os meses a serem recolhidos na carteira profissional Comunico-vos que vosso pedido de Benefício será indeferido por desinteresse, se não comparecerdes dentro de 10 dias a contar desta data.

Deveis apresentar esta carta no ato do comparecimento".

Impressiona o ucasse desferido na penúltima linha contra o contribuinte: "...o Benefício será indeferido se não comparecerdes..." Mais impressionante ainda se torna quando se tem em conta que, antes de corridos os dez dias, o INSS entrou em greve, parou tudo e que se danem os solicitantes, os pleiteantes e os queixosos. Caso se queira mais uma dose de estupefação, acrescente-se que a carta foi emitida em maio, as exigências foram cumpridas, uma vez terminada a greve, e até agora nada. O benefício ainda não foi concedido. Mas releve-se. Não é esse o nosso ponto. Nem bem seriam as aflições infligidas à língua portuguesa, ao longo daquelas poucas linhas em que o idioma de Camões caminha aos trancos e barrancos, como um veículo desgovernado que despenca ladeira abaixo e bate um pára-lama aqui e outro ali, cai num buraco, sofre bruscos solavancos, corcoveia, raspa a porta no barranco, capota, desliza – para enfim se estatelar sem remédio contra um último e insuperável obstáculo.

É este último obstáculo que nos interessa: o pronome "vós". É verdade que a opção pelo vós, como tudo o mais, vai no vai-da-valsa, e sofre um retrocesso quando se fala em "seu processo", a alturas tantas, mas sem dúvida é a da preferência do autor da carta, tanto assim que se afirma, triunfal, nas duas últimas linhas. Que razão teria conduzido a tal preferência? Arrisquemos algumas hipóteses.

A primeira é a busca da elegância. O "vós" faz bonito em textos como o célebre soneto de Bilac: "Ora (direis) ouvir estrelas! Certo/ Perdeste o senso! E eu vos direi no entanto/ Que, para ouvi-las, muitas vezes desperto/ E abro as janelas, pálido de espanto". A segunda seria a intenção de mostrar-se educado, num comunicado que afinal representa a palavra do próprio Estado brasileiro. Seria aconselhável, dada essa alta responsabilidade, o recurso a um pronome que assinala respeito e deferência. Mas... será? Elegância? Educação? São hipóteses que de saída sabemos pouco críveis. Tampouco se pode acreditar que o redator tenha empregado o "vós" porque lhe sai natural. Para isso, precisaríamos supô-lo alguém que tem a segunda pessoa do plural como ferramenta tão banal que é com ela que se comunica com a mulher em casa, os colegas no trabalho, os vendedores na feira. Não, não é possível.

Examinemos de novo o documento. Pensemos nele no contexto da relação do Estado com os cidadãos, no Brasil. Essa relação, segundo expôs recentemente a cientista política Lucia Hippolito, é de desconfiança. "Para a burocracia", escreveu ela, "o cidadão tem sempre culpa, está sempre

devendo, está sempre na obrigação de provar sua inocência com mais um documento, mais uma firma reconhecida, mais uma certidão autenticada em cartório." Uma suspeita começa a se firmar. A crase não foi feita para humilhar ninguém, [80]mas o "vós" foi. O desejo de acuar o cidadão, de encostar-lhe no peito a ponta da espada, de fazê-lo sentir-se pequeno, diante da majestade do Estado, foi esse, sim, só pode ter sido esse, o motivo pelo qual o redator da carta escolheu o "vós".

[85]O "vós", tal qual se apresenta no texto, ressoa amedrontador como um castigo. Humilhar? Não, ainda é pouco. A intenção é aterrorizar. Volte-se ao texto: "Se não comparecerdes..." Isso é muito mais assustador do que "se você não [90]comparecer", ou "se o senhor não comparecer". Soa como decreto vindo das alturas inatingíveis, dos príncipes incontrastáveis, do céu. Faz tremer como um trovão. E esse "vós" é tristemente significativo do Brasil. Simboliza o massacre cotidiano a que o Estado submete os cidadãos, os mais humildes [95]em primeiro lugar. Entra governo e sai governo, entra década e sai década, essa é uma situação que permanece, inelutável como fenômeno da natureza. O presidente, os ministros, as CPIs, estes estão sempre [99]preocupados com outras coisas. Cá em baixo, a relação entre o Estado e o cidadão comum sempre foi, e continua sendo, feita de pequenas atrocidades.

Extraído da Revista Veja. Edição de 2 de novembro de 2005.

32 - (UFAC)

Uma das formas que o autor encontra para dar propriedade a sua argumentação, no que diz respeito às relações desiguais entre Estado e cidadão, pode ser encontrada:

a) na citação do soneto de Olavo Bilac. (linhas 53 a 56)

b) na afirmação “...a opção pelo vós, como tudo o mais, vai no vai-da-valsa...” (linhas 45 e 46)

c) ao citar a socióloga Lúcia Hippollito (linhas 74 a 78), bem como pelo uso da palavra “ucasse” (linha 24), cujo significado é ‘decisão dogmatista, autoritária’.

d) na afirmação: “...o idioma de Camões caminha aos trancos e barrancos...” (linha 37)

e) no trecho: “...alguém que tem a segunda pessoa do plural como ferramenta tão banal que é com ela que se comunica com a mulher em casa...” (linhas 65 a 67)

TEXTO: 12 - Comum à questão: 33

Impasses na lógica global?

Uma das certezas que movem a lógica global é a de que a China e a Índia manterão as trajetórias atuais de estabilidade política e altas taxas de crescimento econômico.

As projeções de longo prazo supõem uma contínua melhora de renda dos 2,4 bilhões de chineses e indianos – que constituem 25% da população mundial –, mantendo o vigor do capitalismo globalizado.

É curioso como não aprendemos com a história e com nossos inúmeros erros de previsão; a arrogância não nos deixa perceber que é preciso suportar um futuro freqüentemente além da nossa percepção, tantas são as variáveis que nele influem. Lidamos com o tempo que virá de forma pouco responsável.

Na verdade, não agüentamos não saber. E, por isso, transformamos meras hipóteses em certezas, deixando na beira da estrada justamente as dúvidas que nos poderiam salvar. Basta verificar que boa parte das projeções de mais de 10 anos, feitas durante o século 20, foi equivocada. Crises imprevistas são inerentes ao capitalismo, que delas se nutre, renovando-se em meio a cinzas e sucatas.

Se analisarmos o complexo quadro atual, não é difícil enxergar graves impasses estruturais que o mundo pode ter de enfrentar ainda na próxima década.

Alguns são decorrentes justamente do padrão de inserção da China e da Índia numa lógica global que se aproveita deles para um casamento de interesses, à primeira vista, virtuoso.

Suponhamos, em primeiro lugar, que essas duas nações apenas pretendam atingir, em 10 anos, um padrão de vida equivalente à média atual do Brasil e do México, que ainda são pobres. Na verdade, a maioria dos analistas internacionais espera muito mais que isso.

Vamos tentar indicar – de maneira simplificada – que impactos isso poderia causar. A renda anual média de cada brasileiro, medida pelo Banco Mundial (2005), é de US$ 8.195 e a do mexicano, de US$ 9.803. Ou seja, a média dos dois é de US$ 8.999. A China tem, hoje, US$ 5.896 por habitante/ano e a Índia, US$ 3.139, o que dá uma média de US$ 4.518.

Para que esse valor atinja a média de Brasil e México em 10 anos, será necessário adicionar US$ 4.518 a cada cidadão chinês e indiano; se multiplicarmos esse valor pelos seus 2.375 milhões de habitantes, teremos um total de US$ 10.647 bilhões.

Ora, esse imenso valor, a ser criado em apenas uma década, seria próximo do PIB norte-americano (US$ 11.641 bilhões), que responde, hoje, por 28% do total mundial.

Imagine-se o impacto brutal que isso significaria em recursos naturais, matérias-primas, poluição ambiental e efeito estufa em nível [45]planetário.

Alguns cenários, bem mais pessimistas, se delineiam. Um deles poderá eclodir por meio de tensões sociais e políticas na China, que conduzam a distúrbios e rupturas; cenário, aliás, muito possível para um país gigantesco em tamanho e desafios.

[50]Outro eventual impasse estrutural é a tendência declinante de salários mundiais a partir da pressão por competitividade global.

O custo médio salarial de uma faixa-padrão de trabalhador qualificado, na União Européia, é de US$ 25 por hora; nos EUA, é de US$ 20; no Leste da Europa e no Brasil, é de US$ 4; mas, na [55]China, é de US$ 0,7.

Diante dessa assimetria brutal, o México já perdeu para os chineses quase metade dos empregos de suas maquiadoras; a Europa tem dificuldades em utilizar os "baixos" salários dos países do Leste; e a América Latina fica fora das oportunidades que a fragmentação [60]da produção global gera, porque não consegue competir com os salários de fome da Ásia.

Pelo visto, parece que uma diminuição do nível de emprego no mundo não-asiático e uma convergência geral dos salários globais em direção a um nível inferior, puxada pela Ásia, é uma das alternativas [65]concretas de médio prazo.

Isso significaria redução geral de renda, pressão contínua para rebaixamento de proteção social e mais uma forte diluição das classes médias tradicionais.

Para além da euforia com o crescimento do mundo puxado [70]pela China e pela Índia, nuvens carregadas também tingem o céu do futuro. O pretensioso mundo global quer viver de certezas; no entanto é bom estarmos preparados para surpresas.

DUPAS, Gilberto. "Impasses na lógica global?". Disponível em www.jornaldaciencia.org.br, de 18 dez. 2006. Acesso: 26 dez. 2006. (Texto adaptado)

33 - (UFT TO)

Entre os recursos utilizados pelo autor, nesse texto, para fundamentar sua argumentação, NÃO se inclui a apresentação de

a) dados estatísticos.

b) elementos factuais.

c) exemplos contextualizados.

d) resultados conclusivos.

TEXTO: 13 - Comum à questão: 34

Seis milhões e meio de brasileiros vivem em favelas. Uma população que cresceu 45% entre 1991 e 2000, três vezes mais que a média do crescimento demográfico do País. Esse número compreende os favelados que atendem à definição internacional de favela, segundo critérios como o acesso a saneamento e precariedade da moradia. Mas, se forem considerados itens como a irregularidade da posse, o total sobe para 51,7 milhões, tornando o Brasil o país com a terceira maior população favelada do mundo, atrás de Índia e China.

É consenso entre especialistas que não basta urbanizar favelas. É preciso integrá-las às cidades, com transporte, geração de renda, educação. Dois projetos das maiores cidades brasileiras – o Favela-Bairro, do Rio de Janeiro e o Cingapura, de São Paulo–, frustraram a expectativa de que seriam o início de um processo de inclusão dos habitantes. O aumento no número de favelados é resultado de uma trágica equação do mercado de trabalho: ocupação transitória, baixa remuneração, má formação. As pessoas se concentram nas áreas ricas da cidade ou nas suas proximidades para ter oportunidade de emprego e renda.

O programa carioca Favela-Bairro começou em 1994, com um objetivo ambicioso: integrar a favela à cidade. Favelas consideradas de médio porte passaram por obras de urbanização, desde abertura e pavimentação de ruas à construção de creches e quadras de esporte. A iniciativa rendeu prêmios internacionais à Prefeitura do Rio e foi citada pela ONU como exemplo de política habitacional. Mas ela coleciona críticas contundentes de especialistas em questões urbanas e de moradores. A primeira é que faltou a visão integrada que era prometida para a abordagem das favelas, onde se concentram mais de um milhão de pessoas marcadas pela violência e pela presença de traficantes de drogas.

Segundo um economista, a abordagem foi focada no urbanismo e não no componente econômico-social. Assim, não adianta apenas reformar o equipamento urbano, se o favelado continua sem alfabetização e sem emprego.

(Adaptado de Clarissa Thomé. O Estado de S. Paulo, C1-3, 26 de novembro de 2006)

34 - (UNIFOR CE)

Considerando-se o último parágrafo do texto, está INCORRETO o que se afirma em:

a) Os dois pontos colocados após com um objetivo ambicioso introduzem no contexto um segmento explicativo.

b) O emprego da ressalva – Mas ela coleciona críticas – garante a coesão do parágrafo, garantindo-lhe também a coerência.

c) A oração integrar a favela à cidade pode ser corretamente substituída, mantendo-se o mesmo sentido original, por a integração da favela à cidade.

d) O advérbio Assim estabelece no texto uma referência, equivalente a uma conclusão: Desse modo, portanto ...

e) A referência aos prêmios internacionais e à citação da ONU constituem o argumento em que se apóia a autora, na defesa de sua opinião.

TEXTO: 14 - Comum às questões: 35, 36, 37

A BELEZA NÃO É UM ATRIBUTO FUNDAMENTAL

[1]Entre os mitos do amor – não provados, porém muito acreditados – encontra-se o da beleza.

Diz-se que a paixão pede a beleza para crescer, e nosso querido poeta Vinícius de Moraes chegou ao extremo de afirmar: *"As feias que me perdoem, mas beleza é fundamental"*. Já na descrição homérica da guerra de Tróia, atribuía-se o conflito à beleza de Helena, reforçando a crença no poder da [5]estética e em sua importância para o florescimento do amor.

No entanto, as coisas não se passam bem assim na realidade. Se a beleza fosse imprescindível para o amor, onde ficariam todos os feios e as feias que conhecemos, provavelmente a maior parte da população? Eles precisariam perguntar ao poeta para que seria a beleza fundamental. Como a beleza é menos freqüente do que a feiúra, podemos presumir que a maioria formada pelos feios dê valor à [10]qualidade que lhes é ausente, e, por essa razão, haveria uma ponderável parcela de pessoas valorizando, até excessivamente, a beleza como qualidade importante na busca de um(a) parceiro(a). Para confirmar essa hipótese, podemos tomar o exemplo do próprio Vinícius de Moraes, que certamente já não primava pela beleza na época em que criou a famosa frase.

Freqüentemente, vemos casais que nos chamam a atenção exatamente por serem singularmente [15]díspares, pois, enquanto um é muito bonito, o outro é bem o contrário. É provável que isso se deva a um fenômeno bastante comum – a atração dos opostos. Tanto quanto uma

pessoa feia pode valorizar a beleza como qualidade que busca em seu parceiro, a pessoa bonita pode se desinteressar por uma qualidade que, para ela, não passa de um dom natural, em geral escassamente apreciado por não ser fruto de um especial esforço, por não ser uma conquista, mas algo recebido, por assim dizer, de mão beijada.

Na verdade, se pensarmos friamente, a beleza – como característica desejada no parceiro que buscamos – deve vir numa posição não muito destacada, visto que existem muitas outras qualidades que são de fato mais fundamentais quando procuramos nosso companheiro de viagem pela vida. Honestidade, inteligência, capacidade de amar, diligência, generosidade, bondade, disciplina pessoal e saúde são algumas das qualidades que valorizam uma pessoa mais que simplesmente sua formosura. Daí a sabedoria popular afirmar que "beleza não põe mesa".

Não resta a menor dúvida de que a beleza abre portas, facilita um primeiro contato, cria uma impressão favorável e uma predisposição positiva nas pessoas. Até porque ela tende a ser vista como a expressão externa de algo interno, ou seja, mostra-se como uma prévia de qualidades a serem percebidas posteriormente. Tendemos a acreditar que uma pessoa é boa e inteligente simplesmente porque é bela. Isso, porém, pode se tornar uma faca de dois gumes na medida em que se passa a esperar um melhor desempenho e um maior leque de qualidades em uma pessoa, apenas pelo fato de ela ser bonita.

É muito comum encontrarmos entre as mulheres – como corolário do mito da beleza fundamental – um outro mito: o da capa de revista. Muitas mulheres tendem a ficar inseguras quando disputam um namorado com outra que consideram mais bonita ou quando percebem seu homem manifestar interesse por uma mulher do tipo "capa de revista". Na imaginação, acolhem a idéia de que os homens tenderiam a procurar mulheres especialmente bonitas para serem suas parceiras, o que viria a se encaixar com a idéia de que a beleza seria mesmo a qualidade mais valorizada por eles. Podem até existir aqueles que colocam a beleza em primeiro lugar, mas é muito provável que sejam minoria. A maior parte dos homens está em busca de mulheres com outras qualidades consideradas mais fundamentais.

A qualidade de fato mais importante está na capacidade de cada indivíduo tirar partido dos aspectos positivos de sua aparência. Com isso, cada um de nós mostra que, mais fundamental do que ser bonito, é revelar uma atitude de amor, carinho e cuidado consigo mesmo. Isso pode ser percebido por sinais exteriores que, por serem realmente mais valiosos do que a beleza natural, acabam se confundindo com ela. O que acontece, muitas vezes, é que uma pessoa se torna atraente e nos parece bonita devido somente às suas outras qualidades.

Luiz Alberto Py

35 - (UNIMONTES MG)

No texto, o autor utiliza duas frases, uma do poeta Vinícius de Moraes, e outra um ditado popular, com o objetivo de

a) divulgar uma e ironizar a outra.

b) exaltar uma e corrigir a outra.

c) dar relevo a uma e novo sentido a outra.

d) refutar uma e endossar a outra.

36 - (UNIMONTES MG)

No texto, a frase interrogativa presente no 3º parágrafo (linhas 6-8), representa

a) um argumento no qual acreditamos, devido ao fato de ter sido elaborado na variante culta da língua.

b) um argumento baseado em relações lingüísticas de causa e conseqüência.

c) um argumento de comprovação da idéia defendida, baseado na capacidade do leitor de perceber a realidade.

d) um argumento generalizante, sem o apoio de um dado fidedigno, pertinente.

37 - (UNIMONTES MG)

Assinale a única alternativa que NÃO apresenta palavra ou expressão, entre as destacadas, que sinaliza atitudes avaliativas, julgamentos do autor.

a) "... podemos tomar o exemplo do próprio Vinícius de Moraes, que certamente já não primava pela beleza **na época** em que criou a famosa frase." (linhas 12-13)

b) "Podem até existir aqueles que colocam a beleza em primeiro lugar, mas é **muito provável** que sejam minoria." (linhas 39-40)

c) "Tendemos a acreditar que uma pessoa é boa e inteligente **simplesmente** porque é bela." (linhas 30-31)

d) "... haveria uma ponderável parcela de pessoas valorizando, **até excessivamente**, a beleza como qualidade importante na busca de um(a) parceiro(a)." (linhas 10-11)

TEXTO: 15 - Comum às questões: 38, 39

CONCILIANDO CIÊNCIA E RELIGIÃO

A função da ciência não é atacar Deus, mas oferecer uma descrição do mundo mais completa

Marcelo Gleiser

[1]Para muitos, ciência e religião estão permanentemente em guerra. Desde a famosa crise entre Galileu Galilei e a Inquisição, no século 17, quando o cientista foi forçado a abjurar sua convicção de que o Sol e não a Terra era o centro do cosmo, razão e fé aparentam ser incompatíveis. Aos crentes, a religião oferece não só apoio espiritual em momentos difíceis e uma comunidade fraterna e acolhedora, [5]mas também respostas a questões de caráter fundamental e misterioso, como a origem do universo, da vida ou da mente.

Na sua maioria, as respostas são relatadas em textos sagrados, escritos por homens que recebem a sabedoria por meio de um processo de revelação sobrenatural, de Deus (ou de deuses) para os profetas. Para as pessoas de fé, é absurdo contestar a veracidade desses textos, visto que são expressão [10]direta da palavra divina.

A atitude descrita acima faz parte da ortodoxia de muitas religiões. Nem todos os crentes adotam uma posição radical com relação à veracidade, ou literalismo, dos textos sagrados. Uma posição mais comum é interpretar os textos como representações simbólicas, um corpo de narrativas dedicadas a construir uma realidade espiritual baseada em certos preceitos morais. Galileu criticou os [15]teólogos católicos, dizendo que a função da Bíblia não é explicar os movimentos dos planetas, mas como obter a salvação eterna (“Não é explicar como os céus vão, mas como se vai para o Céu.”).

A adoção de uma postura menos ortodoxa permite uma visão de mundo menos radical, onde a religião e a ciência podem viver em harmonia, cada uma cumprindo sua missão social. O conflito entre as duas não é, de forma alguma, necessário. Basta saber distinguir o que uma ou outra pode e não pode [20]fazer. Isso serve também aos cientistas, em especial aos que têm atitudes ortodoxas contra a religião.

Acho extremamente ingênuo imaginar ser possível um mundo sem religião. Ingênuo e desnecessário. A função da ciência não é tirar Deus das pessoas. É oferecer uma descrição do mundo natural cada vez mais completa, baseada em experimentos e observações que podem ser repetidos ou ao menos contrastados por vários grupos. Com isso, a ciência contribui para aliviar o sofrimento [25]humano, seja ele material ou de caráter metafísico.

A distinção essencial entre ciência e religião está no que cada uma delas pressupõe ser a natureza da realidade. Enquanto a religião adota uma realidade sobrenatural coexistente e capaz de interferir na realidade natural, a ciência aceita apenas uma realidade, a natural. Aqui aparece a razão principal do conflito entre as duas. Para a ciência, não é preciso supor que o que ainda não é acessível [30]ao conhecimento necessite de explicação sobrenatural. O que não sabemos hoje pode, em princípio, vir a ser explicado no futuro. Em outras palavras, a ciência abraça a ignorância, o não-saber, como parte necessária de nossa existência, sem lançar mão de causas sobrenaturais para explicar o desconhecido.

Sem dúvida, esse tem sido o seu caminho: explicar de forma clara e racional um número cada vez maior de fenômenos naturais, do funcionamento dos átomos à formação de galáxias e a transmissão [35]do código genético entre os seres vivos. As tecnologias que tanto definem a vida moderna, da revolução digital aos antibióticos, dos meios de transporte ao uso da física nuclear no tratamento do câncer, são fruto desse questionamento. Negar isso é tentar olhar para o mundo de olhos fechados.

A conciliação entre ciência e religião só ocorrerá quando ficar claro o papel social de cada uma. Negar uma ou outra é ignorar que o homem é tanto um ser espiritual quanto racional.

(Folha de São Paulo, 25/6/06)

38 - (UNIMONTES MG)

Na seguinte frase do texto: [A função da Bíblia] “Não é explicar como os céus vão, mas como se vai para o Céu.” (linha 16), seu autor

a) atenuou o impacto que uma idéia poderia causar no interlocutor, por meio de um eufemismo.

b) expressou-se figurativamente, por meio de um recurso denominado trocadilho.

c) intensificou o impacto de uma idéia, por meio de um recurso denominado hipérbole.

d) afirmou uma idéia que, na verdade, quis negar, por meio de um recurso denominado antífrase.

39 - (UNIMONTES MG)

Em sua totalidade, esse texto é composto por frases assertivas. As assertivas prestam-se mais, no texto, a

a) expressar ideais de verdade e convicções do autor.

b) expressar idéias com certo tom de amargor.

c) expressar idéias com as quais o autor se surpreende.

d) expressar idéias das quais se duvida.

TEXTO: 16 - Comum à questão: 40

[1]Com um pouco de exagero, costumo dizer que todo jogo é de azar. Falo assim referindo-me ao futebol que, ao contrário da roleta ou da loteria, implica tática e estratégia, sem falar no principal, que é o talento e a habilidade dos jogadores. Apesar disso, não consegue eliminar o azar, isto é, o acaso.

[5]E já que falamos em acaso, vale lembrar que, em francês, "acaso" escreve-se "hasard", como no célebre verso de Mallarmé, que diz: "um lance de dados jamais eliminará o acaso". Ele está, no fundo, referindo-se ao fazer do poema que, em que pese a mestria e lucidez do poeta, está ainda assim sujeito ao azar, ou seja, ao acaso.

Se no poema é assim, imagina numa partida de futebol, que envolve 22 jogadores se [10]movendo num campo de amplas dimensões. Se é verdade que eles jogam conforme esquemas de marcação e ataque, seguindo a orientação do técnico, deve-se no entanto levar em conta que cada jogador tem sua percepção da jogada e decide deslocar-se nesta ou naquela direção, ou manter-se parado, certo de que a bola chegará a seus pés. Nada disso se pode prever, daí resultando um alto índice de probabilidades, ou seja, de ocorrências [15]imprevisíveis e que, portanto, escapam ao controle.

Tomemos, como exemplo, um lance que quase sempre implica perigo de gol: o tiro de canto. Não é à toa que, quando se cria essa situação, os jogadores da defesa se afligem em anular as possibilidades que têm os adversários de fazerem o gol. Sentem-se ao sabor do acaso, da imprevisibilidade. O time adversário desloca para a área do que sofre [20]o tiro de canto seus jogadores mais altos e, por isso mesmo, treinados para cabecear para dentro do gol. Isto reduz o grau de imprevisibilidade por aumentar as possibilidades do time atacante de aproveitar em seu favor o tiro de canto e fazer o gol. Nessa mesma medida, crescem, para a defesa, as dificuldades de evitar o pior. Mas nada disso consegue eliminar o acaso, uma vez que o batedor do escanteio, por mais exímio que [25]seja, não pode com precisão absoluta lançar a bola na cabeça de determinado jogador. Além do mais, a inquietação ali na área é grande, todos os jogadores se movimentam, uns tentando escapar à marcação, outros procurando marcá-los. Essa movimentação, multiplicada pelo número de jogadores que se movem, aumenta fantasticamente o grau de imprevisibilidade do que ocorrerá quando a bola for lançada. A que altura chegará [30]ali? Qual jogador estará, naquele instante, em posição propícia para cabeceá-la, seja para dentro do gol, seja para longe dele? Não existe treinamento tático, posição privilegiada, nada que torne previsível o desfecho do tiro de

canto. A bola pode cair ao alcance deste ou daquele jogador e, dependendo da sorte, será gol ou não.

Não quero dizer com isso que o resultado das partidas de futebol seja apenas fruto do acaso, mas a verdade é que, sem um pouco de sorte, neste campo, como em outros, não se vai muito longe; jogadores, técnicos e torcedores sabem disso, tanto que todos querem se livrar do chamado "pé frio". Como não pretendo passar por supersticioso, evito aderir abertamente a essa tese, mas quando vejo, durante uma partida, meu time perder "gols feitos", nasce-me o desagradável temor de que aquele não é um bom dia para nós e de que a derrota é certa.

Que eu, mero torcedor, pense assim, é compreensível, mas que dizer de técnicos de futebol que vivem de terço na mão e medalhas de santos sob a camisa e que, em face de cada lance decisivo, as puxam para fora, as beijam e murmuram orações? Isso para não falar nos que consultam pais-de-santo e pagam promessas a Iemanjá. É como se dissessem: treino os jogadores, traço o esquema de jogo, armo jogadas, mas, independentemente disso, existem forças imponderáveis que só obedecem aos santos e pais-de-santo; são as forças do acaso.

Mas não se pode descartar o fator psicológico que, como se sabe, atua sobre os jogadores de qualquer esporte; tanto isso é certo que, hoje, entre os preparadores das equipes há sempre um psicólogo. De fato, se o jogador não estiver psicologicamente preparado para vencer, não dará o melhor de si.

Exemplifico essa crença na psicologia com a história de um técnico inglês que, num jogo decisivo da Copa da Europa, teve um de seus jogadores machucado. Não era um craque, mas sua perda desfalcaria o time. O médico da equipe, depois de atender o jogador, disse ao técnico: "Ele já voltou a si do desmaio, mas não sabe quem é". E o técnico: "Ótimo!Diga que ele é o Pelé e que volte para o campo imediatamente".

(Ferreira Gullar. Jogos de azar. Em: Folha de S. Paulo, 24/06/2007.)

40 - (ITA SP)

Considere as seguintes afirmações sobre a argumentação no texto:

I. A comparação entre a criação de um poema e um jogo de futebol funciona como argumento para a tese do autor.

II. O comentário do autor sobre o fato de ele não ser supersticioso tem a função de introduzir o argumento de que os técnicos de futebol também têm suas crenças.

III. O exemplo iniciado na linha 16 (“Tomemos, como exemplo...”) é um contra-argumento para a afirmação de que o resultado seja apenas fruto do acaso, parágrafo iniciado na linha 34 (“Não quero dizer com isso...”).

Está(ão) correta(s)

a) apenas I.

b) apenas II.

c) apenas III.

d) apenas I e II.

e) apenas II e III.

TEXTO: 17 - Comum à questão: 41

“Muito barulho por quase nada. Essa é uma boa descrição da nova reforma ortográfica que o Brasil cogita implementar já a partir do ano que vem. Sob a justificativa de unificar a grafia de todos os países lusófonos, foi celebrado, em 1990, o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa. Na prática, o que o tratado faz é eliminar um pequeno número de consoantes mudas ainda escritas em Portugal (‘óptimo’, ‘adopção’), sepultar o trema e promover algumas poucas mudanças nas regras de acentuação e do uso de hífen.

Parece pouco. E, em termos qualitativos, de fato o é. Só que, para proceder às modificações, será preciso empenhar uma energia desproporcional. Entre as providências necessárias destacam-se a atualização de todos os professores e alfabetizadores do país e a revisão de todo o material didático, para ficar nos itens mais custosos. Tal esforço parece bem maior do que os ganhos potenciais do acordo. Nunca foi o ‘p’ de ‘óptimo’ nem as demais minudências da reforma que dificultaram a intercomunicação entre leitores e escritores dos dois lados do Atlântico. Se há barreiras lingüísticas, dizem respeito à escolha das palavras e a expressões idiomáticas, fatores culturais que estão ao abrigo das iniciativas dos reformadores. (...) Antes de embrenhar-se na terceira reforma ortográfica em menos de um século (já houve outras em 1943 e 1971), é preciso ao menos ter certeza de que Portugal irá segui-la, ou o ganho potencial, que já é pequeno, praticamente desaparecerá.”

(Adaptado de: Sem pressa (editorial). Disponível em:

www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz2708200702.htm. Acesso em: 31 out. 2007.)

41 - (UEL PR)

Com base no texto, considere as afirmativas a seguir:

I. A primeira frase do texto resume o argumento que o autor desenvolve ao longo de sua exposição. Isso está reforçado pela afirmação "Parece pouco", que introduz o segundo parágrafo.

II. O Acordo Ortográfico revela certas minudências no que se refere ao dinamismo da língua portuguesa e é uma tentativa acertada de unificar as diferentes formas de falar português.

III. As mudanças que serão operadas na língua portuguesa pelo tratado têm um caráter específico, isto é, será mais difícil realizar as adequações em termos quantitativos do que qualitativos.

IV. Os fatores de ordem cultural e não os de ordem lingüística seriam os criadores das dificuldades de intercomunicação entre os falantes do português e isso a reforma ortográfica não poderia mudar.

Assinale a alternativa que contém todas as afirmativas corretas.

a) I e II.

b) II e IV.

c) III e IV.

d) I, II e III.

e) I, III e IV.

TEXTO: 18 - Comum às questões: 42, 43

Uma mulher chamada Guitarra

Um dia, casualmente, eu disse a um amigo que a guitarra, ou violão, era "a música em forma de mulher". A frase o encantou e ele a andou espalhando como se ela constituísse o que os franceses chamam um *mot d'esprit*[1]. Pesa-me ponderar que ela não quer ser nada disso; é, melhor, a pura verdade dos fatos.

O violão é não só a música (com todas as suas possibilidades orquestrais latentes) em forma de mulher, como, de todos os instrumentos musicais que se inspiram na forma feminina – viola, violino, bandolim, violoncelo, contrabaixo –, o único que representa a mulher ideal: nem grande, nem pequena; de pescoço alongado, ombros redondos e suaves, cintura fina e ancas plenas; cultivada, mas sem jactância[2]; relutante em exibir-se, a não ser pela mão daquele a quem ama; atenta e obediente ao seu amado, mas sem perda de caráter e dignidade; e, na intimidade, terna, sábia e apaixonada. Há mulheres-violino, mulheres-violoncelo e até mulheres-contrabaixo.

(...) Divino, delicioso instrumento que se casa tão bem com o amor e tudo o que, nos instantes mais belos da natureza, induz ao maravilhoso abandono!

E não é à toa que um dos seus mais antigos ascendentes se chama *viola d'amore*[3], como a prenunciar o doce fenômeno de tantos corações diariamente feridos pelo melodioso acento de suas cordas... Até na maneira de ser tocado – contra o peito – lembra a mulher que se aninha nos braços do seu amado e, sem dizer-lhe nada, parece suplicar com beijos e carinhos que ele a tome toda, faça-a vibrar no mais fundo de si mesma, e a ame acima de tudo, pois do contrário ela não poderá ser nunca totalmente sua.

Ponha-se num céu alto uma Lua tranqüila. Pede ela um contrabaixo? Nunca! Um violoncelo? Talvez, mas só se por trás dele houvesse um Casals[4]. Um bandolim? Nem por sombra! Um bandolim, com seus tremolos[5], lhe perturbaria o luminoso êxtase. E o que pede então (direis) uma Lua tranqüila num céu alto? E eu vos responderei: um violão. Pois dentre os instrumentos musicais criados pela mão do homem, só o violão é capaz de ouvir e de entender a Lua.

Vinicius de MORAES

Para viver um grande amor.

Rio de Janeiro: José Olympio, 1984.

Vocabulário:

[1]*mot d'esprit* – dito espirituoso

[2]*jactância* – arrogância, orgulho, vaidade

[3]*viola d'amore* – viola de amor, antigo instrumento musical

[4]*Casals* – Pablo Casals, famoso violoncelista do século passado

[5]*tremolos* – repetições rápidas de uma ou duas notas musicais

42 - (UERJ)

O violão é não só a música (...) em forma de mulher, como, de todos os instrumentos musicais que se inspiram na forma feminina (...), o único que representa a mulher ideal: (l. 7-12)

Para defender o ponto de vista acima apresentado, o enunciador organiza o segundo parágrafo com base em um processo de:

a) definição

b) associação

c) exemplificação

d) contextualização

43 - (UERJ)

Algumas estratégias argumentativas são empregadas para persuadir o leitor de que a opinião do enunciador é, na verdade, um fato.

A estratégia de persuasão presente nesse texto não inclui o uso de:

a) imagem poética

b) pergunta retórica

c) interlocução direta

d) argumento de autoridade

TEXTO: 19 - Comum à questão: 44

Osso duro de roer

Jerônimo Teixeira

Tropa de Elite é um retrato da guerra

urbana brasileira, vista da perspectiva

de um dos lados combatentes: os policiais

[1]O tiroteio crítico é quase tão intenso quanto os choques entre policiais e bandidos na tela. Tropa de Elite (Brasil1, [2]2007) só entrou em cartaz na sexta-feira no Rio e em São Paulo (a exibição no resto do país começa no dia 12), mas há [3]tempos é um filme discutido, e também um dos mais vistos no país: pelo menos 1 milhão de DVDs piratas foram vendidos [4]desde agosto. Depois de sua exibição no Festival do Rio, no mês passado, a patrulha ideológica abriu fogo: o filme do [5]diretor José Padilha foi acusado de aceitar a tortura (veja quadro na coletânea da prova de redação) e criminalizar o usuário [6]de drogas. A indefectível pecha de "fascista" também foi levantada. Tudo bala perdida: Tropa de Elite não é nada disso. Só é [7]um retrato desassombrado da violência urbana brasileira (ou, mais especificamente, carioca), do ponto de vista dos policiais [8]que matam e morrem na guerrilha das favelas – de certa forma, é uma perspectiva complementar à de Cidade de Deus, que [9]apresentava a mesma tragédia pelo lado de favelados e traficantes. Protagonista e narrador do filme, o capitão Nascimento, [10]interpretado com uma convicção assustadora por Wagner Moura, espanca drogados, aterroriza moradores inocentes, [11]tortura a mulher de um bandido e executa traficantes. Ele expõe suas razões com uma sinceridade fria. Tropa de Elite [12]apresenta o ponto de vista de Nascimento, mas não o referenda. É um filme incômodo, o que talvez seja seu maior mérito.

[13]A tropa de elite referida no título é o Batalhão de Operações Especiais da Polícia Militar do Rio de Janeiro, o Bope. [14]Treinados para a guerrilha urbana, seus membros só entram em ação em situações excepcionais, no combate em favelas. "O [15]Bope é uma espécie de aerossol da criminalidade. Quando as moscas se acumulam, você passa o inseticida e elas morrem – [16]mas logo vêm outras. Da mesma forma, o Bope entra na favela, mata uns marginais, mas logo aparecem outros", diz José [17]Vicente de Silva Filho, ex-secretário nacional de Segurança Pública. O filme se passa em 1997, época em que o Bope tinha [18]pouco mais de 100 integrantes. "O PM que conseguia passar nas provas de admissão do Bope entrava para uma verdadeira [19]seita, cujos valores incluíam a recusa de toda forma de corrupção, mas também o exercício de uma violência sem limites", [20]explica o antropólogo Luiz Eduardo Soares, autor, ao lado dos policiais André Batista e Rodrigo Pimentel, do livro Elite da [21]Tropa (Objetiva), que inspirou o filme. Hoje, o Bope já conta com 400 integrantes – o que representa cerca de 10% do [22]efetivo da PM carioca – e perdeu esse caráter de seita fechada. As queixas registradas contra o batalhão na ouvidoria da [23]Polícia Militar, porém,

ainda dizem respeito quase exclusivamente a casos de violência e abuso, e não de corrupção. O Bope [24]só participa de ações localizadas e portanto não convive com a população, o que diminui as oportunidades para pedir [25]propinas. Seus membros também são mais bem remunerados do que o PM convencional – têm uma gratificação de 500 26 reais sobre o salário básico de 780 reais.

[27]A história de Tropa de Elite se centra no esforço do capitão Nascimento para deixar o Bope. Ele está para ganhar [28]um filho e não quer mais participar de ações arriscadas. Precisa encontrar alguém que o substitua na tropa. Os melhores [29]candidatos são os novatos Neto (Caio Junqueira) e André Matias (André Ramiro, ex-bilheteiro de cinema que também é [30]novato na carreira de ator). O Bope aparece para os dois como uma ilha de honestidade no meio da podridão da PM [31]convencional. Cada um dos dois aspirantes tem seus méritos e limitações. Neto gosta da dureza militar, mas é impetuoso [32]demais, a ponto de às vezes colocar os companheiros em risco desnecessário. Matias é um homem dividido. Cursa direito [33]em uma faculdade privada e esconde dos colegas que é policial.

[34]O núcleo dramático formado por Matias e seus colegas é um dos pontos mais polêmicos – e acertados – do filme. [35]Os estudantes são críticos da violência policial, mas condescendentes com os bandidos de quem compram drogas. Alguns [36]fazem trabalho voluntário em uma ONG que opera no Morro do Turano em virtual cumplicidade com o tráfico. O filme é [37]duro na sua caricatura dos "playboyzinhos" que sustentam a bandidagem, mais duro até do que no retrato de bandidos e [38]policiais. Estes têm clareza do papel brutal que lhes cabe na guerra das favelas. O comprador de drogas, ao contrário, vive [39]no inferno das boas intenções: escuda-se nas "passeatas pela paz" para justificar suas contravenções hedonistas. "O usuário [40]recreativo sabe que as drogas que ele compra vêm de grupos armados que controlam comunidades carentes. Ele faz uma [41]escolha consciente de sustentar o crime. Não há como argumentar contra esse fato", diz Padilha.

[42]Na exibição de Tropa de Elite no Festival do Rio de Janeiro, houve gente da platéia "torcendo" pelo Bope, com [43]gritos de "caveira, caveira" (o logotipo do batalhão é uma caveira atravessada por um punhal). Tropa de Elite parece estar [44]isolado entre duas formas de incompreensão: a patrulha ideológica e uma claque difusa que, revoltada ou confusa com o [45]cerco da criminalidade, acredita que o policial "justiceiro" é a solução. Tropa de Elite, afinal, se vale de algumas convenções [46]do filme policial americano – por exemplo, o policial que vinga a morte do parceiro –, em que justiceiros como o "Dirty" [47]Harry de Clint Eastwood têm uma longa tradição. Mas há diferenças óbvias: nem o truculento vingador interpretado por [48]Charles Bronson na série Desejo de Matar ameaçaria empalar com um cabo de vassoura um garoto cujo único crime foi ter [49]aceito um par de tênis de presente dos traficantes. A torcida da caveira talvez seja mais um sintoma da crise moral e [50]institucional que ronda a segurança pública no Brasil. Há algo de profundamente errado em uma sociedade que só aplaude [51]sua polícia quando ela se comporta como o bandido.

(adaptado de veja – 10/10/2007)

44 - (UFPel RS)

O texto intercala momentos em que o autor procura manter uma certa neutralidade em relação aos fatos apresentados e outros em que ele revela suas opiniões sobre esses fatos. Marca a alternativa abaixo cujas passagens expressem respectivamente tais funções.

a) “Treinados para a guerrilha urbana (...)” (linha 14) “Tudo bala perdida” (linha 6)

b) “Ele expõe suas razões com uma sinceridade fria” (linha 11) “Quando as moscas se acumulam (...)” (linha 15)

c) “Tropa de Elite não é nada disso” (linha 6) “O capitão Nascimento (...) espanca drogados (...)” (linhas 9-10)

d) “O núcleo dramático formado por Matias e seus colegas é um dos mais polêmicos (...)” (linha 34) “Tropa de Elite apresenta o ponto de vista de Nascimento” (linhas 11-12)

e) “O tiroteio crítico é quase tão intenso quanto os choques entre policiais e bandidos (...)” (linha 1) “Cursa direito em uma faculdade privada e esconde dos colegas que é policial.” (linhas 32-33)

TEXTO: 20 - Comum à questão: 45

TEXTO I

O marcador de tempo e a arte seqüencial

Histórias em quadrinho: passeando entre um quadro e outro

Rodrigo Mota

A arte seqüencial, entendida como uma arte capaz de fabular pequenos “causos” numa proposta híbrida (imagens e texto), é responsável por uma das manifestações literárias mais lancinantes. A própria arquitetura das histórias [5]em quadrinhos (HQs) chama a atenção. O ritmo marcado transpõe-se numa espécie de gerência do tempo velada em quadrinhos. Uma idéia de ordem categorizante e de um entrelaçamento entre uma “onda e outra”.

Mas é a negação do trajeto do tempo um dos grandes recursos para que os quadrinistas fujam desses enquadramentos perfeitos, construindo novas sensações na cabeça daqueles acostumados com as linguagens dos contos e das fábulas. Nas HQs, somente é necessário fazer valer uma iconografia(*) representativa. O leitor que vê, no primeiro quadro, um garoto olhando atentamente para um frasco com doces e, no segundo quadro, um frasco de doces extremamente violentado e aos trapos pode facilmente imaginar o que se passou entre um quadro e outro. Tal situação é o que se pretende chamar de linguagem do não-quadro. Quadros que têm verdades encobertas e que mais tarde serão desvendadas pelo leitor.

Ao analisar o contexto das HQs, Scott McCloud, em seu livro Desvendando os Quadrinhos, separa o discurso quadrinista da pretensão do real. As imagens geradas possuem um potencial muito maior, que permite, por exemplo, confundir passado, presente e futuro, e com isso construir um novo tempo: o tempo de cada leitor, de cada leitura. Nessa leitura intervalada quadro-a-quadro, há o financiamento de várias interpretações. O leitor atua como o destruidor dos espaços-obstáculo que interrompem uma cena e outra; ele abre o caminho entre um quadro e outro, criando novos cenários. Moacy Cirne, em Quadrinhos, Paixão e Sedução, diria que "quadrinhos são uma narrativa gráfico-visual, impulsionada por sucessivos cortes [...]. O lugar significante do corte [...] será sempre o lugar de um corte espácio temporal, a ser preenchido pelo imaginário do leitor".

Entender como funciona esse tipo de leitura não é das tarefas mais fáceis. Como se dá esse processo de reconstrução do "quadro perdido"? (...) Nós, os leitores, somos o consolo das continuidades entre um quadro e outro, refazendo o tempo de cada história.

In: Revista Continuum. São Paulo: Instituto Itaú Cultural, no 2, julho de

2007, p. 9. Disponível on- line:www.itaucultural.org.br

(*) Iconografia – arte de representar por meio de imagem.

45 - (UFRRJ)

São recursos argumentativos presentes no texto I:

a) emprego de exemplificação relevante e levantamento de hipóteses diversas para explicar um mesmo fato.

b) uso do discurso de autoridades no assunto e emprego de exemplificação relevante.

c) comparação entre duas situações distintas e utilização de elementos interjetivos para enfatizar uma idéia.

d) levantamento de hipóteses diversas para explicar um mesmo fato e uso de pergunta retórica.

e) utilização de elementos interjetivos para enfatizar uma idéia e uso de pergunta retórica.

TEXTO: 21 - Comum à questão: 46

NOVAS BULAS

Na linguagem popular, a expressão “como bula de remédio” já se tornou sinônima de texto difícil de ler, seja pelas letras pequenas seja pela linguagem obscura. è especialmente cruel o fato de que as letras mínimas causem especial embaraço às pessoas de maior idade, justamente as que mais tendem a precisar de medicamentos.

É, portanto, mais do que bem–vinda a iniciativa da Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária) de modificar as regras para a confecção de bulas, visando facilitar a vida do consumidor.

A oportunidade do empreendimento não o torna, porém, mais simples ou mesmo factível.

Dentro em breve, a pessoas que comprar um medicamento na farmácia receberá apenas a bula que contém explicações destinadas ao paciente. As informações técnicas – dirigidas a médicos – constarão de um bulário on–line da Anvisa e de fármacos utilizados em hospitais, além, é claro, dos diversos dicionários de remédios já no mercado. Atualmente as bulas trazem tanto informações ao paciente como as destinadas a profissionais de saúde.

Como as novas regras, será possível aproveitar melhor o espaço para aumentar o tamanho da letra. A separação de textos também evitará a duplicação de informações, que frequentemente gera dúvidas.

A principal dificuldade é encontrar a linguagem ideal para a bula do paciente. Tomas remédios e deveriam ser capazes de entender suas instruções desde o semi–analfabeto até pesoas com formação superior.

Se, para os segundos, um termo como “crise epilética” não oferece maiores problemas de compreensão, ele pode ser impenetrável para o público com menor formação. E como substituí–lo sem sacrificar em demasia a precisão técnica?

Não há resposta pronta. Sabe–se apenas que ela passa pelo bom senso. Infelizmente, apesar do que certa vez proclamou um sábio, o bom senso não foi muito repartido entre todos os seres humanos.

(Folha de S. Paulo, 25 mar.2004.Editorial).

46 - (FFFCMPA RS)

E como substituí–lo sem sacrificar em demasia a precisão técnica?

Por que o produtor do texto optou por fazer u,a pergunta para expor esse problema?

a) É um recurso retórico, pois confere destaque ao que se afirma.

b) Para imprimir um tom moralizante ao assunto.

c) Para expressar um juízo de valor acerca do assunto.

d) É um recurso sintático, porque o texto apresenta resposta a essa questão.

e) Porque o assunto é tratado com irreverência pelo jornal.

TEXTO: 22 - Comum às questões: 47, 48

É cada vez mais fácil ser “verde”

É o contrário do que pregava o refrão da música que Caco, o melancólico sapo do “Muppet Show”, cantava no programa “Vila Sésamo”, que dominava as manhãs de muito marmanjo de minha geração, nos anos 70. Nunca foi tão fácil ser verde, no sentido de ecologicamente correto. Ainda mais nos Estados Unidos, o país das culpas identificadas e expiadas em tempo recorde e ritmo industrial.

A última delas é a culpa ambiental, que criou uma legião dos tais ecologicamente corretos. Você conhece o tipo: adora freqüentar eventos de gala a favor da reprodução assistida dos leões-marinhos do Oregon, aos quais vai usando smoking feito de fibra de cânhamo e a bordo de uma limusine híbrida – a nova onda em Hollywood –, que consome apenas três litros de gasolina por quilômetro, em vez do 1,5 litro habitual, ou algo ineficaz e beberrão assim.

Retrato acabado da hipocrisia local, tem na garagem um Prius e um Humvee. A combinação é o equivalente ambiental da frase celebrizada por Theodore Roosevelt a partir de um ditado africano, “Fale macio e leve um porrete”, usada pelo presidente para definir a Doutrina Monroe, que dava

aos EUA a primazia de “zelar” pela América Latina, “direito adquirido” que Chávez ameaça e Bush tenta reaver.

Mas divago.

Falei em Hollywood e lembro que Al Gore é o profeta da turma. No último Oscar, ao lado de Leonardo Di Caprio, anunciou que aquela cerimônia tinha virado oficialmente “verde”. Como escrevi no dia seguinte à madrugada da festa, isso queria dizer que as cédulas de votação foram feitas parcialmente com papel reciclado, parte das celebridades chegou em veículos híbridos, as comidas do Baile do Governador eram orgânicas e as sobras seriam distribuídas para entidades beneficentes, segundo explicou a organização da festa.

Depois, foi revelado que o organizador tinha comprado também créditos do equivalente do total de gás carbônico que teria emitido na ocasião (há um cálculo convencionado para chegar à soma). Pois existe um mercado mundial florescente de corretores de emissão de gás carbônico e até entidades, como a Organização das Nações Unidas, com programas voltados para iniciativas semelhantes.

Resumindo grosseiramente, você (pessoa física, instituição, país) polui à vontade e depois compra os tais créditos, que certificam que o total de poluição lançada por você na atmosfera será economizado ou compensado em algum lugar do planeta, geralmente um país pobre ou em desenvolvimento, que deixará de poluir o mesmo tanto ou plantará o equivalente em árvores e ganhará parte do seu dinheiro para isso.

É aqui que eu queria chegar. Esse tipo de “peque-e-pague” não é novidade nos Estados Unidos, nem no mundo; a venda dos indultos celestiais foi o gatilho que levou Lutero a fazer aquela confusão toda em 1517 (a comparação foi feita primeiro pelo colunista Charles Krauthammer na revista “Time” de algumas semanas, no ótimo artigo sobre esse tema intitulado “Hipocrisia liberal da limusine”).

Além disso, o sistema todo cria distorções hilariantes, não fosse a gravidade do assunto. Segundo reportagem recente do “New York Times”, há fazendeiros africanos sendo expulsos das terras em que criam gado, como faziam seus antepassados por milhares de anos, para que possam ser plantadas as árvores que vão pagar pela poluição do jato do executivo de Wall Street.

Para voltar aos anos 70, sugiro um tema para a iniciativa: “Plante, que o Al Gore garante”.

(Sérgio Dávila, Revista da Folha, 01/04/2007)

47 - (IBMEC SP)

Compare os trechos a seguir.

I. “Pois existe um mercado mundial florescente de corretores de emissão de gás carbônico e até entidades, como a Organização das Nações Unidas, com programas voltados para iniciativas semelhantes.”

II. Pois existe um mercado mundial florescente de corretores de emissão de gás carbônico e entidades, como a Organização das Nações Unidas, com programas voltados para iniciativas semelhantes.

A palavra destacada no primeiro trecho cria um pressuposto. Pressupostos são idéias que, embora não estejam expressas explicitamente no texto, podem ser percebidas pelo leitor a partir do emprego de certas palavras ou expressões.

Indique o pressuposto marcado pela palavra “até” em I.

a) incompatibilidade

b) conformidade

c) similaridade

d) quebra de expectativa

e) comparação

48 - (IBMEC SP)

Considere as afirmações a seguir.

I. Para denunciar a hipocrisia da sociedade norte-americana, o autor recorre, em diversas passagens, ao paradoxo. Um exemplo dessa figura de linguagem ocorre em: “Falei em Hollywood e lembro que Al Gore é o profeta da turma.”

II. A partir da leitura do texto, infere-se que a adesão de fazendeiros africanos ao discurso em defesa do meio ambiente não passa de modismo.

III. A digressão feita no 3.º parágrafo tem o intuito de corroborar a tese de que países latino-americanos não compactuam com o movimento ecologicamente correto.

IV. A analogia entre a compra de créditos de gás carbônico e a venda de indultos celestiais reforça o argumento de que a preocupação com o aquecimento global esconde, na verdade, interesses político-econômicos.

Está(ão) correta(s)

a) Apenas I

b) Apenas II

c) Apenas III

d) Apenas IV

e) I e II

TEXTO: 23 - Comum às questões: 49, 50

TEXTO 1

A liberdade e o consumo

O que é percebido como liberdade para um pacato cidadão contemporâneo que vota, fala o que quer, vive sob o manto da lei (ainda que capenga) e tem direito de mover-se livremente?

O primeiro templo da liberdade burguesa é o supermercado. Em que pesem as angustiantes restrições do contracheque, são as prateleiras abundantemente supridas que satisfazem a liberdade do consumo (não faz muitas décadas, nas prateleiras dos nossos armazéns ora faltava manteiga, ora leite, ora feijão). Não houve ideal comunista que resistisse às tentações do supermercado.

Logo depois da queda do Muro de Berlim, comer uma banana virou um ícone da liberdade no Leste Europeu.

A segunda liberdade moderna é o transporte próprio, BMW ou bicicleta, o que conta é a sensação de poder sentar-se ao veículo e resolver em que direção partir. Podemos até não ir a lugar algum,

mas é gostoso saber que há um veículo parado à porta, concedendo permanentemente a liberdade de ir, seja aonde for. Alguém já disse que a Vespa e a Lambreta tiraram o fervor revolucionário que poderia ter levado a Itália ao comunismo.

A terceira liberdade é a televisão. É a janela para o mundo. É a liberdade de escolher os canais (restritos em países totalitários), de ver um programa imbecil ou um jogo, ou estar tão perto das notícias quanto um presidente da República – que nos momentos dramáticos pode assistir às mesmas cenas pela CNN. É estar próximo de reis, heróis, criminosos, superatletas ou cafajestes metamorfoseados em apresentadores de TV.

Uma "liberdade" recente é o telefone celular. É o gostinho todo especial de ser capaz de falar com qualquer pessoa, em qualquer momento, onde quer que se esteja. Importante? Para algumas pessoas, é uma revolução no cotidiano e na profissão. Para outras, é apenas o prazer de saber que a distância não mais cerceia a comunicação, por boba que seja.

Há ainda uma última liberdade, mais nova, ainda elitizada: a internet e o correio eletrônico. É um correio sem as peripécias e demoras do carteiro, instantâneo, sem remorsos pelo tamanho da mensagem (que se dane o destinatário do nosso attachment megabáitico) e que está a nosso dispor, onde quer que estejamos.

(Revista Veja. Agosto de 2001)

49 - (UFPE)

Para entender com sucesso o Texto 1, convém que o consideremos como um texto:

a) descritivo – um único objeto concreto é visto, estaticamente, em todo o texto.

b) narrativo – há um cenário e uma ordenação temporal de fatos.

c) argumentativo – um tópico específico é objeto de um comentário opinativo.

d) metalingüístico – questões da linguagem são vistos na sua forma e função.

e) apelativo – o destinatário do texto é constantemente interpelado.

50 - (UFPE)

O Texto 1, na sucessão de seus parágrafos, foi construído em torno de uma:

a) enumeração – cada parágrafo traz indicações explícitas de sua seqüência.

b) reformulação – cada tópico representa uma objeção ao anterior.

c) oposição – os pontos discutidos são vistos como sendo antagônicos entre si.

d) idealização – os vários tópicos se apresentam numa perspectiva de ficção.

e) perspectiva aleatória – os tópicos, de propósito, fogem à correlação com o título do texto.

TEXTO: 24 - Comum às questões: 51, 52

TEXTO II

A guerra não acabou

Carlos Heitor Cony

[1]Volta e meia sinto vontade de repetir um assunto que me ocupa e preocupa. A falência das mensagens de paz e amor que nasceram nos anos 60 explodiram no movimento hippie e se sofisticaram nas muitas e suspeitas transas orientais.

Há um trecho de Brecht que gosto de lembrar. Um dos personagens, em "Mãe Coragem", diz que, [5]durante a guerra, há uma certa ordem na sociedade: os grãos estão colhidos e contados.

Desde 1945 o mundo não tem uma guerra para valer. Mas vivemos mal, dentro de nossas pátrias, nossos grupos, nossas escolas e repartições. A guerra pulverizou-se em miniconflitos que estão em toda parte. No restaurante onde vamos comer e somos obrigados a brigar ou brigam conosco, nas ruas, no trânsito, no mercado de trabalho, no mercado da arte.

[10]Precisamos viver alertas, como se atravessássemos a "terra de ninguém" entre os dois fogos de uma guerra tradicional. Na guerra de verdade, sabe-se de que lado virá o tiro.

Na paz que gozamos desde 1945, as causas se minimizaram. Briga-se e mata-se por causas estranhas. À falta de um grande atrito, atrita-se grandemente. Até uma velha injustiça da sociedade, a divisão entre homens e mulheres, foi erguida à condição de causa.

[15]As feministas berram, mostrando que os homens não passam de exploradores. Um amigo, só porque gostava de fazer amor numa determinada posição, perdeu a mulher, que, aliás, gostava de

ser amada naquela posição. Mas, no grupo feminista que passou a freqüentar, ela foi recriminada por submeter-se ao papel de objeto sexual.

Um cara assassinou John Lennon em Nova York. Árabes e judeus continuam se matando e morrendo [20]num dos muitos conflitos que marcam a nossa era de paz.

Folha de São Paulo, 29/10/2007

51 - (UNIMONTES MG)

O uso da primeira pessoa do plural no texto configura-se como

a) uma técnica utilizada pelo cronista para eximir-se da responsabilidade pelas declarações que fez sozinho.

b) uma maneira irônica de mostrar a parcela de culpa de cada cidadão na falência das mensagens de paz e amor.

c) uma estratégia persuasiva do cronista para tentar levar o leitor a partilhar com ele experiências e sentimentos.

d) um desejo de ratificar a idéia de que não só ele sente vontade de se ocupar do assunto de que trata, mas todos nós sentimos.

52 - (UNIMONTES MG)

No segundo parágrafo do texto (linhas 4-5), o autor cita a fala de um personagem de Bertold Brecht para

a) opor a idéia contida nessa fala à idéia de que, na pulverização dos conflitos, vivemos a insegurança de não conhecer na verdade o que (quem) se opõe a nós.

b) opor uma certa ordem social que acontece nas guerras declaradas à desordem gerada pelos conflitos não declarados entre países.

c) ironizar o fato de esse personagem julgar que realmente há ordem na sociedade.

d) ironizar o fato de o famoso dramaturgo Brecht ter ousado, pela boca de um personagem, defender a guerra.

TEXTO: 25 - Comum à questão: 53

CRIME E CASTIGO

Dráuzio Varella

Difícil ler notícia boa na primeira página. Mas, segunda-feira, quando abri a Folha, só não caí de costas porque estava sentado, vinha escrito que a Promotoria do Consumidor de São Paulo ajuizou ação contra a Souza Cruz e a Philip Morris Brasil, para que compensem os gastos públicos com as doenças causadas ou agravadas pelo fumo.

Explico as razões pelas quais o referido espanto por pouco não me transformou em mais uma das vítimas involuntárias do cigarro.

Há anos esta coluna defende que os fabricantes de cigarro paguem pelo tratamento das doenças que disseminam impunemente.

A Souza Cruz, que não é do senhor Souza e muito menos do senhor Cruz, e a Philip Morris, que não sei se algum dia pertenceu aos senhores Philip ou Morris, dominam mais de 80% do mercado nacional. Em linguagem mais precisa, fornecem droga para 80% dos dependentes de nicotina do país.

É um mercado cativo de mulheres e homens induzidos ao vício na puberdade e adolescência. São milhões de crianças arregimentadas por meio da publicidade criminosa que ligou o cigarro à liberdade, à performance esportiva e ao sucesso nas conquistas amorosas, veiculada sem restrições legais pelos meios de comunicação de massa até pouquíssimo tempo atrás.

Em matéria de dependência química, a nicotina é imbatível. Mata mais que cocaína, heroína, crack, álcool, anfetamina ou qualquer droga já inventada. Em 40 anos de profissão, perdi a conta dos que sucumbiram às doenças causadas pelo fumo sem conseguir livrar-se dele, por mais que tenham tentado.

Por entender que os fabricantes de cigarro são responsáveis por vender uma droga que provoca câncer, enfisema, derrames cerebrais, ataques cardíacos e uma infinidade de outras patologias, tanto nos fumantes como nos que têm o azar de conviver com eles, o governo dos Estados Unidos processou as principais indústrias do setor com o objetivo de forçá-las a indenizar o sistema de saúde.

Da batalha judicial, resultou um acordo celebrado em 1998. As empresas se comprometeram a pagar US$206 bilhões, no período de 25 anos, para indenizar 46 Estados americanos. Flórida, Mississipi, Minnesota e Texas optaram por acordos isolados.

Na matéria publicada na Folha pelo jornalista Daniel Bergamasco, a assessoria da Souza Cruz faz questão de "ressaltar que a comercialização de cigarros no Brasil é atividade lícita e amplamente regulamentada e tributada pelo poder público e que os riscos associados ao cigarro são de amplo conhecimento público há décadas".

Sem entrar no mérito do papel a que determinadas pessoas se sujeitam para ganhar a vida, é importante deixar claro que, de fato, os malefícios do cigarro são conhecidos há décadas. Pena que só pudessem chegar aos usuários mais esclarecidos (e só a eles) tão recentemente, porque as companhias citadas, em compadrio obsceno com suas congêneres, tradicionalmente arregimentaram médicos e cientistas de aluguel para criticar qualquer estudo que porventura demonstrasse a relação entre cigarro, doença e mortalidade. Sem falar no imenso poder intimidatório das verbas publicitárias na hora de calar a imprensa mundial.

Quem perpetrou tais crimes por mais de 50 anos, com o objetivo de universalizar uma epidemia causadora de mais mortes do que as guerras do século 20 somadas, por acaso tem idoneidade para dizer que fumantes adoecem por ignorar os avisos de que o cigarro mata?

Na cadeia, conheci um traficante de crack que usava a mesma lógica, porém com mais honestidade de princípios: "Eu vendo a morte, mas não induzo ninguém a comprar".

A ação indenizatória ora proposta coloca a Justiça brasileira diante de uma questão crucial: a vida de um cidadão americano vale mais?

Se nos Estados Unidos as companhias pagam mais de US$ 200 bilhões, por que razão no Brasil merecem ficar impunes? Talvez porque sejamos mais ricos? Ou devemos aceitar que somos inferiores?

A Promotoria do Consumidor de SP presta serviço exemplar à cidadania brasileira e ao nosso combalido sistema de saúde. Na pior das hipóteses, se por razões estranhas o pedido de indenização for julgado improcedente ou mofar nos escaninhos da burocracia, resta a alternativa de mover uma ação na Justiça americana.

Quando um avião cai por defeito numa peça, as famílias não processam o fabricante nos EUA?

Folha de São Paulo, 18/8/2007

53 - (UNIMONTES MG)

Para conferir credibilidade às suas idéias, o autor se utiliza dos seguintes recursos, EXCETO

a) o seu conhecimento técnico-científico.

b) uma argumentação audaciosa.

c) o conhecimento da realidade social a qual critica.

d) a sua opinião pessoal sobre a função da imprensa brasileira.

TEXTO: 26 - Comum à questão: 54

TEXTO I

O desemprego dos idiotas

Uma pesquisa da CNI (Confederação Nacional da Indústria), que acaba de ser divulgada, informa que inúmeros setores da economia estão desesperados à procura de mão-de-obra qualificada. Não estamos falando aqui de doutores, mas de qualificações simples. Esse é o desemprego dos idiotas.

É preciso muita idiotice pública (muita mesmo) para chegarmos nessa situação em que há um imenso número de desempregados, especialmente jovens, e uma não menos imensa demanda por trabalhadores com um mínimo de preparo. Além do drama humano dos batalhões de marginalizados, temos um nada desprezível impacto no crescimento econômico. Sem contar que, com melhor educação profissional, se conseguiria distribuir mais a renda.

O desemprego dos idiotas ocorre, entre outros motivos, porque se dá mais atenção aos cursos superiores tradicionais, os quais, muitas vezes, são de péssima qualidade e cuja empregabilidade é baixíssima. Isso com estímulo oficial que dá bolsas a alunos mais pobres para cursarem faculdades medíocres.

Para reduzir esse problema, bastaria conhecer as vocações econômicas locais e preparar mão-de-obra para elas, acrescentando ensino profissionalizante ao ensino regular. Tudo isso pode ser feito com a ajuda dos recursos de educação à distância. Nada disso é novidade e já temos, no Brasil, vários casos de sucesso. É muito mais barato um curso superior para tecnólogo do que a graduação normal. Mas muitos jovens não sabem disso na hora de prestar o vestibular.

O melhor que se pode fazer pela inclusão de verdade dos jovens é ampliar a oferta de ensino profissionalizante, transformando as escolas de ensino médio numa porta de saída ao mercado de trabalho.

Gilberto Dimenstein. Folha Online, 7/10/2007, www.folha.com.br. consulta 23/07/2008.

54 - (UFCG PB)

Julgue certas (C) ou erradas (E) as assertivas abaixo em relação ao gênero do texto:

I. A presença de seqüências expositivas e narrativas determina o gênero artigo de opinião.

II. As seqüências tipológicas expositivas e argumentativas estão compatíveis com o gênero artigo de opinião.

III. Ao declarar a expressão: "É preciso muita idiotice pública (muita mesmo)..." o autor se utiliza de um recurso estilístico que enfatiza sua argumentação.

IV. O registro lingüístico característico do gênero é formal devido às muitas vozes que nele estão presentes.

V. O registro lingüístico do texto é formal, embora haja expressões coloquiais.

A seqüência correta é:

a) ECCEE.

b) ECCEC.

c) EECCC.

d) EECEC

e) CECEE.

TEXTO: 27 - Comum à questão: 55

TEXTO II

A genética da paixão

(...)

[1]Quanto mais se estudam os genes, mais se atribuem a eles um papel decisivo na escolha de nossos parceiros amorosos. A antropóloga e pesquisadora americana Helen Fisher, da Universidade Rutgers, de Nova Jersey, considerada uma das [5]maiores autoridades em comportamento amoroso, avaliza essa teoria e está prestes a lançar um livro sobre ela. Helen relaciona as características de comportamento à predominância de determinados tipos de hormônios e neurotransmissores no organismo. A produção dessas [10]substâncias é controlada pelo sistema endócrino, que funciona de acordo com o perfil genético de cada ser humano. Ela sustenta que há, basicamente, quatro tipos de personalidade. Indivíduos com predominância de dopamina seriam os exploradores; de serotonina, os construtores; de [15]estrógeno, os negociadores; e de testosterona, os diretores. "Todos nós somos uma combinação dos quatro tipos, mas um deles se expressa com mais destaque em nossa personalidade", disse Helen a VEJA. Para chegar a esses quatro perfis humanos, a psicóloga submeteu um questionário [20]baseado em sua teoria a assinantes da agência americana de namoro pela internet Chemistry.com. Após avaliar 20.000 respostas, ela concluiu que os negociadores, com altos níveis de estrógeno, se sentem mais atraídos pelos diretores, ricos em testosterona. Já os exploradores e construtores sentem [25]mais desejo por pessoas do seu próprio grupo. (....)

Lima, R. Abreu .www.revistaveja.com.br, 21/05/08.

55 - (UFCG PB)

No trecho: “Ela sustenta que há, basicamente, quatro tipos de personalidade”, pode-se afirmar que há

a) uma relação de intertextualidade.

b) uma afirmação categórica.

c) uma refutação na argumentação.

d) ênfase na idéia expressa pelo autor.

e) verossimilhança na argumentação.

TEXTO: 28 - Comum à questão: 56

Por que filhos de incestos nascem com problemas genéticos?

Porque entre pessoas da mesma família o risco de dois genes recessivos ligados a uma doença grave se encontrarem é grande.

Explica-se: sabiamente, a natureza criou um recurso que faz com que genes problemáticos fiquem guardadinhos em seu cromossomo esperando para, quem sabe um dia, serem extintos. São os genes recessivos, que para virem à tona precisam juntar suas forças a outro idêntico a eles.

Digamos que você tenha um recessivo ligado à fenilcetonúria, uma doença rara que causa retardo mental. Para que um filho seu nasça com problemas, você teria que encontrar um parceiro que também tivesse esse gene (menos de 2% de risco). E, mesmo assim, a chance de os dois recessivos se encontrarem seria de apenas 25% (lembra das aulas de genética?). Fazendo as contas, o risco não passa de 0,5%.

Entre parentes, o jogo muda. Considerando o cruzamento genético e o papel do ambiente no desencadeamento de problemas, as chances de um recessivo se manifestar é de 50%. No caso da fenilcetonúria, portanto, o risco é 100 vezes maior que entre desconhecidos.

É claro que, à medida que o grau de parentesco diminui, o sangue vai se misturando e os riscos de surgirem complicações também se diluem.

(BALOUSSIER, Anna V. *Superinteressante*, julho/2008, p.52)

56 - (UFCG PB)

O texto está estruturado da seguinte forma:

a) Pergunta – explicação – exemplificação – explicação.

b) Justificativa – explicação – hipótese – exemplo – justificativa.

c) Pergunta – resposta – explicação – exemplificação – conclusão.

d) Explicação – exemplificação – conclusão.

e) Pergunta – resposta – exemplificação – explicação – confirmação.

TEXTO: 29 - Comum à questão: 57

Ninguém aí do poder em Brasília manja de marxismo e semiologia. Fala-se na necessidade de eliminar a herança feagaceana (que, aliás, não é maldita, é sinistra), mas não da ruptura lingüística com essa herança, ou seja, o PT reproduz a mesma linguagem feia e inestética do PSDB.

"Custo Brasil" é de matar!

A "flexibilização laboral" designa desemprego. Carteira de trabalho é luxo. Se a polícia der uma *blitz* e pedir carteira de trabalho, 40 por cento da população vai em cana.

A linguagem revela a ideologia e governa os homens.

Prova é que nunca até hoje existiu político mudo. Ao contrário, político é falastrão, fala qualquer coisa, fala pelos cotovelos. Não é senão por isso que o enigmático ministro José Dirceu prestigia no Paraná o comediante Ratinho, cujo gogó midiático agrada aos ouvidos da plebe boçalizada que não freqüentou os Cieps.

VASCONCELLOS, Gilberto F. O Richelieu do Ratinho e a herança lingüística tucana. *Caros Amigos*. São Paulo: Casa Amarela, n. 61, jul. 2003, p. 17.

57 - (UFG GO)

O tom irônico do texto revela-se em aspectos lingüísticos como

a) a associação de termos de gíria a palavras técnicas e eruditas.

b) o relacionamento de termos chulos com vocábulos teóricos.

c) a mistura de expressões arcaicas com nomenclatura moderna.

d) o agrupamento de palavras da linguagem científica com expressões literárias.

e) a mescla de palavras de língua estrangeira com vocábulos portugueses.

TEXTO: 30 - Comum à questão: 58

A química do amor

Esqueça a velha máxima que diz que os opostos se atraem. O conceito, afirmam cientistas, só vale para a física e não passa de mito em matéria de relacionamentos.

Para os biólogos Peter Buston e Stephen Emlen, da Universidade de Cornell, em Nova York, a escolha de um parceiro é baseada na preferência por pessoas que se assemelham a nós mesmos. "Quem busca um companheiro com valores parecidos com os seus acaba enfrentando menos conflitos no relacionamento. Por isso, tem mais chances de estabelecer laços duradouros e criar filhos com sucesso", explica Emlen. O estudo contradiz algumas noções que temos sobre as diferentes estratégias de acasalamento praticadas por machos e fêmeas, derivadas da teoria do naturalista inglês Charles Darwin (1809-1882) e defendidas, hoje, pela psicologia evolutiva. Hoje, a ciência já interpreta a formação de casais à luz dos elementos culturais e começa a abrir espaço para contestações. Afinal, existe a fórmula do amor? Os especialistas afirmam que não.

ARTONI, Camila. A química do amor. *Galileu*. Rio de Janeiro: Globo, n. 146, set. 2003, p. 63. [Adaptado].

58 - (UFG GO)

Destaca-se no texto o recurso argumentativo de

a) desqualificação do oponente.

b) formação de consenso.

c) reunião de provas concretas.

d) exposição de vocabulário técnico.

e) citação de autoridade.

TEXTO: 31 - Comum às questões: 59, 60, 61

Clonagem

Parabenizo o jornalista Marcelo Leite pelo artigo "O conto das células de cordão" (*Mais*!, pag. 18,18/7).

A tecnologia de congelamento de células de cordão é muito bem dominada por alguns serviços médicos no Brasil há vários anos. Logo, seria natural que migrássemos para esse campo. Mas, mesmo sendo factível a sua introdução, ficamos convencidos de que essa seria uma área que só deveria ser implantada por instituições (preferencialmente públicas) responsáveis pelo tratamento de um grande contingente de pacientes, pois só com um cadastro nacional abrangente poderiam ser atendidos aqueles com indicação de transplante de medula óssea que não tivessem doadores relacionados disponíveis.

Infelizmente, foi com muito pesar que vi a proliferação de bancos de cordão voltados ao possível atendimento dos próprios doadores do cordão (crianças saudáveis e provenientes de famílias com bons recursos financeiros), uma prática totalmente desnecessária com pouca repercussão do ponto de vista da saúde pública.

Foi por esse motivo que nunca nos aventuramos nessa área.

Silvano Wendel, diretor médico do banco de sangue do Hospital Sírio-Libanês (São Paulo-SP)

FOLHA DE S. PAULO, São Paulo, 23 jul. 2004, p. A3, Painel do Leitor.

59 - (UFG GO)

A saudação inicial utilizada pelo médico Silvano Wendel, além de estabelecer a situação comunicativa, tem como objetivo

a) instaurar o jornalista Marcelo Leite como o interlocutor na carta.

b) apresentar o artigo de Marcelo Leite como a motivação para a carta.

c) fazer uma crítica ao artigo do caderno *Mais!,* utilizando o verbo “parabenizar”.

d) sugerir aos leitores que a carta será uma resposta irônica ao artigo de Marcelo Leite.

e) informar aos leitores que o médico é especialista em congelamento de células.

60 - (UFG GO)

O título do artigo de Marcelo Leite “O conto das células de cordão” resume a tese de que a prática de doação de cordão umbilical não tem favorecido aqueles que realmente necessitam de transplante de medula. O sentido construído no título é alcançado pelo recurso de:

a) inversão, construída pelo emprego das palavras “células” e “conto”.

b) oposição, provocada pelo uso da palavra “cordão” que tem duplo sentido.

c) paródia, construída pela explicação do que vêm a ser as células de cordão.

d) intertextualidade, marcada pelo uso de termos que recuperam elementos dos contos de fadas.

e) contradição, provocada pelo uso dos termos “cordão” e “células” que remetem a domínios diferentes.

61 - (UFG GO)

Na linguagem utilizada na carta “Clonagem” predominam funções vinculadas ao assunto e ao convencimento do leitor. Essas funções são percebidas pelo emprego de

a) expressões, como “infelizmente”, referentes ao sentimento do autor e de definições dos termos científicos empregados.

b) marcas da oralidade para garantir a atenção do leitor e paráfrases para evidenciar o modo como o texto foi organizado.

c) termos referenciais para informar com precisão e objetividade e argumentos para garantir a adesão do leitor ao ponto de vista do autor.

d) adjetivos para evidenciar os traços de subjetividade do autor e sinônimos para garantir a compreensão do leitor sobre o tema proposto.

e) recursos da linguagem figurada para garantir a compreensão da mensagem e verbos no modo imperativo para marcar uma proximidade com o leitor.

TEXTO: 32 - Comum à questão: 62

A preguiça humana

O exercício físico vai contra a natureza humana. Que outra explicação existiria para o fato de o sedentarismo ser praticamente universal entre os que conseguem ganhar a vida no conforto das cadeiras? A preguiça para movimentar o esqueleto não é privilégio de nossa espécie: nenhum animal adulto gasta energia à toa. No zoológico, leitor, você jamais encontrará uma onça dando um pique

aeróbico, uma gorila levantando peso, uma girafa galopando para melhorar a forma física. A escassez milenar de alimentos na natureza fez com que os animais adotassem a estratégia de reduzir ao máximo o desperdício de energia. A necessidade de poupar energia moldou o metabolismo de nossa espécie de maneira tal que toda caloria ingerida em excesso será armazenada sob a forma de gordura, defesa do organismo para enfrentar as agruras dos dias de jejum prolongado que possam ocorrer.

Por causa dessas limitações biológicas, se você é daquelas pessoas que esperam a visita da disposição física para começar a fazer exercício com regularidade, desista. Falo por experiência própria. Sou corredor de distâncias longas há muitos anos. Às seis da manhã, chego no parque, abro a porta do carro e saio correndo. Não faço alongamento antes, como deveria, porque, se ficar parado, esticando os músculos, volto para a cama. Durante todo o percurso do primeiro quilômetro, meu cérebro é refém de um pensamento recorrente: não há o que justifique um homem passar por esse suplício. Daí em diante, as endorfinas liberadas na corrente sangüínea tornam o sofrimento mais suportável. Mas o exercício só fica bom, de fato, quando termina. Que sensação de paz e tranqüilidade! Que prazer ter a certeza de que posso passar o resto do dia sentado, sem o menor sentimento de culpa!

(Drauzio Varella, **Folha de S. Paulo**, 12-04-08)

62 - (UNIFOR CE)

O primeiro e o segundo parágrafos do texto articulam-se de modo a constituir, basicamente, a

a) formulação de uma hipótese seguida de sua contestação.

b) proposição de uma regra geral e um caso de exceção.

c) constatação de um fenômeno geral e um testemunho particular.

d) exposição de um problema e a constatação de que é incontornável.

e) narração de um depoimento e uma conclusão pessoal.

TEXTO: 33 - Comum às questões: 63, 64

Juventude e participação

Inicialmente, gostaria de destacar que toda avaliação é feita a partir de uma comparação. Neste caso, essa comparação poderia ser feita em duas direções. Uma delas em relação a outras faixas etárias e a outra em relação à juventude de épocas passadas. Em relação à primeira dimensão, me parece que o comportamento político da juventude não seja diferente do de outras faixas etárias. Os que avaliam como baixa a participação política da juventude atual não podem afirmar que seja diferente da participação política das outras faixas. Existem parcelas da população passivas (e entre elas há jovens e também adultos), assim como existem parcelas da população com alta taxa de participação política, e entre elas podemos igualmente identificar jovens e adultos.

Logo, uma comparação entre faixas etárias não nos leva a concluir que seja baixa a participação política da juventude. Agora, em relação à outra dimensão, a comparação entre juventudes de épocas diferentes, podemos constatar diferenças que aparentemente levem algumas pessoas a afirmações do tipo “a juventude atual não está com nada”, “antigamente os jovens tinham maior consciência e atuação política”. E aqui, novamente, devemos analisar a questão por partes. Jovens alienados e passivos sempre existiram ao lado de jovens conscientizados e ativos politicamente.

Deve-se reconhecer que a proporção entre essas duas categorias muda com o tempo, tem épocas em que a proporção de jovens ativos se amplia e em outras épocas diminui. Mas esse aumento ou diminuição é uma expressão da sociedade como um todo e não de uma determinada faixa etária. Se numa época a parcela de jovens cresce e se torna mais intensa, é porque esse mesmo fenômeno se manifesta na sociedade como um todo. O comportamento juvenil expressa as tendências gerais da sociedade como um todo.

A grande diferença está nos meios de que dispõem os jovens para desenvolver sua consciência crítica ou para manifestar sua postura política. Aí, sim, registramos mudanças radicais em relação a outras épocas.

Atualmente, os jovens têm acesso aos meios de comunicação que permitem ampliar a velocidade e a abrangência da transmissão de idéias, o que oferece facilidades nunca antes disponíveis para a expressão política da juventude.

A minha resposta pode parecer otimista e tenho plena consciência de que ela é. Os jovens da atualidade não são diferentes dos jovens de outras épocas, aceitam ou rechaçam valores, assumem ou não atitudes políticas com a mesma postura dos jovens do passado, a diferença não está no grau e sim na forma.

Não muda o caminho, muda a forma de caminhar.

LUÍS DE LA MORA

Adaptado de www.cipo.org.br

63 - (UERJ)

Os textos que defendem uma opinião possuem diversos mecanismos para garantir sua eficácia ou poder de convencimento.

Pode-se dizer que a estrutura geral do texto contribui para sua eficácia argumentativa porque:

a) detalha e comenta certos aspectos encontrados em outros textos

b) analisa e critica a opinião apresentada ao final pelo próprio autor

c) descreve e exemplifica um fenômeno definido como objeto de análise

d) pressupõe e desconstrói algumas opiniões cristalizadas na sociedade

64 - (UERJ)

O início do primeiro parágrafo (l. 1-2) expõe um eixo em que se apoiará a construção do texto.

Esse eixo pode ser definido como:

a) uma evidência da tese

b) uma opinião polêmica

c) um método de raciocínio

d) um testemunho autorizado

TEXTO: 34 - Comum à questão: 65

Obamanomics

Na percepção do eleitor americano médio, o candidato democrata, senador Barack Obama, a ser sacramentado na convenção do Partido Democrata, que começa amanhã, não navega bem em assuntos econômicos.

E, no entanto, um dos principais temas dessa campanha *deveria* ser a crise econômica em que o país está mergulhado há mais de um ano.

O americano médio se sente duramente atingido no bolso.

O dólar, que ainda é o dólar, símbolo de força e saúde econômica, perde valor a olhos vistos; a casa própria, um dos sonhos americanos, perde preço no mercado imobiliário; e o salário é corroído por uma inflação de 5,6% ao ano e pelo aumento do desemprego.

Apesar do seu carisma, Obama não chega a empolgar com sua plataforma de projetos para a área econômica. Defende aumento de investimentos públicos, principalmente em infra-estrutura e reformas no sistema nacional de saúde. Sua proposta de seguro-saúde universal é voltada para eleitores que não conseguem pagar um plano privado. Nos Estados Unidos, não há um sistema de atendimento a todos, como no Brasil onde, mal ou bem, o SUS funciona. Lá, um seguro para família de quatro pessoas não sai por menos de US$ 400 ao mês. Seu projeto implicaria custeio anual para o tesouro americano em torno de US$ 50 bilhões a US$ 65 bilhões.

As reformas seriam financiadas por aumento de carga tributária dos americanos que ganham ao ano mais de US$ 250 mil, segmento especialmente beneficiado pelos pacotes de cortes fiscais aprovados no governo Bush em 2001 e 2003. Obama não esconde que, em dez anos, pretende aumentar a arrecadação federal em US$ 800 bilhões.(...)

Apesar de contar com grande apoio dos jovens, Obama começa a perder espaço no eleitorado, que teme o aprofundamento da crise e o considera pouco preparado para lidar com os atuais problemas.

Como lembra a revista *The Economist*, são essas as pessoas que mais estão sentindo o rigor da crise. “Os americanos cresceram em tempos de prosperidade. Eleitores jovens não se lembram de uma série de recessão, desde a última, que ocorreu no início dos anos 90.”

Se continuar no mesmo diapasão, a campanha democrática será incapaz de tirar proveito da crise, em grande parte criada pelo governo republicano de George Bush.

E não deixa de ser irônico lembrar que o democrata Bill Clinton venceu o republicano Bush (pai) em 1992 sob o slogan “É a economia, idiota.”

(*O Estado de S.Paulo*, 24.08.2008. Adaptado)

65 - (FGV)

Considere o terceiro parágrafo, em destaque no texto.

Assinale a alternativa correta sobre a linguagem do parágrafo.

a) Expressões como *a olhos vistos* e *saúde econômica* revelam seleção lexical inadequada para a abordagem do assunto.

b) O parágrafo é construído com termos empregados em sentido próprio para conferir exatidão às afirmações.

c) A linguagem figurada do trecho abre várias possibilidades de interpretação do parágrafo, o que compromete sua inteligibilidade.

d) Pode-se afirmar que metáforas como *saúde econômica* e *corroído* contribuem para ressaltar a idéia do autor e para configurar um estilo.

e) Há no trecho expressões de cunho popular que não condizem com as características técnicas do texto.

TEXTO: 35 - Comum à questão: 66

Os tiranos e os autocratas sempre compreenderam que a capacidade de ler, o conhecimento, os livros e os jornais são potencialmente perigosos. Podem insuflar idéias independentes e até rebeldes nas cabeças de seus súditos. O governador real britânico da colônia da Virgínia escreveu em 1671: “graças a Deus não há escolas, nem imprensa livre; e espero que não [as] tenhamos nestes [próximos] cem anos; pois o conhecimento introduziu no mundo a desobediência, a heresia e as seitas, e a imprensa divulgou-as e publicou os libelos contra os melhores governos. Que Deus nos guarde de ambos!” Mas os colonizadores norte-americanos, compreendendo em que consiste a liberdade, não pensavam assim. Em seus primeiros anos, os Estados Unidos se vangloriavam de ter um dos índices mais elevados – talvez o mais elevado – de cidadãos alfabetizados do mundo.

Atualmente, os Estados Unidos não são o líder mundial em alfabetização. Muitos dos que são alfabetizados não conseguem ler, nem compreender matérias escritas mais complexas, – como um artigo científico, um manual de instruções, o documento de uma hipoteca ou um programa eleitoral.

As rodas dentadas da pobreza, da ignorância, da falta de esperança e baixa auto-estima se engrenam para criar um tipo de máquina do fracasso perpétuo que esmigalha os sonhos de geração a geração. Nós todos pagamos o preço de mantê-la funcionando. O analfabetismo é a sua cavilha.

Ainda que endureçamos os nossos corações diante da vergonha e da desgraça experimentada pelas vítimas, o ônus do analfabetismo é muito alto para todos os demais – o custo das despesas médicas e da hospitalização, o custo de crimes e prisões, o custo de programas de educação especial, o custo da produtividade perdida e de inteligências potencialmente brilhantes que poderiam ajudar a solucionar os dilemas que nos perseguem.

Frederick Douglas ensinou que a alfabetização é o caminho que vai da escravidão para a liberdade. Há muitos tipos de escravidão e muitos tipos de liberdade. Mas saber ler ainda é o caminho.

(Carl Sagan. *O caminho para a liberdade.* Fragmento adaptado).

66 - (UESPI)

"Ainda que endureçamos os nossos corações diante da vergonha e da desgraça experimentada pelas vítimas, o ônus do analfabetismo é muito alto para todos os demais – o custo das despesas médicas e da hospitalização, o custo de crimes e prisões, o custo de programas de educação especial, o custo da produtividade perdida e de inteligências potencialmente brilhantes que poderiam ajudar a solucionar os dilemas que nos perseguem."

A propósito desse trecho transcrito acima, analise os seguintes comentários:

1. a repetição da palavra 'custo' teve, visivelmente, uma função enfática.
2. uma expressão concessiva abre o trecho; começa-se por uma espécie de ressalva.
3. Em: "o ônus do analfabetismo", o autor quer se referir à força do analfabetismo.
4. Em: "inteligências potencialmente brilhantes", o autor se refere a possibilidades, a virtualidades.
5. Em: "Ainda que endureçamos os nossos corações", o termo sublinhado tem um sentido figurado.

Estão corretas:

a) 1, 2, 3, 4 e 5

b) 1, 2, 4 e 5 apenas

c) 1, 2 e 3 apenas

d) 3 e 4 apenas

e) 2 e 5 apenas

TEXTO: 36 - Comum à questão: 67

Democracia, educação e leitura

Enquanto regime político, a democracia implica uma modalidade de funcionamento do Estado, segundo a qual este governa por intermédio de consultas periódicas à população civil. A participação de todos é o princípio básico de seu desempenho; contudo, a participação direta raramente acontece, pois nem todos efetivamente colaboram: excluem-se as crianças, os presos, os inválidos mentais e, até pouco tempo, os analfabetos, numerosos no Brasil. Há um horizonte de excepcionalidade que congrega aqueles que, por lei, não podem ser consultados. Por sua vez, essa condição é mutável e transitória, sobretudo no que diz respeito às crianças e aos analfabetos. Ao crescerem e ao serem alfabetizados, a democracia deixa de ser um bem inacessível (a não ser que seja inacessível para todos), apresentando-se como um sistema alcançável e exeqüível.

A entidade que assegura a integração a um governo de participação popular é a escola; e, segundo sua organização, é a alfabetização que se constitui na alavanca que aciona a aprendizagem como um todo. Logo, é a mudança do indivíduo em leitor que, do ângulo individual, oferece o requisito primeiro para a atuação política numa sociedade democrática. Para além desse fato, há a exigência, óbvia e irrestrita, de que a sociedade seja autenticamente democrática, e não apenas se autoproclame como tal.

O fato enunciado, que coloca a escola e a prática da leitura no miolo do funcionamento de uma sociedade que almeja a mais ampla participação popular, não significa mera coincidência. Com efeito, desde a revitalização, a partir do século XVIII, dos princípios liberais, que sustentam um sistema de governo que se deseja democrático, assiste-se, simultânea ou conseqüentemente, ao incentivo à alfabetização generalizada da população.

Ou seja, historicamente, a leitura traz embutida em si uma orientação democrática.

(Regina Zilberman. *A leitura e o ensino da literatura.* São Paulo:

Contexto. 1991, p. 21. Adaptado).

67 - (UESPI)

O segmento do Texto "a leitura traz embutida em si uma orientação democrática." tem um caráter de:

a) hipótese sustentável.

b) probabilidade contundente.

c) asseveração cautelosa.

d) afirmação conclusiva.

e) antecipação explícita.

TEXTO: 37 - Comum à questão: 68

A economia brasileira caminha para completar cinco anos de crescimento ininterrupto. Esse crescimento, embora oscilante e de ritmo moderado, vem se traduzindo, conforme seria de esperar, numa melhora progressiva do mercado de trabalho em geral. Para a população jovem, no entanto, a melhora tem sido muito menos pronunciada.

Dentre as várias causas do alto desemprego entre os jovens brasileiros, a falta de qualificação profissional é reconhecidamente uma das mais importantes. (____) os cursos públicos de educação profissional técnica, elogiados por sua qualidade, continuam a padecer de uma deficiência grave. Segundo estimativas do Ministério da Educação, citadas no estudo do IPEA, a oferta de vagas atende a apenas 11% da demanda potencial.

(Folha de São Paulo, p. A2, 24/05/2008)

68 - (CEFET PR)

Assinale a alternativa que constitui um argumento ilustrativo para o trecho transcrito a seguir: ***Para a população jovem, no entanto, a melhora tem sido muito menos pronunciada.***

a) O desemprego entre os jovens brasileiros entre 15 e 24 anos de idade chega a 19%. A necessidade de políticas públicas específicas para minorar o problema é evidente.

b) Apesar do recuo do desemprego, a taxa entre os jovens brasileiros com idade entre 15 e 24 anos é 3,5 vezes aquela existente entre os adultos e o descompasso vem aumentando de 1995 para cá.

c) O aumento da participação dos jovens no contingente dos desempregados brasileiros não está ligado a um aumento do seu peso no universo dos brasileiros em idade de trabalhar.

d) Em março de 2002, as pessoas com 15 a 24 anos respondiam por 22,9% da PIA (população em idade ativa), proporção que recuou para 19,4% em março deste ano.

e) Quase a metade dos desempregados (46,6%) tem entre 15 e 24 anos de idade; é preciso investir mais em ensino técnico.

TEXTO: 38 - Comum à questão: 69

A LINGUAGEM COMO ATIVIDADE HUMANA

A linguagem é um sistema simbólico. O homem é o único animal capaz de criar símbolos, isto é, signos arbitrários em relação ao objeto que representam e, por isso mesmo, convencionais, ou seja, dependentes de aceitação social. Tomemos a palavra “casa”. Não há nada no som nem na forma escrita que nos remeta ao objeto por ela indicado. A partir do momento em que não há relação alguma entre o signo “casa” e o objeto por ele representado, necessitamos de uma convenção aceita pela sociedade, de que aquele signo indica aquele objeto. É só a partir dessa aceitação que podemos nos comunicar, sabendo que, em todas as vezes que usarmos a palavra “casa”, nosso interlocutor entenderá o que queremos dizer. A linguagem, portanto, é um sistema de representações aceitas por um grupo social, que possibilita a comunicação entre os integrantes desse mesmo grupo.

A linguagem é, assim, um dos principais instrumentos na formação do mundo cultural, pois é ela que nos permite transcender a nossa experiência. No momento em que damos nome a qualquer

objeto da natureza, nós o individuamos, o diferenciamos do resto que o cerca; ele passa a existir para a nossa consciência. Com esse simples ato de fazer referência, distanciamo-nos da inteligência concreta animal, limitada ao aqui e agora, e entramos no mundo do simbólico. O signo remete a entidades abstratas que só têm existência em nosso pensamento. Pela linguagem, o homem deixa de reagir somente ao presente, ao imediato, passa a poder pensar o passado e o futuro.

ARANHA, M. L. A; MARTINS, M. H. P.

Filosofando: introdução à filosofia. 2.

ed. São Paulo: Moderna, 1993. p. 28-29. (Adaptado).

69 - (UEG GO)

A argumentação desenvolvida no primeiro parágrafo do texto se dá pelo processo de:

a) repetição.

b) exemplificação.

c) contraposição.

d) citação

TEXTO: 39 - Comum à questão: 70

A realidade social da virtualidade da Internet

[1]Antes de mais nada, os usos da internet são, esmagadoramente, [2]instrumentais e estreitamente ligados ao trabalho, à família e à [3]vida cotidiana. O e-mail representa mais de 85% do uso da [4]Internet, e a maior parte desse volume relaciona-se a objetivos [5]de trabalho, a tarefas específicas e à manutenção de contato [6]com a família e os amigos em tempo real. [...]

(CASTELLS, 2003, p. 99).

70 - (UEPB)

O segundo enunciado

I. retoma e amplia a produção de sentido do texto, proporcionando progressividade textual.

II. propõe uma relação temática que gera uma confluência de sentidos por meio das formulações feitas.

III. apresenta circularidade, tendo em vista a repetição enfática na rede de constituição significativa.

Analise as proposições acima, e marque a alternativa que corresponde à(s) verdadeira(s):

a) I e III

b) I, apenas

c) II, apenas

d) III, apenas

e) I e III

TEXTO: 40 - Comum à questão: 71

Se não houver acidente de percurso, até o final do primeiro trimestre de 2009, o Brasil poderá ganhar um novo Código Ambiental, em substituição ao vigente Código Florestal que, por força de seus dispositivos, vem jogando na ilegalidade a maioria dos produtores rurais. Essa é a expectativa entre os integrantes da Comissão de Meio Ambiente da Câmara dos Deputados, que discutem o Projeto de Lei 6424/2005. A matéria visa alterar radicalmente a Lei 4.771 de 15 de setembro de 1965, que criou o Código Florestal, considerado "anacrônico" por técnicos e lideranças do agronegócio. "Não podemos mais ser regulados por resoluções do Conama (Conselho Nacional do Meio Ambiente). Precisamos legislar. Temos de avançar para a preservação do meio ambiente e o desenvolvimento com sustentabilidade", diz o deputado federal Andre de Paula.

O Brasil tem 280 milhões de hectares de terras aproveitadas – 200 milhões para pecuária e 80 milhões para agricultura. Com a nova legislação, teremos de retirar 100 milhões de hectares, por força de determinações de proteção ambiental. O Brasil suporta isso? Será esse o destino do setor produtivo? Reforço a necessidade do zoneamento econômicoecológico, para sabermos exatamente onde terá agricultura, pecuária, florestas, áreas de preservação, reservas legais, brada o deputado Valdir Colatto. Segundo esse deputado, o Brasil deveria adotar o modelo já adotado em outros países, onde os proprietários de terras são recompensados financeiramente para garantir a preservação. É uma idéia que agrada a Éder Zanetti, pesquisador de mudanças climáticas globais e serviços ambientais das florestas, para quem o produtor rural que se vê obrigado pela lei a praticar ecologia em um determinado percentual de sua propriedade também faz jus à remuneração, que deve ser igual ou superior à que recebe por suas atividades agropecuárias, tendo em vista o esforço maior para desenvolver essa nova vocação.

(Trecho adaptado da reportagem *É hora de fazer bem feito* escrita por Jomar de

Freitas Martins. In: *Terraviva*: A Revista de quem planta. Ano 1 – Nº 8.

São Paulo: Editora Lua. Março de 2009, p. 22-27)

71 - (UFCG PB)

Sobre aspectos sintáticos, morfológicos e semânticos do texto são feitas as seguintes afirmações:

I. O pronome *onde*, no segundo parágrafo, antes de *os proprietários*, refere-se aos países que recompensam agricultores preocupados com a ecologia.

II. O uso de formas verbais, na primeira pessoa do plural, no final do primeiro parágrafo, indica a posição de defensores do projeto de lei.

III. A preposição *para*, antes de *sabermos*, no segundo parágrafo, introduz uma finalidade da idéia exposta na oração anterior.

IV. O substantivo *matéria*, no primeiro parágrafo, refere-se à reportagem sobre o projeto de lei de preservação ambiental, divulgada pela revista Terraviva.

A alternativa que apresenta as assertivas corretas é:

a) I, II, IV.

b) I, II, III.

c) II, III, IV.

d) III, IV.

e) II, IV.

TEXTO: 41 - Comum à questão: 72

Considere o trecho do texto “O Planeta Urbano”.

O mundo da ciência e da técnica

Duzentos anos atrás, apenas 3% da população mundial vivia em cidades. Há um século, na esteira da Revolução Industrial, a porcentagem tinha subido para 13% – ainda uma minoria em um planeta essencialmente rural. Em algum momento deste ano, de acordo com estimativas das Nações Unidas, pela primeira vez na história o número de pessoas que vivem em áreas urbanas ultrapassará o de moradores do campo. Segundo o mesmo estudo, nas próximas décadas praticamente todo o crescimento populacional do planeta ocorrerá nas cidades, nas quais viverão sete em cada dez pessoas em 2050. A população rural ainda deve aumentar nos próximos dez anos, antes de entrar em declínio gradativo. A atual migração para as cidades é de tal ordem que se pode compará-la, de forma alegórica, a um novo salto na evolução. O Homo sapiens cedeu lugar a seu sucessor, o Homo urbanus.

(Trecho do texto O Planeta Urbano. Veja, 16.04.2008)

72 - (UFABC SP)

Entre as estratégias empregadas no texto para dar a ele consistência e maior credibilidade, levando o leitor a crer no que lê, encontra-se

a) o emprego de verbos no presente, em substituição ao pretérito.

b) o apelo à sensibilidade do leitor, para que mude de atitude.

c) a citação de dados estatísticos e informações provenientes de organismo internacional.

d) a adoção de um estilo didático, enfatizando a memorização de dados.

e) a menção ao futuro, fazendo prognósticos pessimistas.

TEXTO: 42 - Comum às questões: 73, 74

[1]Alguns estudiosos afirmam que a língua portuguesa é machista e apresentam pelo menos duas razões para isso: se numa sala há uma multidão de mulheres e apenas um homem, a concordância se fará no masculino plural; se uma pessoa quer agredir um homem, é a mãe dele que ela xinga; além disso, há nomes que são elogios para o homem e agressões à mulher: a um homem se pode chamar touro ou garanhão, mas chamar a mulher de vaca ou de [5]égua é ofendê-la.

À primeira vista esses argumentos parecem ter fundamento. Engano.

A língua se caracteriza pelos instrumentos gramaticais, como flexões nominais e verbais, artigos, preposições e conjunções, por exemplo. O vocabulário, isto é, as palavras reais, não caracterizam a língua. É por isso que o inglês é considerado língua germânica e não latina, apesar de ter uma quantidade significativa de palavras latinas no [10]seu léxico. Da mesma forma, o romeno é considerado língua latina, apesar da grande quantidade de palavras eslavas em seu dicionário.

É basicamente o vocabulário o que distingue o português do Brasil do português de Portugal, ou o português brasileiro do morro do português brasileiro do asfalto. Ninguém deixaria de reconhecer como legitimamente portuguesa uma frase como "*O Office-boy,* com uma *pizza* de *mozarela, flertou* com as *garçonetes* no *hall do drive-in*", em que [15]não existe uma única palavra portuguesa (Office-boy, hall e drive-in são palavras inglesas, como a raiz de flertou; pizza e mozarela são nomes italianos; garçonete é nome francês). O que caracteriza a frase como portuguesa são os instrumentos gramaticais: os artigos, as preposições, a flexão verbal, o número, o gênero.

Um falante pode inventar um substantivo novo ou um verbo novo, mas não poderá inventar um gênero diferente nem uma conjunção diferente, porque é a gramática que faz a língua e não o dicionário. Para inventar palavras, não [20]é necessário utilizar os recursos de formação vocabular que a língua põe à disposição dos falantes, como sufixos e prefixos. Basta respeitar os padrões fonológicos da língua.

Ao inventar o **imexível**, o então ministro do Trabalho do governo Collor, Rogério Magri, usou recursos existentes na língua, e o resultado foi perfeitamente compreensível, aceitável e de acordo com outras formações lexicais já existentes, como ilegível, por exemplo. Mas, ao inventar **hiputrélico**, em *Tutaméia*, Guimarães Rosa só respeitou os padrões silábicos e fonológicos da língua, o que deu uma configuração portuguesa à palavra, mas nenhum sentido, uma vez que nenhum falante poderá saber o que essa palavra significa, a menos que o próprio autor o diga.

Quando usa um termo agressivo para a mulher, mas elogiativo para o homem, o falante é que está sendo machista, e não a língua, porque a escolha das palavras é exclusivamente responsabilidade sua. Mas, quando usa o feminino, o plural, ou conjuga um verbo, a responsabilidade é da língua, porque é a língua e não o falante que determina o gênero ou a flexão verbal. Assim, Deus é masculino não porque a língua é machista, mas porque Deus não tem o gênero feminino.

O feminino é que tem a marca de gênero, em português. O masculino é, na verdade, a ausência de gênero. Por isso, pronomes como quem, aquilo, isto, nada, tudo, alguém, ninguém etc. exigem concordância no masculino, que não é gênero. Aliás, o masculino deveria chamar-se neutro ou gênero não-marcado, por oposição ao feminino, que é gênero marcado. Da mesma forma, eu sei que prato é singular, porque não tem o s de plural. Apenas o plural é número marcado em português. O singular, como o masculino, não tem marca.

Assim, se há muitas mulheres e apenas um homem num lugar, a concordância no masculino apenas assinala que não se está especificando gênero nenhum, que não se está privilegiando ninguém.

Com relação a nomes que são elogios ao homem e ofensas à mulher, como pistoleiro/pistoleira, homem-público/ mulher-pública, touro/ vaca, aventureiro/ aventureira, cão (melhor amigo do homem/cadela (prostituta) etc.), não há neles nada que permita concluir que a língua seja machista, porque se trata de vocábulos, de itens lexicais, de palavras de livre escolha do falante, sem imposição da língua.

Se o falante tem o direito de inventar uma palavra, como fez Guimarães rosa com o seu **hiputrélico**, ele não tem o direito de inventar um gênero novo, um plural diferente ou uma flexão verbal própria. Os instrumentos gramaticais são impostos ao falante, mas o vocabulário não. Assim, não é a língua que é machista, mas o falante, quando usa nomes elogiativos para o homem e ofensivos para a mulher.

José Augusto Carvalho. Revista *Língua Portuguesa*, ed. 39, janeiro 2009, p. 39-40.

73 - (UFU MG)

Sobre o modo como o autor organiza o texto, assinale a alternativa correta.

a) Do primeiro ao último parágrafo do texto, o autor vai, paulatinamente, apresentando seu ponto de vista em relação ao assunto discutido. Porém, o parágrafo final é revelador, uma vez que é por meio dele que o autor conclui que a língua portuguesa é machista.

b) Durante todo o texto, é possível perceber os esforços do autor no sentido de apresentar argumentos que contrariem a tese de que o falante da língua portuguesa é machista.

c) No decorrer de todo o texto, o autor assume uma posição neutra a respeito do assunto discutido. Somente no parágrafo final é possível constatar que ele é contrário àqueles que afirmam que a língua portuguesa é machista.

d) No primeiro parágrafo, o autor já anuncia seu posicionamento a respeito do assunto discutido, sendo que, em todos os parágrafos que seguem, ele vai apresentando argumentos que justificam a ideia defendida e, no último parágrafo, deixa claro que não é a língua portuguesa, mas o falante que é machista.

74 - (UFU MG)

Assinale a **ÚNICA** alternativa que **NÃO** constitui argumento para a tese defendida pelo autor.

a) "[...] a um homem se pode chamar touro ou garanhão, mas chamar a mulher de vaca ou de égua é ofendê-la." (refs.1-5)

b) "[...] pronomes como quem, aquilo, isto, nada, tudo, alguém, ninguém etc. exigem concordância no masculino." (ref. 30)

c) A escolha das palavras é de responsabilidade exclusiva do falante.

d) "[...] a concordância no masculino apenas assinala que não se está especificando gênero nenhum, que não se está privilegiando ninguém." (ref. 35)

TEXTO: 43 - Comum às questões: 75, 76

Humanidade Sem-Raças?*

Sergio D. J. Pena, Publifolha, 2008

[1]A Bíblia nos apresenta os Quatro Cavaleiros do Apocalipse: Morte, Guerra, Fome e Peste. Com os conflitos na Irlanda do Norte, em Ruanda e nos Bálcãs, no fim do século passado, e, após o 11 de Setembro, com a invasão do Afeganistão e do Iraque e os conflitos de Darfur no início do século 21, temos de adicionar quatro novos cavaleiros: Racismo, [5]Xenofobia, Ódio Étnico e Intolerância Religiosa.

Vamos examinar um desses: o racismo, com o seu principal comparsa, a crença na existência de "raças humanas". Proponho demonstrar que as raças humanas são apenas produto da nossa imaginação cultural. Como disse o epidemiologista americano Jay S. Kaufman, as raças não existem em nossa mente porque são reais, mas são reais porque existem em nossa [10]mente♣.

Acredito que a palavra raça deveria ser sempre escrita entre aspas. Como isso comprometeria demais a apresentação do texto, serão omitidas aqui, mas gostaria de sugerir que o leitor as mantivesse, imaginariamente, a cada ocorrência do termo. No passado, a crença de que as raças humanas possuíam diferenças biológicas substanciais e bem-demarcadas [15]contribuiu para justificar discriminação, exploração e atrocidades. Ao longo dos tempos, esse infeliz conceito integrou-se à trama da nossa sociedade, sem que sua adequação ou veracidade tenham sido suficientemente questionadas.

Perversamente, o conceito tem sido usado não só para sistematizar e estudar as populações humanas, mas também para criar esquemas classificatórios que parecem justificar [20]o *status quo* e a dominação de alguns grupos sobre outros. Assim, a sobrevivência da ideia de raça é deletéria por estar ligada à crença continuada de que os grupos humanos existem em uma escala de valor. Essa persistência é tóxica, contaminando e enfraquecendo a sociedade como um todo.

Parece existir uma noção generalizada de que o conceito de raças humanas e sua [25]indesejável consequência, o racismo, são tão velhos como a humanidade. Há mesmo quem pense neles como parte essencial da "natureza humana". Isso não é verdade. Pelo contrário, as raças e o racismo são uma invenção recente na história da humanidade.

Como é possível que o fato de possuir ancestrais na África faça o todo de uma pessoa ser diferente de quem tem ancestrais na Ásia ou na Europa? O que têm a pigmentação da pele, o [30]formato e a cor dos olhos ou a textura do cabelo a ver com as qualidades humanas singulares que determinam uma individualidade existencial? Tratar um indivíduo com base na cor da sua pele ou na sua aparência física é claramente errado, pois alicerça toda a relação em algo que é moralmente irrelevante com respeito ao caráter ou às ações daquela pessoa.

* Texto Adaptado a partir da introdução do livro de mesmo nome.

♣Kaufman, J. S., "How Inconsistencies in Racial Classification Demystify The Race Construct in Public Health Statistics". Em: Epidemiology, 10:108-11, 1999.

75 - (UNISC RS)

Na referência 30, o autor emprega "*qualidades humanas e singulares que determinam uma individualidade existencial?".*

Na verdade, o enunciado, apresentado como uma problematização, busca, intencionalmente,

a) produzir um efeito de ambiguidade ao sentido de humanidade.

b) destacar o que é essencial e determinante da condição e da possibilidade de sermos chamados de humanos.

c) sublinhar que a existência humana é contraditória por ser subjetiva.

d) imprimir ao discurso um tom ideológico, que acaba por prejudicar a imparcialidade que o texto havia demonstrado.

e) mostrar que a diversidade não é uma característica da constituição da humanidade.

76 - (UNISC RS)

No texto, a citação dos Quatro Cavaleiros do Apocalipse em comparação ao racismo, xenofobia, ódio étnico e intolerância religiosa

I. é utilizada para destacar a natureza mítica do conceito de raça e sua vinculação a um princípio religioso.

II. é utilizada para destacar o caráter destrutivo dessas novas manifestações de nossa sociedade.

III. é empregada em oposição ao sentido apocalíptico assumido no texto bíblico.

Assinale a alternativa correta.

a) Somente a afirmativa I está correta.

b) Somente a afirmativa II está correta.

c) Somente a afirmativa III está correta.

d) Somente as afirmativas II e III estão corretas.

e) Somente as afirmativas I e II estão corretas.

TEXTO: 44 - Comum à questão: 77

A polêmica decisão do STF de facultar o trabalho de jornalista aos profissionais que não têm diploma provocou, como era de se esperar, muitas reações contrárias. Dentre essas tantas, está o texto a seguir, retirado, sem alterações, de um blog.

Tô te falando...

Tem coisas que agente pensa e não fala... Tem coisas que agente fala e não pensa!

« Dunamys Curitiba 2009 Manifestoon! »

Diploma???...._

By robbison

E agora quem poderá nos defender?? Com o fim do diploma de jornalismo até o Chapolin pode ocupar a cadeira nessa charge abaixo.

Fim da exigência do diploma de jornalismo
O EDITOR ME PEDIU PARA USAR 3 FONTES PARA FAZER ESTA MATÉRIA. ARIAL, TIMES NEW ROMAN... QUAL MAIS?
JOGUEI 4 ANOS DA MINHA VIDA NO LIXO!
090623
WWW.NANQUIM.COM.BR

Desde 2001 um impasse vinha ocorrendo no STF (Supremo Tribunal Federal) e foi ~~resolvido~~ encerrado esse mês, com oito votos a favor foi estabelecido o fim da exigência do diploma para exercer a profissão de Jornalismo. No meio da comunicação essa notícia caiu como uma bomba não só para os estudantes de jornalismos, como também aos jornalistas e pseudo jornalistas. Mais afinal quem saiu ganhando, quem sai perdendo e ~~como estamos num mundo capitalista~~ quem sai lucrando ($) com tudo isso?

Não é de hoje que várias pessoas se acham no direito de se entitularem jornalistas só pelo fato de assinarem uma coluna na Folha de São Paulo, também não é de hoje que as mesmas vem ocupando o lugar de pessoas capacitadas que não podem exercer a profissão por não ter um "nome" no mercado. Com o fim do diploma de jornalismo quem sai ganhando ~~é claro~~ são as próprias empresas jornalísticas que agora são livres para contratar quem elas quiserem, podem abaixar ainda mais os sálarios (antes conseguidos pela categoria) e o pior, e mais preocupante, podem aumentar o controle ideológico do seus trabalhadores, ou seja, os jornalistas deixam de exercer a função do jornalismo (matérias com caráter de interesse público) para expandir os interesses dos grupos econômicos privados.

Com essa decisão os cursos de jornalismo espalhados por todo o Brasil tem em mãos um novo desafio; conquistar seu próprio espaço na sociedade e seu lugar no mercado de trabalho, ou seja, mostrar a que vieram, agora sim vamos ver quem quer realmente mudar a situação da comunicação brasileira, ou quem só quer aparecer e dar opiniões sem fundamento.

Como disse Rosana Hermann " se o diploma for proteger a incompetência é melhor que ele caia para legitimar o talento" concordo, pois quem estava cursando a faculdade pensando que um simples diploma lhe traria um bom emprego vão ter um desafio maior que é mostrar que o conhecimento adquirido vai além de um papel com a assinatura de um reitor e aquele que esta cursando sabendo a responsabilidade e a importância de um jornalista não verá problema nisso, pois o mais difícil ele já aprendeu.

Eu como estudante de Publicidade que ~~pensava~~ quer fazer jornalismo sei e estou convicto que diploma nenhum, independente da Instituição de Ensino, é garantia de reconhecimento e emprego certo, por isso com diploma ou não nossa luta nesse mercado esmagador vai muito além de mostrar um papelzinho com um emblema de uma boa universidade, não é o diploma que vai nos conceder nosso espaço no mercado, mais sim nossa dedicação e empenho.

Valew e até o next post.

http://totefalando.wordpress.com/2009/06/24/diploma/ acessado em 15 de julho de 2009

77 - (UFPel RS)

O texto desse blog propõe-se a defender um ponto de vista. Para tanto, vale-se de argumentos sobre os quais tratam as alternativas a seguir. **Assinala a correta.**

a) A pergunta apresentada ao final do primeiro parágrafo não encontra resposta no seguimento do texto, o que diminui sua força retórica e argumentativa. Isso se deu porque o autor enveredou por outra linha de raciocínio.

b) A explicação de qual o papel do jornalismo é um argumento que o autor utiliza para refutar a decisão do STF, já que tal veredito viria ao encontro da importância que essa profissão tem para a sociedade.

c) O argumento central é a necessidade de os cursos de jornalismo mudarem, relegando a um segundo plano quem “só quer aparecer e dar opiniões sem fundamento”.

d) O autor concorda com o argumento de Rosana Hermann, aliando-se a ela na crítica à decisão do STF. A frase dela é utilizada para realçar a necessidade de uma boa formação universitária.

e) Como jornalista, o autor mostra-se preocupado com o controle ideológico exercido pelos donos dos meios de comunicação. Para ele, a decisão do STF beneficia sobremaneira esses grupos.

f) I.R.

TEXTO: 45 - Comum à questão: 78

Autodesprezo

[1]Em entrevista a este jornal, no último dia de julho, [2]João Ubaldo Ribeiro disse que o Prêmio Camões, [3]recebido por ele, tem "muito mais repercussão em [4]Portugal", acrescentando: "Se fosse em inglês... mas, [5]como é nosso, não tem tanta importância, estamos [6]acostumados com o autodesprezo."

[7]É uma observação grave — e, infelizmente, [8]verdadeira. Em nosso país os corações só se levantam [9]pelo futebol, novelas de TV e música de segunda e [10] terceira categorias. Sem falar no Carnaval, mesmo já [11]tão descaracterizado. Não é uma questão de QI inferior, [12]como disse aquele outro, mas de baixa educação [13]mesmo. Desde que a ditadura militar acabou com o [14]ensino público de primeiro e segundo graus, afundamos [15]cada vez mais num abismo de ignorância, sem nenhuma [16]atenção para a inteligência e a sensibilidade. Sem base [17]adequada, fica difícil para qualquer um se desenvolver. É [18]uma tristeza ver como os estudantes chegam hoje à [19]universidade, a qual teve de baixar o nível das exigências, [20] do contrário ficaria às moscas...

[21]Nunca fomos, na verdade, grande coisa, mas já [22]fomos melhores. Em certos aspectos, muito melhores. [23]Recordo bem que a Bahia admirava a inteligência e o [24]talento, orgulhando-se de uma tradição ligada às letras [25]e às artes. Nos anos 1960, quando vim estudar em [26]Salvador, chegando do interior, encontrei um ambiente [27]fervilhante de pintores, escultores, poetas, ficcionistas, [28]jornalistas, sem falar no Cinema Novo, que repercutia [29]mundo afora. E os estudantes eram incansáveis em [30]atividades políticas e culturais. Tudo bem diferente do [31]marasmo de agora.

[32]O "autodesprezo" a que se refere João Ubaldo [33]acentuou-se muito nos últimos tempos. Não é uma [34]manifestação de qualquer tipo de superioridade — mas [35]de inferioridade. As nações mais cultas não se [36]autodesprezam jamais: ao contrário, orgulham-se de [37]todos os seus feitos. Dos seus heróis históricos, dos [38]seus artistas, dos seus cientistas. Nós, não: esnobamos [39]essa gente. Esnobamos nossos grandes feitos. Ah, [40]somos muito vivos, muito sabidos, pensam que nos [41]enganam? Nada disso tem importância, tudo é só [42]malandragem. Conversa fiada. E quando o conquistador [43]da honraria é um nordestino — ora, quem é que vai levar [44]a sério uma coisa dessas?!

[45]João Ubaldo está certíssimo: o Prêmio Camões, [46]embora ganho por um brasileiro, tem muito mais [47]repercussão em Portugal. No Brasil, onde deveria [48]acontecer uma grande comemoração, só a Bahia fez [49]boa divulgação do evento (as pífias matérias na imprensa [50]do Sudeste merecerão um comentário posterior). [51]Procuramos, assim, desmerecer uma glória das mais [52]legítimas. Porque adotamos (ou fomos condicionados [53]a) uma visão medíocre da vida, mediocrizamos tudo. [54]Qualquer coisa um pouco mais alta é como uma [55]agressão, só merece o nosso desprezo. Que é o [56]autodesprezo com que procuramos disfarçar nossa [57]pobreza de espírito, ai de nós.

ESPINHEIRA FILHO, Ruy. Autodesprezo. **A Tarde**, Salvador, 14 ago. 2008. Opinião, p. 3.

78 - (UESC BA)

Identifique as afirmativas verdadeiras (**V**) e as falsas (**F**), conforme o texto.

( ) Em “É uma observação grave — e, infelizmente, verdadeira.” (*ref.5*), o ponto de vista do enunciador sobre o fato revela uma avaliação desvinculada da subjetividade de João Ubaldo.

( ) Em “Não é uma manifestação de qualquer tipo de superioridade — mas de inferioridade.” (refs.33-35), o alvo da argumentação é o “autodesprezo”.

( ) Em “Dos seus heróis históricos, dos seus artistas, dos seus cientistas.” (*ref.37-39*), todo o enunciado constitui uma frase nominal que esclarece a frase anterior.

( ) Em “Nada disso tem importância, tudo é só malandragem. Conversa fiada.” (refs. 41-42), o autor usa a modalidade informal da língua.

( ) Em “Qualquer coisa um pouco mais alta é como uma agressão, **só merece o nosso desprezo.**” (refs. 54-56), o termo destacado exprime uma finalidade.

A alternativa que contém a seqüência correta, de cima para baixo, é a:

1. F F V V F
2. F V V V F
3. F V F V F
4. V F F V V
5. V F V F V

TEXTO: 46 - Comum à questão: 79

"O ex-prefeito de Juiz de Fora Carlos Alberto Bejani é mesmo um fenômeno. Em pleno Brasil do ano de 2008, onde tão pouca gente chega a se meter em algum problema mais sério, de verdade, por cometer atos de delinqüência na vida pública, ele conseguiu ser preso duas vezes seguidas, entre abril e junho. Para começar, deixou-se pegar em flagrante, naquele tipo de cena que hoje em dia se tornou um clássico da nossa política: recebendo pacotes de dinheiro vivo, em valor um pouco acima de 1,1 milhão de reais, numa gravação com imagem e som. Ficou catorze dias na cadeia e foi solto, como acontece sempre: e, como acontece sempre, tudo deveria ir acabando por aí. Neste caso, porém, nem mesmo a incomparável proteção que as leis e a justiça brasileira oferecem a gente como o ex–prefeito foi suficiente para mantê-lo solto. O documento que ele apresentou para justificar a origem do dinheiro – a já tradicional venda de uma 'fazenda', variante da venda de bois, cavalos etc. – foi considerado falso. Diante de sua absoluta falta de cuidado com o que dizia enquanto era gravado, ficou claro que o dinheiro lhe fora entregue em troca da concessão de diversos aumentos no preço das passagens municipais de ônibus. Contra todas as expectativas, o homem teve de voltar ao presídio."

(GUZZO, J. R. Agravo x embargo. *Veja*, São Paulo,

25 jun. 2008. Seções, p. 140)

79 - (UFAC)

O autor utiliza um recurso de repetição no meio do parágrafo (como acontece sempre) que enfatiza um aspecto importante para o reforço da idéia a ser desenvolvida. Isso demonstra, na seqüência, que ele:

a) confia extremamente na justiça brasileira.

b) estabelece uma posição otimista de mudança do panorama judiciário brasileiro.

c) considera irrepreensível a conduta do ex-prefeito em relação a sua posição de defesa.

d) não considera improvável que o ex-prefeito possa deixar de provar a sua inocência.

e) desconfia da capacidade do ex-prefeito de compreender os mecanismos de funcionamento do nosso judiciário para se safar.

TEXTO: 47 - Comum à questão: 80

Anemia e obesidade: um paradoxo

[1]Publicado recentemente na revista Cadernos de Saúde Pública, o estudo "Anemia [2]e Obesidade: um paradoxo da transição nutricional brasileira" revela a prevalência [3]crescente tanto de anemias quanto de obesidade no país. A partir de análises de [4]trabalhos realizados nas últimas três décadas, a pesquisa concluiu que a tendência estaria [5]associada a mudanças nos hábitos alimentares.

[6]Segundo os pesquisadores da UFPE, do Instituto Materno Infantil Professor [7]Fernando Figueira (IMIP) e do Centro de Pesquisas da Fundação Oswaldo Cruz, em [8]Recife (PE), a idéia foi juntar os dados em ordem cronológica desde 1974 para verificar se [9]eles apontariam uma tendência. Entre os trabalhos analisados, três foram feitos com a [10]mesma população, em momentos diferentes, revelando-se mais adequados a análises de [11]tendências temporais. Os resultados revelaram que, a cada década, a desnutrição [12]regrediu e a obesidade evoluiu.

[13]Contudo, a nova pesquisa aponta as anemias como "um problema em ascensão", [14]embora o Brasil esteja superando o problema da fome. Segundo o pesquisador do IMIP, [15]Malaquias Batista Filho, o problema da anemia não é exclusividade dos países [16]subdesenvolvidos ou em desenvolvimento. A Europa tinha, há uma década, cerca de 20 [17]milhões de pessoas anêmicas.

[18]O aumento do sobrepeso e da obesidade, segundo a nova pesquisa, é resultado [19]das grandes mudanças na situação nutricional da população adulta brasileira. A partir de [20]1989, a obesidade triplicou em homens, passando de 2,8% para 8,8%. Inicialmente três [21]vezes maior do que em homens, a ocorrência de obesidade entre as mulheres manteve-se [22]em torno de 13% nas avaliações realizadas em 1989 e 2003. [23]Segundo o pesquisador Batista Filho, do IMIP, o novo padrão nutricional está gerando "a [24]necessidade de se avançar para além dos problemas relacionados à fome. Temos que [25]pensar na qualidade da alimentação e não simplesmente compensá-la com calorias. [26]Alimentação saudável não se limita ao problema da fome, mas tem relação com vários outros aspectos nutricionais e de saúde", comentou.

Beth Santos. **www.abeso.org.br** (texto adaptado)

80 - (UFPA)

Recursos utilizados pela autora para sustentar a idéia de que há sérios problemas nutricionais no Brasil estão referidos abaixo, **EXCETO** em

a) a referência a pesquisas nacionais sobre as questões de nutrição e de saúde, no trecho "Publicado recentemente na revista Cadernos de Saúde Pública, o estudo 'Anemia e obesidade: um paradoxo da transição nutricional brasileira' revela a prevalência crescente tanto de anemias quanto de obesidade no país". (refs. 01 a 03)

b) o discurso indireto, no trecho "Segundo os pesquisadores da UFPE, do Instituto Materno Infantil Professor Fernando Figueira (IMIP) e do Centro de Pesquisas da Fundação Oswaldo Cruz, em Recife (PE), a idéia foi juntar os dados em ordem cronológica desde 1974 para verificar se eles apontariam uma tendência". (refs. 06 a 09)

c) a referência a pesquisas estrangeiras sobre as questões de nutrição e de saúde, no trecho "A Europa tinha, há uma década, cerca de 20 milhões de pessoas anêmicas". (refs. 16 e 17)

d) os dados estatísticos, no trecho "A partir de 1989, a obesidade triplicou em homens, passando de 2,8% para 8,8%. Inicialmente três vezes maior do que em homens, a ocorrência de obesidade entre as mulheres manteve-se em torno de 13% nas avaliações realizadas em 1989 e 2003". (refs. 19 a 22)

e) o discurso direto, no trecho "...a necessidade de se avançar para além dos problemas relacionados à fome. Temos que pensar na qualidade da alimentação e não simplesmente compensá-la com calorias. Alimentação saudável não se limita ao problema da fome, mas tem relação com vários outros aspectos nutricionais e de saúde, comentou". (refs. 23 a 27)

TEXTO: 48 - Comum à questão: 81

[01]Quando houve a virada do novo milênio, rondava entre nós, os conectados na internet, o medo do chamado [02]*bug*. Temia-se que os computadores entrassem numa espécie de catalepsia em rede, ocasionada por uma situação [03]inusitada: os *softwares* não estariam programados para decodificar os dígitos do ano 2000. As máquinas como que [04]parariam no tempo ou, pior, voltariam para trás, no fatídico 1º de janeiro de 00. O risco era o de que a pane acarretasse [05]reveses econômicos inestimáveis. Conjecturava-se que os bancos, coitados, sofreriam perdas medonhas – pela [06]primeira vez! Parecia até sabotagem arquitetada por astutos *hackers* para promover, se não a redistribuição de [07]renda, alguma perda econômica, que fosse, para os aquinhoados pelo destino (e pela herança). Programadores [08]acorreram de todos os lados, esbaforidos, para evitar o pior. E o pior não veio. Não veio?

[09]Por outro lado, há muitos anos, contingentes expressivos de seres humanos vinham acalentando a perspectiva de [10]que os avanços tecnológicos nos levariam a trabalhar menos: as

máquinas nos serviriam, enquanto poderíamos despender o tempo extra resultante dessa servidão a nosso bel-prazer, para o lazer, em idílico "dolce far niente". O melhor da festa viria. Veio?

É fácil perceber que, em termos de previsões, nossos futurólogos da tecnologia são um fiasco. Nem *bug*, nem "dolce far niente". O que veio – e parece que para ficar... – é uma espécie de "big bug", ou, na língua de Machado de Assis, o grande caos.

As novas tecnologias estão fazendo muitos de nós trabalharmos sem parar. Se as férias já eram poucas, muitas vezes resumidas a parcos dias nas festas de final de ano, agora, ainda por cima (por baixo, por trás e pelo lado), são contaminadas pelo vírus da conectividade permanente: celular, *iPhone*, computador portátil, enfim, o escambau, que fica ligado, piscando, vibrando, zunindo, para acabar com nosso sossego. Adeus, fim-de-semana, oh! saudosas noites de luar! (ou de céu cinzento, que fossem).

O que dizer, então, do famigerado e-mail? "Uma maravilha! Agiliza tudo! Facilita a comunicação entre as pessoas", dirão os incautos. Ora, além de não ter diminuído a jornada de trabalho, a tecnologia, por via do *e-mail* – para ficar apenas no nosso exemplo –, está fazendo com que trabalhemos mais horas. Muito mais!

Se alguém nos envia uma mensagem, antes de tudo, é preciso lê-la.

Muitas vezes, respondê-la. Fique-se um dia sem consultar a caixa de mensagens, e elas irão se acumulando como coelhos cibernéticos, com suas respostas, cópias e encaminhamentos para terceiros.

E as tão sonhadas horas extras para o lazer viram pó, ou melhor, viram *bits*, pois as ocuparemos, até o fim dos tempos, somadas a outras horas extras de mais trabalho, para responder os queridos *e-mails*, copiá-los e encaminhá–los. E, depois de tudo, talvez ainda sobre um tempinho para deletá-los ou deles fazermos "backup".

E, se não sobrar, estaremos, como dizer... bem arranjados, porque, ou nosso computador dará uma pane qualquer por excesso de informação acumulada, ou então, para evitar o "big bug" pessoal, teremos, fatalmente, de limpar as caixas de mensagens, de entrada e de saída, as lixeiras, a parafernália toda.

Já sei: já é possível deixar os *e-mails* em *sites* hospedeiros, com segurança e praticidade. Vai confiar...

Com tudo isso, o tempo tem se tornado um dos bens mais escassos de nossa era. Em outras palavras: já se foi o tempo em que se tinha tempo para discutir o tempo, digo, se dia de sol ou de chuva. Agora, basta um *click* de nada, a qualquer hora e em qualquer lugar, e todas as informações estarão disponíveis instantaneamente. O prazer da conversa e o esforço prazeroso da busca pela informação? Baubau.

[38]Já não bastasse o trânsito, que cresce maligno, invadindo as ruas e todas as conversas (falta de assunto, [39]viu?!), surrupiando o nosso precioso tempo, agora estamos escravizados pela tirania do *e-mail*. De repente, todo [40]mundo acorda de uma longa letargia para olhar o caos urbano, a imobilidade instalada. E alguém ainda comemora a [41]possibilidade de não perder tempo no engarrafamento, porque existe celular com *e-mail*. Que maravilha...

[42]Onde é que nós vamos parar? Difícil dizer. O fato é que já estamos parando... De minha parte, alheio ao [43]famigerado *boom* da indústria automobilística, tenho andado cada vez mais a pé. E tenho andado também com uma [44]saudade danada de minha maquininha de escrever, de seu suave tec-tec-tec... tec-tec-tec... Agora, para completar, [45]vou pegar um punhado de papel vegetal pautado, para escrever, de próprio punho, longas cartas aos amigos, tudo [46]com muito vagar, apoderando-me do tempo e de mim mesmo... Adeus, pressa. “Bye, bug”!

Cássio Schubsky. *Folha de S. Paulo*, 22 de maio de 2008.

81 - (UFU MG)

O autor encerra o 1º e o 2º parágrafos do texto com as seguintes perguntas: **Não veio? Veio?**

Marque a **ÚNICA** alternativa que melhor sintetiza o objetivo das perguntas.

a) Negar o período anterior.

b) Gerar dúvida no leitor

c) Dirigir-se ao leitor.

d) Mostrar dúvida do próprio autor.

TEXTO: 49 - Comum à questão: 82

ENERGIA VERDE DEVE CRIAR MILHÕOES

DE EMPREGOS ATÉ 2030 - ONU

Da Reuters, 24/09/2008

[1]NAÇÕES UNIDAS - O desenvolvimento de energias alternativas deve criar mais de 20 [2]milhões de empregos ao redor do mundo nas próximas décadas, à medida que os governos [3]adotarem políticas de redução de gases causadores do efeito estufa, de acordo com um [4]relatório da ONU.

[5]Cerca de 2,3 milhões de pessoas já trabalham com energia verde, sendo metade em [6]biocombustíveis, diz o relatório "Empregos verdes: rumo ao trabalho decente em um mundo [7]sustentável e com baixo carbono", elaborado e patrocinado pelo programa ambiental da [8]Organização das Nações Unidas.

[9]A criação de empregos vai depender da implementação e expansão dessas políticas nos [10]países, incluindo a redução de emissões de gases causadores do efeito estufa e a migração de [11]subsídios das antigas formas de energia para as novas, em um esforço para diminuir o [12]aquecimento global, diz o estudo.

[13]O relatório foi escrito antes de a crise de crédito dos EUA abalar Wall Street e repercutir ao [14]redor do mundo, o que pode desacelerar muitos setores, incluindo o de energias alternativas.

[15]O estudo diz que cerca de 12 milhões de novos empregos podem ser criados até 2030, na [16]indústria e agricultura voltadas aos biocombustíveis.

[17]Os críticos dos biocombustíveis dizem que o etanol americano, feito principalmente de [18]milho, faz pouco para reduzir as emissões de gases causadores do efeito estufa. Mas as [19]empresas estão correndo para fabricar um etanol mais limpo de fontes como resíduos de [20]lavouras e acelerando a plantação de lavouras não-comestíveis.

[21]O relatório afirma que muitos empregos na indústria de biocombustíveis não são justos [22]com os trabalhadores.

[23]"Grande parte dos empregos nas plantações de cana-de-açúcar e óleo de palma em países [24]como Brasil, Colômbia, Malásia e Indonésia são mal remunerados e feitos em condições [25]insalubres", diz o documento.

[26]"Também existem preocupações de que a produção de biocombustíveis em larga escala [27]possa expulsar um grande número de pessoas de suas terras no futuro", afirma o estudo. Um [28]"acompanhamento de perto" será necessário para determinar que porção dos empregos em [29]biocombustíveis pode ser contadas como decente, acrescenta.

[30]A fabricação, a instalação e a manutenção de painéis solares devem acrescentar outros 6,3 [31]milhões de empregos até 2030, enquanto a energia eólica deve somar mais de dois milhões de [32]empregos. Mais postos de trabalho podem ser criados nos setores de construção, reciclagem e [33]fabricação de veículos alternativos, diz o relatório.

[34]O mundo vai tentar alcançar um acordo que suceda o Protocolo de Kyoto, para tratar da [35]mudança climática, em um encontro da ONU em Kopenhagen, no final do ano de 2010.

82 - (UNISC RS)

No texto, são empregadas as construções “O estudo diz” (ref. 15), “Os críticos dos biocombustíveis dizem” (ref. 17), “O relatório afirma que” (ref. 21). Quanto ao emprego desse recurso, é possível dizer que

a) como se trata de um texto jornalístico, apresenta problemas na construção do sujeito discursivo, uma vez que deveria assumir uma perspectiva mais pessoal.

b) ancora o dizer na “voz discursiva” de um terceiro, processo que procura, isentar o enunciador, revestindo de credibilidade a declaração.

c) apresenta problemas quanto ao emprego dos tempos verbais, que deveriam ser alterados para “dizia”, “diziam” e “afirmava”, respectivamente, uma vez que se referem às situações já manifestadas num tempo anterior ao da divulgação do texto.

d) cria um grau elevado de impessoalidade, distanciando o texto de sua ref. argumentativa.

e) Nenhuma das alternativas anteriores está correta.

TEXTO: 50 - Comum à questão: 83

O corpo na cultura do cotidiano

Falar do corpo, e especialmente no Brasil, pressupõe-se todo um jogo de deslumbramento estético e gestual. Somos um povo etnicamente heterogêneo e herdamos do indígena, do negro e do europeu atlanto-mediterrâneo uma corporeidade mais libertária e até mais plástica mesmo. Trata-se de um fenômeno importante na nossa formação sociocultural, de notória presença nas manifestações lúdico-culturais. No futebol, por exemplo, o principal esporte do País, o sociólogo Gilberto Freyre realça a presença da manemolência, do gingado e da capoeiragem. Um pouco de

samba e da malandragem carioca, que tão bem caracterizam o gosto do futebol brasileiro pelo improviso e o imprevisível.(...)

Corpo. É este precisamente o tema do livro do professor e sociólogo francês David Le Breton, publicado no Brasil este ano (...). Suas análises começam pela inserção do homem no contexto social e cultural. É nesse momento que o corpo se torna o vetor semântico da nossa relação com o universo social. Os exercícios físicos, as experiências com a dor e o sofrimento, os jogos de sedução, a sutileza dos gestos e da mímica e a expressão dos sentimentos são alguns dos aspectos significativos da corporalidade humana. (...)

Os apertos de mãos, o simples aceno com a cabeça, o beijo no rosto, na boca, os sinais de aprovação ou reprovação, os movimentos corporais e faciais, o toque corporal ou sua recusa e até mesmo a troca de olhares, buscando cumplicidade ou criticando uma atitude, são elementos e valores do *ethos* cultural de uma comunidade ou sociedade. Em que pesem as particularidades e algumas diferenças gestuais de um grupo social para outro, a gestualidade possui o mais eficiente código de comunicação que conhecemos. Como diz Le Breton, " a cada instante decodificamos sensorialmente o mundo transformando-o em informações visuais, auditivas, olfativas, táteis ou gustativas. Assim, certos sinais corporais escapam da vontade ou da consciência do ator, mas nem por isso perdem sua dimensão social e cultural." (...)

As técnicas do corpo e seus respectivos movimentos adquirem o que chamaríamos de etiqueta de ocasião. Os interlocutores adaptam seus gestos, expressão corporal, ritmo, enfim, toda sua corporalidade àquele momento. São exemplos bem típicos dessas ocasiões encontro entre patrão e empregado, político de prestígio e seu eleitor, etc. O corpo adquire, nessas situações, expressões, gestos cerimoniosos e de respeito ao interlocutor. Esse exemplo não serve para o encontro de crianças, ou delas com os adultos. Tal como descreveu Freud, seu superego ainda não está desenvolvido e, justamente por isso, prevalecem a espontaneidade gestual e até a verbal. Se não for tomada pela inibição, ela lança seu corpo no ar, mostrando que ele não tem nenhum comprometimento social com a etiqueta de ocasião, muito menos com os filtros censores do verbo e do comportamento.

(*O Estado de S.Paulo*, 10.06.2006. Adaptado)

83 - (UNCISAL)

Assinale a alternativa em que se analisa corretamente o operador argumentativo em destaque na frase.

a) Um pouco de samba e de malandragem carioca, que *tão* bem caracterizam o gosto do futebol brasileiro pelo improviso e o imprevisível. O advérbio *tão* indica influência pouco significativa da malandragem carioca e do samba no futebol improvisado e imprevisível do brasileiro.

b) Corpo. É este *precisamente* o tema do livro do professor e sociólogo francês David Le Breton. O advérbio *precisamente* introduz informação vaga sobre o tema do livro de Le Breton.

c) Em que pesem as particularidades e algumas diferenças gestuais de um grupo social para outro, a gestualidade possui o *mais* eficiente código de comunicação que conhecemos. A palavra *mais* produz efeito minimizador da eficiência do código de comunicação corporal.

d) São exemplos *bem* típicos dessas ocasiões encontro entre patrão e empregado... O advérbio *bem* intensifica o significado exemplar das ocasiões.

e) Tal como descreveu Freud, seu superego ainda não está suficientemente desenvolvido e, justamente por isso, prevalecem a espontaneidade gestual e *até* a verbal. A palavra *até* tem valor, no contexto, de exclusão da espontaneidade verbal.

TEXTO: 51 - Comum às questões: 84, 85, 86

O maiúsculo e o minúsculo

(1) É lastimável quando alguém simplifica em demasia as realidades complexas: perde a proporção dos fatos e se põe a fazer afirmações desprovidas de qualquer fundamento. Enquanto essas simplificações permanecem nos limites estritos do idiossincrático, parece não haver maiores problemas, afinal cada um acredita naquilo que bem lhe apraz. Contudo, quando essas simplificações ultrapassam tais limites e começam a sustentar ações com repercussão para além do idiossincrático, a situação se torna, no mínimo, preocupante.

(2) É o que tem ocorrido ultimamente com certa discussão em torno da língua. Nessa área, há, sem dúvida, questões maiúsculas a serem enfrentadas. O Brasil precisa desencadear um amplo debate com vista à elaboração de uma nova política linguística para si, superando os efeitos deletérios de uma situação ainda muito mal resolvida entre nós.

(3) Essa nova política deverá, entre outros aspectos, reconhecer o caráter multilíngue do país (o fato de o português ser hegemônico não deve nos cegar para as muitas línguas indígenas, europeias e asiáticas que aqui se falam, multiplicidade que constitui parte significativa do patrimônio cultural

brasileiro). Ao mesmo tempo, deverá reconhecer a grande e rica diversidade do português falado aqui, vencendo de vez o mito da língua única e homogênea.

(4) Será preciso incluir, nessa nova política, um combate sistemático a todos os preconceitos linguísticos que afetam nossas relações sociais e que constituem pesado fator de exclusão social. E incluir, ainda, um incentivo permanente à pesquisa científica da complexa realidade linguística nacional e à ampla divulgação de seus resultados, estimulando com isso, por exemplo, um registro mais adequado, em gramáticas e dicionários, da norma-padrão real, bem como das demais variedades do português, viabilizando uma comparação sistemática de todas elas, como forma de subsidiar o acesso escolar (hoje tão precarizado) ao padrão oral e escrito.

(5) Apesar de termos essas tarefas maiúsculas à frente, foi uma questão minúscula que, a partir de uma grosseira simplificação dos fatos, acabou por tomar corpo em prejuízo de todo o resto: a presença de palavras da língua inglesa em nosso cotidiano.

(6) Uma observação cuidadosa e honesta dos fatos nos mostra que, proporcionalmente ao tamanho do nosso léxico (composto por cerca de 500 mil palavras), esses estrangeirismos não passam de uma insignificante gota d'água (algumas poucas dezenas) num imenso oceano.

(7) Mostra-nos ainda mais (e aqui um dado fundamental): muitos deles, pelas próprias ações dos falantes, estão já em pleno refluxo (a maioria terá, como em qualquer outra época da história da língua, vida efêmera).

(Carlos Alberto Faraco. Folha de S. Paulo. 13/05/2001).

84 - (UESPI)

A oposição que o autor estabelece entre "questões maiúsculas e questões minúsculas" se inicia no texto, pelo segmento:

a) "Será preciso incluir, nessa nova política..."

b) "Ao mesmo tempo, deverá reconhecer..."

c) "Apesar de termos essas tarefas maiúsculas à frente..."

d) "Uma observação cuidadosa e honesta dos fatos nos mostra que..."

e) "Mostra-nos ainda mais (e aqui um dado fundamental...)"

85 - (UESPI)

Em todo o texto, o autor optou por usar a 1ª. pessoa do plural: 'nós'. Com esse recurso, ele pretendeu:

a) aproximar o texto dos padrões linguísticos da fala informal.

b) incluir-se entre os destinatários de sua argumentação.

c) facilitar a compreensão dos sentidos do vocabulário usado.

d) tornar seu texto mais compatível com a língua culta.

e) destacar os usos do atual português brasileiro.

86 - (UESPI)

"É lastimável quando alguém simplifica em demasia as realidades complexas**:** perde a proporção dos fatos e se põe a fazer afirmações desprovidas de qualquer fundamento". O fragmento destacado, em relação ao anterior, constitui a explicitação de uma:

a) causa.

b) comparação.

c) concessão.

d) consequência.

e) condição.

TEXTO: 52 - Comum à questão: 87

Observe o parágrafo abaixo:

"Em 2006, foi condenado pelo crime em júri popular. No mesmo ano, teve a sentença confirmada pelo Tribunal de Justiça (TJ) de São Paulo e, dois anos mais tarde, pelo Superior Tribunal de Justiça (STJ). Como explicar o fato de que continua livre? A resposta está, sobretudo, numa mudança ideológica que começou a tomar corpo no Supremo Tribunal Federal (STF) no início dos anos 2000. Até a década de 90, o STF era composto de uma maioria de ministros ditos conservadores – termo que – em direito penal, indica aqueles que têm uma interpretação rigorosa da lei, em oposição, por exemplo, aos 'garantistas', mais preocupados em assegurar os direitos fundamentais do réu.

Grossíssimo modo, conservadores seriam aqueles que mandam prender e garantistas, ou liberais, aqueles que mandam soltar. A partir de 2003, o colegiado de onze magistrados do STF sofreu sete substituições. O fato de quase todos os novos ministros serem liberais levou a que uma tese passasse a prevalecer nas decisões do tribunal: o princípio da presunção da inocência, segundo o qual ninguém será considerado culpado antes que todos os recursos da defesa sejam julgados. No tempo da supremacia conservadora no STF, entendia-se que uma condenação em segunda instância era suficiente para que o réu pudesse ser preso. Agora, com a hegemonia garantista, desde que ele tenha dinheiro para pagar bons advogados e entrar com sucessivos recursos na Justiça, poderá ficar solto até a palavra final do STF, ainda que isso leve quase uma década – como no caso de Pimenta Neves."

(DINIS, L. Quase uma década de impunidade. *Veja*,

São Paulo, 23 set. 2009. Brasil, p. 74)

87 - (UFAC)

No trecho da reportagem acima, a jornalista procura mostrar os mecanismos de funcionamento da justiça brasileira, a partir de um crime bárbaro e que, quase uma década depois, continua impune. A maneira como ela desenvolve a sua argumentação leva em conta algumas minúcias, por meio de termos, que procuram driblar um pouco o peso da linguagem técnica para entender a nossa atual cultura jurídica da impunidade. Isso acontece porque:

a) diante do fato inaceitável de um assassino continuar livre, ficaria mais fácil para o leitor compreender fatos que, no fundo, só aumentam a nossa indignação, já que favorecem os criminosos endinheirados.

b) no entendimento da repórter, os criminosos, de alguma maneira, serão seriamente punidos.

c) o leitor presumível é ingênuo, a ponto de aceitar a impunidade como algo normal.

d) investe-se, no final das contas, numa maneira de descrição inteiramente voltada para a própria supremacia da linguagem técnico-jurídica.

e) indiferente ao que acontecer, as tendências conservadoras ou garantistas serão legitimadas, simplesmente, na total capacidade de auto-ajuste do nosso sistema jurídico.

TEXTO: 53 - Comum às questões: 89, 88, 90

Astroteologia

[1]Aparentemente, foi o filósofo grego Epicuro que sugeriu, já em torno de 270 a.C., que existem inúmeros mundos espalhados pelo cosmo, alguns como o nosso e outros completamente diferentes, muitos deles com criaturas e plantas.

Desde então, ideias sobre a pluralidade dos mundos têm ocupado uma fração significativa do debate [5]entre ciência e religião. Em um exemplo dramático, o monge Giordano Bruno foi queimado vivo pela Inquisição Romana em 1600 por pregar, dentre outras coisas, que cada estrela é um Sol e que cada Sol tem seus planetas.

Religiões mais conservadoras negam a possibilidade de vida extraterrestre, especialmente se for inteligente. No caso do cristianismo, Deus é o criador e a criação é descrita na Bíblia, e não vemos qualquer menção de [10]outros mundos e gentes. Pelo contrário, os homens são as criaturas escolhidas e, portanto, privilegiadas. Todos os animais e plantas terrestres estão aqui para nos servir. Ser inteligente é uma dádiva que nos põe no topo da pirâmide da vida.

O que ocorreria se travássemos contato com outra civilização inteligente? Deixando de lado as inúmeras dificuldades de um contato dessa natureza – da raridade da vida aos desafios tecnológicos de viagens [15]interestelares – tudo depende do nível de inteligência dos membros dessa civilização.

Se são eles que vêm até aqui, não há dúvida de que são muito mais desenvolvidos do que nós. Não necessariamente mais inteligentes, mas com mais tempo para desenvolver suas tecnologias. Afinal, estamos ainda na infância da era tecnológica: a primeira locomotiva a vapor foi inventada há menos de 200 anos (em 1814).

[20]Tal qual a reação dos nativos das Américas quando viram as armas de fogo dos europeus, o que são capazes de fazer nos pareceria mágica.

Claro, ao abrirmos a possibilidade de que vida extraterrestre inteligente exista, a probabilidade de que sejam mais inteligentes do que nós é alta. De qualquer forma, mais inteligentes ou mais avançados tecnologicamente, nossa reação ao travar contato com tais seres seria um misto de

adoração e terror. [25]Se fossem muito mais avançados do que nós, a ponto de haverem desenvolvido tecnologias que os liberassem de seus corpos, esses seres teriam uma existência apenas espiritual. A essa altura, seria difícil distingui-los de deuses.

Por mais de 40 anos, cientistas vasculham os céus com seus radiotelescópios tentando ouvir sinais de civilizações inteligentes. (...) Infelizmente, até agora nada foi encontrado. Muitos cientistas acham essa [30]busca uma imensa perda de tempo e de dinheiro. As chances de que algo significativo venha a ser encontrado são extremamente remotas.

Em quais frequências os ETs estariam enviando os seus sinais? E como decifrá-los? Por outro lado, os que defendem a busca afirmam que um resultado positivo mudaria profundamente a nossa civilização. A confirmação da existência de outra forma de vida inteligente no universo provocaria uma revolução. [35]Alguns até afirmam que seria a maior notícia já anunciada de todos os tempos. Eu concordo.

Não estaríamos mais sós. Se os ETs fossem mais avançados e pacíficos, poderiam nos ajudar a lidar com nossos problemas sociais, como a fome, o racismo e os confrontos religiosos. Talvez nos ajudassem a resolver desafios científicos. Nesse caso, quão diferentes seriam dos deuses que tantos acreditam existir? Não é à toa que inúmeras seitas modernas dirigem suas preces às estrelas e não aos altares.

Marcelo Gleiser *Folha de São Paulo*, 01/03/2009

88 - (UERJ)

a primeira locomotiva a vapor foi inventada há menos de 200 anos (em 1814). (ref. 15)

No contexto do 5º parágrafo, o fragmento acima confirma o que foi dito anteriormente por meio da:

a) formulação de uma tese

b) síntese dos argumentos

c) apresentação de um fato

d) contraposição dos elementos

89 - (UERJ)

Ser inteligente é uma dádiva que nos põe no topo da pirâmide da vida. (ref. 10)

Essa afirmação finaliza o 3º parágrafo, que se organiza do geral para o particular.

No contexto, pode-se dizer que a afirmação tem a função de:

a) explanar uma crença disseminada pelo senso comum

b) revelar o ponto de vista defendido por pensadores clássicos

c) expressar os valores consagrados por uma ideologia religiosa

d) demonstrar uma opinião sustentada pela argumentação do autor

90 - (UERJ)

Todo texto argumentativo é construído com base na apresentação e defesa de pontos de vista.

A premissa do autor a favor de pesquisas interplanetárias apoia-se, sobretudo, na possibilidade de:

a) incentivar o interesse por outras civilizações

b) livrar os seres humanos dos confrontos religiosos

c) encorajar os cientistas na busca de novos desafios

d) conduzir a humanidade a profundas transformações

TEXTO: 54 - Comum à questão: 91

E se todos os humanos fossem da mesma cor?

Não haveria intolerância ou o argumento de superioridade racial. Os negros, portanto, não teriam sido escravizados, não teria existido o apartheid nem o nazismo. Ou seja, a história da humanidade seria completamente diferente. Engano seu. A natureza humana é bem mais complexa que isso: mesmo se todos tivessem a mesma cor de pele, textura de cabelo ou formato de olhos, bastaria que algum povo se destacasse no desenvolvimento técnico e econômico para se sentir superior aos demais. Aí o argumento para o domínio não seria a diferença física, mas, sim, cultural, que justificaria a exploração dos mais fracos pelos mais fortes e daria origem a todo tipo de intolerância. Em algum momento o conceito de raça apareceria.

Revista **Superinteressante**

91 - (Mackenzie SP)

Todas as alternativas abaixo apontam recurso empregado no desenvolvimento do texto, **exceto**:

a) Elementos linguísticos que destacam a interação com o leitor.

b) Estrutura interrogativa com função persuasiva.

c) Referência a fatos históricos como apoio para a argumentação desenvolvida.

d) Dados concretos resultantes de pesquisa para induzir o leitor a uma conclusão.

e) Desenvolvimento de raciocínio que nega premissa estabelecida no início do texto.

TEXTO: 55 - Comum à questão: 92

Como e porque sou romancista

[1]Minha mãe e minha tia se ocupavam com trabalhos de costuras, e as amigas para não ficarem ociosas as ajudavam. Dados os primeiros momentos à conversação, passava-se à leitura e era eu chamado ao lugar de honra.

Muitas vezes, confesso, essa honra me arrancava bem a contragosto de um sono começado ou de um [5]folguedo querido; já naquela idade a reputação é um fardo e bem pesado.

Lia-se até a hora do chá, e tópicos havia tão interessantes que eu era obrigado à repetição. Compensavam esse excesso, as pausas para dar lugar às expansões do auditório, o qual desfazia-se em recriminações contra algum mau personagem, ou acompanhava de seus votos e simpatias o herói perseguido.

Uma noite, daquelas em que eu estava mais possuído do livro, lia com expressão uma das páginas [10]mais comoventes da nossa biblioteca. As senhoras, de cabeça baixa, levavam o lenço ao rosto, e poucos momentos depois não puderam conter os soluços que rompiam-lhes o seio.

Com a voz afogada pela comoção e a vista empanada pelas lágrimas, eu também cerrando ao peito o livro aberto, disparei em pranto e respondia com palavras de consolo às lamentações de minha mãe e suas amigas.

[15]Nesse instante assomava à porta um parente nosso, o Revd.º Padre Carlos Peixoto de Alencar, já assustado com o choro que ouvira ao entrar – Vendo-nos a todos naquele estado de aflição, ainda mais perturbou-se:

- Que aconteceu? Alguma desgraça? Perguntou arrebatadamente.

As senhoras, escondendo o rosto no lenço para ocultar do Padre Carlos o pranto e evitar seus remoques*[1], [20]não proferiram palavra. Tomei eu a mim responder:

- Foi o pai de Amanda que morreu! Disse, mostrando-lhe o livro aberto.

Compreendeu o Padre Carlos e soltou uma gargalhada, como ele as sabia dar, verdadeira gargalhada homérica, que mais parecia uma salva de sinos a repicarem do que riso humano. E após esta, outra e outra, que era ele inesgotável, quando ria de abundância de coração, com o gênio prazenteiro de que a [25]natureza o dotara.

Foi essa leitura contínua e repetida de novelas e romances que primeiro imprimiu em meu espírito a tendência para essa forma literária [o romance] que é entre todas a de minha predileção?

Não me animo a resolver esta questão psicológica, mas creio que ninguém contestará a influência das primeiras impressões.

JOSÉ DE ALENCAR

Como e porque sou romancista. Campinas: Pontes, 1990.

*[1]remoque: zombaria, caçoada

92 - (UERJ)

*Não me animo a resolver esta questão psicológica, mas creio que ninguém contestará a influência das primeiras impressões. (*ref. 25*)*

Ao final do texto o autor levanta uma questão, mas diz que não pode resolvê-la. Entretanto, a segunda parte da frase sugere que o autor tem uma resposta.

Este é um conhecido processo retórico, pelo qual o autor adota o procedimento indicado em:

a) criticar para negar

b) negar para afirmar

c) duvidar para justificar

d) reconhecer para criticar

TEXTO: 56 - Comum à questão: 93

Ler e crescer

[1]Com a inacreditável capacidade humana de ter ideias, sonhar, imaginar, observar, descobrir, constatar, enfim, refletir sobre o mundo e com isso ir crescendo, a produção textual vem se ampliando ao longo da história. As conquistas tecnológicas e a democratização da educação trazem a esse acervo uma multiplicação exponencial, que começa a afligir homens e mulheres de várias formas. Com a angústia do [5]excesso. A inquietação com os limites da leitura. A sensação de hoje ser impossível abarcar a totalidade do conhecimento e da experiência (ingênuo sonho de outras épocas). A preocupação com a abundância da produção e a impossibilidade de seu consumo total por meio de um indivíduo. O medo da perda. A aflição de se querer hierarquizar ou organizar esse material. Enfim, constatamos que a leitura cresceu, e cresceu demais.

[10]Ao mesmo tempo, ainda falta muito para quanto queremos e necessitamos que ela cresça. Precisa crescer muito mais. Assim, multiplicamos campanhas de leitura e projetos de fomento do livro. Mas sabemos que, com todo o crescimento, jamais a leitura conseguirá acompanhar a

expansão incontrolável e necessariamente caótica da produção dos textos, que se multiplicam ainda mais, numa infinidade de meios novos. Muda-se então o foco dos estudiosos, abandona-se o exame dos textos e da literatura, [15]criam-se os especialistas em leitura, multiplicam-se as reflexões sobre livros e leitura, numa tentativa de ao menos entendermos o que se passa, já que é um mecanismo que recusa qualquer forma de domínio e nos fugiu ao controle completamente.

Falar em domínio e controle a propósito da inquietação que assalta quem pensa nessas questões equivale a lembrar um aspecto indissociável da cultura escrita, e nem sempre trazido com clareza à consciência: [20]o poder.

Ler e escrever é sempre deter alguma forma de poder. Mesmo que nem sempre ele se exerça sob a forma do poder de mandar nos outros ou de fazer melhor e ganhar mais dinheiro (por ter mais informação e conhecer mais), ou sob a forma de guardar como um tesouro a semente do futuro ou a palavra sagrada como nos mosteiros medievais ou em confrarias religiosas, seitas secretas, confrarias de todo tipo. De [25]qualquer forma, é uma caixinha dentro da outra: o poder de compreender o texto suficientemente para perceber que nele há várias outras possibilidades de compreensão sempre significou poder – o tremendo poder de crescer e expandir os limites individuais do humano.

Constatar que dominar a leitura é se apropriar de alguma forma de poder está na base de duas atitudes antagônicas dos tempos modernos. Uma, autoritária, tenta impedir que a leitura se espalhe por todos, [30]para que não se tenha de compartilhar o poder. Outra, democrática, defende a expansão da leitura para que todos tenham acesso a essa parcela de poder.

Do jeito que a alfabetização está conseguindo aumentar o número de leitores, paralelamente à expansão da produção editorial que está oferecendo material escrito em quantidades jamais imaginadas antes, e ainda com o advento de meios tecnológicos que eliminam as barreiras entre produção e consumo do [35]material escrito, tudo levaria a crer que essa questão está sendo resolvida. Será? Na verdade, creio que ela se abre sobre outras questões. Que tipo de alfabetização é esse, a que tipo de leitura tem levado, com que tipo de utilidade social?

ANA MARIA MACHADO

www.dubitoergosum.xpg.com.br

93 - (UERJ)

*tudo levaria a crer que essa questão está sendo resolvida. Será? (*ref. 35*)*

O emprego da forma verbal “levaria” e a forma interrogativa que se segue – “Será?” – sugerem um procedimento argumentativo, empregado no texto.

Esse procedimento está explicitado em:

a) a exposição de um problema que será detalhado

b) a incerteza diante de fatos que serão comprovados

c) a divergência em relação a uma ideia que será contestada

d) o questionamento sobre um tema que se mostrará limitado

TEXTO: 57 - Comum à questão: 94

O BARCO DO ABORTO: Médica holandesa que faz campanha a bordo de embarcação agora também navega na internet

Luiza Vilaméa

OS NÚMEROS DO DRAMA
42 milhões
de abortos são feitos por ano em todo o mundo
20 milhões
das interrupções de gravidez são ilegais
70 mil
mulheres morrem devido a complicações do aborto
Fonte: Women on Waves

/.../ A médica Rebecca Gomperts tem dois filhos - uma menina de 4 anos e um menino um ano mais novo. Ao contrário do que poderiam imaginar os integrantes de movimentos próvida, a maternidade só aumentou suas convicções como líder de uma rumorosa campanha pela descriminalização do aborto. Há dez anos, ela criou a ONG Women on Waves (WoW), conhecida por atuar em barcos, navegando em águas internacionais, nas imediações de países que proíbem aindução ao aborto. Hoje com 43 anos, decidiu-se pelo projeto depois de trabalhar como médica de bordo de um navio do Greenpeace que navegou pela costa da América do Sul nos anos 1980. Impressionada com relatos de abortos clandestinos feitos na região, lançou-se ao mar com o suporte da legislação da Holanda, que permite a interrupção da gravidez nas primeiras semanas e estabelece como legal em águas internacionais ações permitidas em seu território.

Em defesa da causa, ela destaca que em seu país o índice estimado de aborto por ano é de oito para cada mil mulheres entre 15 e 45 anos. "Na América do Sul, onde o procedimento é ilegal, este número sobe para 30", compara. "Abortos inseguros e ilegais são uma das principais causas de mortalidade materna na região." Apesar do interesse de Rebecca pela América do Sul, as ações marítimas da WoW se concentraram até o momento em países europeus com arraigada tradição antiaborto - Irlanda, Polônia, Portugal e Espanha.

No site da organização - que tem versões em inglês, holandês, francês, polonês, espanhol e português -, pessoas de todo o mundo podem até obter medicamentos que Rebecca classifica como seguros para interromper uma gravidez nas primeiras semanas. "A legalização é importante, mas o aborto farmacêutico permite que as mulheres retomem a condução da vida em suas próprias mãos, independentemente da disponibilidade ou boa vontade dos médicos", defende Rebecca. Um dos remédios, no entanto, só tem comercialização permitida em 40 países, justamente aqueles que permitem o aborto. Assim como precisa enfrentar a Justiça para continuar a atuar em embarcações, a médica holandesa certamente terá novas batalhas judiciais pela frente, desta vez por causa da distribuição de medicamentos. /.../

http://www.terra.com.br/istoe/ (Acessado em 05 de setembro de 2004).

94 - (UFCG PB)

Assinale V para verdadeiro e F para falso, segundo as informações do texto III:

I. As ações da médica são introduzidas no título pelos termos “agora” e “também” e justificadas no texto por duas práticas de interrupção de gravidez: navegar no mar, realizando abortos, e na internet, sugerindo medicamentos.

II. A predominância dos verbos no presente do indicativo tem uma implicação factual, típica do gênero notícia.

III. A comparação das estatísticas entre lugares em que o aborto é ilegal como superior aos lugares em que é legal serve como apoio para as ações marítimas da WoW.

IV. O termo destacado em: "*Um dos remédios, no entanto, só tem comercialização permitida em 40 países, justamente aqueles que permitem o aborto*" (último parágrafo) restringe a ideia do período todo, podendo, pois, ter a ordem alterada sem prejuízo de sentido.

V. A legislação holandesa impede que a médica tenha batalhas judiciais por suas ações consideradas criminosas em alguns países, permitindo sua atuação tanto na distribuição de medicamentos abortivos quanto com intervenções médicas.

Assinale a sequência correta:

a) V- F- V- F- V.

b) V- F- F- F- V.

c) V- V- V- F- F.

d) F- V- V- V-F.

e) F- F- F- V- F.

TEXTO: 58 - Comum à questão: 95

Composição da letra do Hino Nacional completa 100 anos

Em 2009, além do centenário desse importante símbolo nacional, foi aprovada lei que define como obrigatória a execução do Hino ao menos uma vez por semana em escolas públicas e particulares de ensino fundamental.

Leia este conjunto de textos, quase todos adaptados, que fazem várias referências ao Hino Nacional.

TEXTO 1

Pátria amada, mãe gentil?

MIGUEL SROUGI

Como lembrava o arcebispo Desmond Tutu, incansável na luta pelos direitos civis: “Se ficarmos neutros numa situação de injustiça, teremos escolhido o lado do opressor”. Presidente, principalmente você, que tem história para ser o exemplo, pode atender ao grito ensurdecedor de tantos filhos da nação.

Assumindo o combate sem limites ao grupo de predadores assentados no poder. **Exigindo** que a Justiça faça das leis instrumentos verdadeiros de defesa dos direitos, e não objetos de proteção aos ímprobos e poderosos.

E, tomado por compaixão, **adotando** ações genuínas para reduzir os efeitos da desigualdade e para resgatar a condição humana desses brasileiros. Só assim, perfilado no dia da pátria, você conseguirá, marejado, declamar com a multidão: “Dos filhos deste solo és mãe gentil, pátria amada, Brasil”.

MIGUEL SROUGI, 62, médico, pós-graduado em urologia pela Harvard Medical School (EUA), é professor titular de urologia da Faculdade de Medicina da USP e presidente do Conselho do Instituto Criança é Vida.

In: FOLHA de S. Paulo. Opinião, 06/09/2009

TEXTO 2

Nossa pátria mãe gentil

Intérprete: Beth Carvalho

Composição: Vaguinho / Boneco

Preserve a Amazônia, mãe gentil

Com sua beleza sem igual

Ela é o tesouro do Brasil

Com suas riquezas naturais

Estão vendendo nossa nação

Estão entregando nosso quinhão

A gente tem que gritar

Não vamos nos acomodar

Pois isso aqui é nossa terra

Esses homens vão ter que entender

Que isto aqui é o nosso Brasil

Nosso chão, nossa vida, nossa pátria mãe gentil

Isso um dia vai ter que mudar

A justiça vai ter que acordar

E a igualdade um dia vai raiar

In: PAGODE de mesa: Ao Vivo – Vol. 2. Indie Records – 2000

TEXTO 3

PAINEL DO LEITOR

Mãe gentil

"O artigo do doutor Miguel Srougi de domingo ("Pátria amada, mãe gentil?", "Tendências/Debates') é um grande alento, principalmente por tratar-se de alguém que, sendo um dos nossos mais ilustres e respeitados profissionais da medicina, optou por não se omitir, colocando sua liderança e credibilidade a serviço da cidadania ativa e da justiça social.

Sua voz qualificada renova as esperanças de que o Estado brasileiro, sistematicamente saqueado ao longo de sua história por vorazes minorias públicas e privadas, que o manipulam em benefício próprio, venha a tornar-se, um dia, a mãe gentil de todos os brasileiros."

JOSÉ BENJAMIM DE LIMA, promotor de Justiça aposentado
(Assis, SP)

In: FOLHA de S. Paulo. Opinião, 08/09/2009

95 - (PUC SP)

Para a construção do título ***Pátria amada, mãe gentil?*** (texto 1), o autor se vale de uma pergunta, entendida como recurso estratégico

a) para desencadear uma reflexão sobre algo que não se questiona, além de estimular uma resposta imediata do presidente, ou seja, fazer com que ele responda ao jornal.

b) que exige uma resposta dos leitores, isto é, que eles se dirijam ao presidente com um discurso ornamentado com figuras de linguagem.

c) sem a intenção de obter resposta, mas que tem como efeito de sentido despertar o interesse do leitor e levá-lo a refletir sobre algo que é inquestionável; no caso, mostrar que o presidente pode atender ao que necessitam muitos brasileiros.

d) sem intenção de obter resposta, mas com vistas a introduzir um apelo à leitura e impor uma resposta imediata do presidente, que deverá atender ao que necessitam muitos brasileiros.

e) que apresenta um questionamento ao leitor, cuja intenção é tornar o discurso mais dinâmico e estimulá-lo a pensar na melhor resposta a ser dada ao presidente.

TEXTO: 59 - Comum à questão: 96

O que segue é fragmento do ***Prefácio do tradutor***, na obra **Os jogos olímpicos na Grécia antiga**: Olímpia antiga e os jogos olímpicos.

[1]O leitor talvez fique surpreso de encontrar a palavra "Grécia" apenas no título deste livro (apenas por uma questão de primeira identificação), ao passo que em todas as outras páginas unicamente se mencione o seu sinônimo mais erudito: [5]"Hélade". Do mesmo modo, não encontrará, como ocorre praticamente em todas as traduções que versam sobre a "Grécia antiga", o etnônimo "grego", com referência ao povo da "Hélade", mas sim o termo "heleno", utilizado para este mister.

Não se trata, desde logo, de pedantismo ou mera [10]afetação de erudição. O termo "Grécia" jamais foi empregado pelos povos de língua helênica para designar o seu país: nos tempos históricos, os helenos chamavam sua pátria de Hellás *(que é, atualmente, o nome oficial do país) e denominavam-se a si mesmos "helenos", nome de uma tribo que, na época das [15]migrações, estabeleceu-se em uma parte da Tessália. Foram os romanos que denominaram* Graii *os colonos de Cumas, pois Graia era o nome de um distrito obscuro da Grécia ocidental, de onde, talvez, tivessem emigrado alguns colonos.* Graeci *é, portanto, uma forma derivada de* Graii*, e* Graecia *foi [20]o nome dado pelos romanos à Hélade. Desse modo, o termo "Grécia" está vinculado ao período de dominação da Hélade pelos romanos. Esse termo se impôs no Ocidente, mesmo depois que a Hélade se tornou independente.*

Ora, recentemente, quando a Hélade passou a fazer [25]parte da União Europeia, o nome que passou a ser incluído entre as nações integrantes foi Hellás *("Hélade")*, *que é o nome oficial do país, e não* Graecia *ou* Greece [...].

(M. Andronicos e outros. Trad. de Luiz Alberto Machado Cabral.

São Paulo: Odysseus Editora, 2004, p. XII)

96 - (PUCCamp SP)

Levando em conta o parágrafo dois, em seu contexto, afirma-se com correção que:

a) (refs. 5 e 10) Substituindo *pedantismo ou mera afetação de erudição* por "atitudes presunçosas", a forma verbal a ser adotada para manter a correção gramatical é "tratam".

b) (refs. 10 e 15) Na estruturação do texto, o segmento que vai de *O termo "Grécia"* a *uma parte da Tessália* constitui uma justificativa.

c) (ref. 10) Os dois-pontos introduzem a voz dos helenos, expressa diretamente.

d) (ref. 10) Os parênteses acolhem uma correção.

e) (ref. 10) A formulação *denominavam-se a si mesmos* equivale, sem prejuízo da correção e do sentido originais, a "denominavam-se reciprocamente".

TEXTO: 60 - Comum à questão: 97

O **Texto I**, "É um avanço", de Rodrigo Pessoa Pereira da Silva, e o **Texto II**, "Avanço com ressalvas", de Marcelo Loures, foram publicados no Jornal **Hoje em Dia**, na seção "Contraponto". Esses textos abordam o tema "Guarda compartilhada".

Texto I

É um avanço

Rodrigo Pessoa Pereira da Silva *

Atualmente, ao término da relação conjugal, a guarda dos filhos será atribuída a "quem revelar melhores condições para exercê-la". É a regra clássica de deixar o filho com a mãe e a "pensão" com o pai (bem como o "direito de visita"). São os pais de fim de semana. Difícil se faz uma leitura desse dispositivo à luz do fundamento constitucional da dignidade da pessoa humana, bem como dos princípios da paternidade responsável, do planejamento familiar como livre decisão do casal, do dever da família de assegurar à criança e ao adolescente o direito à vida, à saúde, à alimentação, ao lazer, à profissionalização, à cultura etc. Se considerarmos ainda o princípio do melhor interesse da criança, previsto na Convenção Internacional da ONU sobre os Direitos da Criança, galgado a status constitucional, resta claro que a letra da lei não se encaixa na melodia dos princípios fundamentais da Constituição.

O recém aprovado Projeto de Lei 6350/02 introduz, em definitivo, a guarda compartilhada como sistema preferencial (e não obrigatório). Adotado em muitos países (inclusive no Brasil, por alguns juízes e Tribunais), prevê, em síntese, a divisão harmônica das responsabilidades pela criação e educação dos filhos entre pai e mãe. Para tanto, devem ser levadas em consideração as

circunstâncias do caso concreto, as necessidades e os interesses do filho, definindo-se o papel que cada um terá na sua educação. O juiz, antes de decidir, tem o dever de informar aos pais seu significado, sua importância para a criança, e os deveres e direitos atribuídos aos dois, valendo-se (o juiz), se for o caso, de orientação técnico-profissional ou de equipe multidisciplinar para auxiliá-lo.

Mesmo com a adoção da guarda compartilhada, o filho terá o referencial de uma casa principal, com a ressalva de que será atribuído às partes o tempo de convívio necessário. Além dos direitos e obrigações, são estipuladas as sanções pelo descumprimento das cláusulas. Contudo, nunca é demais lembrar que tais cláusulas são redigidas em comum acordo entre os pais, representando, pois, o reflexo de suas vontades, observados os interesses do filho.

A nós não resta dúvidas de que tal modelo atende perfeitamente aos anseios e necessidades da sociedade atual, em que as mulheres trabalham fora (e muitas vezes sustentam a família), e as relações familiares perdem em afeto. Não acreditamos que a criança perderá seu referencial. Cremos, sim, que a manutenção da guarda unilateral, nos moldes clássicos, é que provoca essa perda de referência, pois impede o convívio habitual com pai e mãe.

Como mais uma opção, a guarda compartilhada será muito bem-vinda, desde que exercida com plena responsabilidade. Finalmente, letra e melodia soarão harmoniosamente.

*Mestre em Direito Privado, advogado e membro da Comissão de Ética e Disciplina da OAB/MG

Texto II

Avanço com ressalvas

Marcelo Loures (*)

Se me permitem uma corruptela no uso do jargão, diria que “a lei imita a vida”. Essa foi minha a sensação após tomar conhecimento da decisão tomada pela Câmara dos Deputados a favor da guarda compartilhada de filhos de pais separados. Afinal, quem não conhece algum casal separado que, de forma desburocratizada e até mesmo amigável, divide as responsabilidades sobre o cuidado dos filhos?

Desde que a revolução de maio de 1968 acirrou a discussão sobre a liberdade sexual, a vida em família já não é a mesma. Nesse âmbito, há sentimentos de toda natureza, do medo apocalíptico da perda de referências e do aumento da violência, ao orgulho por participar, de alguma forma, dos avanços nas relações entre pais e filhos. E, como em todas as complexidades que envolvem homem e sociedade, ambos os pontos de vista são tão corretos quanto insuficientes. Tanto um quanto outro resultam da forma como tais alterações, somadas a tantas outras, são assumidas por nós na condução do nosso dia-a-dia. Conciliar trabalho, viagens, escola dos meninos e, além de tudo, ter que entender-se com seu companheiro, não é tarefa fácil. Mas, separados ou não, nós, os pais, lidamos com isso todos os dias.

Sob essa perspectiva, essa proposta de lei faria “chover no molhado”. A guarda compartilhada garantiria, portanto, o direito de pai e mãe conviverem separadamente com seus filhos. Mas, ressalte-se, essa é a maior ironia da proposta de lei, pois, quando dela nos utilizaríamos? Justamente quando os acordos que fazemos cotidianamente, por gentileza, amor ou interesse, começassem a não funcionar.

Como ficariam os filhos nessa situação? Considera-se uma possível confusão em torno das referências ou de não reconhecer seu próprio lugar... Filigranas! As mudanças na sociedade contemporânea evidenciam que esse fenômeno, a guarda compartilhada, é não somente comum, mas salutar pela convivência multifamiliar e seus arranjos, porém, não em todos os casos.

Freud costumava dizer, com muito bom humor, verdades profundas sobre o psiquismo humano. Segundo ele, toleramos de mau grado as diferenças, recorrendo sempre às comparações para nos elevarmos. Tais comparações entre as partes de pai e mãe certamente cobrarão dos filhos uma boa dose de bom senso e paciência. Mas há situações que estão além desses limites, colocando esses filhos no centro de um conflito intolerável, representantes de uma diferença indesejável e abjeta. É quando tornam-se fantasmas de outros casamentos no seio da nova configuração familiar. Vide o caso de Isabella Nardoni.

Para decidir sobre cenários assim, os juizados deverão estar preparados. É possível verificar que há, por parte de certos juízes, sensibilidade para reconhecer a especificidade de cada situação. Mas essa não é a regra. Resta saber como essas especificidades serão avaliadas e acompanhadas de forma efetiva e ágil em benefício dos filhos.

*Mestre em Psicologia Social, psicólogo e professor do Centro Universitário Newton Paiva

Hoje em Dia, 02 de Junho de 2008. Disponível em:

http://www.hojeemdia.com.br/v2/busca/index2.php?sessao=33&data_edicao_anterior=2008-06-02

97 - (UFJF MG)

Leia novamente o fragmento abaixo, extraído do texto de Rodrigo Pessoa.

Não acreditamos que a criança perderá seu referencial. Cremos, sim, que a manutenção da guarda unilateral, nos moldes clássicos, é que provoca essa perda de referência... (4° parágrafo)

É **POSSÍVEL** afirmar que, no fragmento destacado acima, o autor usou a seguinte estratégia argumentativa:

a) exemplificação.

b) comprovação.

c) contraposição.

d) generalização.

e) comparação.

TEXTO: 61 - Comum à questão: 98

A massacrante felicidade dos outros

(...)

Anos atrás, a cantora Marina Lima compôs com o seu irmão, o poeta Antonio Cícero, uma música que dizia: "Eu espero / acontecimentos / só que quando anoitece / é festa no outro apartamento".

Passei minha adolescência com esta sensação: a de que algo muito animado estava acontecendo em algum lugar para o qual eu não tinha convite. É uma das características da

juventude: considerar-se deslocado e impedido de ser feliz como os outros são - ou aparentam ser. Só que chega uma hora em que é preciso deixar de ficar tão ligada na grama do vizinho.

As festas em outros apartamentos são fruto da nossa imaginação, que é infectada por falsos holofotes, falsos sorrisos e falsas notícias. Os notáveis alardeiam muito suas vitórias, mas falam pouco das suas angústias, revelam pouco suas aflições, não dão bandeira das suas fraquezas, então fica parecendo que todos estão comemorando grandes paixões e fortunas, quando na verdade a festa lá fora não está tão animada assim.

Ao amadurecer, descobrimos que a grama do vizinho não é mais verde coisíssima nenhuma. Estamos todos no mesmo barco, com motivos pra dançar pela sala e também motivos pra se refugiar no escuro, alternadamente. Só que os motivos pra se refugiar no escuro raramente são divulgados. Pra consumo externo, todos são belos, sexys, lúcidos, íntegros, ricos, sedutores. "Nunca conheci quem tivesse levado porrada / todos os meus conhecidos têm sido campeões em tudo".

Fernando Pessoa também já se sentiu abafado pela perfeição alheia, e olha que na época em que ele escreveu estes versos não havia esta overdose de revistas que há hoje, vendendo um mundo de faz-de-conta.

Nesta era de exaltação de celebridades - reais e inventadas - fica difícil mesmo achar que a vida da gente tem graça. Mas tem. Paz interior, amigos leais, nossas músicas, livros, fantasias, desilusões e recomeços, tudo isso vale ser incluído na nossa biografia. (...) Compensa passar a vida comendo alface para ter o corpo que a profissão de modelo exige? Será tão gratificante ter um paparazzo na sua cola cada vez que você sai de casa? Estarão mesmo todos realizando um milhão de coisas interessantes enquanto só você está sentada no sofá pintando as unhas do pé?

Favor não confundir uma vida sensacional com uma vida sensacionalista. As melhores festas acontecem dentro do nosso próprio apartamento.

(MARTHA MEDEIROS, jornalista e escritora,
colunista do jornal *Zero Hora* e de *O Globo*)

98 - (ESPM SP)

As frases interrogativas no penúltimo parágrafo são:

a) parábolas que querem provocar no leitor uma reação mais vibrante em relação à vida.

b) perguntas retóricas que questionam os estereótipos vigentes relacionados à felicidade.

c) alegorias que buscam uma postura mais crítica do leitor para os modelos de felicidade.

d) monólogos interiores que revelam as dúvidas da autora sobre a melhor forma de felicidade.

e) solilóquios que extravasam de maneira ordenada e lógica os pensamentos e emoções da autora.

TEXTO: 62 - Comum à questão: 99

O Recomeço da História

As novas condições materiais, base da globalização perversa, poderão alavancar a mutação filosófica do homem

Vivemos em um mundo complexo, marcado na ordem material pela multiplicação incessante do número de objetos e na ordem imaterial pela infinidade de relações que aos objetos nos unem. Nosso mundo é complexo e confuso ao mesmo tempo, graças à força com a qual a ideologia penetra nos objetos e ações. Por isso mesmo, a era da globalização, mais do que qualquer outra antes dela, exige uma interpretação sistêmica cuidadosa, de modo a permitir que cada coisa seja redefinida em relação ao todo planetário. A grande sorte dos que desejam pensar a nossa época é a existência de uma técnica planetária, direta ou indiretamente presente em todos os lugares, e de uma política planetária, que une e norteia os objetos técnicos. Juntas, elas autorizam uma leitura ao mesmo tempo geral e específica, filosófica e prática, de cada ponto da Terra. Emerge, desse modo, uma universalidade empírica, de modo a ajudar na formulação de ideias que exprimam o que é o mundo e o que são os lugares. Cria-se, de fato, um novo mundo. Para sermos ainda mais precisos, o que, afinal, se cria é o mundo como realidade histórica unitária, ainda que ele seja extremamente diversificado. Ele é datado com uma data substantivamente única, graças aos traços comuns de sua constituição técnica e à existência de um único motor das ações hegemônicas, representado pelo lucro em escala global. É isso, aliás, que, junto à informação generalizada, assegura a cada lugar a comunhão universal com todos os outros. Ao contrário do que tanto se disse, a história universal não acabou; ela apenas começa.

Milton Santos, *Folha de S. Paulo*, 09/01/2000.

99 - (FGV)

O autor conclui o parágrafo, contradizendo uma afirmação que

a) resulta de um procedimento intertextual.

b) reproduz conhecimento próprio do senso comum.

c) foi criada por ele como estratégia argumentativa.

d) deve ser entendida como uma manifestação irônica.

e) consiste numa paráfrase de um conhecido provérbio.

TEXTO: 63 - Comum à questão: 100

VOCÊ SABE COMO FUNCIONA O GOVERNO?

As eleições seriam mais efetivas se todos conhecessem bem o funcionamento da administração. Mas não é tão fácil conhecer os meandros dos governos. Primeiro, porque a maioria não tem tempo para se informar e adquirir conhecimento sobre todas as partes que compõem a administração pública. Segundo, pela dificuldade óbvia de explicar assunto tão complexo para grupos menos escolarizados. E, terceiro, pela profusão de especialidades que se transforma em obstáculo para quem quer ter uma visão mais sistêmica do Estado. São economistas, cientistas políticos e administradores que muitas vezes apresentam diagnósticos díspares sobre os problemas e dialogam pouco entre si.

[...]

O senso comum diz que o maior problema da política brasileira está na corrupção. É uma visão equivocada. Muito mais do que a roubalheira, o que mais aflige nosso sistema político é o amadorismo e o despreparo de boa parte dos eleitos. O resultado é a ineficiência, que também favorece os corruptos e espertalhões, muitos deles localizados no “outro lado do balcão”: nas empresas, nos sindicatos e nas associações civis.

O pouco conhecimento dos políticos acerca de administração é tanto maior no Poder Legislativo e nos níveis subnacionais, particularmente nos lugares menos desenvolvidos. Uma forma de combater esse mal seria os partidos políticos darem cursos a todos os seus candidatos e filiados sobre políticas públicas. [...]

Tão importante quanto o aperfeiçoamento dos políticos é a pedagogia eleitoral dos cidadãos. Parto da premissa que a realização de eleições regulares, livres e competitivas, como tem ocorrido no Brasil, já é uma forma de instrução cidadã. Daí concluo que os eleitores hoje são melhores do que no passado. Contudo, o voto será sempre mais efetivo quanto mais informado for o eleitor. E o que mais falta ser conhecido pela sociedade é o funcionamento efetivo da administração, inclusive para abandonar a postura meramente demandante em prol da pressão qualificada por mudanças nas políticas públicas. [...].

ABRUCIO, Fernando. Você sabe como funciona o governo?
Época. São Paulo, 9 ago. 2010. p. 41. (Adaptado).

100 - (UEG GO)

No primeiro parágrafo, o autor usa uma

a) exemplificação a partir da qual reforça sua tese inicial.

b) enumeração de razões que explicam a ideia inicial do texto.

c) comparação entre várias ideias que apontam direções argumentativas diferentes.

d) oposição, que apresenta tanto argumentos favoráveis quanto contrários à sua tese.

TEXTO: 64 - Comum à questão: 101

Competição e individualismo excessivos ameaçam saúde dos trabalhadores

Ideologia do individualismo

O novo cenário mundial do trabalho apresenta facetas como a da competição globalizada e a da ideologia do individualismo. A afirmação foi feita pelo professor da Universidade de Brasília (UnB) Mário César Ferreira, ao participar do seminário Trabalho em Debate: Crise e Oportunidades. Segundo ele, pela primeira vez, há uma ligação direta entre trabalho e índices de suicídio, sobretudo na França, em função das mudanças focadas na ideia de excelência.

Fim da especialização

"A configuração do mundo do trabalho é cada vez mais volátil", disse o professor. Ele destacou ainda a crescente expansão do terceiro setor, do trabalho em domicílio e do trabalho feminino, bem como a exclusão de perfis como o de trabalhadores jovens e dos fortemente especializados. "As organizações preferem perfis polivalentes e multifuncionais." Desta forma, a escolarização clássica do trabalhador amplia-se para a qualificação contínua, enquanto a ultraespecialização evolui para a multiespecialização.

Metamorfoses do trabalho

Ele ressaltou que as "metamorfoses" no cenário do trabalho não são "indolores" para os que trabalham e provocam erros frequentes, retrabalho, danificação de máquinas e queda de produtividade.

Outra grande consequência, de acordo com o professor, diz respeito à saúde dos trabalhadores, que leva à alta rotatividade nos postos de trabalho e aos casos de suicídio. "Trata-se de um cenário em que todos perdem, a sociedade, os governantes e, em particular, os trabalhadores", avaliou.

Articulação entre econômico e social

Para a coordenadora da Diretoria de Cooperação e Desenvolvimento do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), Christiane Girard, a problemática das relações de trabalho envolve também uma questão: qual o tipo de desenvolvimento que nós, como cidadãos, queremos ter?

Segundo Christiane, é preciso "articular" o econômico e o social, como acontece na economia solidária.

"Ela é uma das alternativas que aparecem e precisa ser discutida. A resposta do trabalhador se manifesta por meio do estresse, de doenças diversas e do suicídio. A gente não se pergunta o suficiente sobre o peso da gestão do trabalho", disse a representante do Ipea.

Adaptado de www.diariodasaude.com.br

101 - (UERJ)

No texto, as falas do professor universitário e da coordenadora do instituto de pesquisa reforçam o sentido geral antecipado pelo título da matéria jornalística.

A citação de falas como as referidas acima é um recurso conhecido da argumentação.

Esse recurso está corretamente descrito em:

a) exemplificação de fatos enunciados no texto

b) registro da divergência entre diferentes autores

c) apoio nas palavras de especialistas em uma área

d) apresentação de dados quantificados por pesquisas

TEXTO: 65 - Comum à questão: 102

Para que Literatura?

Nesta época de tanta ciência e tecnologia, para que publicar textos de Literatura? Quem por eles se interessaria? Os pobres, que constituem a maioria em nosso país, absorvidos pela própria sobrevivência, talvez nem saibam que existe Literatura, embora boa parte dos grandes escritores tenham surgido de famílias pobres. Parece que o sofrimento nutre as Artes.

As perguntas sobre os grandes temas da vida humana se tecem nos poemas e nas obras de ficção. A Literatura, já o disse de outra maneira Roland Barthes, não responde às perguntas, fechando-as; porque as amplia, multiplica suas respostas. Não pretende atingir nenhuma "verdade"; pretende abrir nossa mente para as inúmeras percepções de mundo, que existem nos universos mentais das pessoas.

Mas do que precisamos, dizem os homens práticos, é de soluções, de respostas, de expedientes úteis, de resolver os problemas da cidade e do campo.

Então, para que Literatura? Para levantar questões fundamentais, abrir nosso mundo pequenino, feito de minúsculos fatos do dia a dia, ao grande painel da reflexão humana. Vivemos em Lorena, mas podemos transitar em Londres, Paris, Estados Unidos, Rússia, Antártida, Terra do Fogo, Noruega, Índia, no planeta Marte, nas Galáxias infinitas, enfim, no Cosmos. Sem perder o pé na realidade.

A leitura é o meio que temos de conviver com valores e ideias de outros universos, no espaço e no tempo, inacessíveis, de outro modo, à experiência humana. (...)

Por que não Literatura? Por que não Poesia? A poesia é o que criamos de mais próximo do núcleo da realidade e do ser. Parecendo etérea e desvinculada de nossas metas pragmáticas, a poesia, no entanto, nos dá o mundo em lágrimas e em risos, em vida e morte, em angústia e esperança, o mundo em dimensão de humano. O poema recupera o ritmo das coisas, capta o alento e a respiração do todo, e os exprime em "palavras-coisas" essenciais.

Por vezes, a poesia invade nossa vida sob a forma de uma criança, um palhaço, um bêbado, um louco. Sob a forma de uma flor, de bicho, de árvore, de fogo, de beleza, enfim. Se isso acontecer, se formos capazes de reconhecer o rosto de nossa irmã-poesia nos pequenos ou breves encontros com as coisas, então estamos salvos do tédio e do desespero.

Cada um de nós, enquanto se torna receptivo aos grandes temas da Literatura – o amor e a morte, a liberdade e o destino, o absurdo e o racional, a iniquidade e a justiça, a angústia e o medo, o desespero e a esperança, a beleza e o grotesco –, poderá encontrar em si o diálogo com as profundezas do ser e o silêncio diante do mistério.

Para que Literatura? Para termos o direito ao sonho e a garantia da realidade.

(Olga de Sá. Introdução a *Contos de cidadezinha,* de Ruth Guimarães. Centro Cultural Teresa d'Ávila, 1996).

102 - (UFAL)

Os sentidos de um texto resultam, entre outros fatores, do arranjo sintático-semântico de suas palavras, orações, períodos e parágrafos. Assim é que, analisando o texto, podemos afirmar que:

1. as perguntas que iniciam e que permeiam o texto têm a função de obter do leitor respostas a dúvidas do autor em relação ao tema em debate.
2. a reincidência com que as palavras 'Literatura' e 'poesia' ocorrem no texto é um indício de que o tema que dá unidade ao texto se mantém.

3. a pergunta que serve de título ao texto já expressa a delimitação do tema: questionar a 'finalidade' da Literatura; por isso, o uso do '*para que*'.

4. os parágrafos estão encadeados; daí, em sua abertura, o uso de expressões que supõem ligação com segmentos anteriores (como, *mas*, *então* etc.).

5. o fato de tratar-se de um texto narrativo condicionou o uso de referências a diferentes espaços (*Londres, Paris*...) e personagens (*Roland Barthes).*

Estão corretas:

a) 1, 2, 3 e 5 apenas

b) 2, 3 e 4 apenas

c) 3 e 5, apenas

d) 1, 2 e 4, apenas

e) 1, 2, 3, 4 e 5

TEXTO: 66 - Comum à questão: 103

Escrita como texto da cultura

(1) *Num primeiro momento é possível definir a escrita como manifestação gráfica de linguagem, particularmente da língua natural, que ocupa uma posição central dentre os sistemas na cultura. Graças à escrita é que se consagrou, no ocidente, a cultura letrada e o homem leitor.* ***Ela*** *não apenas permite aos homens se comunicarem uns com os outros, ou pelo menos possuir essa possibilidade de comunicação, mas também registra dados, pensamentos e ideias, dando forma a tudo o que era efêmero e intangível antes de ser fixado no papel. [...]*

(2) *A escrita também é, como todos os outros textos da cultura, dotada de organização enquanto sistema e enquanto processo gerativo de linguagens. A multiplicidade de linguagens dentro do*

sistema é sua fonte de riqueza e renovação, fazendo com que textos escritos em uma mesma língua possam ser tão diversos e diferentes quanto uma pauta jornalística é de um poema. [...]

(3) *Mas é importante compreender que não escrevemos apenas com palavras. Escrevemos com gestos, com cores e com sons. Assim, a escrita, como texto da cultura, compreende não apenas a manifestação gráfica da língua natural, mas [também] os sentidos e as linguagens desenvolvidos por diferentes códigos. Como texto da cultura, a escrita é uma região de contato entre esses diferentes códigos, ao mesmo tempo em que está em constante interação com outros sistemas, textos e linguagens. Nesse contato, a escrita se caracteriza como uma fronteira não apenas por sua dinâmica no espaço cultural, mas também pela própria pluralidade de significados que ela abriga.*

(4) *Certamente, a maior tecnologia que o homem cria a partir de sua própria fala é a escrita. Mas esta é uma questão polêmica. Para o filosofo inglês John Wilkins, a escrita pode ser posterior à fala com relação ao tempo, mas não com relação à sua natureza. Isso porque a escrita é um registro visual que provoca a leitura. Ora, o homem aprendeu a ler bem antes de aprender a escrever e até mesmo a falar. Basta lembrar que as primeiras formas visuais que os homens "leram" foram os rastros dos animais. O homem aprendeu a ler as constelações, os veios das pedras e das madeiras. Há uma lenda antiga que conta que os gregos costumavam rabiscar avisos nas pedras após o plantio, pedindo aos ratos do campo que não se aproximassem do terreno.*

(5) *Contar a história da escrita é como contar a história das pessoas e de suas famílias: todas começam do mesmo jeito. E como começa a história da escrita? Começa com as inscrições em cavernas de povos muito antigos. Começa com os sumérios, os fenícios, os egípcios. Começa com as lendas, os pictogramas, os ideogramas. Começa com a transformação do som em palavra. Ou seja, a história da escrita é uma narrativa cheia de enigmas e de transformações. Confunde-se, muitas vezes, com episódios e fenômenos mágicos, sobretudo quando se pensa que o grande personagem dessa história é a* ***palavra****. Como a palavra, antes de ser escrita, existiu enquanto som, na fala, a transformação do som em palavra faz parte da história da escrita, que só se inicia de fato quando os sons da fala são expressos graficamente. [...]*

(6) *Conhecer a história da escrita é andar por caminhos que se bifurcam, onde se cruzam e se misturam muitas línguas e muitas linguagens.*

(*Semiosphera.* USP. São Paulo. Disponível em
<http.www.usp.br/semiosphera/escrita_como_texto_da cultura.html>
Acesso em 2 set. 2010. Adaptado)

103 - (UPE)

Cada palavra que compõe um texto cumpre uma determinada função discursiva, de modo que "nada em um texto ocorre por acaso ou deixa de cumprir alguma função". Em passagens do texto, por exemplo, podemos reconhecer que

I. o pronome pessoal destacado no primeiro parágrafo é uma expressão que retoma outra precedente ('*a cultura letrada*'), garantindo, assim, a continuidade semântica do texto.

II. o uso das aspas em: *Basta lembrar que as primeiras formas visuais que os homens "leram" foram os rastros dos animais* tem a função de sinalizar que a palavra está sendo usada com um sentido diferente daquele que lhe é habitualmente atribuído.

III. no trecho: "Como a palavra, antes de ser escrita, existiu enquanto som, na fala, a transformação do som em palavra faz parte da história da escrita", o segmento sublinhado estabelece entre as duas orações uma relação de comparação.

IV. no quinto parágrafo, em resposta à pergunta: "Como começa a história da escrita?", percebe-se a reincidência do segmento '*Começa com*...', a qual tem claramente uma função reiterativa e enfática.

V. no trecho: *E a escrita se caracteriza como uma fronteira não apenas por sua dinâmica no espaço cultural mas também pela própria pluralidade de significados que ela abriga,* fica evidente uma relação de oposição, expressa pelos conectivos marcados.

Estão CORRETAS as afirmações que constam apenas nos itens

a) I e II.

b) I, II e V.

c) II e IV.

d) III, IV e V.

e) I, IV e V.

TEXTO: 67 - Comum à questão: 104

Palavras sem fronteiras

Empréstimo de termos estrangeiros pode evitar "autismo" linguístico de um idioma

Muito se combate a penetração de palavras estrangeiras na nossa língua. Se até certo ponto esse combate se justifica, todo radicalismo, como exigir o banimento puro e simples de todo e qualquer termo estrangeiro do idioma, cheira a preconceito xenófobo, fanatismo cego e, mais ainda, ignorância da real dinâmica das línguas.

Antes de lançar ao fogo do inferno tudo o que vem de fora, é preciso tentar compreender sem paixões por que os estrangeirismos existem. Se olharmos atentamente para todas as línguas, veremos que nenhuma tem se mantido pura ao longo dos séculos: intercâmbios comerciais, contatos entre povos, viagens, grandes ondas migratórias, disseminação de fatos culturais, tudo isso tem feito com que as línguas compartilhem palavras e expressões. Até o islandês, que, para muitos, é a língua mais pura do mundo, sem nenhum termo de origem estrangeira, é na verdade um idioma altamente influenciado por línguas mais centrais e hegemônicas. O que ocorre é que o islandês traduz os vocábulos que lhe chegam de fora, usando material nativo. No islandês, os estrangeirismos estão apenas camuflados. (...)

Afinal, em viagens pelo mundo, é reconfortante reconhecer vocábulos familiares como "telefone", "hotel", "restaurante", “táxi", "hospital", ainda que ligeiramente modificados pela fonética e ortografia do país que visitamos.

Portanto, quando se trata de discutir uma política de proteção do idioma contra uma suposta "invasão bárbara", é preciso, em primeiro lugar, compreender que nenhuma língua natural passa incólume às influências de outras línguas, e que isso, na maioria das vezes, é benéfico tanto para quem exporta quanto para quem importa palavras. Toda língua se vê enriquecida com contribuições externas, que sempre trazem novas visões de mundo, por vezes simplificam a comunicação e, sobretudo, tiram o idioma de uma situação de "autismo" linguístico.

Dando por assentada a questão de que o empréstimo de palavra estrangeira é um fenômeno legítimo da dinâmica das línguas e, acima de tudo, inevitável, cabe então distinguir quando um empréstimo é necessário ou não, quando é oportuno ou inoportuno. Afinal, uma coisa é a introdução em nossa sociedade de um novo conceito (por exemplo, uma nova tecnologia, um fato social inédito, uma nova moda) que, por ser originário de outro país, chegue até nós acompanhado do nome que tem na língua de origem. Foi assim com o whisky (ou uísque), a pizza, o futebol (e os nomes das posições dos jogadores, depois traduzidas para o português), a informática, e assim por diante. Outra coisa é dar nomes estrangeiros a objetos que já têm nome em português. (...)

Os empréstimos oportunos acabam algumas vezes traduzidos ou aportuguesados, outras vezes não. Mas, se eles existem na nossa língua, é porque somos grandes importadores de objetos e fatos culturais inventados por outros povos. Ou seja, importamos palavras mais do que exportamos porque, no fundo, somos pouco criativos em matéria de tecnologia. (...)

Ora, em questões de língua, como em tudo mais na vida, a virtude está no meio: nem tanto ao mar, nem tanto à terra. Portanto, não se deve adotar nem uma postura de servilismo ao que é estrangeiro nem uma atitude chauvinista em relação ao que é nacional. Afinal, o purismo linguístico é algo tão irritantemente pedante quanto o estrangeirismo mercadológico.

(Aldo Bizzocchi. Revista Língua Portuguesa. *São Paulo:* Editora Segmento. Adaptado)

104 - (UPE)

As 'variações de um texto' se justificam por muitos fatores e assumem diferentes manifestações. No caso do texto, por exemplo:

I. ficaria comprometido o potencial semântico e a função comunicativa de sua formulação, caso o autor tivesse optado por fugir à norma culta da língua portuguesa.

II. o autor assume uma linguagem precisa e relevante, uma vez que oferece sustentação para os argumentos apresentados (veja-se o exemplo que dá em relação ao islandês).

III. o autor, em dado momento, pretende mostrar-se incluído na interação com o grupo. Por isso, recorre ao uso da primeira pessoa, como em: "*Se olharmos atentamente para todas as línguas, veremos que*...".

IV. a sequência verificada nos parágrafos é característica de um texto expositivo. Se se tratasse de um gênero narrativo – como uma notícia, o mais comum seria uma ordem cronológica.

V. a finalidade prevista e os interlocutores pensados para esse texto justificam o uso de uma formulação textual distinta do padrão informal, não monitorado e distenso.

As observações são aceitáveis apenas nas afirmativas

a) I, II e III.

b) II, III e V.

c) I, II e IV.

d) II, III, IV e V.

e) IV e V.

TEXTO: 68 - Comum à questão: 105

TEXTO 1

De quem é a responsabilidade afinal?

Por Juliana Benchimol

Não é por acaso que os personagens de Luís Fernando Veríssimo, em sua crônica ***Lixo*** (do Livro O analista de Bagé), revelem os hábitos e personalidades do vizinho ao admitirem que vasculham o lixo um do outro. Todos os dias cada brasileiro produz, em média, cerca de 1kg desses resíduos, que desaparecem no momento que são colocados na porta da rua e que revelam muito sobre nós. Ao menos no que diz respeito à abstenção de responsabilidade sobre o seu destino. Como lembra o educador ambiental e consultor da Associação Ecológica Ecomarapendi, Eduardo Bernhardt, “a responsabilidade (em relação ao lixo) começa a partir do momento de decisão da compra”.

Especialistas afirmam que ainda há uma deficiência na visão política quando o assunto é tratado pela mídia e que novas medidas serão necessárias para que a população possa ser crítica o suficiente e compreender as principais problemáticas socioambientais, desde a origem até o destino dos resíduos – processo chamado pelo físico teórico e escritor, Fritjof Capra, de pensamento sistêmico. Ações efetivas, como a redução da produção de lixo doméstico, nasceriam a partir dessa compreensão, nesse caso: de onde vem o produto e para onde vai o resíduo. [...]

E essa prática se estende também aos governos, que não estão sujeitos a medidas legais que os obriguem a destinar, de maneira apropriada, o lixo que geram, a exemplo da implantação de aterros sanitários, ainda insuficientes diante da quantidade de lixões. Nas palavras de Eduardo Bernhardt "a única vantagem que nosso lado otimista pode ver é que, no meio dessa confusão, conseguimos definir que o melhor mesmo é a solução dos 3Rs – reduzir, reaproveitar e reciclar. E só." [...]

A maioria das cidades ainda está conhecendo a coleta seletiva, afirma Bernhardt, para depois pensar se a implanta ou não, com receio de que seja caro demais. Em 2000, apenas 451 municípios realizavam coleta seletiva, segundo dados da Pesquisa Nacional de Saneamento Básico (PNSB), e, mesmo assim, ela não ocorria no município todo. "Se o país adotasse uma Política Nacional de resíduos sólidos, ao menos teríamos diretrizes gerais de como encarar o problema do lixo com vistas a resolvê-lo, aumentaríamos os incentivos para a indústria de reciclagem, às cooperativas e catadores, mas, principalmente, poderíamos balizar o caminho com a educação como grande orientadora do processo", defende Bernhardt. Nesse panorama, a coleta seletiva entra como coadjuvante. "Ela chegou primeiro, mas é a última solução por ordem de racionalidade, praticidade, custo e eficiência", completa.

As pessoas, no entanto, já começam a olhar o lixo como um problema que podem ajudar a resolver. Segundo o educador ambiental, é uma evolução lenta e silenciosa, mas que está acontecendo. Pouco a pouco as instituições adotam práticas de redução e reaproveitamento. [...]

'"Tudo que consumimos pode ser bem ou mal aproveitado", lembra o educador ambiental Eduardo Bernhardt. O problema, segundo ele, não é usar, "mas sim o mau uso que se faz". [...]

In: **Com Ciência**. Revista Eletrônica de Jornalismo Científico da SBPC,

nº 95, de 10/02/2008. Acesso em 26/10/2010. Texto Adaptado.

TEXTO 2

Lixo

Luís Fernando Veríssimo

Encontram-se na área de serviço. Cada um com seu pacote de lixo. É a primeira vez que se falam.

– Bom dia...

– Bom dia.

– A senhora é do 610.

– E o senhor do 612.

– É.

– Eu ainda não lhe conhecia pessoalmente...

– Pois é...

– Desculpe a minha indiscrição, mas tenho visto o seu lixo...

– O meu quê?

– O seu lixo.

– Ah...

– Reparei que nunca é muito. Sua família deve ser pequena...

– Na verdade sou só eu.

– Mmmm. Notei também que o senhor usa muito comida em lata.

– É que eu tenho que fazer minha própria comida. E como não sei cozinhar...

– Entendo.

– A senhora também...

– Me chame de você.

– Você também perdoe a minha indiscrição, mas tenho visto alguns restos de comida em seu lixo. Champignons, coisas assim...

– É que eu gosto muito de cozinhar. Fazer pratos diferentes. Mas, como moro sozinha, às vezes sobra...

– A senhora... Você não tem família?

– Tenho, mas não aqui.

– No Espírito Santo.

– Como é que você sabe?

– Vejo uns envelopes no seu lixo. Do Espírito Santo.

– É. Mamãe escreve todas as semanas.

– Ela é professora?

– Isso é incrível! Como foi que você adivinhou?

– Pela letra no envelope. Achei que era letra de professora.

– O senhor não recebe muitas cartas. A julgar pelo seu lixo.

– Pois é...

– No outro dia tinha um envelope de telegrama amassado.

– É.

– Más notícias?

– Meu pai. Morreu.

– Sinto muito.

– Ele já estava bem velhinho. Lá no Sul. Há tempos não nos víamos.

– Foi por isso que você recomeçou a fumar?

– Como é que você sabe?

– De um dia para o outro começaram a aparecer carteiras de cigarro amassadas no seu lixo.

– É verdade. Mas consegui parar outra vez.

– Eu, graças a Deus, nunca fumei.

– Eu sei. Mas tenho visto uns vidrinhos de comprimido no seu lixo...

– Tranquilizantes. Foi uma fase. Já passou.

– Você brigou com o namorado, certo?

– Isso você também descobriu no lixo?

– Primeiro o buquê de flores, com o cartãozinho, jogado fora. Depois, muito lenço de papel.

– É, chorei bastante, mas já passou.

– Mas hoje ainda tem uns lencinhos...

– É que eu estou com um pouco de coriza.

– Ah.

– Vejo muita revista de palavras cruzadas no seu lixo.

– É. Sim. Bem. Eu fico muito em casa. Não saio muito. Sabe como é .

– Namorada?

– Não.

– Mas há uns dias tinha uma fotografia de mulher no seu lixo. Até bonitinha.

– Eu estava limpando umas gavetas. Coisa antiga.

– Você não rasgou a fotografia. Isso significa que, no fundo, você quer que ela volte.

– Você já está analisando o meu lixo!

– Não posso negar que o seu lixo me interessou.

– Engraçado. Quando examinei o seu lixo, decidi que gostaria de conhecê-la.

Acho que foi a poesia.

– Não! Você viu meus poemas?

– Vi e gostei muito.

– Mas são muito ruins!

– Se você achasse eles ruins mesmo, teria rasgado. Eles só estavam dobrados.

– Se eu soubesse que você ia ler...

– Só não fiquei com eles porque, afinal, estaria roubando. Se bem que, não sei: o lixo da pessoa ainda é propriedade dela?

– Acho que não. Lixo é domínio público.

– Você tem razão. Através do lixo, o particular se torna público. O que sobra da nossa vida privada se integra com a sobra dos outros. O lixo é comunitário. É a nossa parte mais social. Será isso?

– Bom, aí você já está indo fundo demais no lixo. Acho que...

– Ontem, no seu lixo....

– O quê?

– Me enganei, ou eram cascas de camarão?

– Acertou. Comprei uns camarões graúdos e descasquei.

– Eu adoro camarão.

– Descasquei, mas ainda não comi. Quem sabe a gente pode...

– Jantar juntos?

– É.

– Não quero dar trabalho.

– Trabalho nenhum.

– Vai sujar a sua cozinha.

– Nada. Num instante se limpa tudo e põe os restos fora.

– No seu lixo ou no meu?

In: VERÍSSIMO, L. F. **O analista de Bagé**. Porto Alegre: L&PM Editores, 1982.

TEXTO 3

Gramatiquinha

Por Carlos Vogt

Onde vai o **bom**

vai também o **mau**

onde cabe o **bem**

cabe bem o **mal**

In: **Com Ciência**. Revista Eletrônica de Jornalismo Científico da SBPC, nº 95, de 10/02/2008. Acesso em 26/10/2010.

105 - (FMABC SP)

Coerentemente com a função social do texto 1, sua autora, para escrevê-lo, recorre a citações de outro autor, no caso Eduardo Bernhardt, como você pode ler nos trechos I e II, a seguir:

I. *Como lembra o educador ambiental e consultor da Associação Ecológica Ecomarapendi, Eduardo Bernhardt, "a responsabilidade (em relação ao lixo) começa a partir do momento de decisão da compra".*

II. *"Se o país adotasse uma Política Nacional de Resíduos Sólidos, ao menos teríamos diretrizes gerais de como encarar o problema do lixo com vistas a resolvêlo, aumentaríamos os incentivos para a indústria de reciclagem, às cooperativas e catadores, mas, principalmente, poderíamos balizar o caminho com a educação como grande orientadora do processo", defende Bernhardt.*

O uso do recurso da citação revela uma

a) introdução ao assunto.

b) narrativa de pesquisas realizadas anteriormente.

c) descrição de situação relacionada ao tema tratado.

d) argumentação apoiada em estudioso do assunto.

e) exposição técnica.

TEXTO: 69 - Comum à questão: 106

[1]São Paulo – Não é preciso muito para imaginar o dia em que a moça da rádio nos anunciará, do helicóptero, o colapso final: "A CET[1] já não registra a extensão do congestionamento urbano. Podemos ver daqui quetodos os carros em todas as ruas estão imobilizados. Ninguém anda, para frente ou para trás. A cidade, enfim, parou. As autoridades pedem calma, muita calma".

[5]"A autoestrada do Sul" é um conto extraordinário de Julio Cortázar[2]. Está em *Todos os fogos o fogo*, de 1966 (a Civilização Brasileira traduziu). Narra, com monotonia infernal, um congestionamento entre Fontainebleau e Paris. É a história que inspirou *Weekend à francesa* (1967), de Godard[3].

O que no início parece um transtorno corriqueiro vai assumindocontornos absurdos. Os personagens passam horas, mais horas, dias inteiros entalados na estrada.

[10]Quando, sem explicações, o nó desata, os motoristas aceleram "sem que já se soubesse para que tanta pressa, por que essa correria na noite entre automóveis desconhecidos onde ninguém sabia nada sobre os outros, onde todos olhavam para a frente, exclusivamente para a frente".

Não serve de consolo, mas faz pensar. Seguimos às cegas em frente há quanto tempo? De Prestes Maia aos túneis e viadutos de Maluf, a cidade foi induzida a andar de carro. Nossa urbanização se fez contra o [15]transporte público. O símbolo modernizador da era JK é o pesadelo de agora, mas o fetiche da lata sobre rodas jamais se abalou.

Será ocasional que os carrões dos endinheirados – essas peruas high-tech – se pareçam com tanques de guerra? As pessoas saem de casa dentro de bunkers, literalmente armadas. E, como um dos tipos do conto de Cortázar, veem no engarrafamento uma "afronta pessoal".

[20]Alguém acredita em soluções sem que haja antes um colapso? Ontem era a crise aérea, amanhã será outra qualquer. A classe média necessita reciclar suas aflições. E sempre haverá algo a lembrá-la –coisa mais chata – de que ainda vivemos no Brasil. (SILVA, Fernando de Barros. *Folha de S. Paulo*, 17/03/2008.)

(1) CET - Companhia de Engenharia de Tráfego. (2) Julio Cortázar (1914-1984), escritor argentino. (3) Jean-Luc Godard, cineasta francês, nascido em 1930.

106 - (ITA SP)

São recursos de progressão no texto

I. as perguntas.
II. as citações do conto de Cortázar.
III. a menção ao filme de Godard.

Está(ão) correta(s)

a) apenas I.
b) apenas I e II.
c) apenas I e III.
d) apenas II e III.

e) todas.

TEXTO: 70 - Comum à questão: 107

O que é escrita?

Se houve um tempo em que era comum a existência de comunidades ágrafas, se houve um tempo em que a escrita era de difícil acesso ou uma atividade destinada a poucos privilegiados, na atualidade, a escrita faz parte da nossa vida cotidiana, seja porque somos constantemente solicitados a produzir textos escritos (bilhete, e-mail, listas de compras etc.), seja porque somos solicitados a ler textos escritos em diversas situações do dia a dia (placas, letreiros, anúncios, embalagens, e-mail, etc., etc.).

Alguém afirmou que "hoje a escrita não é mais domínio exclusivo dos escrivães e dos eruditos. [...] A prática da escrita, de fato, se generalizou: além dos trabalhos escolares ou eruditos, é utilizada para o trabalho, a comunicação, a gestão da vida pessoal e doméstica".

Que a escrita é onipresente em nossa vida já o sabemos. Mas, afinal, "o que é escrita?" Responder a essa questão é uma tarefa difícil porque a atividade de escrita envolve aspectos de natureza variada (linguística, cognitiva, pragmática, sócio-histórica e cultural).

Como é de nosso conhecimento, há muitos estudos sobre a escrita, sob diversas perspectivas, que nos propiciam diferentes modos de responder a questão em foco. Basta pensarmos, por exemplo, nas investigações existentes, segundo as quais a escrita ao longo do tempo foi e vem-se constituindo como um produto sócio-histórico-cultural, em diferentes suportes (livros, jornais, revistas) e demandando diferentes modos de leitura. Basta pensarmos no modo pelo qual ocorre o processo de aquisição da escrita. Basta pensarmos no modo pelo qual a escrita é concebida como uma atividade cuja realização demanda a ativação de conhecimento e o uso de várias estratégias no curso mesmo da produção do texto.

Apesar da complexidade que envolve a questão não é raro, quer em sala de aula, quer em outras situações do dia a dia, nos depararmos com definições de escrita, tais como: “escrita é inspiração”; “escrita é uma atividade para alguns poucos privilegiados (aqueles que nascem com esse dom e se transformam em escritores renomados)”; “escrita é expressão do pensamento” no papel ou em outro suporte; “escrita é domínio de regras da língua”; “escrita é trabalho” que requer a utilização de diversas estratégias da parte do produtor.

Essa pluralidade de resposta nos faz pensar que o modo pelo qual concebemos a escrita não se encontra dissociado do modo pelo qual entendemos a linguagem, o texto e o sujeito que escreve. Em outras palavras, subjaz uma concepção de linguagem, de texto e de sujeito escritor ao modo pelo qual entendemos, praticamos e ensinamos a escrita, ainda que não tenhamos consciência disso.

(Ingedore Villaça Koch. Vanda Maria Elias. Ler e escrever: estratégias de produção textual. São Paulo: Editora Contexto, 2009. p. 31-32. Adaptado.)

107 - (UESPI)

No início do texto, e para situar a questão da escrita, as autoras começam por:

a) refutar a concepção de escrita que tinham as comunidades ágrafas.

b) estabelecer um paralelo entre épocas passadas e os tempos atuais.

c) tomar partido contra o fato de a escrita estar destinada a uns poucos privilegiados.

d) questionar o uso de textos escritos em diversas situações do dia a dia.

e) admitir que são muitas as solicitações para que interpretemos textos escritos.

TEXTO: 71 - Comum às questões: 108, 109

A revolução digital

Texto e papel. Parceiros de uma história de êxitos. Pareciam feitos um para o outro.

Disse “pareciam”, assim, com o verbo no passado, e já me explico: estão em processo de separação.

Secular, a união não ruirá do dia para a noite. Mas o divórcio virá, certo como o pôr-do-sol a cada fim de tarde.

O texto mantinha com o papel uma relação de dependência. A perpetuação da escrita parecia condicionada à produção de celulose.

Súbito, a palavra descobriu um novo meio de propagação: o cristal líquido. Saem as árvores. Entram as nuvens de elétrons.

A mudança conduz a veredas ainda não exploradas. De concreto há apenas a impressão de que, longe de enfraquecer, a ebulição digital tonifica a escrita.

Isso é bom. Quando nos chega por um ouvido, a palavra costuma sair por outro. Vazando-nos pelos olhos, o texto inunda de imagens a alma.

Em outras palavras: falada, a palavra perde-se nos desvãos da memória; impressa, desperta o cérebro, produzindo uma circulação de ideias que gera novos textos. A Internet é, por assim dizer, um livro interativo. Plugados à rede, somos, autores e leitores. Podemos visitar as páginas de um clássico da literatura. Ou simplesmente, arriscar textos próprios.

Otto Lara Resende costumava dizer que as pessoas haviam perdido o gosto pela troca de correspondências. Antes de morrer, brindou-me com dois telefonemas. Em um deles prometeu: “Mando-te uma carta qualquer dia destes”.

Não sei se teve tempo de render-se ao computador. Creio que não. Mas, vivo, Otto estaria surpreso com a popularização crescente do correio eletrônico.

O papel começa a experimentar o mesmo martírio imposto à pedra quando da descoberta do papiro. A era digital está revolucionando o uso do texto. Estamos virando uma página. Ou, por outra, estamos pressionando a tecla "enter".

Josias de Souza. A revolução digital. Folha de São Paulo. 6/05/96. Caderno Brasil, p. 2).

108 - (UESPI)

Analise o segmento: "O papel começa a experimentar o mesmo martírio imposto à pedra quando da descoberta do papiro". Nesse trecho, é evidente o propósito do autor de reforçar sua argumentação:

a) fazendo uma comparação.

b) refutando os termos de uma ideia.

c) recorrendo a uma enumeração.

d) apresentando uma ressalva.

e) levantando uma dúvida.

109 - (UESPI)

O teor argumentativo do texto é reforçado também:

a) pelo uso de sujeitos pospostos ao verbo.

b) pelo recurso da intertextualidade.

c) pelo uso de uma sintaxe elaborada.

d) pelo uso de palavras eruditas.

e) pelo uso de períodos curtos.

TEXTO: 72 - Comum à questão: 110

No Brasil, como em outras sociedades, há uma classificação dos eventos sociais segundo sua ocorrência. Os eventos que fazem parte da rotina do quotidiano, chamado no Brasil de “dia a dia” ou [5]simplesmente “vida”, e os eventos que estão situados fora desse “dia a dia” repetitivo e rotineiro: as “festas”, os “cerimoniais” (ou cerimônias), as “solenidades”, os “bailes”, os “congressos”, as “reuniões”, os “encontros”, as “conferências” etc., onde se chama a atenção para [10]seu caráter aglutinador de pessoas, grupos e categorias sociais, sendo, por isso mesmo, acontecimentos que escapam da rotina na vida diária. Tais eventos distinguem-se dos “milagres”, “golpes de sorte”, “tragédias”, “dramas”, “desastres”, “acidentes” e [15]“catástrofes” por serem previstos. Nesse sentido, eles se constituem o que pode ser chamado de extraordinário construído pela e para a sociedade, em oposição aos acontecimentos que igualmente suspendem a rotina do quotidiano, mas são marcados pela imprevisibilidade, [20]ou seja, são acontecimentos não controlados pela sociedade.

DAMATTA, Roberto. Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro. 5. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1990. p. 39.

110 - (UNEB BA)

Os “eventos” referidos no texto têm em comum o fato de

01. propiciarem a interação de indivíduos que representam a diversidade sociocultural.
02. refutarem a intervenção da sociedade em sua orientação.
03. acontecerem com o consentimento do poder público.
04. fazerem parte do cotidiano da cidade.
05. serem extraordinários, fora da rotina.

TEXTO: 73 - Comum à questão: 111

Fala-se muito a respeito da importância do estado de ânimo e da personalidade do professor na facilitação do processo de aprendizagem na sala de aula. Além do salário, o reconhecimento da pessoa do mestre por parte da comunidade é muito importante. Se ele sair da sombra, se for conhecido, isso alavancará a sua autoestima, sem a qual o entusiasmo inexiste. Professor é a profissão na qual o entusiasmo é indispensável. A fé na importância da tarefa que ele desempenha depende de reconhecimento e de certa notoriedade, talvez mais do que entre outros profissionais.

Adaptado de Anna Veronica Mautner

111 - (Mackenzie SP)

Assinale a alternativa correta a respeito da construção textual.

a) O texto é construído essencialmente de parágrafo de natureza descritiva, uma vez que há enumeração de pormenores a respeito de um objeto de observação.

b) Em linguagem informal, o texto explora, em parágrafo de natureza narrativa, possíveis causas para um problema do cotidiano brasileiro.

c) O parágrafo apresenta claramente circunstâncias em torno de um enredo desenvolvido com o objetivo de apresentar diversas situações dramáticas.

d) O assunto é apresentado no primeiro período, a partir do qual se acrescentam aspectos que ampliam a reflexão sobre o tema.

e) O início do parágrafo utiliza, como estratégia discursiva, uma declaração dubitativa, problematizando, assim, o assunto que será abordado de um ponto de vista polêmico.

TEXTO: 74 - Comum à questão: 112

[01]Tão paradoxal quanto o título deste editorial é o [02]tema por ele abordado: o horário político obrigatório – [03]ou gratuito, de acordo com a denominação do Tribunal [04]Regional Eleitoral. Em primeiro lugar, não é gratuito, [05]a não ser para candidatos, partidos e coligações, [06]que nada pagam

pelo acesso aos meios de comunicação. [07]A sociedade paga. As empresas de mídia recebem [08]compensação fiscal pelos espaços que dispensam [09]à propaganda eleitoral. A polêmica, porém, é [10]outra: tem sentido impor ao público uma programação [11]geralmente demagógica e de má qualidade, que [12]é rejeitada por parcela expressiva de espectadores e [13]reduz a audiência dos programas de rádio e televisão?

[14]No Brasil, onde o voto também é obrigatório, faz [15]sentido. Pesquisa divulgada pelo Datafolha no mês [16]passado, após consulta a 10.905 eleitores em 379 [17]municípios do país, mostrou que 65% dos entrevistados [18]utilizam a TV como mídia preferida para obter informações [19]sobre partidos e candidatos. Os jornais aparecem [20]em segundo lugar, com 12% da preferência, [21]restando para o rádio e a internet o terceiro lugar, com [22]7%. Apenas 6% dos inquiridos disseram que se preparam [23]para o voto com informações colhidas em conversas [24]com amigos e familiares.

[25]Então, é inquestionável o valor da mídia eletrônica [26]na orientação do eleitorado. Ainda assim, não deixa [27]de ser uma imposição incômoda para a maioria da [28]população. Pesquisa encomendada ao Ibope pela Associação [29]Brasileira de Agências de Propaganda mostra [30]que o brasileiro não simpatiza com a propaganda [31]eleitoral compulsória: 76% dos consultados informaram [32]que "não gostam nada" ou "não gostam muito". [33]Apenas 11% assinalaram "gostar" ou "gostar muito".

[34]Além de impositivo, o horário eleitoral gera outras [35]deformações, como a formação de alianças partidárias [36]espúrias com o único propósito de ampliar o [37]tempo de exposição de candidatos e siglas, com total [38]prejuízo para os conteúdos programáticos e para [39]a coerência ideológica. Também o tempo exíguo dispensado [40]aos candidatos às eleições proporcionais mal [41]permite que digam o nome, o número e, em certos [42]casos, alguma gracinha, que só serve para ridicularizar [43]o debate eleitoral.

[44]Ainda assim, existe pelo menos um fator insuperável [45]a justificar a manutenção desta programação: [46]o direito de todos os candidatos ao acesso à mídia. [47]Se a propaganda fosse paga, ou dependesse apenas [48]do interesse jornalístico, o poder econômico poderia [49]prevalecer e os candidatos menos conhecidos talvez [50]não tivessem oportunidade de se apresentar ao [51]público. Agora, mesmo com todas as deformações, o [52]horário eleitoral possibilita este contato entre o [53]eleitor e os pretendentes a mandatos eletivos.

Jornal *Zero Hora*, 22/08/2010 (editorial)

112 - (PUC RS)

Analisando-se o gênero, o conteúdo e o processo de composição do texto 2, conclui-se que a única afirmação **FALSA** é:

a) Apresenta a questão conflitante, o ponto de vista a ser defendido, a discussão mediante argumentos e contra-argumentos e a conclusão.

b) Baseia-se em ideias e argumentos, marcando a posição do jornal diante de fatos importantes do momento.

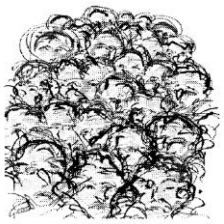
c) Tem como objetivo principal apresentar informação de forma clara e isenta, ordenada em três partes essenciais: introdução, desenvolvimento, conclusão.

d) Ao citar contra-argumentos, dá a impressão de ceder à tese contrária, para depois refutá-la mediante argumento mais forte.

e) Apoia-se em recursos próprios da argumentação, como dados estatísticos e questionamento direto, além de nexos lógicos para encadear ideias.

TEXTO: 75 - Comum às questões: 113, 114

O advento do homem-massa



[1]Na decadente conjuntura da degradação cultural promovida pelo nivelamento vulgar das qualidades humanas, vivemos sob o jugo da "ditadura da massificação", na qual se diluem todo destaque pessoal, [5]todo brilho singular.

As inúmeras transformações sociais e valorativas ocorridas na modernidade oitocentista a partir da queda do ideário aristocrático e sua substituição pela visão de mundo burguesa trouxeram consigo um projeto cultural [10]de instauração da noção de "igualdade" na esfera política, econômica ou social. Todavia, o projeto moderno de estabelecimento da "igualdade" humana se revelou uma farsa, pois nenhum ser humano manifesta qualquer tipo de característica semelhante a outrem e,

se falamos de "igualdade", estamos certamente estabelecendo uma redução simbólica da condição individual.

Ortega y Gasset foi um dos principais filósofos a problematizar a questão da massificação da cultura na modernidade ocidental e suas diversas implicações na esfera simbólica e social da vida humana.

É importante destacar que a configuração valorativa do "homem-massa" não segue parâmetros sociais ou econômicos específicos, mas a análise da existência ou não de uma nobreza de espírito interior. Assim, uma pessoa detentora de posses materiais, caso avalie suaexistência pelos parâmetros quantitativos da ganância, da falta de finesse e da degradação do gosto cultural, associa-se ao grupo dos "homens-massa"; por sua vez, uma pessoa desprovida de instrução formal e de bens materiais, mas que é dotada de espírito avaliativo e sensibilidade cultural para apreciar aquilo que é belo ou sublime, se encontra longe da esfera vulgar da tipologia da massa, caracterizada justamente pela ausência de critérios seletivos em suas avaliações. Para Ortega y Gasset, "massa é todo aquele que não atribui a si mesmo um valor — bom ou mau — por razões especiais, mas que se sente como todo 'mundo' e, certamente, não se angustia com isso, sente-se bem por ser idêntico aos demais".

BITTENCOURT, Renato Nunes. O advento do homem-massa. Disponível em: < http://filosofiacienciaevida.uol.com.br/ESFI/Edicoes/52/o-adventodo-homem-massa-na-decadente-conjuntura-da-degradacao-cultural-187560-1.asp>. Acesso em: nov. 2010. Adaptado.

113 - (UEFS BA)

O autor do texto apropria-se do discurso de Ortega y Gasset para

a) desconstruir o conceito contemporâneo de "massificação" do indivíduo.

b) consolidar a sua argumento sobre o esfacelamento da cultura na modernidade.

c) dar suporte a seus argumentos sobre a configuração do "homem-massa" ao longo do texto.

d) reforçar a sua opinião sobre a importância da cultura massificada na construção dos ideais contemporâneos.

e) criticar os valores burgueses contemporâneos, que consolidaram o ideal de igualdade através da massificação dos indivíduos.

114 - (UEFS BA)

Considerando-se a organização do texto, é correto o que se afirma em

a) O **primeiro parágrafo** contextualiza a condição atual da cultura como consequência da generalização das qualidades humanas.

b) O **segundo parágrafo** desconstrói as ideias desenvolvidas no primeiro na medida em que traz um contexto anterior que diverge do atual.

c) O **terceiro parágrafo** apresenta uma polifonia que esclarece o questionamento levantado no parágrafo que o precede.

d) O **quarto e último parágrafo** apresenta uma comparação por semelhança entre a concepção burguesa e a aristocrática sobre o "homem-massa".

e) O **último parágrafo** retoma o discurso do filósofo Ortega y Gasset para divergir do que foi dito, no primeiro parágrafo, sobre a degradação cultural.

TEXTO: 76 - Comum à questão: 115

Alexandria, no Egito, foi fundada por Alexandre, o Grande, em 331 a.C. Quinto Cúrcio Rufo, historiador romano, escreveu que a fundação ocorreu imediatamente depois da visita de Alexandre ao santuário do deus egípcio Amon, onde o sacerdote chamou Alexandre de "filho de Júpiter". Nesse estado de graça recém-adquirido, Alexandre escolheu para sua nova cidade a faixa de terra entre o lago Mareotis e o mar e mandou que os habitantes das cidades vizinhas migrassem para a nova metrópole. Rufo escreveu: "Há um relato segundo o qual, depois de o rei ter cumprido o costume macedônio de marcar com cevada os limites circulares dos muros da futura cidade, bandos de pássaros pousaram e comeram a cevada. Muitos viram nisso um presságio desfavorável, mas o veredicto dos videntes foi que a cidade teria uma grande população de imigrantes e proporcionaria os meios de subsistência a muitos países.

Gente de muitos países realmente acorreu à nova capital, mas foi um tipo diferente de imigração que acabou tornando Alexandria famosa. Na época da morte de Alexandre, em 323 a.C., a cidade já

se tornara o que chamaríamos hoje de uma “sociedade multicultural”, dividida em *politeumata,* ou corporações baseadas na nacionalidade. Desses grupos, depois dos nativos egípcios o mais importante era o dos gregos, para quem a palavra escrita se tornara um símbolo de sabedoria e poder. “Aqueles que podem ler, vêem duas vezes melhor”, escreveu o poeta ático Menandro no século IV a.C.

Embora os egípcios tivessem uma tradição de registrar por escrito boa parte de seus assuntos administrativos, foi provavelmente a influência dos gregos, os quais acreditavam que a sociedade requeria um registro escrito preciso e sistemático de suas transações, que transformou Alexandria num estado altamente burocrático. Há exemplos de documentos para todo tipo de tarefa, não importa quão pequena fosse. Uma volúpia por papel não implica amor aos livros, mas a familiaridade com a palavra escrita sem dúvida acostumava os cidadãos de Alexandria ao ato de ler.

MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura.* 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 215-216. (Adaptado).

115 - (UEG GO)

No texto utilizado, marcadamente informativo, para dar maior credibilidade às informações que apresenta, o autor

a) critica a burocracia do Egito Antigo, caracterizada pelo costume de se registrar em documentos até mesmo as atividades mais banais do dia a dia.

b) faz referência a elementos da religiosidade egípcia, tendo em vista que o Egito Antigo tinha a religião como elemento de grande importância.

c) faz um elogio à leitura e à escrita, cuja disseminação no Egito fez desse povo um dos mais desenvolvidos da Antiguidade.

d) usa o recurso da intertextualidade, ao inserir o discurso de outros autores, o que é marcado linguisticamente pelas aspas.

TEXTO: 77 - Comum à questão: 116

Sandra Speidel/Getty Images.

O gosto da surpresa

Betty Milan

Nada é melhor do que se surpreender, olhar o mundo com olhos de criança. Por isso as pessoas gostam de viajar. Nem o trânsito, nem a fila no aeroporto, nem o eventual desconforto do hotel são empecilhos neste caso. Só viajar importa, ir de um para outro lugar e se entregar à cena que se descortina. Como, aliás, no teatro.

O turista compra a viagem baseado nas garantias que a agência de turismo oferece, mas se transporta em busca da surpresa. Porque é dela que nós precisamos mais. Isso explica a célebre frase navegar é preciso, viver não, erroneamente atribuída a Fernando Pessoa, já que data da Idade Média.

Agora, não é necessário se deslocar no espaço para se surpreender e se renovar. Olhar atentamente uma flor, acompanhar o seu desenvolvimento, do botão à pétala caída, pode ser tão enriquecedor quanto visitar um monumento histórico.

Tudo depende do olhar. A gente tanto pode olhar sem ver nada quanto se maravilhar, uma capacidade natural na criança e que o adulto precisa conquistar, suspendendo a agitação da vida cotidiana e não se deixando absorver por preocupações egocêntricas. Como diz um provérbio chinês, a lua só se reflete perfeitamente numa água tranquila.

O que nós vemos e ouvimos depende de nós. A meditação nos afasta do clamor do cotidiano e nos permite, por exemplo, ouvir a nossa respiração. Quem escuta com o espírito, e não com o ouvido, percebe os sons mais sutis. Ouve o silêncio, que é o mais profundo de todos os sons, como bem sabem os músicos. Numa de suas letras, Caetano Veloso diz que só o João (Gilberto) é melhor do que o silêncio. Porque o silêncio permite entrar em contato com um outro eu, que só existe quando nos voltamos para nós mesmos.

Há milênios, os asiáticos, que valorizam a longevidade, se exercitam na meditação, enquanto nós, ocidentais, evitamos o desligamento que ela implica. Por imaginarmos que sem estar ligado não é possível existir, ignoramos que o afastamento do circuito habitual propicia uma experiência única de nós mesmos, uma experiência sempre nova.

Desde a Idade Média, muitos séculos se passaram. Mas o lema dos navegadores continua atual. Surpreender-se é preciso. A surpresa é a verdadeira fonte da juventude, promessa de renovação e de vida.

VEJA. São Paulo: Abril, ed. 2184, set. 2010, p. 116.

116 - (UFG GO)

No trecho *Nem o trânsito, nem a fila no aeroporto, nem o eventual desconforto do hotel são empecilhos neste caso,* as palavras sublinhadas estabelecem uma relação de inclusão. No plano argumentativo, esse procedimento

a) arrola argumentos favoráveis ao desejo de se surpreender com novos cenários.

b) promove entrave na linha discursiva estabelecida pela autora.

c) agrupa ideias que em princípio funcionam como contra-argumento ao desejo de viajar.

d) constrói argumentos que neutralizam a capacidade contemplativa do leitor.

e) exemplifica fatos esporádicos de viagens turísticas de longa duração.

TEXTO: 78 - Comum à questão: 117

Com o advento da internet, criam-se novos mecanismos para quem busca ser uma celebridade ou tornar-se, pelo menos, conhecido. Um exemplo disso é a utilização das redes sociais – o *Facebook*, *Twitter* e o *Orkut,* entre outros – pelos aspirantes a famosos, que desejam alcançar os seus quinze minutos de fama – previstos por Andy Warhol em 1960 –, por meio da utilização dessas ferramentas. Essas redes, que surgiram prioritariamente como um agente para a integração social, criam um ambiente propício para o exibicionismo e o *voyerismo* (prática que consiste no prazer a partir da observação de outras pessoas), onde ser contemplado é o que importa.

Sobre essa prática, Paula Sibília, professora do Instituto de Artes e Comunicação Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), comenta que a rede tem proporcionado uma espécie de democratização na busca pelo estrelato. “A internet oferece um *outdoor* com espaço para todos: nessas vitrines mais populares, qualquer um pode ser visto como tem direito. As opções são inumeráveis e não cessam de se multiplicar: *blogs*, *fotologs*, *Orkut*, *Facebook*, *MySpace*, *Twitter*, *Youtube* e um longo etcétera”.

O temor da chamada “invasão de privacidade”, segundo a professora, dá espaço para o quase oposto: o aparecer, ser visto, contemplado e admirado. Para ela, o exibicionismo na rede ocorre a partir da necessidade que as pessoas têm de serem vistas, e como uma forma de confirmação de que existem e estão vivas. As pessoas mostram-se como um personagem, saciando a voracidade e a curiosidade de outras. “Tudo aquilo que antes concernia à pudica intimidade pessoal tem se ‘evadido’ do antigo espaço privado, transbordando seus limites, para invadir aquela esfera que antes se considerava pública. O que se busca nessa exposição voluntária, que anseia alcançar as telas globais, é se mostrar, justamente: constituir-se como um personagem visível. Por sua vez, essa nova legião de exibicionistas satisfaz outra vontade geral do público contemporâneo: o desejo de espionar e consumir vidas alheias”.

Cláudia da Silva Pereira, professora do Centro de Ciências Sociais, da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, também acredita que na internet se cria um espaço para que as pessoas vivam outros personagens e consigam, deste modo, uma espécie de autorrealização pessoal. “Podemos ser ali o que desejarmos, construindo perfis de acordo com o que projetamos ser o ideal. Ou não. Afinal, a internet abre ainda mais espaço para condutas sociais desviantes que raramente poderiam se concretizar na vida *off-line*. Aderir a comunidades politicamente incorretas, criar perfis falsos ou transitar por comunidades que consideramos ‘exóticas’ pode ser uma ótima maneira de buscar a experimentação e, consequentemente, a realização, da mesma forma”, conclui.

Sibília aponta ainda para a ruptura de um padrão de vida em que os muros já não protegem mais a privacidade individual. “Das *webcams* até os *paparazzi*, dos *blogs* e *fotologs* até *YouTube* e *MySpace*, das câmeras de vigilância até os *reality shows* e *talk* shows, a velha intimidade transformou-se em outra coisa. E agora está à vista de todos. Ou, pelo menos é isso o que conseguem aqueles afortunados: os famosos”. Já Pereira lembra que a “espetacularização” do cotidiano atinge a todos, invariavelmente, ao utilizarem essas ferramentas sociais, levando a uma

maior permissividade com relação ao que é restrito ou irrestrito, ao que é público e ao que é privado. “A própria ideia de fronteira é imprecisa em se tratando de internet. É evidente que existe a opção de se compartilhar ou não da intimidade na internet, existe até mesmo a opção de não participar de redes sociais *on-line*, mas esta já parece ser [35]uma escolha que limita o trânsito em diversos espaços sociais. A superexposição nas redes sociais *on-line* tem seus reflexos na vida *off-line*, assim como a simples ausência”.

Outra rede social em que a exposição está presente e nem sempre de maneira benéfica é o *Youtube*. Inúmeros são os casos de pessoas que se tornam famosas por meio da utilização dessa ferramenta, sem se importarem em ser reconhecidos por postarem vídeos de gosto duvidoso ou grotesco, confirmando a obsessão de muitos na busca [40]pela fama a qualquer custo. “Esses sujeitos têm fortalecido o hábito de serem reconhecidos pelo que fazem de transgressão e não por respeitarem a ordem social. Em toda prática de desvio de conduta, sempre podemos acreditar que o meio ou a ferramenta apenas facilitou o ato, que na verdade já havia no sujeito que o praticou uma predisposição para fazê-lo. Infelizmente, os valores de determinados grupos sociais são refletidos nessas práticas e as consequências podem ser a banalização desses atos, aumentando as probabilidades de legitimá-las”, lembra Khater. Para ela, as [45]pessoas não devem permitir que o virtual se sobreponha ao real. “Nós, seres humanos, precisamos da realidade, pois somos seres eminentemente sociais. Quando o virtual se sobrepõe ao real, nos sentimos vazios, pois sabemos da nossa necessidade de real aprovação em nosso meio social”.

Ainda, na contramão dos que buscam o reconhecimento, muitos famosos e celebridades encontram nas redes sociais uma forma de se aproximar das pessoas comuns, do seu público, de seus fãs. Artistas, jornalistas, músicos [50]e público interagem de uma maneira mais natural. “É praticamente imperativo que uma celebridade mantenha um perfil no *Twitter* ou no *Facebook*, caso contrário ela simplesmente não existe no ambiente *on-line*. Desta forma, o público se aproxima daqueles que o sociólogo e filósofo Edgar Morin um dia chamou de ‘olimpianos’, aqueles que se veem obrigados a descer de seus altares dos meios de comunicação de massa para interagir em 140 caracteres com as pessoas ‘comuns’. O fã torna-se íntimo do ídolo, o que retira dessa relação grande parte de sua magia”, [55]defende Pereira.

Para Francisco Rüdiger, docente do Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), as celebridades, ao migrarem para as redes sociais, têm seus carismas submetidos a testes cotidianos e banais. “As redes sociais abriram aos fãs a possibilidade de articular, mais ampla e cotidianamente, o culto de seus ídolos mas, por outro lado, atraíram estes últimos para um terreno onde sua capacidade de gerenciar a própria [60]imagem e influência é muito mais fraca ou instável. As celebridades não podem ficar fora das redes, se quiserem continuar sendo celebridades, mas a redução da distância que assim se instala, converte-se em fonte de perigo para sua condição”, acredita.

Ferrari aponta para o fim do antigo esquema celebridade-mídia-público. Pois, agora, os fãs podem interagir diretamente com seus ídolos (e vice-versa), sem precisar de intermediário. “As

mídias sociais tiraram os intermediários, [65]ou seja, a grande mídia. Hoje uma celebridade interage diretamente com seus fãs pelo *Twitter*, *Facebook*, *MySpace* etc. O *feedback* é instantâneo", conclui.

Disponível em: <http://www.comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&edicao=59&id=751&tipo=0>.
Acesso em: 12 de set. 2010. (Texto modificado)

117 - (UFU MG)

Com o tipo de argumentação desenvolvida no texto, o autor pretende:

a) Justificar o excesso de exibicionismo nas redes sociais.

b) Criticar o excesso de exibicionismo nas redes sociais.

c) Comentar o excesso de exibicionismo nas redes sociais.

d) Explicar o excesso de exibicionismo nas redes sociais.

TEXTO: 79 - Comum à questão: 118

O princípio, o meio e o fim

Luis Pellegrini

[1]"De quanta terra precisa o homem?" A pergunta é o título de um conto de Leon Tolstoi. Nele, um sujeito faz pacto com o diabo. Receberá toda a terra que conseguir percorrer a pé, durante um dia, do nascer ao pôr do sol. O homem atravessa as horas sem descanso. Quando o sol já se aproxima do horizonte, não se dá por satisfeito. Corre. Falta-lhe fôlego, mas ele não para. Quer ainda possuir aquele vale, aquele bosque. Quando cai morto de [5]fadiga, o conto explica de quanta terra precisa um homem: se ele não tem consciência de limites, apenas um par de metros lhe basta. Uma cova não requer mais do que isso.

A trágica moral contida no conto sintetiza um mito-chave para a compreensão da crise que nossa civilização enfrenta. O mito do único pecado que os gregos consideravam capital: a

arrogância, entendida sobretudo como falta de consciência de limites, como ambição desmedida, como desejo incontrolável de posse e de poder. Para os [10]gregos antigos, a arrogância era o maior de todos os pecados. Era a falha que não tinha perdão. Eles a chamavam *hýbris*, e acreditavam que incorrer nessa falha acarretava a danação eterna.

Não é assim, desse modo arrogante – feito de destruição, poluição e exploração insustentável dos recursos naturais – que tratamos nosso planeta-mãe, a Terra? Convencidos de que todas as coisas foram criadas para satisfazer nossos desejos e necessidades, inventamos uma cultura inteiramente destituída de bom senso: a cultura [15]da produtividade e do consumismo insustentáveis. Como no conto de Tolstoi, não conseguimos parar. Derrubamos e queimamos florestas, matamos lagos e rios, poluímos os mares e a atmosfera, extinguimos espécies de plantas e de animais. Sem falar nas mazelas que produzimos para nós mesmos, como perturbações da saúde física, psíquica e mental, ao nos impormos um ritmo e uma carga insustentáveis de trabalho, de produção e de consumismo.

Embriagados pelo desejo de posse e de poder, cada vez mais distantes da sabedoria ancestral da qual [20]somos herdeiros, esquecemos que a arrogância constitui um desequilíbrio maior. Não lembramos que, por uma lei natural, toda ação que leva à perda do equilíbrio gera uma força igual e contrária que procura restabelecê-lo. Essa força, que os gregos chamavam Nêmesis, era simbolizada por uma deusa implacável, avessa a qualquer compromisso, a qualquer oferenda, a qualquer intervenção apaziguadora. Para os gregos, o aquecimento global nada mais seria do que uma das tantas manifestações de Nêmesis: a consequência nefasta de uma ação errônea.

[25]Gaia vive esse tipo de raciocínio, por sinal, há muito deixou de ser formulado no âmbito estrito da filosofia e da religião. Hoje, ele invade o território pragmático da ciência. Cita-se como exemplo a Hipótese Gaia, do cientista inglês James Lovelock. Para ele, a Terra não é uma simples bola mineral a rodopiar pelo espaço afora. Lovelock e seus seguidores entendem nosso planeta como um ser vivo, pulsante, dotado não apenas de um corpo físico, mas também de psique. Um macrosser, em tudo análogo a seu filho, o homem.

[30]"Até quando a Terra suportará sem reagir todos os arranhões que estamos produzindo em sua superfície?" A célebre questão de Lovelock, formulada há cerca de três décadas, não precisou esperar muito pela resposta. Ela está aí: o planeta reage às agressões de múltiplas formas e, no momento, a mais ameaçadora delas chama-se aquecimento global.

Istoé, 18 de dezembro de 2009.

118 - (UFU MG)

No texto, o conto de Tolstoi é utilizado, **EXCETO**:

a) Para apresentar a moral do texto: a ganância do homem.

b) Como um recurso de argumentação.

c) Para dar credibilidade aos argumentos do autor do texto.

d) Para mostrar apenas como a Terra se vinga.

TEXTO: 80 - Comum à questão: 119

De bem com a vida

[1]A felicidade é a soma das pequenas felicidades. Li essa frase num *outdoor* em Paris e soube, naquele momento, que meu conceito de felicidade tinha acabado de mudar. Eu já suspeitava que a felicidade com letras [5]maiúsculas não existia, mas dava a ela o benefício da dúvida. Afinal, desde que nos entendemos por gente, aprendemos a sonhar com essa felicidade no superlativo. Mas ali, vendo aquele *outdoor* estrategicamente colocado no meio do meu caminho (que, de certa [10]forma, coincidia com o meio da minha trajetória de vida), tive certeza de que a felicidade, ao contrário do que nos ensinaram os contos de fadas e os filmes de Hollywood, não é um estado mágico e duradouro. Na vida real, o que existe é uma felicidade homeopática, distribuída [15]em conta-gotas. Um pôr de sol aqui, um beijo ali, uma xícara de café recém-coado, um livro que a gente não consegue fechar, um homem que nos faz sonhar, uma amiga que nos faz rir... São situações e momentos que vamos empilhando com o cuidado e a delicadeza que [20]merecem – alegrias de pequeno e médio porte e até grandes (ainda que fugazes) alegrias.

FERREIRA, Leila. **Revista Marie Claire**. nov. 2008. p.56. (fragmento)

119 - (UNIFICADO RJ)

Na linha argumentativa do texto, o período “Afinal, desde que nos entendemos por gente, aprendemos a sonhar com essa felicidade no superlativo.” (ref. 5), em relação ao anterior, configura-se, semanticamente, como uma

a) alternativa.

b) restrição.

c) consequência.

d) justificativa.

e) contradição.

TEXTO: 81 - Comum à questão: 120

Somos todos comida

Depois da notícia de que, ao fim de prolongado debate jurídico, foi negado por um tribunal o habeas corpus impetrado em favor de um chimpanzé enjaulado em solidão no Zoológico de Niterói, vieram ao conhecimento público outras providências judiciais em nome de animais, pelo Brasil afora. Isso está ficando interessante. Antigamente, era fácil dizer que os animais não tinham direito nenhum, pois não são sujeitos de direito, não são pessoas, não podem acionar o poder judiciário, da mesma forma que não têm deveres, nem podem ser interpelados pela justiça. Direitos e deveres são província exclusiva do ser humano e, embora isso não soe bem, um cachorro, por exemplo, não tem o direito de não ser maltratado. O homem é que tem o direito de estabelecer em lei que maltratar um animal é criminoso e de protestar e intervir, quando a lei for descumprida.

Mas vivemos tempos mais complexos e em transformação quase frenética. As crenças antes estabelecidas e praticamente unânimes hoje mudam o tempo todo, somos intimidados pelas descobertas da física quântica, as certezas se tornam indagações e a eventual sensação de que ninguém sabe nada é inevitável. Já há quem sustente que pelo menos os chamados animais superiores, como o mencionado cachorro, têm consciência e emoções. Os donos de cachorros frequentemente acham que estes pensam, raciocinam e comunicam seus pensamentos, só faltando mesmo falar. Logo, têm direitos e talvez a única coisa que lhes negue a condição de sujeito de direito seja a circunstância de que a linguagem do cachorro ainda não tem tradutores oficializados. Mas talvez passe a ter no futuro e alguém venha a dizer que o Rex está se sentindo prejudicado pelo seu dono e quer constituir advogado, para o que aplicará a impressão de sua pata em uma procuração.

De certa forma, isso já começa a acontecer, como demonstra o caso do habeas corpus do chimpanzé. Seus advogados inferiram que, sem companhia e encarcerado, o chimpanzé é infeliz e consegue comunicar que, sim, gostaria de ser transferido para uma moradia condigna.

Considerando a maravilhosa diversidade do ser humano, acho que, a partir desse precedente, viremos a testemunhar ações movidas não somente por cachorros, gatos, peixes de aquário e outros animais domésticos, mas também, antecipo eu, por bois de corte ou por frangos para abate. Não descarto até mesmo a possibilidade de medidas contra o que certamente se chamará "zoofobia", em cuja ilícita prática serão enquadrados, por exemplo, os que usarem as palavras "galinha", "vaca" ou "cadela" com intenção pejorativa.

A situação deverá evoluir, em futuro talvez não muito distante, para o estabelecimento dos níveis de consciência das espécies e a consequente maior ou menor abrangência de seus direitos. Não é descabido imaginar a promulgação de uma Declaração Universal dos Direitos dos Cães, ou do Estatuto do Gato e assim por diante, cada um deles definindo os critérios aplicáveis a cada espécie. É complicado, porque, por exemplo, o direito de latir, certamente parte indissolúvel da liberdade de expressão canina, pode conflitar com o direito ao silêncio de um vizinho humano, o que requererá imaginação e engenho da parte de legisladores e magistrados.

Questões éticas e morais, filosóficas mesmo, terão que ser encaradas, por mais incômodas que sejam. O morcego, em muitos casos inofensivo, amante das frutas e polinizador de pomares, pode ser discriminado apenas por ter, na opinião da maior parte das pessoas, uma aparência assustadora ou repulsiva? Nos desenhos animados e historietas infantis, serão adotadas cotas para a inclusão de animais normalmente marginalizados, a exemplo de lacraias, lesmas e piolhos? Aliás, é um direito do piolho infestar cabeleiras improdutivas e sugar uma cesta básica de sangue? Estará sujeito à acusação de omissão de socorro aquele que negar a uma futura mamãe mosquito da dengue o direito a uma picadinha que a ajudará a perpetuar sua espécie?

De propósito, deixei para o fim o direito mais básico, o direito à vida. Sem ele, evidentemente, os outros perdem o sentido. Pensando nele, argumentam os que se negam a consumir qualquer produto de origem animal. Nossa comida deveria ser apenas a que se consegue obter sem destruir nenhuma vida, nem mesmo, talvez, a das plantas.

Nós somos os reis da Criação e não podemos agir como predadores.

Nós somos, isso sim, os reis da presunção. Imaginamos que a nossa moral é a moral da natureza, como se a natureza tivesse moral. Na natureza, continua um alegre come-come por tudo quanto é canto, um comendo o outro afanadamente, às vezes até de forma surpreendente, como no caso de um pelicano londrino que vi na internet. Esse pelicano, em seu andar balançado na grama de um parque, viu e fingiu nem notar um pombo a seu lado. Mas, num movimento rapidíssimo, engoliu o pombo, que ficou se agitando dentro daquele papo enorme, sem chance de escapar. Se as pessoas presentes à cena fossem do tamanho de pombos, o pelicano sem dúvida as comeria também, porque é assim a natureza. Nós achamos que somos os grandes comedores, só porque, do nosso ponto de vista, ocupamos o topo da cadeia alimentar. Ocupamos nada. Cada um de nós, mesmo os que não portam parasitas, é hospedeiro de uma infinidade de "ecossistemas", para não falar nos muitos animais que, por exemplo, vivem do sangue de mamíferos, inclusive nosso. Nós somos os

favoritos de nós mesmos, não da natureza. Nossos corpos, biodegradáveis como são, para outras espécies não passam de simples comida e, homens, bichos ou plantas, a Terra acabará digerindo todos nós.

(RIBEIRO, João Ubaldo. *O Estado de S.Paulo*, 01/05/2011.)

120 - (IBMEC SP)

Em “Já há quem sustente que pelo menos os chamados animais superiores, como o mencionado cachorro, têm consciência e emoções. Os donos de cachorros frequentemente acham que estes pensam, raciocinam e comunicam seus pensamentos, só faltando mesmo falar. Logo, têm direitos...”, o cronista adota como estratégia argumentativa

a) um raciocínio que lembra a estrutura do silogismo, partindo de premissas para se chegar a uma conclusão sobre os direitos dos animais.

b) uma enumeração que desconstrói algumas opiniões cristalizadas na sociedade sobre o grau de consciência e de emoções dos animais.

c) uma analogia que demonstra as semelhanças na expressão dos sentimentos entre os seres humanos e os "animais superiores".

d) a contra-argumentação através do confronto de diferentes pontos de vista sobre a capacidade de raciocínio dos cães.

e) a reunião de provas concretas para apresentar evidências categóricas sobre os direitos dos animais.

TEXTO: 82 - Comum à questão: 121

Uma saída para as megacidades

As soluções inusitadas para trânsito, lixo, poluição – e os problemas crônicos dos grandes centros urbanos

ROBERTA CARDOSO com NELITO FERNANDES

EMPILHADOS

Prédios na cidade chinesa de Chongqing, uma das que mais crescem no país. Das 136 novas metrópoles que entrarão até 2025 na lista das 600 maiores do mundo, 100 estão na China.

[1]Precisamente às 6 horas da manhã, o despertador de Lilian Garcia Martins toca na Vila Formosa, bairro de classe média na Zona Leste de São Paulo. A partir daí, começa a [3]jornada da analista de crédito, de 35 anos, para chegar ao trabalho, às 8h30. O grande desafio de Lilian é se locomover em horário de pico na cidade. Como é difícil, pela lotação excessiva, pegar qualquer uma das linhas de ônibus que passam perto de sua casa e dão [6]acesso ao metrô, o marido tem de levá-la ao terminal de embarque mais próximo. Ambos perdem cerca de 20 minutos de carro para fazer o trajeto. Só aí Lilian consegue entrar em um ônibus que a deixará a alguns metros da estação Tatuapé. Poucos minutos depois, ela [9]volta a enfrentar o mesmo problema, no metrô. “Espero cerca de meia hora, todo dia, para conseguir entrar em um dos vagões. E sair é tão difícil quanto entrar”, diz.

Essa não é uma aventura exclusiva de Lilian. Na capital paulista, quem depende do [12]transporte público tem uma rotina difícil. A falta de eficiência na mobilidade e a densidade populacional agravaram o frágil modelo de urbanização de cidades que crescem sem planejamento. O problema não é apenas de São Paulo, e vai além de complicações no [15]transporte. Os moradores das grandes cidades do mundo – principalmente as que se expandem aceleradamente em países emergentes – enfrentam desafios como a degradação dos centros, o ar poluído, as enchentes e a falta de lugar para dispor o lixo. De [18]acordo com a ONU, a previsão é que até 2020 a população urbana global atingirá 4,2 bilhões. Nos anos 1970, as dez maiores cidades do mundo somavam 114 milhões de pessoas. Em 2025, abrigarão 234 milhões. Até lá, segundo um estudo da consultoria [21]McKinsey, 136 centros urbanos vão se tornar megacidades (aquelas com mais de 10 milhões de habitantes). Essa expansão das megalópoles está multiplicando os problemas da sociedade.

[...]

Disponível em <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca

/0EMI238282-15228,00.html>. Acesso em: 30 ago. 2011.

121 - (UFRN)

Quanto ao texto, é correto afirmar que

a) as informações que aparecem na legenda abaixo da foto têm a função de sintetizar os fatos apresentados na matéria jornalística.

b) a presença de um relato pessoal representa uma estratégia que garante a abordagem parcial dos fatos, característica de uma matéria jornalística.

c) o uso das citações e dos dados numéricos constitui uma estratégia para garantir a credibilidade das informações.

d) o conteúdo da matéria jornalística se restringe à descrição dos problemas do crescimento populacional em São Paulo.

TEXTO: 83 - Comum à questão: 122

Texto 1

TENDÊNCIAS/DEBATES

Deve ser criado um imposto para financiar a saúde pública no Brasil?

NÃO

É preciso enxotar o fantasma da CPMF

Maria Cristina Sanches Amorim

A regulamentação da emenda constitucional 29 (EC 29), que definirá os gastos dos municípios e Estados com os serviços de saúde, trouxe à tona um fantasma do brasileiro, o retorno da CPMF (ainda que com outra sigla), e um debate sobre o financiamento do setor.

Precisamos enxotar o fantasma e organizar o debate, pois o "encosto" procura materializar-se na legitimidade indiscutível dos gastos governamentais com a saúde.

Folha de S.Paulo, 24/09/2011 [trecho]

Texto 2

Manifestantes fazem ato em Brasília batizado de 'Primavera da Saúde'

Maria Clara Cabral

De Brasília

Manifestantes fazem ato nesta terça-feira (27) em frente ao Congresso Nacional para pressionar pela aprovação do projeto que regulamenta a emenda 29 – que trata do financiamento da saúde pública do país.

Batizado de "Primavera da Saúde", o ato reúne secretários e pessoas ligadas ao setor.

A intenção dos manifestantes é mobilizar os senadores pela aprovação da proposta que vincula à saúde 10% das receitas brutas da União. Esse texto já havia sido aprovado no Senado, mas foi modificado pela Câmara – que manteve o reajuste anual dos gastos federais na área de acordo com o crescimento da economia, ou seja, do PIB (Produto Interno Bruto).

A Folha noticiou anteontem que 43 dos 81 senadores dizem apoiar a retomada da proposta original, vinculando os 10%.

É exatamente o contrário do que deseja a presidente Dilma Rousseff, que nas últimas semanas afirmou que não aceitará aumento de despesas se o Congresso não indicar uma nova fonte de recursos para a saúde.

Folha de S.Paulo, 27/09/2011

(http://www1.folha.uol.com.br/po...

122 - (FMABC SP)

Considerando o propósito comunicativo desses textos, indique o gênero a que pertencem.

a) Texto 1: notícia, pois argumenta em defesa de um ponto de vista.

Texto 2: artigo de opinião, pois apenas relata um fato ocorrido.

b) Texto 1: artigo de opinião, pois argumenta em defesa de um ponto de vista.

Texto 2: notícia, pois relata um fato do cotidiano.

c) Texto 1: artigo de opinião, pois divulga uma descoberta científica.

Texto 2: notícia, pois discute um ponto de vista.

d) Texto 1: notícia, pois polemiza um ponto de vista.

Texto 2: artigo de opinião, pois relata um fato do cotidiano.

e) Texto 1: artigo de opinião, pois divulga uma descoberta científica.

Texto 2: notícia, pois relata um fato ocorrido.

TEXTO: 84 - Comum à questão: 123

Vença a guerra contra a obesidade

[1]Enxugar as medidas deixou de ser há algum tempo uma questão [2]puramente estética. Desde que a ciência passou a relacionar [3]obesidade à hipertensão, colesterol alto e diabete, entre outros [4]problemas, afinar a cintura virou o alvo de todos aqueles que buscam [5]uma vida saudável. E esse desafio se apresenta com força total ao [6]Brasil. Nos últimos 35 anos, o número de homens com mais de 20 [7]anos acima do peso subiu de 18,5 para 50%, e o de mulheres cresceu [8]de 28,7 para 48%.

[9]Se nada for feito, em menos de dez anos alcançaremos as [10]mesmas estatísticas de obesidade dos Estados Unidos, um dos [11]primeiros colocados no ranking mundial do problema, mas dá para [12]reverter esse quadro. Exercitar-se 150 minutos por semana, dormir [13]bem e até levar o cachorro para passear são pequenos passos para [14]a grande vitória contra a síndrome do excesso de peso no país.

www.emagrecebrasil.com.br

123 - (Mackenzie SP)

Assinale a alternativa correta sobre o texto.

a) É uma carta aberta com estrutura rígida que apresenta o ponto de vista de seu autor sem chegar, no entanto, a uma conclusão específica.

b) É um relato, considerando que há transmissão de um posicionamento pessoal situado num tempo e espaço específicos.

c) Por conter dados estatísticos, caracteriza-se essencialmente como um relatório de apresentação de resultados obtidos em um procedimento específico.

d) A narração no tempo presente de um fato cotidiano permite que se classifique o texto como um gênero leve de narrativa, tal como na crônica.

e) A finalidade do texto é esclarecer e orientar a população sobre determinado assunto e persuadi-la a uma mudança de comportamento.

TEXTO: 85 - Comum à questão: 124

Como ganhar uma discussão sobre voto obrigatório
Dever fundamental de todo cidadão, ou apenas uma imposição autoritária e inútil? A obrigatoriedade de votar nas eleições é um assunto que divide a opinião dos brasileiros exatamente ao meio: 48% são a favor e 48% são contra. De qual lado você está? – AURELIO AMARAL, BRUNO GARATTONI E RICARDO DAVINO
CONTRA O VOTO OBRIGATÓRIO? COMECE AQUI
A FAVOR DO VOTO OBRIGATÓRIO? COMECE AQUI
DIGA
A obrigatoriedade viola minha liberdade de ir e vir. Metade dos brasileiros não quer ser forçada a ir às urnas. É preciso respeitar esse direito.
ELE VAI DIZER
Sem o voto obrigatório, ficaria mais fácil manipular as eleições – bastaria marcar um grande evento esportivo, ou uma megaliquidação no comércio, para o dia da votação. E muita gente deixaria de ir votar por causa disso.
RESPONDA
A abstenção não aumentaria muito. Nas últimas eleições da França, onde o voto é facultativo, ela foi de 20% – a mesma do Brasil.
ELE VAI DIZER
A obrigatoriedade equilibra pobres e ricos. Se o voto não fosse obrigatório, quem possui nível superior teria 30% mais probabilidade de ir votar do que os analfabetos.
RESPONDA
Hoje eu já posso votar nulo, abrindo mão de influir na eleição. Voto obrigatório não adianta nada. É pura bobagem.
DIGA
O voto obrigatório é bom para a democracia. Quanto mais gente vota, maior a chance de que o resultado da eleição realmente expresse a vontade da população.
ELE VAI DIZER
Sem a obrigatoriedade, só iria votar quem realmente se interessa por política. Hoje, quase 70% dos eleitores nem se lembra em quem votou para deputado. É um absurdo.
RESPONDA
ELE VAI DIZER
Se o voto fosse opcional, 44% das pessoas não-filiadas a partidos votariam. Já entre os filiados, que costumam ter opiniões mais fortes, 60% votariam. Ou seja: os extremistas poderiam ganhar influência (tanto à esquerda quanto à direita).
Voto obrigatório é coisa de país subdesenvolvido e com raízes autoritárias. Quase toda a América do Sul, que passou por ditaduras militares, tem a obrigatoriedade. Já na Europa e nos EUA, vota quem quer.
Não custa nada ir votar. E se as pessoas não tiverem participação política, o Brasil nunca vai melhorar. Faça a sua parte.
RESPONDA

SUPERINTERESSANTE. São Paulo: Editora Abril, ago. 2012, p. 42.

124 - (UNIRG TO)

Considerando-se a progressão temática e os propósitos dos enunciadores, o texto se aproxima do seguinte gênero textual:

a) diário.

b) artigo de opinião.

c) conto.

d) relato científico.

TEXTO: 86 - Comum à questão: 125

Buscando a excelência (Lya Luft)

Estamos carentes de excelência. A mediocridade reina, assustadora, implacável e persistentemente. Autoridades, altos cargos, líderes, em boa parte desinformados, desinteressados, incultos, lamentáveis. Alunos que saem do ensino médio semianalfabetos e assim entram nas universidades, que aos poucos – refiro-me às públicas – vão se tornando reduto de pobreza intelectual.

As infelizes cotas, contras as quais tenho escrito e às quais me oponho desde sempre, servem magnificamente para alcançarmos este objetivo: a mediocrização também do ensino superior. Alunos que não conseguem raciocinar porque não lhes foi ensinado, numa educação de brincadeirinha. E, porque não sabem ler nem escrever direito e com naturalidade, não conseguem expor em letra ou fala seu pensamento truncado e pobre. [...] E as cotas roubam a dignidade daqueles que deveriam ter acesso ao ensino superior por mérito [...] Meu conceito serve para cotas raciais também: não é pela raça ou cor, sobretudo autodeclarada, que um jovem deve conseguir diploma superior, mas por seu esforço e capacidade. [...]

Em suma, parece que trabalhamos para facilitar as coisas aos jovens, em lugar de educá-los com e para o trabalho, zelo, esforço, busca de mérito, uso da própria capacidade e talento, já entre as crianças. O ensino nas últimas décadas aprimorou-se em fazer os pequenos aprender brincando. Isso pode ser bom para os bem pequenos, mas já na escola elementar, em seus primeiros anos, é bom alertar, com afeto e alegria, para o fato de que a vida não é só brincadeira, que lazer e divertimento são necessários até à saúde, mas que a escola é também preparação para uma vida profissional futura, na qual haverá disciplina e limites – que aliás deveriam existir em casa, ainda que amorosos.

Muitos dirão que não estou sendo simpática. Não escrevo para ser agradável, mas para partilhar com meus leitores preocupações sobre este país com suas maravilhas e suas mazelas, num momento fundamental em que, em meio a greves, justas ou desatinadas, [...] se delineia com grande inteligência e precisão a possibilidade de serem punidos aqueles que não apenas prejudicaram monetariamente o país, mas corroeram sua moral, e a dignidade de milhões de brasileiros. Está sendo um momento de excelência que nos devolve ânimo e esperança.

(Fonte: Revista *Veja,* de 26.09.2012. Adaptado).

125 - (IFSP)

O texto apresentado é um artigo de opinião, que se insere no conjunto dos textos de tipo

a) dissertativo-argumentativo com porções descritivas.

b) descritivo com porções dissertativo-expositivas.

c) narrativo com porções dissertativo-expositivas.

d) narrativo com porções descritivas.

e) descritivo com porções narrativas.

TEXTO: 87 - Comum à questão: 126

Comunicação e alteridade

[1] Na nossa vida de todo dia, estamos [2] sempre em contato com outras pessoas. [3] Esse contato frequente acontece a partir das [4] afinidades e das semelhanças, mas inclui [5] também as relações de diferença entre o que [6] pertence ao "eu" e o que diz respeito ao [7] "outro". Para se referir a essas relações, [8] costuma-se utilizar uma noção importante: [9] alteridade.

[10] A palavra alteridade, ao pé da letra, [11] significa "natureza do que é outro". Para [12] entender melhor seu significado, podemos [13] opô-la a expressões como "identidade" e [14] "subjetividade". As relações de alteridade [15] dizem respeito às diferenças que perpassam [16] o nosso cotidiano, e que podem se [17] manifestar nas divergências de opinião em [18] um debate, na diversidade de preferências [19] que define as comunidades nas redes sociais, [20] ou podem estar presentes em questões bem [21] mais complicadas, como as diferenças de [22] nacionalidade, de raça, de religião, de [23] gênero ou de classe social, que motivam [24] conflitos dos mais diversos.

[25] Perceber as relações de alteridade entre [26] várias pessoas nos leva não apenas a [27] identificar os traços dessas diferenças – de [28] nacionalidade, de cor da pele, de sotaque –, [29] mas a considerar

como se produzem, [30] socialmente, tanto a diferença quanto a [31] identidade. É preciso compreender que o [32] "eu" e o "outro" não são entidades fixas e [33] isoladas, mas se constituem na relação: nós [34] só nos tornamos quem somos a partir da [35] visão do outro, assim como o outro só se [36] torna diferente de nós porque projetamos [37] sobre ele um olhar que o diferencia. Ainda [38] que, muitas vezes, seja difícil perceber, [39] nessa jornada ocorre um processo contínuo [40] de diferenciação: eu sou desse jeito, e não [41] daquele outro; eu gosto dessas coisas, e não [42] dessas outras.

[43] Um processo semelhante acontece com as [44] identidades coletivas (sejam elas nacionais, [45] étnicas, sexuais, religiosas ou outras). Elas [46] não são "essências", mas sim construídas [47] histórica e socialmente: o "ser brasileiro" não [48] significa somente "ter nascido no Brasil", [49] mas sim fazer parte de uma identidade que [50] se transforma com o passar do tempo. Dizer [51] "sou brasileiro" significa dizer, [52] implicitamente, "não sou argentino", "não [53] sou chinês", "não sou moçambicano". [54] Identificar-se com um grupo é diferenciar-se [55] de outro, estabelecer fronteiras entre "nós" e [56] "eles", em um processo que é permeado não [57] apenas por escolhas, mas também por [58] tentativas de fixar as identidades, dizendo –[59] muitas vezes implicitamente – que ser de um [60] jeito é normal, mais correto ou melhor. Fixar [61] uma determinada identidade como a norma [62] é uma das formas privilegiadas de [63] hierarquização das identidades e das [64] diferenças. Normalizar significa eleger – [65] arbitrariamente - uma identidade específica [66] como o parâmetro em relação ao qual as [67] outras identidades são avaliadas e [68] hierarquizadas. Normalizar significa atribuir a [69] essa identidade todas as características positivas [70] possíveis, em relação às quais as [71] outras identidades só podem ser avaliadas [72] de forma negativa.

[73] O processo de produção das identidades e [74] das diferenças envolve muitos conflitos. Esse [75] processo não é ingênuo, mas sim permeado [76] por relações de poder.

Ficha técnica do texto "Comunicação e alteridade":

Associação Imagem Comunitária Concepção: Beatriz Bretas, Samuel Andrade e Victor Guimarães Redação: Victor Guimarães

126 - (UECE)

Observe a estrutura do texto e assinale a afirmação verdadeira em relação a ele.

a) O primeiro parágrafo peca estruturalmente pela ausência de um tópico frasal que oriente o leitor.

b) A passagem entre um parágrafo e outro é feita ora com elementos linguísticos claramente expressos no texto, ora somente com a continuação da ideia.

c) O último parágrafo conclui somente o terceiro parágrafo e não o texto em sua totalidade.

d) O primeiro parágrafo traz os três enunciados que o constituem perfeitamente conectados por expressões referenciais.

TEXTO: 88 - Comum à questão: 127

Astroteologia: breve introdução

Nós, humanos, somos seres limitados. Criativos e inovadores, conseguimos ampliar em muito a nossa compreensão do mundo por meio da aplicação diligente da razão e, complementarmente, das artes.

Isso porque, se a ciência e as artes têm algo em comum, é justamente a tentativa de estender nossa visão de mundo, de ampliar as fronteiras do conhecimento, revelando aspectos inusitados do real. Um teorema e um poema são reflexões do possível, seja o concreto ou o onírico. A imaginação lança mão de todos os recursos à sua disposição para dar sentido à existência.

Talvez seja por isso que o teólogo americano Reinhold Niebuhr escreveu que "o homem é o seu maior problema". Nossas filosofias, ciências e religiões são tentativas de compreender a existência apesar de nossa miopia, isto é, de nossas limitações sobre o que vemos e entendemos.

Nessa busca, não é coincidência que a crença religiosa funcione como uma bússola para tantas pessoas. Como explicar a origem do Universo? Ou da vida? Ou por que temos uma mente capaz de refletir sobre essas questões complexas?

Tais questões são, hoje, parte da pesquisa científica de ponta. Vivemos numa época peculiar, em que o que antes era província exclusiva da religião faz parte do discurso rotineiro da ciência. Porém, por não termos ainda respostas, essas questões continuam nos assombrando.

Talvez um dos dilemas da humanidade seja a angústia de poder contemplar o divino sem sê-lo. Temos a capacidade de imaginar a perfeição, a ausência de dor, a imortalidade; mas, tirando a ficção e a fé, não temos como transcender nossa realidade carnal, os limites temporais e espaciais. Ou será que temos?

Considerando que a ciência moderna tem apenas quatro séculos (marcando seu início com Kepler e Galileu), e percebendo o quanto já fizemos em tão curto prazo, imagine o que nos espera em mil anos?

Ou 10 mil anos, se, claro, não nos destruirmos antes disso. A ciência nos permite já uma manipulação dos genes de criaturas, a ponto de podermos modificar o que comemos e mesmo alcançar curas diversas.

Extrapolando a expansão tecnológica para o futuro, alguns afirmam que, em algumas décadas, chegaremos a um ponto em que nossa hibridização com máquinas será tão profunda que não poderemos mais nos dissociar delas. Caso essas previsões se concretizem – e, a meu ver, já estão ocorrendo –, seremos (...) uma nova espécie, além do humano.

Agora imagine que, tal como nós, outras criaturas inteligentes em algum canto da galáxia descobriram a ciência. Só que o fizeram, digamos, 1 milhão de anos antes de nós, o que em termos cósmicos não é nada.

Essas criaturas teriam se transformado completamente ao se hibridizar com máquinas. Seriam, talvez, apenas informação, existindo em campos energéticos no espaço.

Teriam o poder de criar vida, escolhendo suas propriedades. Poderiam, por exemplo, ter nos criado, ou a alguns de nossos antepassados, como parte de um experimento. Poderiam, por exemplo, estar nos observando, como nós observamos animais no zoológico ou no laboratório. Essas entidades

imateriais, mas existentes, seriam nossos criadores. Seriam eles deuses, mesmo se não sobrenaturais?

(Gleiser, Marcelo. Astroteologia: breve introdução. Folha de São Paulo. São Paulo. 25/11/2012. Ciência. Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/colunas/marcelogleiser/1190348-astroteologia-breve-introducao.shtml – Adaptado.)

127 - (UERN)

De acordo com Marcuschi (2005, p. 25), um texto, independentemente de foco sociocomunicativo central, "é em geral tipologicamente variado (heterogêneo)". Isso quer dizer que não é porque o objetivo de um texto seja convencer ou explicar, por exemplo, que ele será composto exclusivamente de sequências argumentativas ou expositivas. Com base nesse aspecto, assinale a alternativa que NÃO relaciona corretamente o tipo de sequência e o trecho apresentado.

a) Argumentação – "A ciência nos permite já uma manipulação dos genes de criaturas (...)."

b) Exposição – "Temos a capacidade de imaginar a perfeição, a ausência de dor, a imortalidade."

c) Instrução – "(...) imagine que, tal como nós, outras criaturas inteligentes em algum canto da galáxia descobriram a ciência."

d) Relato – "(...) alguns afirmam que (...) chegaremos a um ponto em que nossa hibridização com máquinas será tão profunda que não poderemos mais nos dissociar delas."

TEXTO: 89 - Comum à questão: 128

A balcanização da Internet

A Internet corre o risco de se fragmentar. E o programa americano de espionagem digital, revelado por Edward Snowden, é o grande culpado disso. Ele tem levado governos do mundo todo a tomar medidas que criam barreiras e aumentam os controles locais sobre a rede mundial. Um exemplo

disso é a exigência, incluída pelo governo brasileiro no projeto do Marco Civil da Internet, de empresas estrangeiras instalarem seus servidores por aqui.

Na semana passada, Steven Levy – autor, entre outros livros, de Google: a Biografia – publicou no site da revista Wired uma extensa reportagem sobre o impacto das revelações de Snowden nas empresas americanas de tecnologia, intitulada "Como a NSA quase matou a Internet" (NSA é a sigla em inglês de Agência de Segurança Nacional, para quem Snowden prestava serviços).

O Brasil é citado na reportagem como um dos protagonistas desse movimento de fragmentação da Internet. "Depois de descobrir que a NSA a estava grampeando, a presidente brasileira Dilma Rousseff começou a promover uma lei que exige que os dados pessoais dos brasileiros sejam armazenados dentro do País", escreveu Levy. "A Malásia promulgou uma lei similar, e a Índia também busca o protecionismo dos dados." Até a Alemanha estuda uma medida parecida.

A grande questão é que esse tipo de medida não garante que os dados ficarão imunes à espionagem de outros países, já que eles podem ser acessados em outras partes do mundo. Além disso, é uma medida que amplia custos, podendo aumentar preços ao consumidor, no caso de serviços pagos, e criar barreiras à entrada de empresas iniciantes de Internet sediadas em outros países.

David Karp, fundador do Tumblr, falou com Levy sobre isso, citando especificamente o Brasil: "É uma proposta incrivelmente cara para o Tumblr, mas é impossível para a empresa jovem aspirante que quer construir algo para ser usado por todos em todo o mundo."

O principal exemplo de país que separou a Internet local do restante do mundo é a China. Por lá, além de espionar o tráfego da rede, o governo filtra conteúdos, num esquema que costuma ser chamado de "grande firewall da China", num trocadilho com a Grande Muralha (Firewall é um dispositivo ou software que controla as informações que entram e saem da rede).

Acontece que os EUA, ao coletar informações em pontos de grande concentração de tráfego de Internet, usaram métodos muito parecidos com os chineses, apesar de não terem, até onde se sabe, bloqueado informações.

Segundo Levy, antes de Snowden, as empresas americanas podiam argumentar que medidas como as que estão sendo discutidas no Brasil levariam a perda de privacidade e censura. Agora já não podem mais, pois os EUA são o país que espiona o restante do mundo.

(Renato Cruz. Disponível em: http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,a-balcanizacao-da-internet-,1117487,0.htm.)

128 - (UERN)

Considerando seus aspectos textuais e semânticos, é correto que afirmar que o texto é

a) narrativo.

b) descritivo.

c) argumentativo.

d) narrativo-descritivo.

TEXTO: 90 - Comum à questão: 129

O remédio está na fé

Você está no consultório do cardiologista. Ele já perguntou sobre o seu estilo de vida e antecedentes de infarto na família, mediu a pressão, auscultou o peito, deu uma olhada no resultado dos exames. Parece que a investigação acabou e ele fará, enfim, as recomendações. Mas uma última questão vem à tona: "Você se considera espiritualizado ou religioso?" De acordo com a resposta, o médico vai investir alguns minutos para entender o papel da fé na sua vida.

Essa anamnese espiritual, por assim dizer, ganha cada vez mais espaço na prática clínica, não importa a especialidade. Também vem sendo incorporada a prontos-socorros, salas de cirurgia, UTIs... E há uma justificativa bastante pragmática para isso: já não faltam estudos demonstrando que a crença em algo transcendente – Deus ou um poder superior – interfere de forma positiva na capacidade de o corpo humano enfrentar doenças (ou até escapar delas).

"A medicina e a espiritualidade foram separadas no século passado, mas, nos últimos anos, a própria ciência está tratando de reuni-las", contextualiza o psicólogo Esdras Vasconcellos, professor da Universidade de São Paulo. Há evidências de que pessoas espiritualizadas são mais longevas, têm menos distúrbios psicológicos, sofrem menos infecções e... estão menos sujeitas a ataques cardíacos. Motivo suficiente para a Sociedade Brasileira de Cardiologia criar seu Grupo de Estudo em Espiritualidade e Medicina Cardiovascular (Gemca). "Já não temos dúvidas de que a fé contribui para a saúde. Queremos entender melhor agora até onde vão seus efeitos e de que forma ela os propicia", diz o cardiologista Mário Borba, diretor científico do projeto.

Ser espiritualizado não significa necessariamente seguir uma religião. É, antes de mais nada, acreditar em alguma coisa intangível e que pode até estar dentro de você – como a esperança de que, fazendo o bem, a gente é naturalmente recompensado.

Nessa perspectiva, uma novíssima revisão de trabalhos científicos joga luz sobre o impacto de ter uma crença ou adotar hábitos religiosos sobre o sistema cardiovascular. Com base em mais de 3.200 estudos, o cardiologista Fernando Lucchese, da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre, e o professor de psiquiatria e ciências comportamentais Harold Koenig, da Universidade Duke, nos Estados Unidos, analisaram o assunto sob a ótica dos fatores de risco e de mecanismos fisiológicos envolvidos no infarto.

"Há uma relação direta entre espiritualidade e melhores índices de atividade física, alimentação equilibrada, tabagismo e consumo de bebidas alcoólicas", conta Lucchese. Uma vida espiritualizada parece servir como um propulsor de bons hábitos. Segundo o artigo, pessoas religiosas ou que procuram autoconhecimento e força em algo maior estão menos expostas a praticamente todas as condições que ameaçam o peito, como colesterol alto, hipertensão e sedentarismo. "Os indivíduos que buscam o transcendente também estão mais protegidos diante do estresse e da depressão, importantes fatores de risco cardíaco", reforça o cardiologista Ney Carter do Carmo Borges, da Universidade Estadual de Campinas, no interior paulista.

Da lista negra contemplada pela revisão, só houve uma exceção: a obesidade. Mas por que diabos pessoas de fé tendem a engordar? "Diversas religiões estimulam o convívio social em torno de banquetes calóricos e veem a gula de modo mais condescendente", especula Koenig, considerado um dos papas em matéria de medicina e espiritualidade. Ora, a fé é uma das peças que compõem uma rotina saudável – mas não adianta rezar toda noite e viver entregue ao sofá e à comilança. Esses são pecados que o coração não perdoa.

(SPONCHIATO, Diogo: MANARINI, Thaís: RUPRECHT,
Theo. O remédio está na fé. *Saúde é vital*. Ed. Abril.Nº371.Dez. 2013)

129 - (FCM PB)

Leia:

"A medicina e a espiritualidade foram separadas no século passado, mas, nos últimos anos, a própria ciência está tratando de reuni-las", contextualiza o psicólogo Esdras Vasconcelos, professor da Universidade de São Paulo."

O trecho acima é um exemplo da inserção do discurso de outros autores no texto em estudo. Tal recurso argumentativo:

a) justifica-se pela utilização, no texto, de uma linguagem acessível a todos os públicos.

b) é obrigatório pelo fato de o texto possuir um contorno narrativo bem marcado.

c) é indispensável em um texto informativo.

d) contribui para formar a opinião do leitor.

e) disfarça a insegurança do autor em relação ao tema abordado.

TEXTO: 91 - Comum à questão: 130

Os nomes das coisas

Sírio Possenti

1°§ O tema é vasto. Eu poderia começar de várias maneiras. Por exemplo, citando o texto do Prof. Pasquale de hoje (14/08) na *Folha*, que critica os espíritos literalistas, que, por exemplo, acham que não se deve dizer "bater o pênalti", mas sim "bater o tiro livre direto".

2°§ Este exemplo bastaria, mas é razoável citar outros. Sujeitos que dizem este tipo de coisa são, em geral, pouco razoáveis. Se quisessem mesmo ser literais, teriam que dizer algo como "bater (n)a bola", e não "bater o tiro". Mas, se eles se dessem conta disso, dar-se-iam (gostaram?) conta de muitas outras coisas, e as trevas começariam a desaparecer da face da Terra.

3°§ Todos os tempos são ricos em debates pobres deste tipo. Nos últimos tempos surgiram exemplos bem interessantes, e vale a pena escolher uma pequena amostra.

4°§ Vejam um comentário de Jânio de Freitas: "Se é para ficar em palavras, eis um acréscimo feito agora ao vocabulário jornalístico: os milicianos palestinos apanhados pelos israelenses são "presos"; o tenente israelense apanhado pelos palestinos é "sequestrado"." (*FSP*, 05/08/2014). Sem necessidade de comentário.

5°§ Outro exemplo, uma verdadeira aula sobre o tema, que merece uma meditação, mesmo sem tomar partido. É um trecho de entrevista "[com] Issa Quarabe, Ministro palestino de Assuntos de Cativos e Libertos: *Pergunta*: – Palestinos chamam em árabe um homem preso de *cativo* e não de *prisioneiro*. Israel diz que são *terroristas*. Há uma divergência de visões? *Resposta*: – É claro. Os israelenses não os reconhecem como *prisioneiros políticos*; para eles, são *criminosos*. Como povo,

consideramos esses homens *guerreiros da liberdade*. São pessoas que deram a vida pela causa. Nós nos recusamos a tratá-los como terroristas. (*FSP*, 14/04/2013).

6°§ Do "apartidário" Painel da *FSP* de 17/4/13: "O PT baixou ordem interna: a expressão *regulação da mídia* será substituída por *democratização da mídia*. O objetivo é evitar que se relacione a ofensiva petista à censura; mas os adversários chamam a isso de *regulação* ou de *censura*". Nem comento a palavra *ofensiva*, da própria colunista, também "apartidária".

7°§ Observação de Elio Gaspari: "Eremildo é um idiota e não está entendendo mais nada: quem toca fogo em carros no Brasil é *terrorista*. Em Kiev é *manifestante*. No máximo, quando estocam armas, são *manifestantes radicais*. Quando o Venezuelano Leopoldo Lopez entrega-se à Justiça de punho fechado, é *líder da oposição*. Para os comissários bolivarianos, ele é um terrorista legado aos *manifestantes* que incendiaram a entrada do Ministério Público de Caracas" (*Folha*, 23/02/2013).

8°§ Mas melhor exemplo talvez seja o seguinte, até por não ter conotações ideológicas claras. Um amigo mandou o *link* de uma notícia, da qual extraio (e traduzo rapidamente) uma parte:

9º§ *Muito se tem usado mal ou usado equivocadamente a palavra "literally" (literalmente). "Literally", claro, significa algo que é realmente verdadeiro [...].Quando usamos as palavras sem seu sentido literal normal, significando algo mais interessante ou impressionante, a palavra correta é, claro, "figuradamente".*

10°§ Mas as pessoas usam cada vez mais "literally" para enfatizar uma afirmação que não pode ser verdadeira, como "minha cabeça literalmente explodiu quando…". A primeira definição de literally do Webster é "in a literal sense or matter; actually" (em um sentido ou questão literal; realmente). Sua segunda definição é "in effect; virtually." (efetivamente; virtualmente). Sobre esta aparente contradição, os autores comentam:

Dado que algumas pessoas consideram o sentido 2 como oposto ao sentido 1, isso é frequentemente criticado como mau uso. No entanto, este uso é puramente hiperbólico e busca um ganho de ênfase, embora frequentemente apareça em contextos em que nenhuma ênfase adicional é necessária.

11°§ Uma conclusão geral: palavras mudam de sentido frequentemente, como o mostra o último exemplo. E palavras são disputadas, marcam posições culturais e/ou ideológicas, como o mostram os outros exemplos.

12°§ A única posição difícil de ser sustentada é a dos que acham que há usos corretos (as palavras referemse às coisas como elas realmente são) e errados (em geral tratados como ideológicos). Os que dizem isso pensam (pensam?) que não são "dominados" por ideologias. É bem engraçado.

(Adaptado de: <http://terramagazine.terra.com.br/blogdosirio/blog/2014/08/14/os-nomes-das-coisas/>. Acesso em: 14 ago. 2014.)

130 - (PUC MG)

Assinale a alternativa **INCORRETA**.

a) No trecho “Mas, se eles se dessem conta disso, dar-se-iam (gostaram?) conta de muitas outras coisas, e as trevas começariam a desaparecer da face da Terra.” (1º §), a pergunta refere-se não a algo que o autor tenha dito, mas ao modo como o fez.

b) Em “Nem comento a palavra *ofensiva*, da própria colunista, também “apartidária”.” (6º §), o destaque gráfico do itálico foi utilizado para indicar que sua relação com o elemento “palavra” é de especificação e não de adjetivação.

c) Em “Os que dizem isso pensam (pensam?) que não são “dominados” por ideologias.” (12º §), a pergunta do autor constitui um questionamento às reflexões daqueles a quem se refere.

d) Em “Se quisessem mesmo ser literais, teriam que dizer algo como “bater (n)a bola”, e não “bater o tiro”.” (2º §), os parênteses indicam facultatividade no emprego da preposição “em” naquele contexto.

TEXTO: 92 - Comum às questões: 131, 132

O professor e sociólogo analisa a violência no Brasil

A sociedade brasileira é violenta? Estamos enganados com essa história de que o brasileiro é cordial?

O mito da cordialidade já foi contestado há muito tempo. Chego a defender o argumento de que você pode até escrever a história social da sociedade brasileira como a história social e política da violência. A violência sempre foi um recurso utilizado nas relações de dominação e de mando – seja nas fazendas, na vida doméstica, seja no plano da vida política. Veja, por exemplo, que os movimentos de rebelião popular sempre foram muito contidos com o uso de uma violência extrema, não se pouparam vidas. Durante o século XIX, todos os movimentos sociais de raízes populares foram reprimidos com muita violência, como a Sabinada [rebelião autonomista ocorrida na Bahia, de 1837 a 1838, que chegou a proclamar uma república baiana] e a Balaiada [revolta de

caráter social ocorrida entre 1838 e 1841, no interior do Maranhão]. Na vida doméstica, o modo como se tratavam os escravos, as crianças, as mulheres e os desafetos também sempre foi com o emprego de muita violência. Há uma extrema violência ao lidar com as diferenças, quando você tem de lidar com conflitos, com interesses opostos. Ou seja, a gente pode dizer que há um lastro de violência tanto na cultura quanto na política brasileira. Mas não acho que seja só isso. É claro que há manifestações de solidariedade. Não gosto de usar o conceito de cultura da violência como se houvesse uma cultura à parte da cultura geral. Sabemos que, cientificamente, isso não ocorre. Existem traços de cultura que, de alguma maneira, estão associados a outros traços de cultura. Uma espécie de sincretismo.

Podemos creditar a violência que permeia a sociedade brasileira à maneira como se deu nossa colonização? Por exemplo, os portugueses escravizaram índios e negros com uma atitude extremamente violenta.

Certamente a escravidão deixou marcas. Por que se lidou com o escravo com muita violência? Porque o escravo era coisa, não era pessoa, era mercadoria. Por isso, a ideia de que você decide o que quer fazer com a mercadoria, se quer dispor dela produtivamente ou improdutivamente. Resgatar a dimensão de humanidade dos escravos é uma tarefa cultural imensa da sociedade. Mas claramente não conseguimos resultados dos mais adequados, porque ainda há desigualdade entre brancos e negros. Não acho que a gente deva descartar as heranças escravistas, mas o argumento da herança colonial também é perigoso. Primeiro, porque, no momento em que se diz que a violência tem causa nas nossas heranças, reforça-se o argumento da história como algo congelado no tempo. A história aconteceu lá e continua acontecendo hoje. Por mais que as nossas heranças pesem, elas são atualizadas, são reinterpretadas. Não dá para você achar simplesmente que a herança explica tudo. O problema é que a sociedade brasileira construiu um Estado que, durante muito tempo, foi de proteção das classes proprietárias contra o resto da população. Vivemos em uma sociedade de fundo conservador, uma sociedade com muitas dificuldades de promover rupturas.

Você acha que o brasileiro tem um caráter acomodado? Por exemplo, critica-se que quase não houve reação da população ao golpe ocorrido em 1964, responsável pela instalação da ditadura militar no país.

Como sociólogo, tenho uma enorme dificuldade de falar sobre o caráter nacional brasileiro. Há um clássico estudo do professor Dante Moreira Leite, daqui da USP, que é um livro chamado O *caráter nacional brasileiro* [a obra ganhou uma edição em 2003 pela Unesp]. Nesse livro, ele questiona essa

imagem de que o brasileiro é mais cordato, mais contemporizador - de alguma maneira isso está na literatura, no senso comum, na imprensa. Há brasileiros e brasileiros. Por exemplo, ser brasileiro no Sudeste é muito diferente de ser brasileiro no Nordeste ou no Norte, ou ser brasileiro branco é diferente de ser brasileiro negro. Então, é difícil dizer o que é o Brasil. Acho que é preciso entender que, provavelmente, o golpe tenha matizes muito diferentes. Tradicionalmente, a sociedade brasileira não é uma sociedade polarizada entre duas grandes tendências, de direita e de esquerda, como aconteceu no Chile ou na Argentina. Você tem matizes na direita, na esquerda e um grande centro. Você pode dizer que, desses matizes, houve uma parte da sociedade brasileira que protestou mesmo. Mas foi cassada, foi expulsa do espaço público, muitos foram perseguidos politicamente e tiveram suas mínimas garantias constitucionais suspensas. E também houve uma parte que, de alguma maneira, ficou em silêncio. Acho que a gente tem de pensar que o cenário não era homogêneo.

ADORNO, Sérgio. Entrevista. *Revista E*, n. 127, dez. 2007.
Disponível em: http://www.nevusp.org/. Acesso em : 12 ago 2014.

131 - (UFJF MG)

Releia a pergunta feita pelo jornalista:

Você acha que o brasileiro tem um caráter acomodado? Por exemplo, critica-se que quase não houve reação da população ao golpe ocorrido em 1964, responsável pela instalação da ditadura militar no país.

Ao colocar um exemplo depois da pergunta feita ao sociólogo, o jornalista da *Revista E:*

a) rebateu a resposta do sociólogo.

b) respondeu à própria pergunta.

c) criticou a opinião do sociólogo.

d) defendeu o caráter do brasileiro.

e) esclareceu o contexto da pergunta.

132 - (UFJF MG)

Releia, agora, a resposta dada pelo sociólogo:

Como sociólogo, tenho uma enorme dificuldade de falar sobre o caráter nacional brasileiro. Há um clássico estudo do professor Dante Moreira Leite, daqui da USP, que é um livro chamado O *caráter nacional brasileiro* [a obra ganhou uma edição em 2003 pela Unesp]. Nesse livro, ele questiona essa imagem de que o brasileiro é mais cordato, mais contemporizador – de alguma maneira isso está na literatura, no senso comum, na imprensa. Há brasileiros e brasileiros.

O trecho acima contém uma estratégia para convencer o leitor sobre a qualidade das ideias apresentadas na entrevista. Que estratégia é essa?

a) um argumento de autoridade.

b) um apelo emocional.

c) um apelo ao senso comum do leitor.

d) um argumento pelo exemplo.

e) um contra-argumento.

TEXTO: 93 - Comum à questão: 133

Acompanhando o circo

[1] Quando se fala em circo, hoje em dia, pode-se [2] pensar tanto no sofisticado Cirque du Soleil, em que se [3] mesclam habilidades pessoais com efeitos de [4] digitalização, como no heroico cirquinho que perambula [5] pelo interior do país, com sua lona furada e o elenco [6] reduzido a uma única família. Do salto mortal na praça [7] pública às acrobacias com direito a efeitos de raio laser, [8] muita história correu.

[9] Antes de haver o circo tal como o conhecemos – [10] espaço que congrega artistas e números variados – já [11] havia acrobatas, contorcionistas, equilibristas. Há [12] registros em pintura dessas práticas artísticas desde a [13] China de cinco mil anos atrás. Muitas delas eram [14] exercícios de guerreiros; com o tempo, passaram a se [15] sofisticar e a ganhar beleza e harmonia em exibições [16] públicas. Nas pirâmides do Egito existem pinturas de [17] malabaristas; na Índia, números de contorção e salto [18] fazem parte de milenares espetáculos sagrados. Entre [19] os gregos, os sátiros faziam o povo rir, atualizando a [20] linhagem dos palhaços. No Império Romano, teve [21] grande fama o Circus Maximus, com capacidade para [22] 150.000 pessoas. Suas atrações principais: corridas de [23] carruagens, lutas de gladiadores, engolidores de fogo, [24] apresentação de animais ferozes. Destruído por um [25] grande incêndio, deu lugar ao Coliseu, cujas ruínas [26] seguem sendo a grande atração na Roma dos turistas.

[27] No início da era medieval, com o fim do império dos [28] Césares, artistas populares passaram a improvisar apresentações [29] em praças públicas, feiras e largos de igreja: [30] nasciam assim as famílias dos saltimbancos, que [31] viajavam de cidade em cidade para apresentar números [32] cômicos, pirofagia, dança e teatro. É a origem do circo [33] moderno, que só em 1768, na Inglaterra, tomou a forma [34] que hoje todos reconhecemos. Inicialmente a atração [35] central eram números equestres, que passaram a se [36] alternar com o desempenho dos palhaços, dos [37] acrobatas, dos malabaristas, dos trapezistas. Monteiro [38] Lobato, em sua literatura infantil, ainda se refere, [39] genericamente, a "circo de cavalinhos". O sucesso do [40] modelo inglês foi tão grande que essa forma de circo se [41] espalhou pelos quatro cantos do planeta.

[42] O circo brasileiro tropicalizou algumas atrações: o [43] palhaço brasileiro fala muito, ao contrário do europeu, [44] que é sobretudo um mímico. Além disso, é malicioso, [45] cultiva um humor picante e valoriza a malandragem [46] (esta já foi apontada como característica nacional em [47] mais de uma obra literária). Se os europeus apreciam a [48] habilidade dos artistas, os brasileiros sentem-se atraídos [49] pelos números mais perigosos.

[50] Ao longo de sua história, o circo foi incorporando [51] influências e recursos de outras artes. A dança, o teatro, [52] as técnicas do cinema e da TV, a digitalização, tudo [53] passa a constituir atração num espetáculo cuja tônica é [54] sempre a variedade. Boa parte da magia dos circos está [55] na exploração dos limites humanos da força muscular, [56] da destreza dos membros, do equilíbrio: o risco do [57] fracasso iminente é o tempero da exibição. Os mágicos [58] valem-se da ilusão de ótica ou de algum expediente da [59] química para estimular a fantasia do público. Os trapezistas [60] desenham no alto uma coreografia geométrica e [61] harmônica, provocando sustos e admiração. Muito [62] estimados pelo público, os números com animais são [63] fascinantes, mas há quem lembre o sacrifício que [64] representam para um leão, para um elefante ou para um [65] cachorrinho as incontáveis horas de adestramento – a [66] que não faltam a coerção e o castigo físico, entremeados [67] com as "recompensas" de um torrão de açúcar [68] ou um bolinho de carne.

[69] Os modernistas da semana de 22, entre eles Mário [70] de Andrade, estimavam o caminho popular e a [71] descontração das artes circenses. O poeta Jorge de [72] Lima escreveu um belo poema –

"O grande circo [73] místico" –, no qual Edu Lobo e Chico Buarque se [74] basearam para compor a peça musical que tanto [75] sucesso fez. É que o circo dá ensejo ao [76] estabelecimento de um sem-número de tipos e [77] personagens: a lírica bailarina, o gigante feroz, o [78] administrador prepotente... Luzes, cores e músicas [79] entram para sublinhar a força de cada número: o [80] canhão de luz projeta-se no tríplice salto mortal nos [81] trapézios, o repicar da percussão anuncia um momento [82] culminante, os metais desafinados da bandinha acompanham [83] as estripulias dos palhaços. Ou, no caso de um [84] Cirque du Soleil, uma valsa de Strauss pode ser [85] dançada por um casal suspenso no ar. É provável que a [86] concorrência do cinema tenha obrigado as artes [87] circenses a se inspirarem em Hollywood: há uma [88] famosa cena de um filme de Fred Astaire em que esse [89] grande bailarino dança nas paredes e no teto de uma [90] sala.

[91] No fundo de tudo isso, há o nosso fascínio pela [92] força do imprevisível e pelas habilidades excepcionais. [93] Para além do cotidiano, onde tudo parece estar em seu [94] lugar, seduz-nos o talento excepcional, o que ocorre, [95] aliás, com todas as artes. Os coelhos e os pombos que [96] saem da cartola são de verdade, mas fazem parte de [97] um truque. A água que se transforma em flores não é [98] um fenômeno da química, certamente, embora o seja a [99] combustão fosfórica do que parecia ser uma espada de [100] ouro. A graça está em desafiar a lei da gravidade, [101] subverter a fisiologia humana, questionar os limites da [102] física. Ou, nos pequenos dramas e comédias que os [103] circos populares costumavam encenar, misturar o riso e [104] a paixão, satirizar o trágico, bombardear o poderoso, [105] ridicularizar o ditador (quem não se lembra, no cinema, [106] de Chaplin circense encarnando um Hitler que fica [107] chutando a bola de um globo terrestre?). Parece que os [108] pequenos circos interioranos, enfrentando sem recursos [109] a concorrência das mídias eletrônicas que nos prendem [110] aos monitores, estão com os dias contados. Representam [111] esses sobreviventes a resistência heroica dos [112] que ainda acreditam que as pessoas de carne e osso, [113] em cena, exibindo suas habilidades num ato de [114] presença, são em si mesmas uma atração essencial.

(Salvador Correia, inédito)

133 - (PUCCamp SP)

Nesse texto, o autor

a) narra a *muita história que correu* desde a forma original do circo até a atual, avaliando os méritos dos diferentes tipos que surgiram e atribuindo maior valor àqueles em que a sofisticação artística está presente.

b) assinala que registros em pinturas na China e no Egito são evidências de que as práticas artísticas vistas nos circos contemporâneos simulam o apuro alcançado pelas artes marciais e pelos espetáculos sagrados mais antigos.

c) atribui à decadência do império dos Césares a degradação que os circos conheceram na era medieval, associando esse rebaixamento tanto ao fato de os artistas serem de origem popular, quanto ao fato de improvisarem nas encenações.

d) critica o humor picante e a malandragem típica do palhaço que se apresenta em circos brasileiros, traços de composição que inibem a expressão do pensamento por meio de gestos, expressões corporais e fisionômicas, prática em que os europeus se destacam.

e) acompanha a trajetória do circo, registrando o seu fascínio; é possível entender que esse fascínio é sugerido pela expressão "acompanhar o circo", que pode designar a correria eufórica da garotada atrás dos caminhões que anunciam sua chegada ou partida, cena comum em localidades interioranas.

TEXTO: 94 - Comum à questão: 134

[01] Viagens, cofres mágicos com promessas [02] sonhadoras, não mais revelareis vossos [03] tesouros intactos! Hoje, quando ilhas [04] polinésias afogadas em concreto se [05] transformam em porta-aviões ancorados nos [06] mares do Sul, quando as favelas corroem a [07] África, quando a aviação avilta a floresta [08] americana antes mesmo de poder destruir-lhe [09] a virgindade, de que modo poderia a pretensa [10] evasão da viagem conseguir outra coisa que [11] não confrontar-nos com as formas mais [12] miseráveis de nossa existência histórica?

[13] Ainda assim, compreendo a paixão, a [14] loucura, o equívoco das narrativas de viagem. [15] Elas criam a ilusão daquilo ..... não existe [16] mais, mas ..... ainda deveria existir. Trariam [17] nossos modernos Marcos Polos, das mesmas [18] terras distantes, desta vez em forma de [19] fotografias e relatos, as especiarias morais [20] ..... nossa sociedade experimenta uma [21] necessidade aguda ao se sentir soçobrar no [22] tédio?

[23] É assim que me identifico, viajante [24] procurando em vão reconstituir o exotismo [25] com o auxílio de fragmentos e de destroços. [26] Então, insidiosamente, a ilusão começa a [27] tecer suas armadilhas. Gostaria de ter vivido [28] no tempo das verdadeiras viagens, quando [29] um espetáculo ainda não estragado, [30] contaminado e maldito se oferecia em todo o [31] seu esplendor. Uma vez encetado, o jogo de [32] conjecturas não tem mais fim: quando se [33] deveria visitar a Índia, em que época o estudo [34] dos selvagens brasileiros poderia levar a [35] conhecê-los na forma menos alterada? Teria [36] sido melhor chegar ao Rio no século XVIII? [37] Cada década para trás permite salvar um [38] costume, ganhar uma festa, partilhar uma [39] crença suplementar

[40] Mas conheço bem demais os textos do [41] passado para não saber que, me privando de [42] um século, renuncio a perguntas dignas de [43] enriquecer minha reflexão. E eis, diante de [44] mim, o círculo intransponível: quanto menos [45] as culturas tinham condições de se comunicar [46] entre si, menos também os emissários [47] respectivos eram capazes de perceber a [48] riqueza e o significado da diversidade. No final [49] das contas, sou prisioneiro de uma [50] alternativa: ora viajante antigo, confrontado [51] com um prodigioso espetáculo do qual quase [52] tudo lhe escapava – ainda pior, inspirava [53] troça ou desprezo –, ora viajante moderno, [54] correndo atrás dos vestígios de uma realidade [55] desaparecida. Nessas duas situações, sou [56] perdedor, pois eu, que me lamento diante das [57] sombras, talvez seja impermeável ao [58] verdadeiro espetáculo que está tomando [59] forma neste instante, mas ..... observação [60] meu grau de humanidade ainda carece da [61] sensibilidade necessária. Dentro de alguma [62] centena de anos, neste mesmo lugar, outro [63] viajante pranteará o desaparecimento do que [64] eu poderia ter visto e que me escapou.

Adaptado de: LÉVI-STRAUSS, C. Tristes trópicos.
São Paulo: Cia. das Letras, 1996. p. 38-44.

134 - (UFRGS)

Assinale a alternativa que contém uma afirmação correta com relação ao sentido do texto.

a) No primeiro parágrafo, são discutidos os motivos pelos quais, ao longo dos séculos, destruição e miséria foram as principais consequências das viagens.

b) No segundo parágrafo, o texto trata do sentimento de tédio em algumas classes sociais, que acarreta o costume das viagens.

c) No terceiro parágrafo, lê-se que as narrativas de viagens são sempre comparações entre presente e passado.

d) No terceiro e quarto parágrafos, demonstra-se a superioridade das narrativas de viagens escritas antes do século XVIII, em comparação com as atuais.

e) No último parágrafo, o texto sugere que o que se busca ver nas viagens exige humanidade e sensibilidade da parte do observador.

TEXTO: 95 - Comum à questão: 135

O conhecimento

[47] Diante da natureza, o homem – [48] animal racional – não age como os animais [49] inferiores. Estes apenas esforçam-se pela [50] vida. O homem, além disso, esforça-se por [51] entender a natureza e, embora sua [52] inteligência seja dotada de limitações, tenta [53] sempre dominar a realidade, agir sobre ela [54] para torná-la mais adequada às suas [55] próprias necessidades. E, à medida que a [56] domina e transforma, também amplia ou [57] desenvolve suas próprias necessidades.

[58] Esse processo permanente de [59] acúmulo de conhecimentos sobre a natureza [60] e de ações racionais capazes de transformá- [61] la compõe o universo de ideias que hoje [62] denominamos "Ciência".

[63] Ciência é, pois, o conhecimento [64] racional, sistemático, exato e verificável da [65] realidade. Por meio da investigação científica [66] o homem reconstitui artificialmente o [67] universo real em sua própria mente. Mas [68] essa reconstituição ainda não é definitiva. A [69] descoberta e a compreensão de fatos quase [70] sempre levam à necessidade de descobrir e [71] compreender novos fatos. E como o [72] resultado das investigações depende dos [73] conhecimentos já adquiridos e de [74] instrumentos capazes de aprofundar a [75] observação, a Ciência está sempre limitada [76] às condições de sua época.

[77] O que era conhecimento verdadeiro [78] para o sábio da Antiguidade já não o era [79] para o cientista do Renascimento; e o que foi [80] verdadeiro para o cientista do século XVIII [81] pode já não o ser para o cientista dos nossos [82] dias. Assim diz-se também que a ciência é [83] falível, ou seja, pode ser exata apenas para [84] determinado período. O conceito científico [85] que o homem tem do mundo é cada vez [86] mais amplo, mais profundo, mais detalhado e [87] mais exato. Mas está ainda muito longe de [88] ser completo. Assim, considerando-se o [89] desenvolvimento histórico da ciência, é lógico [90] pressupor que o cientista do final do século [91] XXI disporá de conhecimentos muito mais [92] desenvolvidos e exatos do que os de hoje.

[93] Afinal, o que é conhecer?

[94] Em linhas gerais, conhecer é [95] estabelecer uma relação entre a pessoa que [96] conhece e o objeto que passa a ser [97] conhecido. No processo de conhecimento, [98] quem conhece acaba por, de certo modo, [99] apropriar-se do objeto que conheceu. De [100] certa forma "engole" o objeto que conheceu. [101] Ou seja, transforma em conceito esse objeto, [102] reconstitui-o na sua mente.

[103] O conceito, no entanto, *não é* o [104] objeto real, não é a realidade, mas apenas [105] uma forma de conhecer (ou conceber, ou [106] conceituar) a realidade. O objeto real [107] continua existindo como tal, [108] independentemente do fato de o [109] conhecermos ou não.

(Galliano. O método científico: teoria e prática. Editora Harper& Row do Brasil Ltda. São Paulo: 1979. p. 16-17.)

135 - (UECE)

Atente à passagem de um parágrafo para o outro e assinale o que está **INCORRETO**.

a) A passagem do primeiro para o segundo parágrafo é feita pelo emprego de um pronome demonstrativo, que aponta para um lugar no texto – o que vem antes – e um substantivo – processo –, que resume o que foi dito no primeiro parágrafo.

b) A passagem do segundo para o terceiro parágrafo é feita pela repetição de um vocábulo.

c) A passagem do terceiro para o quarto parágrafo se dá pela retomada de um vocábulo.

d) A passagem do quarto para o quinto parágrafo se dá somente pela progressão das ideias.

TEXTO: 96 - Comum à questão: 136

OS HUMANOS SÃO UMA PARTE IMPORTANTE DA BIOSFERA

[1] As maravilhas do mundo natural atraem a nossa curiosidade sobre a vida e tudo que nos cerca. [2] Para muitos de nós, nossa curiosidade sobre a Natureza e os desafios de seu estudo são razões [3] suficientes. Além disso, contudo, nossa necessidade de compreender a Natureza está se tornando [4] mais e mais urgente, à medida que o crescimento da população humana estressa a capacidade dos sistemas [5] naturais em manter sua estrutura e funcionamento.

[6] Os ambientes que as atividades humanas dominam ou criaram – incluindo nossas áreas de vida [7] urbanas e suburbanas, nossas terras cultivadas, nossas áreas de recreação, plantações de árvore e [8] pesqueiros – são também ecossistemas. O bem-estar da humanidade depende de manter o funcionamento [9] desses sistemas, sejam eles naturais ou artificiais. Virtualmente toda a superfície da Terra é, ou em breve [10] será, fortemente influenciada por pessoas, se não completamente sob seu controle. Os humanos já [11] usurpam quase metade da produtividade biológica da biosfera. Não podemos assumir essa [12] responsabilidade de forma negligente.

[13] A população humana se aproxima da marca de 7 bilhões, e consome energia e recursos, e produz [14] rejeitos muito além do necessário ditado pelo metabolismo biológico. Essas atividades

causaram dois [15] problemas relacionados de dimensões globais. O primeiro é o seu impacto nos sistemas naturais, incluindo [16] a interrupção de processos ecológicos e a exterminação de espécies. O segundo é a firme e constante [17] deterioração do próprio ambiente da espécie humana à medida que pressionamos os limites dentro dos [18] quais os ecossistemas podem se sustentar. Compreender os princípios ecológicos é um passo necessário [19] para lidar com esses problemas.

RICKLEFS, Robert E. *A economia da natureza.* 6. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2010. p. 15. (Adaptado).

136 - (UEG GO)

Os elementos estilísticos, composicionais e temáticos indicam que o texto é predominantemente elaborado a partir de qual sequência textual?

a) Injunção

b) Narração

c) Descrição

d) Exposição

TEXTO: 97 - Comum à questão: 137

Considere o trecho de uma crônica do escritor Graciliano Ramos (1892-1953).

Para chegar ao soberbo resultado de transformar a banha em fibra, aí vem o futebol.

Mas por que o futebol?

Não seria, porventura, melhor exercitar-se a mocidade em jogos nacionais, sem mescla de estrangeirismo, o murro, o cacete, a faca de ponta, por exemplo?

Não é que me repugne a introdução de coisas exóticas entre nós. Mas gosto de indagar se elas serão assimiláveis ou não.

No caso afirmativo, seja muito bem-vinda a instituição alheia, fecundemo-la, arranjemos nela um filho híbrido que possa viver cá em casa. De outro modo, resignemo-nos às broncas tradições dos sertanejos e dos matutos. Ora, parece-me que o futebol não se adapta a estas boas paragens do cangaço. É roupa de empréstimo, que não nos serve.

Para que um costume intruso possa estabelecer-se definitivamente em um país é necessário, não só que se harmonize com a índole do povo que o vai receber, mas que o lugar a ocupar não esteja tomado por outro mais antigo, de cunho indígena. É preciso, pois, que vá preencher uma lacuna, como diz o chavão.

O do futebol não preenche coisa nenhuma, pois já temos a muito conhecida bola de palha de milho, que nossos amadores mambembes[1] jogam com uma perícia que deixaria o mais experimentado *sportman* britânico de queixo caído.

Os campeões brasileiros não teriam feito a figura triste que fizeram em Antuérpia se a bola figurasse nos programas das Olimpíadas e estivessem a disputá-la quatro sujeitos de pulso. Apenas um representante nosso conseguiu ali distinguir- se, no tiro de revólver, o que é pouco lisonjeiro para a vaidade de um país em que se fala tanto. Aqui seria muito mais fácil o indivíduo salientar-se no tiro de espingarda umbiguda, emboscado atrás de um pau.

Temos esportes em quantidade. Para que metermos o bedelho em coisas estrangeiras?

O futebol não pega, tenham a certeza. Não vale o argumento de que ele tem ganho terreno nas capitais de importância. Não confundamos.

As grandes cidades estão no litoral; isto aqui é diferente, é sertão.

As cidades regurgitam de gente de outras raças ou que pretende ser de outras raças; nós somos mais ou menos botocudos, com laivos de sangue cabinda e galego.

Nas cidades os viciados elegantes absorvem o ópio, a cocaína, a morfina; por aqui há pessoas que ainda fumam liamba[2].

[1] mambembe: medíocre, reles, de baixa condição.

[2] liamba: cânhamo, maconha.

(*Linhas tortas*, 1971.)

137 - (UNESP SP)

A argumentação construída ao longo da crônica estabelece uma oposição entre

a) tradição e retrocesso.

b) amadorismo e profissionalismo.

c) esporte e conservadorismo.

d) nacionalismo e estrangeirismo.

e) cultura e modernização.

TEXTO: 98 - Comum à questão: 138

Ovo hoje ou galinha amanhã?

Contardo Calligaris

[1] Domingo, voltando a São Paulo, assim que o avião tocou o solo, minha vizinha de poltrona retirou [2] da bolsa e reanimou o celular que ela nunca tinha desligado – contrariando a ordem expressa de apagar [3] totalmente qualquer aparelho eletrônico.

[4] Naquele exato momento, a aeromoça pediu que os celulares fossem ligados só quando o avião [5] estivesse de porta aberta. Minha vizinha, já nos seus e-mails, procurou minha cumplicidade: "Não dá para [6] esperar, hein?".

[7] Se você tem simpatia pela minha vizinha e, a esta altura, pensa que o mundo merece ser de quem não [8] quer esperar, é bom lembrar que o famoso teste do marshmallow diz o contrário.

[9] Proponha esta alternativa a crianças de cinco anos: você pode comer um marshmallow (ou outra [10] guloseima preferida) agora mesmo ou, então, esperar até eu voltar, e aí você terá direito a dois [11] marshmallows. Acrescente que, se a criança não aguentar e chamar antes de você voltar, você aparecerá [12] imediatamente, mas ela ficará com um doce só.

[13] Essa experiência foi realizada numa creche da Universidade Stanford, nos Estados Unidos, no [14] começo dos anos 1960. Em tese, o teste explorava os meios pelos quais as crianças conseguiam resistir à [15] tentação imediata (ou, ao contrário, as estratégias que as levavam a desistir rapidamente).

[16] A pesquisa se tornou um clássico décadas depois, quando seu autor, Walter Mischel, reencontrou as [17] crianças testadas originalmente para ver como elas tinham evoluído.

[18] Ao longo dos anos, as crianças que tinham sido capazes de esperar e ganhar dois marshmallows se [19] deram muito melhor do que as outras: nos estudos, no equivalente ao vestibular, na profissão que [20] escolheram, na estabilidade das uniões afetivas, etc.

[21] Mischel, hoje professor de psicologia na Universidade Columbia, em Nova York, acaba de publicar [22] "The Marshmallow Test" (ed. Little, Brown & Co.). No livro, ele expõe a história do teste (e de seus [23] derivados, dos anos 1960 até hoje) e medita sobre os resultados e suas eventuais consequências [24] pedagógicas.

[25] Mischel, que é também um clínico e bom leitor de Freud, não tira conclusões apressadas da [26] experiência que o tornou famoso. Mesmo assim, é frequente que os resultados do teste do marshmallow [27] sejam interpretados como a demonstração do fato de que a exigência de satisfação imediata e a incapacidade [28] de controlar os apetites prometeriam o fracasso social.

[29] Moral aparente da história: os que não sabem esperar (e preferem um marshmallow já) acabam mais [30] facilmente nas prisões do que nas pós-graduações. Na fábula de La Fontaine, quem se dá bem é a formiga, [31] não a cigarra.

[32] Cuidado, essa conclusão é duvidosa. Os resultados do teste do marshmallow não prometem um [33] futuro tenebroso aos que procuram o prazer. Ao contrário, a criança que consegue esperar e que terá mais [34] sucesso na vida é a que se controla em vista de um prazer maior (dois marshmallows), e não em nome dos [35] méritos que ela adquiriria por se privar de um prazer.

[36] O que é bom não é saber se privar, mas saber obter uma recompensa maior. Desse ponto de vista, o [37] crente que se comporta de modo a ganhar o paraíso não é diferente dos libertinos de Sade que suspendem [38] sua ejaculação na esperança de encontrar um receptáculo no qual seu gozo será maior.

[39] Mas voltemos a outro "detalhe", crucial na hora de perguntar como fazer com que nossas crianças [40] saibam merecer o segundo marshmallow.

[41] No teste (e na vida), uma criança só consegue se controlar e esperar que o adulto volte com a [42] condição de acreditar em sua palavra, ou seja, com a condição de confiar nele.

[43] Se presumo que o adulto seja um mentiroso que não voltará, melhor comer meu marshmallow agora [44] – pois quem garante que, no fim, alguém chegará com dois marshmallows?

[45] Não sei se o teste do marshmallow foi repetido no Brasil. Se foi (ou se for), não seria surpreendente [46] que as crianças brasileiras pareçam mais "imediatistas" do que as americanas ou as europeias.

[47] Mas que ninguém conclua que os brasileiros seriam mais hedonistas – quem sabe, pela herança de [48] uma colonização que preferiu saquear a apostar no futuro. Antes disso, melhor

considerar que os brasileiros, [49] desde a infância, têm boas razões para não confiar nos “adultos” (no caso, leia-se: em quem os governa).

[50] E, obviamente, se os “adultos” são ladrões e mentirosos, melhor comer já o marshmallow que está na [51] mesa.

(Fonte: Jornal Folha de São Paulo. 12/fev./2015.)

138 - (UNIMONTES MG)

Há enunciados em que os termos, os quais aparentemente são especificadores de tempo, não definem uma posição determinada no tempo, isto é, não focalizam um momento específico da cena comunicativa.

Entre os exemplos a seguir, **qual focaliza um momento específico**, diferentemente das demais alternativas, de acordo com o contexto em que se apresentam?

a) “Essa experiência foi realizada [...] no começo dos anos 1960.” (Refs. 13-14).

b) “[...] você pode comer um marshmallow [...] agora mesmo [...]” (Refs. 9-10).

c) “[...] os que não sabem esperar (e preferem um marshmallow já) acabam [...] nas prisões [...]” (Refs. 29-30).

d) “[...] se a criança [...] chamar antes de você voltar, você aparecerá imediatamente [...]” (Refs. 11-12).

TEXTO: 99 - Comum à questão: 139

TEXTO 1

[01] Substituir o carro pela bicicleta e a fralda descartável [02] por fralda de pano são parte das escolhas que transformam [03] a cada dia a vida do casal Luis e Lia Patrício, [04] analista de informática

e veterinária, respectivamente. [05] Moradores de Curitiba, eles optaram por viver de uma [06] maneira mais simples.

[07] Cláudio Oliver também é adepto da simplicidade [08] como forma de vida. Tanto que, há quase seis anos, largou [09] o consultório dentário onde trabalhava como dentista [10] para viver uma vida com mais sentido, conforme ele mesmo [11] diz. Oliver é coordenador da Casa da Videira, um coletivo [12] definido como uma associação sem fins lucrativos [13] que desenvolve iniciativas nas áreas ambiental e social [14] em busca de um estilo de vida equilibrado e coerente, [15] promovendo práticas regenerativas para o bem comum.

http://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2013/10/familias-urbanaspreferem- vida-simples-facilidades-modernas.html

TEXTO 2

http://www.juniao.com.br/um-dia-consiguiremos/

139 - (PUC RS)

Considere as afirmativas sobre o conteúdo e a composição dos textos 1 e 2.

I. A tendência social delineada nas pequenas narrativas que compõem o texto 1 é referida, de forma sintética, por uma passagem do texto 2.

II. O texto 2 se constrói a partir do diálogo entre as personagens; já no texto 1, o discurso das pessoas mencionadas não aparece.

III. O texto 2 se apresenta como uma contraposição ao ponto de vista dos moradores de Curitiba mencionados no texto 1.

Está/Estão correta(s) a(s) afirmativa(s)

a) I, apenas.

b) II, apenas.

c) I e III, apenas.

d) II e III, apenas.

e) I, II e III.

TEXTO: 100 - Comum à questão: 140

Quem é o sujeito?

Os passos do copiloto do avião da Germanwings que caiu na semana passada continuam a ser rastreados pelos poderes do mundo. Já que ele não apresenta o perfil do terrorista, não pertence a nenhuma organização, e ninguém reivindica a ação, supõe-se que suas motivações sejam de ordem pessoal, íntima, secreta, que a psicologia tentaria explicar.

(...)

Tecnicamente, Lubitz é o terrorista pelo avesso: surpreendendo o resto da tripulação, teria se aproveitado das circunstâncias para ocupar o lugar onde o terrorista não pode estar, a cabine blindada por dentro justamente para impedir a entrada do eventual invasor em tempos pós-11 de Setembro. Psicologicamente, tenta-se enquadrá-lo na tipologia da depressão, nome novo para a mais antiga e indomável das doenças da alma, a melancolia, que esgarça todos os laços da pessoa com a vida. Mas achar um nome, novo ou antigo, não resolve a questão, dado que a melancolia foi desde sempre um enigma tanto para a religião como para a medicina. Até o século XVII, por exemplo, acreditava-se que a enfermidade era causada por uma hipotética bile negra secretada pelo organismo, em algum lugar do corpo que a anatomia moderna nunca encontrou.

O que faz então esse silencioso terrorista da alma decidir-se a decolar para a mais definitiva carreira solo, levando todo o mundo com ele? (...)

Por coincidência ou não, eu estava lendo esses dias o texto de Giorgio Agamben chamado "O que é um dispositivo?". A ideia vem de Michel Foucault. Chama-se dispositivo qualquer coisa capaz de

intervir sobre outras, capturando-as, modelando-as, determinando-as, direcionando-as, de modo a modificar "os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes". Em suma, dispositivo é tudo o que exerce poder, da menor à maior escala: palavras, máquinas, fábricas, escolas, leis, imagens, armas, roupas, religiões, carros, bebidas, bolas de futebol, drogas, arte, prisões, o iPhone, o silicone, o dinheiro, o sexo, a mídia, os meios de enfrentar o mosquito e, no limite, o mosquito. Os seres viventes estão (estamos) permanentemente sujeitos ao poder dos dispositivos, e é nisso que se constituem (nos constituímos) como sujeitos.

Segundo Agamben, a fase extrema do desenvolvimento capitalista promoveu "uma gigantesca acumulação e proliferação de dispositivos". Não há instante em que não estejamos sendo modelados ou modelando, contaminados ou contaminando, controlados ou controlando algum dispositivo, além de interpelados a brincar de consumir dispositivos-bugigangas. O bombardeio dessa massa de dispositivos não corresponde mais, ou somente, à sua antiga função de produzir sujeitos responsáveis e governáveis. Em meio ao fogo cruzado o ser vivente passa por processos de subjetivação e processos de dessubjetivação que "parecem tornar-se reciprocamente indiferentes" e que "não dão lugar à recomposição de um novo sujeito" senão de maneira espectral.

Voltemos ao voo. O avião tornou-se em nossa civilização o superdispositivo que paira sobre todos os outros como máquina perfeita suspensa sobre o fio de navalha da morte. Deixado sozinho na cabine de comando, o subpiloto tomou para si o dispositivo guarnecido contra terroristas, pondo-o em rota de aniquilação. Chama a atenção que não tenha dito ou escrito uma palavra, nem antes nem durante nem para depois. E que tenha confundido e indiferenciado solenemente o seu desígnio com o de todos que estavam (ou estamos) no mesmo barco terreno e celeste. Enquanto os dispositivos mundiais de controle tentam entender inutilmente quem é esse sujeito, o seu silêncio exterminador talvez esteja falando de um tremendo processo de dessubjetivação que se dá no choque entre os viventes e os mecanismos de controle onipresentes, para os quais, diz Agamben, "nada se assemelha melhor ao terrorista do que o homem comum". No acidente da Germanwings, de fato, como nas piores fantasias dos controladores de todos os dispositivos, é o homem comum que transparece como uma espécie de terrorista.

(Adaptado: **José Miguel Wisnik** em http://oglobo.globo.com/cultura/quem-o-sujeito-15775842?topico=topicojose-miguel-wisnik)

140 - (IBMEC SP)

No contexto do segundo parágrafo, a afirmação contida na passagem "... a melancolia foi desde sempre um enigma" é confirmada por meio da seguinte estratégia argumentativa:

a) formulação de uma tese

b) apresentação de um fato

c) síntese dos argumentos

d) comparação entre processos

e) exposição de um contra-argumento

TEXTO: 101 - Comum à questão: 141

A reforma da política

Um antigo anúncio dos anos 1960 asseverava que nove entre 10 atrizes de cinema preferiam uma determinada marca de sabonete. Não se sabia bem por que nem mesmo se era fato. O importante é que a repetição do mantra criava hábitos de imitação e consumo. Pois bem, 11 entre 10 brasileiros parecem apoiar de modo decisivo uma reforma política urgente no país. Quando indagados de seus motivos, dizem estar fartos dos hábitos políticos vigentes, no que têm de lesivos ao interesse público e de refratários a normas de direito penal em vigor. Em suma, querem políticos melhores e, se calhar, melhores pessoas – mais honestas e dedicadas a causas públicas.

Nada se poderá dizer que contradiga tal expectativa. Afinal, quem não gostaria de ser cuidado, amado ou governado por pessoas boas, dotadas de bons princípios de moralidade e dispostas de atitudes – e, no limite, sacrifícios – altruístas? Mas se a expectativa é inatacável, seu nexo com o desejo de uma reforma política não é, de modo algum, incontroverso. Se por reforma política entendermos modificações no sistema eleitoral – ou seja, no modo pelo qual votos são transformados em cadeiras parlamentares -, estamos a falar de regras e não de requisitos de moralidade pessoal ou hábitos de cultura política. Em termos diretos, nenhum dos sistemas eleitorais vigentes no planeta – muitas dezenas, a propósito – é capaz de evitar a eleição de patifes.

Há, portanto, uma distinção de ordem conceitual e prática entre qualidade de política e sistema de regras eleitorais. É evidente que essas duas dimensões possuem consideráveis interseções, mas é importante compreender que se trata de coisas distintas.

(Adaptado: Lessa, Renato. In: **Ciência Hoje** 323 vol.54, p. 64.)

141 - (IBMEC SP)

Para expor seu ponto de vista, um recurso argumentativo empregado pelo autor no segundo parágrafo é

a) ironia.

b) argumento de autoridade.

c) comparação.

d) exemplo histórico.

e) pergunta retórica.

TEXTO: 102 - Comum à questão: 142

A PRESSA DE ACABAR

[1] Evidentemente nós sofremos agora em todo o mundo de uma dolorosa moléstia: a pressa de [2] acabar. Os nossos avós nunca tinham pressa. Ao contrário. Adiar, aumentar, era para eles a [3] suprema delícia. Como os relógios, nesses tempos remotos, não eram maravilhas de precisão, [4] os homens mediam os dias com todo o cuidado da atenção.

[5] Sim! Em tudo, essa estranha pressa de acabar se ostenta como a marca do século. Não há [6] mais livros definitivos, quadros destinados a não morrer, ideias imortais. Trabalha-se muito mais, [7] pensa-se muito mais, ama-se mesmo muito mais, apenas sem fazer a digestão e sem ter tempo [8] de a fazer.

[9] Antigamente as horas eram entidades que os homens conheciam imperfeitamente. Calcular [10] a passagem das horas era tão complicado como calcular a passagem dos dias. Inventavam-se [11] relógios de todos os moldes e formas.

[12] Hoje, nós somos escravos das horas, dessas senhoras inexoráveis* que não cedem nunca e [13] cortam o dia da gente numa triste migalharia de minutos e segundos. Cada hora é para nós [14] distinta, pessoal, característica, porque cada hora representa para nós o acúmulo de várias [15] coisas que nós temos pressa de acabar. O relógio era um objeto de luxo. Hoje até os mendigos [16] usam um marcador de horas, porque têm pressa, pressa de acabar.

[17] O homem mesmo será classificado, afirmo eu já com pressa, como o *Homus cinematographicus*. [18] Nós somos uma delirante sucessão de fitas cinematográficas. Em meia hora de sessão tem-se [19] um espetáculo multiforme e assustador cujo título geral é: *Precisamos acabar depressa*.

[20] O homem de agora é como a multidão: ativo e imediato. Não pensa, faz; não pergunta, obra; [21] não reflete, julga.

[22] O homem cinematográfico resolveu a suprema insanidade: encher o tempo, atopetar o tempo, [23] abarrotar o tempo, paralisar o tempo para chegar antes dele. Todos os dias (dias em que ele não [24] vê a beleza do sol ou do céu e a doçura das árvores porque não tem tempo, diariamente, nesse [25] número de horas retalhadas em minutos e segundos que uma população de relógios marca, [26] registra e desfia), o pobre diabo sua, labuta, desespera com os olhos fitos nesse hipotético [27] poste de chegada que é a miragem da ilusão.

[28] Uns acabam pensando que encheram o tempo, que o mataram de vez. Outros desesperados [29] vão para o hospício ou para os cemitérios. A corrida continua. E o Tempo também, o Tempo [30] insensível e incomensurável, o Tempo infinito para o qual todo o esforço é inútil, o Tempo que [31] não acaba nunca! É satanicamente doloroso. Mas que fazer?

João do Rio Adaptado de *Cinematógrafo:* crônicas cariocas.
Rio de Janeiro: ABL, 2009.

142 - (UERJ)

essa estranha pressa de acabar se ostenta como a marca do século. (Ref. 5)

O trecho acima contém o eixo temático da crônica escrita por João do Rio em 1909.

Na construção da opinião presente nesse trecho, é possível identificar um procedimento de:

a) negação

b) dedução

c) gradação

d) generalização

TEXTO: 103 - Comum à questão: 143

Jornalismo brasileiro não tem maturidade para o *#AgoraÉQueSãoElas*

Clarice Cardoso

Carta Capital,

06/11/2015

Clarice Cardoso

Se for para ficar uma lição como legado da campanha #AgoraÉQueSãoElas, que seja a de que, no limite, em discursos sobre feminismo e direitos da mulher, são as mulheres que devem ser protagonistas. Se der para ficar duas lições, que seja a de que até para ser ativista você precisa estudar.

A ideia inicial era que homens com destacado espaço de fala em mídias de grande alcance dessem lugar para que uma mulher ali escrevesse. Poderia até ter dado certo não fossem dois fatores que o fadavam ao fracasso: os homens e a mídia. Há por exemplo muitos homens progressistas que relutam em aceitar que apoiar as demandas e o discurso feminista não é tomar a frente para brigar no lugar delas. É usar as vantagens que já lhe são concedidas para que uma mulher defenda, ela sim, **seu** ponto de vista. Um raciocínio bem direto.

Foi isso, ao que tudo indica, que a campanha tentou ilustrar. Não contava com o poder pernicioso do jornalismo brasileiro de deturpar todo e qualquer debate socialmente relevante.

Coube aos homens então vestir a camisa do altruísmo e chamar mulheres para escrever. Quem? **Suas** esposas, filhas, primas, vizinhas. É claro que todas as mulheres devem ter espaço e oportunidade de expressar **suas** opiniões, mas o objetivo da campanha era trazer à ribalta vozes, histórias e visões que confrontassem esse confortável discurso massificado. Não aconteceu.

Pessoas que vivem numa bolha conversando com **seus** vizinhos e surdas às convocações por diversidade não podem ir muito longe em suas reflexões.

Ou então: uma escritora autora de mais de dez livros e presença constante em veículos diversos realmente necessita ocupar o espaço de um colunista de grande jornal? Não havia em lugar nenhum do planeta outro nome à altura que confere a si mesmo aquele espaço?

É a típica situação que levanta a bandeira desse marketing que acena para movimentos sociais enquanto se certifica de manter as coisas todas como estão.

Deveria ser tipificado como crime o que viria depois. O preconceito que ainda vai ser defendido como "pluralidade" ou "direito democrático de divergência de opiniões" tomou conta de textos que praticamente defendiam os projetos retrógrados da bancada evangélica ou, à custa de suposta ironia, só faziam demonstrar ignorância sobre princípios do feminismo e do bom senso.

Não cabe personificar críticas e direcioná-las a mulheres individualmente. Mas até para ser ativista você precisa estudar. Isso implica ler, conversar com pessoas diferentes, acompanhar pesquisas, estudos, comissões e projetos em debate. O feminismo não é um estilo de vida ou tendência de moda. Nem essa máquina de cliques que se está gestando.

Depender da suposta benevolência de homens para conseguir um espaço limitado tem a ver com tentar mudar o jogo de dentro. Acontece que nenhum jogo vai virar com argumentos que defendem a cultura do estupro, por exemplo.

Ele pode começar a entornar para outro lado quando mais e mais mulheres forem direto nos veículos exigir **seu** espaço na mídia como um todo. Por que uma coluna e não mais colunistas? Mais editorialistas e repórteres, mais mulheres defendendo que elas estejam representadas de formas não sexualizadas, que sejam contempladas em reportagens, em políticas públicas etc.

Poucas áreas de atuação foram tão precarizadas tão rapidamente como o jornalismo. Existe um déficit óbvio de mulheres nos cargos de chefia nas redações brasileiras, e não é preciso dizer que há casos de machismo diário que não têm nada a ver com meritocracia.

Isso explica a falta de qualidade generalizada do conteúdo que essas empresas jornalísticas produzem há um tempo, o que inclui o caso atual. A oportunidade de dar voz às mulheres virou o oportunismo que distorce qualquer coisa que possa gerar cliques ou uma falsa fama virtual. Como sempre.

Disponível em: http://www.cartacapital.com.br/sociedade/jornalismo-brasileironao- tem-maturidade-para-o-agoraequesaoelas-1574.html. Acesso em: 06 nov.2015. (Adaptado para fins de vestibular.)

143 - (Fac. Direito de Franca SP)

No texto de Clarice Cardoso, há predominância de sequências

a) narrativas, por tratar-se de uma história sobre o feminismo.

b) descritivas, uma vez que são descritas atitudes dos machistas.

c) argumentativas, já que a autora defende seu ponto de vista sobre a campanha.

d) injuntivas, pois a autora oferece uma série de instruções sobre o ativismo feminista.

TEXTO: 104 - Comum à questão: 144

Raios de sol ao meio

Mais uma vez ele aparecia na minha frente como se tivesse vindo do nada. Seus olhos eram grandes e negros e pareciam ter nascido bem antes dele. Suas espinhas se agigantavam conforme o ângulo de que eram vistas. Sua orelha era algo indescritível. Além de orelha ela era disforme, meio redonda e meio achatada nas pontas. Ela era meio várias coisas. Uma orelha monstro. A boca era alguma coisa que só estava ali para cumprir seu espaço no rosto. Era boca porque estava exatamente no lugar da boca. E era a segunda vez que ele me mobilizava. Mas no conjunto de elementos díspares reinava uma sensualidade ímpar que me tirava de mim sem que eu soubesse navegar no outro que em mim surgia. De mim não sabia entender o que emanava para ele em toda a sua estranha vastidão de patologia visual. No meio sol da meia-noite as coisas se anunciaram e antes que a madrugada avançasse a lua em sua metade escondida ardeu com um olhar malicioso e sorriu.

(GONÇALVES, Aguinaldo. Das estampas.
São Paulo: Nankin, 2013. p. 177.)

144 - (PUC GO)

Em relação ao processo argumentativo do texto, assinale a alternativa correta:

a) A utilização de figuras como “meio sol da meia-noite” contribui para que pelo menos a argumentação do texto tenha características do que se concebe como sublime, diferente do personagem descrito, que se aproxima do grotesco.

b) O objetivo do narrador do texto é convencer seu interlocutor de que o personagem descrito constitui uma “patologia visual” que necessita ser evitada pelo olhar de quem o observa.

c) A descrição física do personagem contrapõe-se à sensualidade despertada no narrador do texto. Nesse sentido, a sequência introduzida pelo operador “mas” tem maior relevância argumentativa.

d) No processo de construção da argumentação da narrativa, a expressão “mais uma vez” conduz à inferência de que personagem e narrador construíram-se como desafetos já em outro momento enunciativo do texto.

TEXTO: 105 - Comum à questão: 145

A internet e os direitos autorais

[1] A internet e outras tecnologias mudaram a rotina [2] das famílias, a vida social e até a sua percepção [3] do mundo. Distâncias parecem menores, a ideia de [4] privacidade está em questão, e os relacionamentos [5] amorosos ganharam nova dimensão. De forma tão [6] avassaladora, que quem não participa das redes sociais [7] em algum momento pode se sentir excluído ou [8] desinformado.

[9] A transformação trazida pela tecnologia, no entanto, [10] não pode ser confundida com ruptura com tudo [11] o que havia antes. Os critérios para avaliar um livro [12] continuam os mesmos, não importa se em *e-book* ou [13] edição de capa dura; a relação custo-benefício de [14] uma compra ainda precisa ser pensada com critério, [15] seja em *e-commerce* ou loja de *shopping*; e o cuidado [16] com a publicação de uma notícia, o que inclui a [17] sua correta apuração e a clareza do texto, deve ser o [18] mesmo em *site* ou jornal de papel.

[19] O mesmo raciocínio se aplica à propriedade intelectual [20] de músicas, textos, filmes e quaisquer outras [21] obras, que ganham novas formas de exposição com a [22] internet, mas continuam a ter donos. Da mesma maneira [23] que antes do aparecimento das mídias digitais. [24] Infelizmente, não é dessa forma que parecem pensar [25] grandes empresas internacionais da internet, que [26] brigam na Justiça com a União Brasileira das Editoras [27] de Música e impedem assim o pagamento aos [28] filiados à entidade dos valores relativos à exibição de [29] seus trabalhos nos canais de áudio e vídeo. É uma [30] situação inadmissível, que já dura muitos meses.

[31] O respeito aos direitos autorais na era da internet [32] é questão vital porque o mercado de CDs só faz [33] encolher. As novas mídias representam a perspectiva [34] de trabalho para os criadores a

longo prazo. É necessário [35] assegurar a sua adequada remuneração e, por [36] extensão, os recursos para que a produção musical [37] se sustente a longo prazo. A agilidade e a onipresença [38] da rede podem — e devem — servir para trazer mais [39] recursos ao compositor, e não o contrário.

[40] Empresas jornalísticas, no Brasil e no mundo, [41] também já viram o conteúdo da imprensa profissional [42] ser divulgado na internet sem contrapartida alguma, [43] ignorando os altos custos de produção da notícia. No [44] Brasil, a Associação Nacional de Jornais (ANJ) proíbe, [45] por notificação judicial, que se reproduza a íntegra [46] dos textos dos associados.

[47] Se as novas tecnologias facilitam o entretenimento [48] e aumentam a oferta de bens culturais a consumidores [49] no mundo inteiro, elas são bem-vindas. [50] Mas isso não pode acontecer à custa do sagrado direito [51] autoral.

Rio de Janeiro, **O Globo**, Opinião, 23 abr. 2015, p.16. Adaptado

145 - (FM Petrópolis RJ)

Para reforçar o processo argumentativo do texto, a seleção vocabular desempenha importante função.

O grupo de palavras que expressam opinião é

a) onipresença (Refs. 37-38), necessário (Refs. 34-35), remuneração (Refs. 35)

b) jornalísticas (Ref. 40), aparecimento (Ref. 23), associados (Ref. 46)

c) avassaladora (Ref. 6), inadmissível (Ref. 30), Infelizmente (Ref. 24)

d) entretenimento (Refs. 47-48), inteiro (Ref. 49), vital (Ref. 32)

e) desinformado (Ref. 8), intelectual (Refs. 19-20), sagrado (Ref. 50)

TEXTO: 106 - Comum à questão: 146

Apesar do apoio popular, é bastante difícil que ocorram alterações na forma de punir adolescentes infratores no médio prazo. Isso porque a maioridade penal em 18 anos (estabelecida pelo artigo 228 da Constituição Federal) é considerada um direito fundamental dos adolescentes.

Por isso, Ministério Público Federal, Ordem dos Advogados do Brasil e especialistas argumentam que o artigo se trata de uma cláusula pétrea, que não pode ser alterada.

"É uma cláusula imutável. Para alterar a maioridade penal seria necessário fazer uma nova constituição", diz Melina Fachin, professora de Direito Constitucional da UFPR.

Ainda que Câmara e Senado tenham interpretações diferentes e aprovem uma das Propostas de Emenda à Constituição (PECs), alterando o artigo 228 da Carta Magna, a decisão se estenderia ao Supremo Tribunal Federal.

Outra alternativa seria mudar pontos do ECA [Estatuto da Criança e do Adolescente], prevendo outras formas e períodos de punição aos menores de 18 anos. MPF e OAB também já se manifestaram contra a hipótese. "O ECA é uma norma infraconstitucional. Então, sua alteração também seria inconstitucional, porque haveria conflito com o que a Constituição disciplina", observa Melina.

Além do viés constitucional, o doutor em sociologia e coordenador do Núcleo de Estudos de Violência da UFPR, Pedro Bodê, defende o ECA e questiona as intenções de alteração na legislação. "Mais uma vez, o jovem é tornado em bode expiatório da derrocada dos governos e falência das políticas públicas que eles representam. É transformar a vítima em réu", afirma.

O deputado Fernando Francischini (PEN) discorda e se apega ao clamor público para justificar a redução. "A Constituição é feita para proteger a população. A gente não pode dizer que a Constituição é imutável, se a própria população quer mudá-la."

Fonte: Câmara dos Deputados e Senado Federal. (Disponível em: http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/90-apoiam-reducao-da-idade-penal-c8e24o0vlosyiway5n00aryvi/ Acesso em: 27 maio de 2015.)

146 - (IFSC)

A respeito do texto, é **CORRETO** afirmar:

a) Trata-se de um texto dissertativo, embora nele predominem elementos próprios da narração.

b) Trata-se de um texto narrativo, pois relata a tramitação de um projeto de lei no Senado e na Câmara dos Deputados.

c) Trata-se de um texto descritivo, pois ocorre uma descrição detalhada dos argumentos do projeto de lei sobre a redução da maioridade penal.

d) É um texto dissertativo, pois trata de ideias e opiniões.

e) É um texto dissertativo, pois tem a intenção de defender a redução da maioridade penal.

GABARITO:

1) Gab: A

2) Gab: B

3) Gab: C

4) Gab: C

5) Gab: B

6) Gab: A

7) Gab: D

8) Gab: 05

9) Gab: D

10) Gab: D

11)

12) Gab: E

13) Gab: E

14) Gab: E

15) Gab: B

16) Gab: B

17) Gab: A

19) Gab: C

20) Gab: E

21) Gab: D

22) Gab: C

23) Gab: C

24) Gab: D

25) Gab: A

26) Gab: C

27) Gab: A

28) Gab: A

29) Gab: A

30) Gab: D

31) Gab: C

32) Gab: C

33) Gab: D

34) Gab: E

35) Gab: D

36) Gab: C

37) Gab: A

38) Gab: B

39) Gab: A

40) Gab: A

41) Gab: E

42) Gab: B

43) Gab: D

44) Gab: A

45) Gab: B

46) Gab: A

47) Gab: D

48) Gab: D

49) Gab: C

50) Gab: A

51) Gab: C

52) Gab: A

53) Gab: D

54) Gab: A

55) Gab: B

56) Gab: C

57) Gab: A

58) Gab: E

59) Gab: B

60) Gab: D

61) Gab: C

62) Gab: D

63) Gab: D

64) Gab: C

65) Gab: D

66) Gab: B

67) Gab: D

68) Gab: B

69) Gab: B

70) Gab: C

71) Gab: B

72) Gab: C

73) Gab: D

74) Gab: B

75) Gab: B

76) Gab: B

77) Gab: B

78) Gab: 02

79) Gab: E

80) Gab: C

81) Gab: A

82) Gab: B

83) Gab: D

84) Gab: C

85) Gab: B

86) Gab: D

87) Gab: A

88) Gab: C

89) Gab: C

90) Gab: D

91) Gab: D

92) Gab: B

93) Gab: C

94) Gab: C

95) Gab: C

96) Gab: B

97) Gab: C

98) Gab: B

99) Gab: A

100) Gab: B

101) Gab: C

102) Gab: B

103) Gab: C

104) Gab: D

105) Gab: D

106) Gab: B

107) Gab: B

108) Gab: A

109) Gab: B

110) Gab: 05

111) Gab: D

112) Gab: C

113) Gab: C

114) Gab: A

115) Gab: D

116) Gab: C

117) Gab: B

118) Gab: D

119) Gab: D

120) Gab: A

121) Gab: C

122) Gab: B

123) Gab: E

124) Gab: B

125) Gab: A

126) Gab: D

127) Gab: A

128) Gab: C

129) Gab: D

130) Gab: C

131) Gab: E

132) Gab: A

133) Gab: E

134) Gab: E

135) Gab: D

136) Gab: D

137) Gab: D

138) Gab: A

139) Gab: C

140) Gab: B

141) Gab: E

142) Gab: D

143) Gab: C

144) Gab: C

145) Gab: C

146) Gab: D